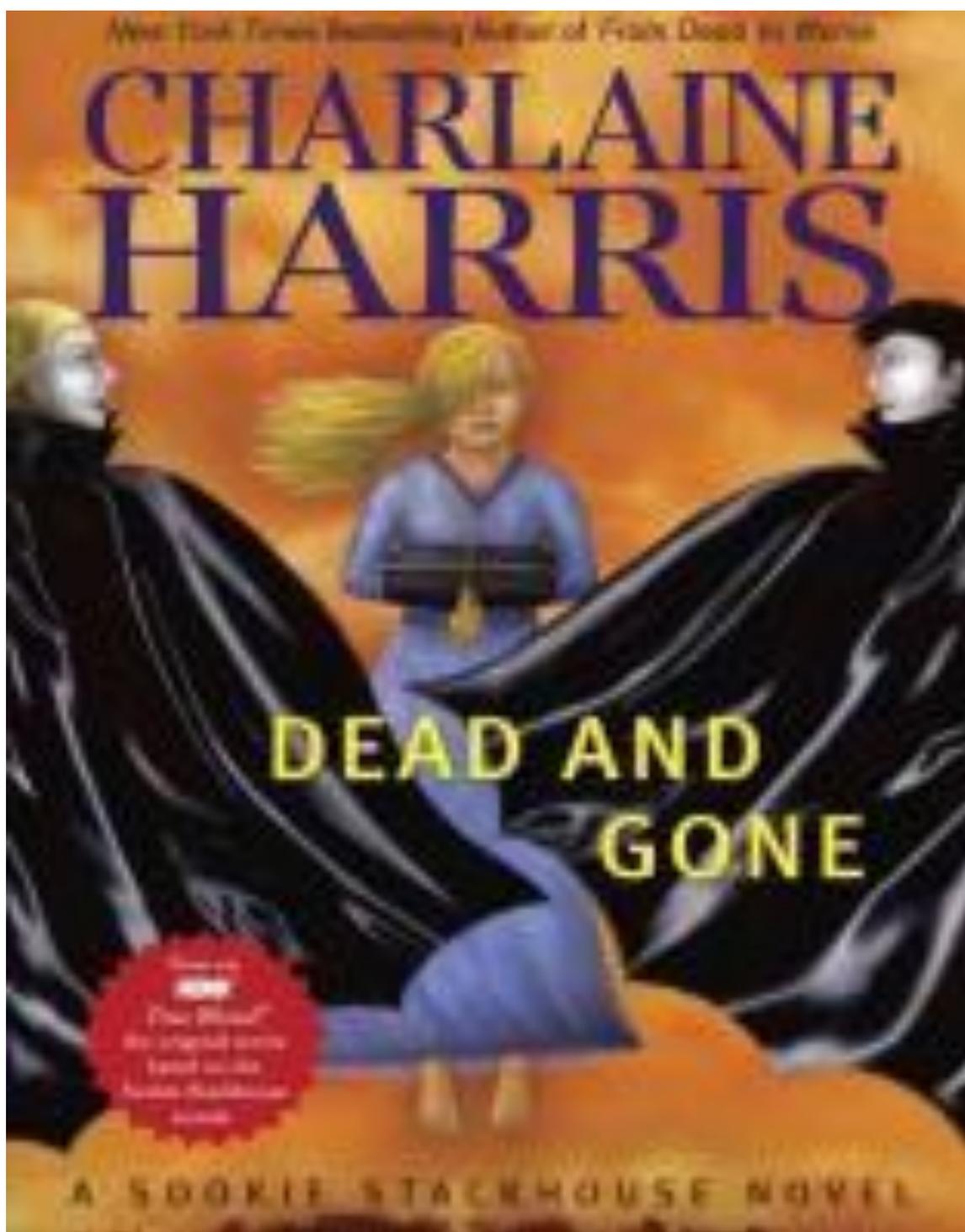


Vol.9 – Morto e distante

Charlaine Harris

*Traduzido e revisado por Aninha Lizaso – www.aninalizaso.blogspot.com



CAPÍTULO 1

“Os vampiros caucasianos nunca deveriam vestir branco” disse o apresentador.

“Estivemos filmando secretamente Devon Dawn, quem é vampira apenas uma década, enquanto se vestia para uma noite na cidade. Olhem esse conjunto! É totalmente incorreto para ela!”

“No quê ela estaria pensando?” Disse uma ácida voz feminina “Está estancada nos noventa! Olha que blusa, se é que se pode chamar isso de blusa. Sua pele grita por um contraste de cor, e o que é aquilo que está colocando? Marfim! Faz com que sua pele pareça uma bolsa da Hefty”.

Parei brevemente enquanto amarrava os sapatos para ver o que passava depois enquanto os dois estilistas vampiros criticavam bruscamente a desgraçada vítima – oh, desculpem, vampiro sortudo que estava a ponto de conseguir uma mudança total não solicitada. Ela teria o prazer adicional de se dar conta que seus amigos a tinham entregado a polícia da moda.

“Não acho que isto vai terminar bem”, disse Octavia Fant. Ainda que minha companheira de convivência Amélia Broadway tinha enfiado de alguma maneira Octavia em minha casa – baseada em um convite ocasional que eu tinha insinuado em um momento de debilidade – o concerto estava funcionando bem.

“Devo Dawn, sou Bev Leveto do programa ‘O vampiro melhor vestido’, e sou Tood Seabrook. Sua amiga Tessa ligou para nos dizer que você precisava de ajuda com seu estilo! A gravamos secretamente nas últimas duas noites e... AAACCCKK!”

Uma mão branca apareceu na garganta de Todd, logo desapareceu, deixando uma grande marca vermelha. A câmera se moveu, fascinada, de como Todd caía no chão, antes de se levantar para seguir a luta entre Devon Dawn e Bev;

“Deus” disse Amélia. “Parece que Bev vai ganhar”.

“Melhor sentido estratégico” disse. “Vocês perceberam que deixou Todd passar primeiro através da porta?”

“A peguei” disse Bev triunfalmente na tela. “Devon Dawn, enquanto Todd recupera seu fôlego, vamos entrar em seu armário. Uma garota que vai viver toda a eternidade não pode se permitir sendo cafona. Os vampiros não podem ficar estancados em seu passado. Temos que ser pioneiros do estilo!”

Devon Dawn choramingou “Mas gosto de minha roupa! É parte de quem sou! Você quebrou meu braço”

“Vai se curar. Escuta, você não quer ser conhecida como a pequena vampiro que não pôde fazer-lo, verdade? Você não quer sua cabeça presa no passado!”

“Bom, suponho que não...”

“Ótimo! Farei que diminua. E posso dizer pela tosse que Todd se sente melhor!”

Desliguei a TV e amarrei meu outro sapato, sacudindo minha cabeça ante a nova adição americana de ver reality shows de vampiros. Tirei minha jaqueta vermelha do armário. Sua visão me lembrou que eu mesma tinha alguns problemas totalmente reais com um vampiro; nos dois meses e meio que tinha passado desde a posse do reino vampiro da Louisiana pelos vampiros de Nevada, Eric Northman tinha estado completamente ocupado com a consolidação de sua posição no novo regime e avaliando o que tinha ficado do velho.

Não havíamos tido uma pequena conversa ainda sobre as recuperadas lembranças de Eric de nosso intenso tempo juntos quando tinha perdido temporariamente a memória devido a um feitiço.

“O que vão fazer esta noite, enquanto estou no trabalho?” perguntei a Amélia e a Octavia, não necessitando mais conversas imaginárias. Coloquei a jaqueta. Louisiana do norte não tem as horríveis temperaturas do verdadeiro norte, mas fazia uns 4 graus esta noite e faria mais frio quando saísse do trabalho.

“Minha sobrinha e seus filhos vão me levar para jantar” disse Octavia.

Amélia e eu trocamos uns olhares de surpresa enquanto a cabeça da mulher mais velha estava inclinada sobre a blusa que estava arrumando. Era a primeira vez que Octavia via sua sobrinha desde que tinha mudado da casa dela para a minha.

“Acho que Tray e eu iremos ao bar essa noite” disse Amélia precipitadamente, para cobrir a pequena pausa.

“Então te verei no Merlotte’s”. sou garçõnete ali faz anos.

Octavia disse “Oh, a cor da linha não é igual” e subiu as escadas para seu quarto.

“Suponho que não você não está vendo a Pam, não?” perguntei a Amélia. “Você e Tray estão começando uma relação”. Enfiei minha camiseta dentro da calça. Dei uma olhada no espelho que tinha sobre o móvel. Meu cabelo estava preso no rabo de cabelo de sempre para trabalhar. Avistei um logo fio de cabelo loiro solto sobre a jaqueta vermelha e o tirei.

“Pam foi somente uma ficada, e estou segura de que ela sentiu o mesmo por mim. Realmente gosto do Tray”. Dizia Amélia. “Não parece que lhe importe o dinheiro de meu pai, e não está preocupado de que eu seja uma bruxa. E ele pode estremecer meu mundo no quarto. Nós combinamos muito bem”. Amélia sorriu como quando um gato comeu um canário. Ela pôde parecer uma mãe do futebol bem bronzada – curto cabelo cintilante, lindo sorriso branco,

olhos claros – mas ela estava muito interessado no sexo (em minha opinião) era muito aberta sexualmente.

“É um bom rapaz” disse “Já o viu em forma de lobo?”

“Não, mas não vejo a hora”.

Senti algo na transparente cabeça de Amélia que me sobressaltou “Vai ser cedo? A revelação?”

“Você poderia não fazer isso?” Amélia normalmente não lhe incomodava minha habilidade de ler mentes, mas hoje sim. “Tenho que manter os segredos de outras pessoas, já sabes!”

“Desculpe” disse, e sentia muito, mas ao mesmo tempo estava ligeiramente entristecida.

Vocês pensaram que eu podia relaxar na minha própria casa e afrouxar as apertadas ataduras que tratava de manter em minha habilidade. Depois de tudo, tinha que lutar cada dia no trabalho.

Amélia disse instantaneamente “Eu também sinto muito. Escuta, tenho que ir me arrumar. Te vejo logo”. Subiu ligeiramente as escadas para o segundo andar, o qual tinha estado largamente em desuso até que ela tinha vindo viver comigo desde Nova Orleans faz alguns meses. Ela não tinha pego o Katrina, a diferença da pobre Octavia.

“Tchau Octavia, bom passeio!”. Gritei escadas acima e sai pela porta de trás ao meu carro.

Enquanto dirigia meu carro pelo longo caminho da entrada que levava através dos bosques para a Hummingbird Road, me perguntei sobre as oportunidades de que Amélia e Tray Dawson estivessem juntos. Tray, um lobisomem, era um mecânico de motos e moço de carga. Amélia era uma bruxa de altura e seu pai era imensamente rico, inclusive depois do Katrina. O furacão não tinha afetado a maioria dos materiais de seu armazém de contratação e tinha lhe dado suficiente trabalho por várias décadas.

Segundo o cérebro de Amélia, esta noite era a noite – não a noite na que Tray pediria a Amélia que se cassasse com ele, não, se não a noite em que Tray sairia a luz. A dupla natureza de Tray era um acrescento para minha companheira de quarto, a qual estava atraída pelo exótico.

Entrei pela entrada de empregados, e fui direto ao escritório de Sam.

“Oi chefe”, disse quando o vi atrás de sua mesa. Sam odiava trabalhar nos livros, mas isso era o que estava fazendo. Talvez estava provindo de uma necessária distração; Sam parecia preocupado. Seu cabelo estava incluso mais enrolado que o normal, suas curvas cor morango sobressaindo ao redor de sua cara.

“Se prepare. Esta noite é a noite” disse.

Estava orgulhosa de que tivesse me contado, e ele tinha feito eco de meus pensamentos de maneira muito perto. Não pude evitar sorrir.

“Estou pronta. Estarei aqui mesmo”.

Coloquei minha bolsa na gaveta em sua mesa e fui amarrar meu avental. Estava substituindo a Holly, mas depois de ter falado com ela sobre os clientes de nossas mesas lhe disse “Você deveria ficar por aqui esta noite”.

Ela me olhou repentinamente. Holly tinha estado recentemente deixando seu cabelo crescer. Então as pontas pretas mortas pareciam como se tivessem sido metidas no alcatrão. Sua cor natural, agora aparecendo na raiz, se convertia em um agradável marrom claro. Tinha tingido durante um tempo que eu tinha esquecido completamente.

“Será isto suficiente bom para mim como para manter Hoyt esperando?” perguntou. “Ele e Cody são como cão e gato, mas eu sou a mãe de Cody”. Hoyt, o melhor amigo de meu irmão Jason, tinha sido absorvido por Holly. Agora ele era seu seguidor.

“Você deveria ficar um tempo”. Lhe dei uma significativa avaliação de minha sobrancelhas.

Holly disse “Os lobos?”, eu assenti e sua cara reluziu um sorriso. “Oh, cara! Arlene vai ter um ataque”.

Arlene, nossa companheira e antiga amiga, tinha sido sensibilizada politicamente uns meses antes por uma série de amigos. Agora estava em algum lugar na direita de Atila o Primeiro, especialmente em questão de vampiros. Ela tinha se unido na Irmandade do Sol, uma igreja em tudo exceto o nome. Agora estava parada ante uma de suas mesas, tendo uma séria conversa com seu homem Whit Spradlin, um oficial da Irmandade de algum tipo que tinha um trabalho de dia em uma das casas de depósito de Shreveport. Tinha uma considerável careca e uma pança, mas isso não tinha nenhuma importância para mim. Sua política a tinha. Vinha um amigo como ele, com certeza. A gente da Irmandade aparecia em grupos – justo com outro grupo minoritário que estava prestes a conhecer.

Meu irmão Jason, estava também em uma mesa, com Mel Hart. Mel trabalhava no desmanche de carros de Bon Temps, e tinha menos idade que Jason, talvez trinta e um. Magra e de corpo duro, Mel tinha um longo cabelo castanho claro, bigode, barba e uma cara encantadora. Tinha estado vendo Jason com Mel muito ultimamente. Jason tinha que preencher o vazio que Hoyt tinha deixado, pensei. Jason não era feliz sem seu companheiro; esta noite os dois tinham encontros. Mel estava divorciado, mas Jason estava ainda nominalmente casado, assim que não podia sair com outra mulher em público. Ninguém aqui podia culpar-lo. A mulher de Jason, Crystal tinha sido pega o traindo com um cara local.

Eu tinha ouvido que Crystal tinha abortado e tinha ido a pequena comunidade de Hotshot para ficar com seus parentes. (Ela podia encontrar um quarto em qualquer casa de Hotshot e estar com parentes. É esse tipo de lugar) Mel Hart tinha nascido em Hotshot também, mas era um membro estranho da tribo que tinha escolhido viver em outro lugar.

Para minha surpresa Bill, me ex-namorado, estava sentado com outro vampiro chamado Clancy. Clancy não era meu tipo preferido apesar de seu status de não-morto. Os dois tinham garrafas de True Blood na mesa na frente deles. Nunca pensei que Clancy viria ao Merlotte's para tomar um drinque antes, e certamente nunca com Bill.

“Ei, rapazes. Vocês precisam de outra rodada?” perguntei sorrindo por tudo o que merecia a pena. Me sinto um pouco nervosa ao redor de Bill.

“Por favor” disse Bill educadamente, e Clancy empurrou sua garrafa vazia para mim.

Fui a parte traseira do bar para tirar duas True Bloods mais do refrigerador, as abri e as esquentei no microondas. (15 segundos é melhor). Agitei as garrafas ligeiramente e coloquei as bebidas quentes na bandeja com alguns guardanapos limpos. A mão fria de Bill tocou a minha enquanto colocava a bebida na frente dele.

Ele disse “Se precisar alguma ajuda em sua casa, por favor, me chame”.

Sabia que ele dizia de um jeito amável, de não ter sido pela ênfase de meu atual estado de sem-homem. A casa de Bill estava justo cruzando o cemitério frente ao meu, e pelo modo em que perambulava ao redor pela noite, prestei atenção que ele estava bem avisado que eu não era uma companhia entretida.

“Obrigada, Bill” disse e me obriguei a lhe sorrir. Clancy simplesmente Fez uma careta pejorativa.

Tray e Amélia entraram, e depois de deixar Amélia em uma mesa, Tray foi ao bar, cumprimentando todo o mundo no caminho. Sam saiu de seu escritório para se unir ao homem, quem era pelo menos 5 polegadas mais alto que meu chefe e quase o dobro de largo. Sorriram um para o outro. Bill e Clancy ficaram alerta. As TVs colocadas a intervalos por todo o bar deixaram a retransmissão dos eventos esportivos que estavam mostrando. Uma série apitos alertaram a clientela do bar do fato de que algo estava acontecendo em suas telas. Gradualmente o bar foi se silenciando a umas poucas conversas isoladas.

“NOTICIA ESPECIAL” passava na tela, superposta no apresentador com o cabelo cortado e passado gel, e uma cara severamente séria. O tom solene disse “Sou Matthew Harrow. Esta noite lhes trazemos uma noticia especial. Como em todos os estúdios ao longo do país, aqui, em Shreveport temos um visitante no estúdio”.

A câmera se afastou para ampliar a cena, e uma linda mulher entrou no plano. Sua cara era ligeiramente familiar. Ela deu um pequeno aceno para a câmera. Levava posto um tipo de poncho, uma estranha escolha para uma aparição televisiva.

“Esta é Patrícia Crimmins, quem mudou para Shreveport faz umas semanas. Patty, posso te chamar de Patty?”

“Na realidade é Patrícia” disse a morena. Ela era um dos membros da manada que tinham sido absorvidos pela de Alcide. Eu lembrava dela. Era tão linda como a imagem, e a parte

dela não esmagada pelo poncho parecia em forma e tonificada. Ela sorria para Matthew Harrow. “Estou aqui esta noite como a representante de uma gente que esteve vivendo entre vocês por muitos anos. Desde que os vampiros saíram a luz de uma maneira tão exitosa, decidimos que chegou nosso momento para falar de nós. Depois de tudo, os vampiros estão mortos. Nem sequer são humanos. Mas nós somos gente normal, como todos vocês, com uma diferença”. Sam subiu o volume. A gente do bar começou a se virar em seus assentos para ver o que estava acontecendo.

O sorriso que o apresentador tinha era tão rígido como um sorriso podia ser, e estava visivelmente nervoso “Que interessante, Patrícia! O que é... O que você é?”

“Obrigada por perguntar, Matthew! Sou um lobisomem”. Patrícia tinha suas mãos segurando seus joelhos. Suas pernas estava cruzadas. Parecia suficientemente alegre como para vender carros usados. Alcide tinha feito uma boa escolha. Além disso, se alguém a matasse em seguida, bom... era uma garota nova.

No momento o Merlotte’s estava em silêncio como se a palavra fosse de mesa em mesa. Bill e Clancy tinham se levantado para parar ao lado do balcão. Me dei conta que eles estavam ali para manter a paz se fossem precisos. Sam deve ter-los chamado para que viessem. Tray começou a desabotoar a camisa. Sam levava uma camiseta de manga comprida, e estava tirando pela cabeça.

“Você está dizendo que se transforma em lobo na lua cheia?” tremeu Matthew Harrow, tratando duramente de manter seu sorriso nivelado e sua cara simplesmente interessada. Não tinha tido muito êxito.

“E em outras ocasiões” explicou Patrícia “durante a lua cheia muitos de nós temos que mudar, mas se somos nascidos de puro sangue, podemos mudar em outros momentos, também. Há muitos tipos de metamórficos, mas eu me transformo em lobo. Somos os mais numerosos de todos os de dupla natureza. Agora vou mostrar a todos o incrível que é este processo. Não se assustem. Estarei bem”. Tirou os sapatos, mas não o poncho. Então compreendi que tinha posto para não se desnudar na frente da câmera. Patrícia se ajoelhou no chão, sorriu para a câmera uma última vez, e começou a se contorcer. O ar ao seu redor se estremeceu com sua própria magia e todos no Merlotte’s disseram ‘Ooooh’ a unísono.

Depois de que Patrícia tivesse se transformado na tela da TV, Sam e Tray fizeram também, nesse momento e ali mesmo. Houve exclamações ao longo do bar, muitas delas repetíveis na sociedade educada. O encontro de Jason, Michele Schubert, ficou de pé para ter uma melhor vista.

Eu estava tão orgulhosa de Sam. Isso requeria muito valor, já que ele tinha um trabalho que dependia de alguma maneira de sua habilidade para agradar. Em outro minuto tudo tinha acabado, um estranho e puro metamorfo, mudou a sua forma mais familiar, a de um collie. Ele foi se sentar na minha frente e me deu um feliz ‘yip’.

Me inclinei para acariciar sua cabeça. Sua língua pendurada, e ele me sorria. A manifestação animal de Tray foi muito mais dramática. Enormes lobos não são vistos no norte da

Louisiana rural, os enfrentamos, são horripilantes. A gente se movia dificilmente e talvez se tivessem se levantado para fugir se Amélia não tivesse se agachado ao lado de Tray e tivesse colocado seu braço ao redor do pescoço.

“Ele sabe o que vocês estão dizendo” ela disse a gente da mesa mais perto esperançosamente. Amélia tinha um grande sorriso, grande e genuíno. “Ei, Tray, pegue aqueles portas-copo”. Lhe passou um dos portas-copo do bar, e Tray Dawson, um dos lutadores mais implacáveis tanto dentro como fora de sua forma de lobo, trotou por cima para deixar o porta-copo no colo da cliente feminina. Ela pestanejou, titubeou, e finalmente calou sua risada.

Sam lambia minha mão.

“Oh, Senhor Jesus” exclamou Arlene em voz alta. Whit Spradlin e seu amigo estavam de pé. Mas apesar de que alguns outros clientes pereceram nervosos, nenhuma deles tiveram uma reação tão violenta. Bill e Clancy olhavam com suas caras inexpressivas. Eles obviamente estava, preparados para manejar o problema, mas todos pareciam levar bem a Grande Revelação. A noite da Grande Revelação dos vampiros não tinha sido tão melosa porque tinha sido o primeiro de uma série de choques que a estabelecida sociedade sentiria nos anos que passariam. Gradualmente os vampiros tinham chegado a ser uma reconhecida parte da América, apesar de que sua cidadania ainda tinha certas limitações.

Sam e Tray vagaram entre as pessoas, deixando serem acariciados como se fossem mansos animais. Enquanto faziam isso, o apresentador da TV estava visivelmente tremendo enquanto enfrentava a preciosa loba branca em que Patrícia tinha se transformado.

“Olha, está tão assustado, que treme” disse D’Eriq, o examinador do ônibus e ajudante de cozinha. Riu alto. Os bêbado do Merlotte’s relaxaram bastante para se sentirem superiores, depois de tudo, ele tinham manejado isto com compostura.

O novo colega de Jason, Mel, disse “Não há ninguém que possa estar assustado com uma garota tão linda, inclusive se ela se transforma em algo” e as risadas e a tranquilidade no bar se expandiram. Estava aliviada, apesar de que pensei que era um pouco irônico que a gente no bar não tivesse rido tanto se Jason e Mel tivessem se transformado. Eles eram homens-pantera, apesar de que Jason não podia se transformar completamente. Mas atrás dos risos, sento que tudo ia ficar bem. Bill e Clancy, atrás de um cuidadoso olhar ao redor, voltaram a sua mês.

Whit e Arlene, rodeados por cidadãos pegando uma grande parte de conhecimento, pareciam assombrados. Eu podia escutar a Arlene confusa sobre como reagir. Depois de tudo, Sam tinha sido nosso chefe durante muitos anos. A menos que quisesse perder seu trabalho, não poderia ir embora. Mas podia também ler seu medo e a montanha de ira que levava atrás. Whit tinha uma reação, sempre a qualquer coisa que ele não entendesse. Ele odiava, e o ódio era contagioso. Se parecia a seus companheiros de drinques, e trocavam olhares escuros.

Uns pensamentos estavam revolvendo na mente de Arlene como as bolas de loteria no bingo. Era difícil dizer qual deles sairia na superfície primeiro.

“Jesus, lhe devolva a morta!” disse Arlene, explodindo. A bola do ódio tinha chegado no mais alto.

Alguma pessoa disse “Oh, Arlene!”... Mas todo estavam escutando.

“Isto vai contra Deus e a Natureza” disse Arlene em voz alta e braba. Seu cabelo vermelho tingido se agitou com sua veemência, “Todos vocês querem seus filhos perto deste tipo de coisa?”

“Nosso filhos sempre estiveram perto deste tipo de coisa” disse Holly, igualmente alto. “Simplesmente não sabíamos. E nunca aconteceu nada”. Ela também ficou de pá.

“Deus nos levará se não os matarmos” disse Arlene, apontando a Tray dramaticamente.

Agora sua cara estava quase tão vermelha como seu cabelo. Whit a estava olhando de forma aprovadora. “Vocês não entendem! Todos iremos para o inferno se não arrebatamos o mundo a eles! Olhem a quem tem ali para ter aos humanos na linha!”. Seu dedo oscilava ao redor para indicar Bill e Clancy, apesar de que desde que eles tinham voltado a suas cadeiras, ela tinha perdido alguns pontos.

Coloquei minha bandeja no balcão e me afastei um passo, fechando minhas mãos em punhos. “Todos aqui em Bon Temps aceitaram” disse mantendo minha voz calma e nivelada. “Você parece ser a única ofendida, Arlene”.

Ela olhou ao redor do bar, tentando pegar os olhares de alguns clientes. Conhecia a cada um deles. Arlene estava genuinamente em choque para se dar conta de que não tinha mais gente reagindo como ela. Sam veio e se sentou na frente dela. Levantou seu olhar a sua cara com seus lindos olhos caninos. Dei outro passo chegando perto de Whit, só por se acaso. Whit estava dizendo o que fazer, considerando pular sobre Sam. Mas quem se juntaria para bater em um collie? Inclusive Whit podia ver o absurdo e isso fez com que odiasse a Sam ainda mais.

“Como você pôde?” Arlene gritou para Sam. “Você esteve mentindo para mim todos estes anos! Pensei que você era humano, e não um maldito super!”

“Ele é humano” disse “Simplesmente tem outra faceta, isso é tudo”.

“E você” disse cuspidando fora as palavras “você é a mais estranha, a mais inumana de todos eles”.

“Ei, ei” disse Jason. Ficou de pé e depois de um momento de vacilação, Mel também se uniu. Seu encontro o olhou alarmada, apesar que a namorada de Jason simplesmente sorria. “Deixa minha irmã em paz. Ela foi babá de seus filhos e limpou seu trailer e agüentou sua merda durante anos. Que tipo de amiga você é?”

Jason não me olhou, estava gelada de estupefação. Este não era um gesto muito típico de Jason. Poderia ter amadurecido um pouquinho?

“Do tipo que não quer sair por aí com criaturas antinaturais como sua irmã” disse Arlene. Desamarrou o avental e disse “Tô caindo fora deste lugar!” ao collie saiu pisando forte para o escritório de Sam para pegar sua bolsa. Talvez um quarto da gente do bar olhavam alarmados e tristes. A metade deles estavam fascinados com o drama. Isso deixa um quarto no cerco. Sam gemia como um cachorro triste, e colocou seu nariz entre suas patas. Depois deste fato deu um grande sorriso, a desconformidade do momento tinha passado. Olhei a Whit e a seu amigo irem com cuidado, e me relaxei quando foram embora. Só por se acaso ele pudesse buscar um rifle de sua camionete, dei uma em Bill, o qual se deslizou para fora da porta atrás dele. Em um momento, ele estava de volta, assentindo com a cabeça para mim para indicar que os caras da Irmandade tinham mesmo ido embora.

Uma vez que a porta de trás se fechou quando Arlene saiu, o resto da noite foi bastante bem. Sam e Tray se retiraram para o escritório de Sam para se transformarem de novo e se vestirem. Sam voltou a seu lugar atrás do balcão depois como se nada tivesse acontecido, e Tray foi se sentar na mesa com Amélia, quem o beijou. Por um momento a gente tratou de evitar-los e houve um monte de olhares furtivos. Mas depois de uma hora, a atmosfera do Merlotte’s parecia estar a ponto de voltar a normalidade. Fui servir as mesas de Arlene, e me assegurei de ser especialmente agradável com a gente que ainda estava indecisa com os eventos da noite.

A gente parecia beber energicamente esta noite. Talvez tinham receios sobre a outra personalidade de Sam, mas não tinham nenhum problema em acrescentá-los as suas coisas boas. Bill alcançou meus olhos e moveu sua mão em sinal de despedida. Ele e Clancy foram embora.

Jason tratou de captar minha atenção uma ou duas vezes e seu colega Mel mandava grandes sorrisos em minha direção. Mel era mais magro e mais alto que meu irmão, mas os dois tinham essa clara pinta entusiasta de homens sem cabeça que só operam por seus instintos. Em seu favor, Mel não parecia estar totalmente de acordo com tudo o que Jason dizia, da forma que Hoyt sempre fazia. Mel parecia ser um bom cara, ao menos em nossos breves encontros. O fato de que ele fosse um dos poucos homens-panteras que não vivia em Hotshot também era um ponto a seu favor e isso poderia inclusive ter sido o porquê ele e Jason eram tão grandes colegas. Eles eram como os outros homens-panteras, mas separado, também.

Se eu estivesse falando com Jason de novo, teria uma pergunta para ele.

Nessa tarde tão importante para todos os lobos e metamorfos, porque ele perdeu a chance de se mostrar e ganhar toda a atenção? Jason estava farto de seu estado alterado como homem-pantera. Tinha sido mordido, não nascido. Assim era como tinha contraído o vírus (ou o que seja que fosse aquilo) tendo sido mordido por outro homem-pantera, no lugar de ter nascido com a habilidade de mudar com Mel tinha feito. A forma em que Jason mudava era como de homem, com pelo por tudo, cara de pantera e garras realmente aterrador, tinha me dito. Mas ele não era um lindo animal, e aquilo incomodava meu irmão. Mel era pura raça, e podia ser maravilhoso e aterrador quando se transformava.

Talvez os homens-pantera tivessem sido aconselhados a não se mostrarem, porque as panteras eram simplesmente aterrorizadoras. Se algo tão letal e tão grande como uma pantera

tivesse se transformado no bar, a reação dos clientes quase com certeza teria sido muito mais histérica. Apesar de que a mente dos dupla-natureza é muito difícil de ler, podia sentir a decepção que as duas panteras estavam suportando. Estava segura de que a decisão tinha sido tomada por Calvin Norris, como líder das panteras. Bom movimento Calvin, pensei. Depois de ter ajudado a fechar o bar, dei um abraço em Sam quando parei em seu escritório para pegar minha bolsa. Parecia cansado, mas feliz.

“Você se sente tão bem como aparentas?” perguntei.

“Sim. Minha verdadeira natureza está agora escancarada; é liberador. Minha mãe jurou que ela diria a meu padrasto esta noite. Estou esperando notícias dela”.

No momento justo, o telefone tocou, Sam atendeu, ainda sorrindo. “Mãe?” disse. Então sua cara mudou como se uma mão tivesse apagado sua prévia expressão. “Don, o que você fez?”

Afundi na cadeira ao lado da mesa e esperei. Tray tinha vindo ter uma última conversa com Tray, e Amélia estava com ele. Os dois pareciam rigidamente no quício da porta, ansiosos para ouvir o que tinha acontecido.

“Oh, meu Deus” disse Sam. “Irei tão cedo como posso. Vou esta noite”. Desligou com cuidado. “Don atirou em minha mãe” disse. “Quando ela se transformou ele atirou”. Nunca tinha visto Sam tão angustiado.

“Está morta?” perguntei temendo a resposta.

“Não” disse. “Não, mas ela está no hospital com a clavícula quebrada e uma ferida de bala na parte alta o ombro esquerdo. Quase a mata. Se ela tivesse pulado...”

“Sinto muito” disse Amélia.

“O que posso fazer para ajudar?” perguntei.

“Mantenha o bar aberto enquanto não estou” disse se sacudindo de choque. “Liga para o Terry, Terry e Tray podem combinar o horário para atender o bar. Tray, você sabe que te pagarei quando volte. Sookie, o horário das garçonetes está no muro atrás do balcão. Encontra alguém para cobrir os turnos de Arlene, por favor”.

“Claro, Sam” disse “Você precisa de ajuda com as malas? Posso encher o tanque de sua camionete ou algo?”

“Não, estou bem. Você tem a chave de meu trailer, você pode regar minhas plantas? Não acho que estarei fora mais que um par de dias, mas nunca se sabe”.

Nós já estavam esclarecidos assim que Sam pôde voltar a seu trailer e fazer as malas. Estava na parte atrás do bar, assim podia pelo menos ter tudo pronto em um apuro.

Enquanto dirigia para casa, tratei de imaginar como o padrasto de Sam pôde chegar a fazer algo assim. Teria estado tão horrorizado ante o descobrimento da segunda vida de sua segunda mulher, que tinha perdido a cabeça? Teria ela mudado fora de sua vista e voltou onde ele estava e o assustou? Simplesmente não podia acreditar que pudesses atirar em alguém que amas, alguém com quem vives, só porque guardam mais coisas para eles mesmo do que achavas. Talvez Don tinha visto sua outra cara com uma traição? Ou talvez estava o ponto que ela tinha ocultado: podia de alguma maneira entender sua reação, se olhasse desse modo.

Todo o mundo tinha segredos, e eu estava em posição de saber a maioria deles. Ser uma telepata não é divertido. Escutas o mau gosto, a tristeza, o nojo, a pena... as coisas que todos queremos manter escondido de nossos companheiros humanos, para que os demais tenham a imagem de nós intacta. Os segredos que sei pelo menos guardo para mim.

O que estava pensando esta noite foi a herança genética que meu irmão e eu compartilhamos, que tinha vindo do meu pai. Meu pai nunca tinha sabido que sua mãe, Adele, tinha tido uma coisa enorme como segredo, uma revelada a mim no Outubro passado. Os dois filhos de minha avó – meu pai e sua irmã Linda – não tinham sido produto de seu longo matrimônio com meu avô.

Os dois tinham sido concebidos através de sua relação amorosa com um meio-fada, meio-humano chamado Fintan. De acordo com o pai de Finten, Niall, a parte fada da herança genética de meu pai tinha sido a responsável pela obstinação de minha mãe com ele, uma obstinação que tinha excluído a seus filhos de tudo de não ser pela borda de sua atenção e carinho. Este legado genético não parecia mudar nada para a irmã de meu pai, Linda; certamente a tinha ajudado a evitar a bala de câncer que tinha acabado com sal vida, ou manter seu marido em um lugar, muito menos obstinado. Como seja, o neto de Linda, Hunter, era um telepata como eu.

Eu ainda lutava com partes da história. Eu achava que a história que Niall tinha me relatado era certa; mas não entendia o desejo de filhos de minha avó fora o suficiente forte como para enganar meu avô. Aquilo simplesmente não encaixava com seu caráter, e eu não podia compreender porquê não podia ter lido de sua mente durante todos os anos que tínhamos vivido juntas. Ela devia ter pensado sobre circunstâncias de concepção de seus filhos de vez em quando. Não tinha modo algum de que pudesse embrulhar aqueles acontecimentos para sempre em algum devaneio de sua mente.

Mas minha avó tinha morrido há um ano, e eu nunca teria sido capaz de lhe perguntar sobre isso. Seu marido tinha falecido anos antes. Niall tinha me dito que meu avô biológico, Fintan, também estava morto. Tinha passado pela minha mente ir nas coisas de minha vó procurar alguma pista de seus pensamentos, de sua reação desta extraordinária passagem de sua vida, e então eu pensaria... Porquê me incomodar?

Eu tinha que lutar com as conseqüências aqui e agora.

O rastro de sangue de fada que possuía me fazia mais atrativa para os sobrenaturais, pelo menos para alguns vampiros. Nem todos podiam detectar o rastro de fada em meus genes,

mas tinham tendência ao menos de estarem interessado em mim, ainda que ocasionalmente isso tinha resultados negativos. Ou talvez esta coisa de sangue de fada era lixo, e os vampiros estavam interessados em qualquer mulher jovem bastante atrativa que os tratasse com respeito e tolerância.

Como a reação entre a telepatia e o sangue de fada, que sabia? Não era como se tivesse um monte de gente perguntando, ou alguma literatura que revisar, ou pudesse perguntar em um laboratório para poder examinar-lo. Talvez o pequeno Hunter e eu tínhamos desenrolado essa condição por uma coincidência – sim, certo. Talvez o rasgo era genético, mas separado dos genes de fada.

Talvez só tinha tido sorte.

CAPÍTULO 2

Fui ao Merlotte's cedo pela manhã – para mim, isso quer dizer às oito e meia – para revisar a situação do bar, e fiquei para cobrir o posto de Arlene. Tinha que fazer turno duplo. Por sorte, a gente que veio comer era pouca. Não sabia se era resultado do anúncio de Sam ou só o curso normal das coisas. Pelo menos fui capaz de fazer várias ligações enquanto Terry Bellefleur (quem pegava para chegar no fim do mês com vários trabalhos a tempo parcial) se ocupava do bar. Terry estava de bom humor, o que era bom humor para ele; era um veterano do Vietnã que tinha sido horrível para ele na guerra. Tinha um bom coração, e sempre tinha saído airoso. Realmente estava fascinado pela revelação dos Lobisomens e metas; desde a guerra, Terry tinha se dado melhor com os animais do que com as pessoas.

“Aposto que é por isso que sempre gostei do Sam” disse Terry, e lhe sorri.

“Eu também gosto de trabalhar para ele” disse.

Enquanto Terry seguia servindo as cervejas e vigiava Jane Bodehouse, um de nossos bêbados, comecei a ligar para encontrar uma nova garçonete. Amélia tinha me dito que me ajudaria um pouco, mas só pela noite porque agora tinha um trabalho temporário cobrindo a licença maternidade de uma empregada de uma agencia de seguros.

Primeiro liguei para Charlsie Tooten. Charlsie, ainda que foi amável, me disse que tinha que cuidar de seu neto enquanto sua filha trabalhava, assim que estava demasiado cansada para

ajudar depois. Liguei a outra antiga empregada do Merlotte's, mas tinha começado a trabalhar em outro bar. Holly tinha dito que podia fazer turnos duplos uma vez mas que não podia fazer seguido devido a seu pequeno. Danielle, a outra garçonete a tempo completo, tinha dito o mesmo. (No caso de Danielle tinha um dupla desculpa porque tinha dois filhos)

Assim que, finalmente, suspirei sonoramente para deixar claro ao escritório de Sam o desesperada que estava, liguei para minha pessoa menos favorita – Tanya Grissom, meta-raposa e sabotadora. Me levou um bom tempo para achá-la, mas ligando para um par de pessoas de Hotshot, fui capaz de encontrar-la na casa de Calvin. Tanya estava saindo com ele á algum tempo. Gostava desse cara, mas quando pensei nessa pequenas casas na beira da rua, estremei.

“Tanya, como vai? Sou Sookie Stackhouse”.

“Sério. Hmmm. Oi”

Não a culpava por ser cautelosa.

“Uma das garçonetes de Sam saiu. Lembra de Arlene? Se assustou pelo assunto dos lobisomens e metas e saiu. Me perguntava se poderia pegar seus turnos, só por um tempo”.

“Agora você é a companheira de Sam?”

Não ia me por as coisas fáceis. “Não, só o ajudo a procurar. Ihe chamaram por uma emergência familiar”

“Provavelmente eu estava na última posição de sua lista”

Meu breve silêncio falou por si mesmo.

“Suponho que podemos trabalhar juntas”. Disse porque tinha que dizer algo.

“Tenho um trabalho agora, mas posso ajudar um par de tardes até que você encontre alguém permanente”. Disse Tanya. Era complicado decifrar nada de seu tom de voz.

“Obrigada”. Isso me deixava com duas garçonetes temporárias, Amélia e Tanya, e podia fazer umas horas que ela não. Não seria muito complicado. “Você pode vir amanhã pela tarde? Pelas cinco, cinco e meia, uma de nós poderá te ensinar tudo, e trabalhará até que o bar feche”.

Houve um curto silêncio “Estarei aí” disse Tanya. “Tenho umas calças pretas. Você tem uma camiseta que possa por?”

“Sim. Tamanho M?”

“Servirá”

Desligou.

Bom, não podia esperar que se alegrasse de me escutar ou que estivesse disposta a me ajudar já que nunca tínhamos sido boas amigas. De fato, ainda que esperava que não lembrasse, tinha feito que Amélia e sua mentora Octavia a enfeitiçasse.

Ainda estremeceu ao pensar em como tinha alterado a vida de Tanya, mas não pensava que tivesse muita escolha. As vezes você tem que esquecer das coisas e avançar. Sam ligou enquanto Terry e eu fechávamos o bar. Estava muito cansada. Dia minha cabeça e meus pés.

“Como vão as coisas?” Sam perguntou. Sua voz se notava cansada.

“Estamos indo bem,” disse, tratando de soar alegre e despreocupada. “Como sua mãe vai?”

“Ainda está viva” disse. “Fala e respira sozinha. O médico disse que vai se recuperar. Me padrasto está lá em baixo preso”.

“Que complicado” disse, preocupada pelo bem de Sam.

“Minha mãe disse que deveria ter me contado antes” disse “Mas tinha medo”

“Bom... fazia bem em ter-lo, verdade? Pelo que parece”.

Grunhiu. “Acha que se tivesse tido uma longa conversa com ele, e deixasse ver como ela muda depois de ter visto a mudança na TV, teria ficado tudo bem”.

Tinha estado tão ocupada com o bar que não tinha tido a oportunidade de assimilar as notícias e as reações do mundo sobre esta segunda revelação. Me perguntava como iam as coisas em Montana, Indiana, Florida. Me perguntava se alguma famosa atriz de Hollywood tinha admitido ser uma lobisomem. O que aconteceria se Ryan Seacrest fosse peludo com cada lua cheia? Ou Jennifer Love Hewitt ou Russel Crow? (Coisa que pensava que era mais que provável) Isso faria que o público o aceitasse melhor.

“Você viu seu padrasto ou falou com ele?”

“Não ainda não. Não posso me ocupar. Meu irmão veio. Disse que Don começou a chorar. Foi horrível”.

“Sua irmã está aí?”

“Bom, está a caminho. Teve muitos problemas para que ficassem com seus filhos”. Soava algo duvidoso.

“Sabia sobre sua mãe, não?”. Tratei de manter longe a incredulidade de minha voz.

“Não”, disse. “Muitas vezes, os pais não contam a seus filhos que não estão afetados. Meus familiares não sabiam também de mim, igual que não sabiam de minha mãe”.

“Sinto muito”. Disse, o que poderia significar muitas coisas.

“Queria que você estivesse aqui”.

“Queria ser de mais ajuda”. Disse. “Se pensar em algo mais que possa fazer, não duvides em me ligar a qualquer hora”.

“Mantém o negócio andando. Isso conta muito”. Disse. “Será melhor que vá dormir um pouco”.

“Certo, Sam. Falaremos de manhã, certo?”

“Claro”. Disse. Soava cansado e triste e foi difícil não chorar

Me senti aliviada de ter mantido longe meus sentimentos ao ligara para Tanya, depois dessa conversa. Tinha sido o certo. A mãe de Sam levando tiro pelo que era – bom, isso me fazia colocar perspectiva a meu ódio por Tanya Grissom. Cai redonda na cama, e não acho que se quer me moveria. Estava segura que o quente brilho gerado pela ligação de Sam me acompanharia todo o dia seguinte, mas a manhã começou mal.

Sam sempre pedia subministros e fazia o inventário naturalmente. Também, de forma natural, tinha se esquecido de me dizer que iam chegar caixas de cerveja. Me ligou o motorista de caminhão, Duff, e tive que pular da cama para ir ao Merlotte’s. Quando saia pela porta, vi que a luz de minha secretária piscava, a noite anterior estava demasiado cansada para olhá-lo. Mas não tinha tempo para me encarregar de mensagens agora mesmo. Me alegrei de ver que Duff tinha me ligado quando não pôde localizar Sam.

Abri a porta traseira do Merlotte’s, e Duff colocou as caixas onde deveriam estar. Ligeiramente nervosa, assinei por Sam. Quando tudo esteve feito e o caminhão se afastava do estacionamento, Sarah Jen, a carteira, se acercou com o correio do bar e as cartas pessoais de Sam. Peguei ambas. Sarah Jen estava com vontade de falar. Tinha escutado (já) que a mãe de Sam estava no hospital, mas não quis lhe contar mais sobre as circunstâncias. Esse era assunto de Sam. Sarah Jen também queria me contar como estava surpresa de que Sam fosse um meta, porque sempre tinha pensado que havia algo estranho nele.

“É um bom rapaz” Sarah Jen admitiu. “Não digo que não seja. Mas... tinha algo estranho. Não me surpreendeu o mais mínimo”.

“Sério? Ele dizia boas coisas de você”. Disse docemente. Podia ver o prazer enchendo a cara de Sarah Jen tão claramente como se tivesse feito um desenho.

“Sempre foi muito amável”. Disse vendo Sam como se fosse o homem mais perceptico.

“Bom, será melhor que vá embora. Tenho que terminar de entregar. Se falar com Sam, lhe diga que penso em sua mãe”.

Depois de levar as cartas de Sam a sua mesa, Amélia ligou desde a agencia de seguros para me dizer que Octavia tinha ligado para perguntar se poderíamos levar-la ao Wal-Mart. Octavia, quem tinha perdido quase todas suas coisas no Katrina, estava fechada em uma casa sem carro.

“Terás que levar-la em sua hora de almoço”. Disse, tratando de não soar brusca com Amélia. “Tenho o dia cheio. E aqui vem mais problemas”. Disse enquanto um carro estacionava junto ao meu no estacionamento para empregados. “Está chegando o diurno de Eric, Bobby Burnham”.

“Oh, queria te dizer. Octavia disse que Eric te ligou duas vezes em casa. Assim que finalmente disse a Bobby onde você ia estar esta manhã”. Disse Amélia. “Acho que é importante. Que sorte você tem. Certo, me encarregarei de Octavia. De alguma maneira”.

“Bem”. Disse, tratando não soar tão brusca como me sentia “Falaremos logo”.

Bobby Burnham desceu de seu Impala e foi até mim. Seu chefe, Eric, estava amarrado a mim de uma forma complicada, nossa relação se baseava em nosso passado comum, mas também tínhamos trocado sangue várias vezes. Essa não tinha sido uma decisão tomada por mim. Bobby Burnham era um imbecil. Talvez Eric o tenha conseguido em uma liquidação?

“Senhorita Stackhouse”. Disse sendo muito cortes. “Meu mestre me pede que lhe diga para ir ao Fangtasia esta noite para falar com o tenente do novo rei”.

Isso não era a citação que espera nem o tipo de conversa que tinha previsto com o xerife vampiro da área cinco. Dado o fato de que tínhamos assuntos pessoais dos que falar, imaginava que Eric me ligaria quando as coisas tivessem se tranquilizado com o novo mandato, e teríamos algum tipo de encontro para falar de nossos assuntos. Não gostei de ser convocada por um laçao.

“Alguma vez você ouviu falar do telefone?” disse.

“Te deixou mensagens na outra noite. Me disse que viesse falar hoje com você. Só sigo ordens”.

“Eric te disse que dirigisse até aqui para me pedir que fosse esta noite a seu bar”. Inclusive para meus próprios ouvidos, soava incrível.

“Sim. Disse. ‘A siga, lhe dê a mensagem em pessoa e seja amável’. E aqui estou sendo amável”.

Estava me dizendo a verdade e isso estava lhe matando. Isso foi quase suficiente para me fazer sorrir.

Bobby realmente não gostava de mim. Imaginava que era porque não compreendia porquê Eric se rebaixava para me dar bola. Não gostava de minha atitude despreocupada com Eric, e

não podia compreender porquê Pam, a mão direita vampira de Eric, estava orgulhosa de mim, sendo que não queria saber nada de Bobby.

Não tinha nada que pudesse fazer para mudar isso, inclusive se sua simpatia tinha me preocupado... mas não fazia. Mas Eric me preocupava muito. Tinha que falar com ele, e talvez teria que assumir as coisas. A última vez que o tinha visto foi no final de outubro, e agora era metade de janeiro.

“Irei lá quando termine aqui. Estou temporariamente encarregado de tomar conta do bar”. Disse soando nem alegre nem com graça.

“Quê horas? Quer que você esteja lá às sete. Victor estará lá”.

Victor Madder era o representante do novo rei, Felipe de Castro. Tinha sido uma posse de poder sangrenta, e Eric era o único xerife do velho mandato que ainda seguia. Agradar o novo rei era importante para Eric, obviamente. Não estava segura de como isso afetava a mim. Mas estava bem com Felipe de Castro por um feliz acidente e queria manter assim.

“Talvez possa chegar as sete”. Disse depois de pensar. Tratei de não pensar nas últimas semanas, tive que me conter de pegar o carro para ir vê-lo. Mas tinha conseguido exitosamente resistir aos impulsos, porque sabia que estava brigando para manter sua posição de poder baixo o novo reinado. “Tenho que treinar a garota nova... Sim, pode ser as sete”.

“Ficará muito aliviado”. Bobby disse, adotando um ar depreciativo.

Agüenta, imbecil. Pensei. E possivelmente minha forma de o olhar transmitia também esse pensamento por que Bobby disse “De verdade, ficará”. Com o tom de voz mais sincero que pôde conseguir.

“Certo, mensagem entregue”. Disse. “Tenho que voltar para o trabalho”.

“Onde está seu chefe?”

“Teve um problema de família no Texas”

“Oh, pensei que o depósito de animais o tinha pego”.

Que simpático “Adeus, Bobbye”. Disse, lhe dei as costas e fui para a porta traseira.

“Pega”. Disse, e me virei incomodada, irritada. “Eric disse que vai precisar disso”. Me deu um pacote embrulhado em veludo preto. Os vampiros não podiam te dar nada em uma sacola do Wal-Mart ou com papel presente, oh, não. Veludo preto. O pacote estava fechado com uma corda dourada, como a que se usa para segurar cortinas.

Simplesmente segurá-lo me arrepiava a espinha “O que é isto?”

“Não sei. Minha tarefa não era abri-lo”.

Odeio a palavra tarefa, com presente seguido de perto. “O que devo fazer com isto?” disse.

“Eric, disse ‘Lhe diga que dê na frente de Victor esta noite”.

Eric não fazia coisas ao azar. “Está bem” disse relutante. “Me considere avisada”.

Consegui terminar bem o turno. Todo o mundo estava disposto a ajudar, e isso foi agradável. O cozinheiro tinha estado trabalhando duro todo o dia; este era talvez o décimo quinto cozinheiro que tínhamos desde que comecei a trabalhar no Merlotte’s. Tínhamos tido todo tipo de variedades de humanos: negros, brancos, homens, mulheres, velhos, jovens, mortos (sim, um cozinheiro vampiro), lobisomens e provavelmente tinha me esquecido de um ou dois. Este cozinheiro, Antoine Lebrun, era muito amável. Tinha vindo depois do Katrina. Tinha acolhido muitos refugiados, que tinham mudado desde a costa do Golfo.

Antoine rondava os cinquenta, seu cabelo enrolado tinha algumas mechas grisalhas. Tinha trabalhado no Superdome, me contou o dia que o dispensarão, e ambos nos encolhemos de ombro. Antoine se dava muito bem com D’Eriq, o garoto que trabalhava como seu assistente.

Quando fui a cozinha para me assegurar de que tinham todo o necessário, Antoine me disse que estava orgulhos de trabalhar para um metamorfo, e D’Eriq queria superar sua reação ante a mudança de Sam e Tray. Depois de deixar o trabalho. D’Eriq tinha recebido uma ligação de seu primo de Monroe, e agora D’Eriq queria nos contar como a mulher de seu primo era um lobisomem.

A reação de D’Eriq esperava que fosse típica. Duas noites antes, muita gente tinha descoberto que alguém conhecia pessoalmente era um super de algum tipo. Por sorte, se o super não tinha mostrado sinais de loucura nem de violência, essa gente estava disposta a aceitar que mudar de forma não era ameaçador nem mudava muito seu mundo. Inclusive era excitante.

Não tinha tido tempo de olhar a reação do mundo, mas pelo menos em quanto a local, a revelação parecia ir bem. Não senti que ninguém quisera lançar uma bomba nem botar fogo no Merlotte’s devido a Sam e pensei que a oficina de Tray iria bem. Tanya chegou vinte minutos antes, coisa que me fez apreciar-la um pouco mais, e lhe dediquei um genuíno sorriso. Depois repassamos o básico como as horas, pagamentos e as normas de Sam.

“Você gosta de viver em Hotshot?”

“Sim” disse, soava surpresa. “A famílias de Hotshot, realmente se dão bem. Se algo vai mal, se reúnem e discutem. Os que não gostam dessa vida, vão embora como Mel Hart”. Quase todo o mundo em Hotshot era um Hart ou um Norris.

“Ultimamente tem estado com meu irmão”. Disse porque tinha algo de curiosidade nos novos amigos de Jason.

“Sim, escutei isso. Todo o mundo se alegra que tenha encontrado alguém com quem estar depois de passar tanto tempo sozinho”.

“Porque, não encaixava ali?”

Tanya disse “Acho que Mel não gosta de compartilhar, é o que tem que fazer se vives em uma pequena comunidade. É real... ‘O que é meu, é meu’”. Encolheu os ombros. “Pelo menos, isso é o que dizem”

“Jason também é assim”. Disse. Não podia ler a mente de Tanya claramente devido a sua natureza, mas podia ver seu humor, e compreendia que as outras panteras estavam preocupadas por Mel Hart. Se preocupavam de que saísse para Bon Temps, supus. Hotshot era seu pequeno universo.

Me sentia mais ligeira quando terminei de ensinar tudo a Tanya (quem tinha experiência) e pendurei meu avental. Peguei minha bolsa e o pacote de Bobby Burham e sai pela porta de empregados para dirigir até Shreveport. Comecei a escutar noticias enquanto dirigia, mas estava cansada da sombria realidade. em vê disso, escutei o CD de Mariah Carey, e me senti melhor. Não sei cantar bem, mas adoro decifrar a letra de uma canção enquanto dirijo. A tensão de meu dia começou a desaparecer, sendo substituída pelo otimismo. Sam voltaria, sua mãe se recuperava, e seu marido tinha se desculpado e tinha jurado amá-la para sempre. O mundo faria OHHH e ahhh pelos lobisomens e pelos metas um tempo, e logo tudo voltaria ao normal.

Não é sempre uma má ideia, pensar coisas assim?

CAPÍTULO 3

Quanto mais chego perto do bar de vampiros, mas meu pulso acelera; esta era a desvantagem do vinculo de sangue que tinha com Eric. Sabia que ia vê-lo, e que estava feliz por isso. Deveria ter me preocupado, deveria ter sentido apreensão pelo que queria, deveria ter feito um milhão de perguntas sobre o pacote de veludo, mas só dirigi com um sorriso em minha cara.

Ainda que não pudesse evitar o que sentia, podia controlar minhas ações. Perversamente, já que ninguém tinha me dito para entrar pela porta de empregados, entrei pela porta principal. Era uma noite ocupada no Fangtasia e tinha muita gente esperando a ambos lados das portas. Pam era a recepcionista. Me sorriu amplamente, mostrando uma pequena presa. (a gente se assombrou).

Já conhecia Pam muito, e era o mais perto de um amigo que tinha entre os vampiros. Esta noite a loira vampira levava o obrigado vestido preto e tinha colocado um véu preto junto. Suas unhas estavam pintadas de vermelho escarlate.

“Amiga!” disse Pam. E se afastou do pódio para me abraçar. Me surpreendeu mas fiquei feliz e devolvi o abraço. Tinha colocado perfume, uma pitada, para cobrir o cheiro seco de vampiro. “Você o tem?” me sussurrou ao ouvido.

“Oh, o pacote? Está na minha bolsa”. Levantei minha bolsa marrom das alças.

Pam me dedicou um olhar que não pude interpretar através do véu. Parecia uma expressão que misturava exasperação e afeto.

“Nem sequer deu uma olhada dentro?”

“Não tive tempo”. Disse. Não é que estivesse curiosa, simplesmente não tinha tido ocasião para pensar nisso. “Sam me deixou no bar porque seu padrasto atirou na sua mãe, e teve que ir vê-la”.

Pam me dedicou um longo olhar me avaliando. “Vai ao escritório de Eric e lhe dê o pacote”. Disse. “Deixe-o embrulhado. Não importa quem está estiver. E não o leves como se fosse uma ferramenta de jardim”.

Lhe devolvi o olhar “O que estou fazendo, Pam?” perguntei, subindo no trem da cautela demasiado tarde.

“Você está protegendo sua própria pele” disse Pam. “Nunca duvides. Agora vai”.

Me dei um tapinha nas costas e virou para responder a pergunta de um turista sobre a frequência com que os vampiros limpam os dentes.

“Gostaria de chegar perto para ver os meus?” Pam perguntou em um tom sedutor, e a mulher retrocedeu assustada. Essa era a razão do humanos irem aos bares de vampiros, e aos clubes de comédia de vampiros, e aos cassinos vampiros... para brincar com o perigo.

Agora e sempre, brincar terminava se convertendo em algo real. Fiz meu caminho entre as tábuas e a pista de dança para a parte traseira do bar. Felícia, a garçonete, pareceu desconcertada ao me ver. Encontrou algo para fazer para se afastar de mim. Tinha uma desagradável história com os garçons do Fangtasia.

Havia vários vampiros sentados no bar, entre os curiosos turistas, os que queriam se parecer com os vampiros e se vestiam como tal, e os humanos que tinham negócios com os vampiros. Na loja de presentes, um dos vampiros refugiados do Katrina vendia camisetas do Fangtasia para um par de garotas sorridentes.

Tiny Thalia, mais pálida que o algodão e com um perfil antigo, estava sentada sozinha numa pequena mesa. Thalia era perseguida por fãs que tinham criado um site, ainda que não se importasse se tivessem pegado fogo. Um homem bêbado da Força Aérea de Barksdale estava de joelhos ante ela enquanto olhava, e enquanto Thalia pousava seus olhos escuros nele, seu ensaiado discurso morreu na garganta do cara. Se virando, o jovem cara se afastou dos vampiros, e ainda que seu amigo o animou a voltar para a mesa, sabia que não voltaria a chegar perto dela.

Depois dessa visão da vida do bar, me alegrei de bater na porta de Eric. Escutei sua voz dentro, me dizendo que entrasse. Entrei e fechei a porta atrás de mim.

“Oi, Eric” disse e quase fiquei muda ante a onda de alegria que percorria em mim cada vez que o via.

Seu longo cabelo loiro estava preso com uma trança, e estava com seu jeans favorito e uma camiseta. A camiseta hoje era verde claro, o fazia parecer mais branco que nunca. A onda de alegria não estava necessariamente relacionada com a beleza de Eric ou o fato de que tivéssemos juntado nossas pélvis. O vínculo de sangue era o responsável. Talvez. Tinham que lutar com esse sentimento. Com certeza.

Victor Madden, representante do novo rei Felipe de Castro, estava de pé com sua cabeça coberta de cabelo preto. Victor era pequeno e compacto, sempre era amável e sempre se vestia bem. Esta noite estava especialmente resplandecendo com um traje de cor oliva e uma gravata marrom com listras. Sorri para ele e estava a ponto de lhe dizer que me alegrava o ver quando notei que Eric estava olhando expectante. Oh, certo.

Tirei a jaqueta e tirei de minha bolsa o pacote de veludo. Deixei a bolsa e a jaqueta em uma cadeira vazia, e fui andando para Eric com o pacote estendido com ambas as mãos. Isto era o mais que podia fazer, sem me ajoelhar e me inclinar, coisa que faria quando o inferno congelasse. Deixei o pacote na frente dele, inclinei a cabeça e esperei que tivesse sido cerimônia suficiente e me sentei na outra cadeira para convidados.

“O que sua amiga meio-fada te trouxe, Eric?” perguntou Victor com a voz alegre que tinha quase sempre. Talvez estivesse realmente feliz, ou talvez sua mãe tinha lhe ensinado (á alguns séculos) que caçam mais moscas com mel do que com vinagre. Com algo de teatralidade, Eric desamarrou o cordão dourado e silenciosamente desdobrou o veludo. Brillante como uma jóia sobre o material preto estava a faca cerimonial que tinha visto pela última vez em Rodes. Eric tinha usado para oficializar o casamento dos reis vampiros, e o tinha usado para se cortar mais quando tinha bebido meu sangue e tinha me dado o seu em troca: a troca final, que (no meu ponto de vista) tinha causado todos os problemas. Agora Eric levantava a brilhante folha para seus lábios e a beijou.

Depois de que Victor reconhecesse a faca, não houve rastro de sorriso em sua cara. Ele e Eric se olharam em silêncio.

“Muito interessante”. Disse Victor finalmente.

De novo, tive a impressão de me afogar quando nem sequer sabia onde estava a piscina. Comecei a falar, mas podia sentir como Eric me pressionava, me dizendo que me calasse. Em assuntos de vampiros, era sábio seguir o conselho de Eric.

“Então tirarei a petição do tigre da mesa” disse Victor. “Meu mestre estava descontente porque o tigre queria ir embora. E com certeza, informarei a meu mestre sobre sua petição. Reconhecemos sua união formal com esta”.

Pela inclinação da cabeça de Victor em minha direção, sabia que eu era ‘esta’. E só conhecia um homem tigre. “Do que estão falando?” perguntei.

“Quinn pediu para te ver” disse Victor. “Mas não pode voltar ao domínio de Eric sem sua permissão. É um dos termos de nossa negociação de quando... quando Eric se converteu em nosso associado”.

Era uma bonita forma de dizer. Quando matamos os demais vampiros da Louisiana exceto Eric e seus seguidores. Quando salvou nosso rei da morte. Desejei ter um momento para pensar, afastada deste recinto onde os dois vampiros me olhavam.

“Esta nova norma se aplica só em Quinn ou a todos os super que vierem a Louisiana? Como vocês podem ser os chefes dos super? E quando começou essa nova norma?” disse a Eric, tratando de obter algo de tempo para pensar. Queria que Victor explicasse a última parte de seu pequeno discurso, também, isso da união formal, mas decidi fazer as perguntas uma a uma.

“Faz duas semanas” disse Eric, respondendo primeiro a última pergunta. Sua cara estava tranqüila; sua voz serena. “E a nova norma só se aplica aos super que estão associados com nós nos negócios”. Quinn trabalhava para o E (E) E, eu suspeitava que pertencia parcialmente aos vampiros, já que o trabalho de Quinn não era precisamente se encarregar dos casamentos e bar mitzvahs dos humanos. Quinn se encarregava do sobrenatural. “O tigre tem sido desprezado de sua parte, escutei de seus lábios. Porque deveria voltar?” Eric encolheu os ombros.

Pelo menos não tratou de suavizar dizendo ‘Pensei que talvez te incomodasse’ ou ‘Fiz por seu bem’. Não importava o vínculo que tivéssemos – e estava realmente tratando de evitar sorrir por isso – senti o pelo de minha nuca arrepiar de como Eric manejava minha vida.

“Agora que você e Eric estão unidos oficialmente” disse Victor com uma sedosa voz, “você não vai querer ver Quinn, e direi a ele”.

“Estamos o quê?”. Olhei para Eric, estava me olhando com uma expressão que só poderia descrever como desaminada.

“A faca” disse Victor, soando ainda mais alegre. “Tem grande significado. É uma faca cerimonial que tem se usado durante séculos para cerimônias importantes e sacrifícios. Não é o único, com certeza, mas é muito raro. Agora só se usa para os casamentos. Não estou certo de como Eric o tem, mas por você ter dado, e ter aceitado, só pode dizer que você e Eric estão destinados”.

“Vamos voltar e respirara” disse, ainda que soubesse que era a única pessoa do quarto que respirava. Levantei minhas mãos como se estivesse avançando para mim e quisesse detê-los. “Eric?”. Tratei de pôs tudo o que sentia em minha voz, mas uma palavra não levava tantas implicações.

“é para te proteger, querida”. Disse. Estava tratando de estar calmo, para que algo de sua calma chegasse a mim através do vínculo e diminuísse minha agitação. Mas uns poucos galões de serenidade não iam me tranquilizar. “Isto é demasiado” disse com uma voz afogada. “Isso é impossível. Como você pôde fazer sem falar comigo? Você pensava que te deixaria fazer isso sem conversar antes? Faz meses que não nos vemos”.

“Estive ocupado. Esperava que seu sentido de auto preservação te fizesse entrar em razão” disse Eric honestamente, sem tato algum. “Duvida que eu queira o que seja melhor para você?”

“Não duvido que você queira o que ache que é melhor para mim” disse. “E não duvido que isso combine com o que você acha que é bom pra você”.

Victor riu. “Te conhece bem, Eric” disse a ambos o olhamos. “Ops” disse e pretendeu fechar o zíper imaginário em sua boca.

“Eric, vou para casa. Conversaremos cedo, mas não sei quando. Estou encarregada do bar de Sam enquanto ele não está. Tem problemas familiares”.

“Mas Clancy disse que o anuncio foi bem em Bon Temps”.

“Sim, assim foi, mas a família de Sam vive no Texas, e não foi tão bem”.

Eric pareceu magoado. “Fiz o melhor que pude para ajudar. Enviei minha gente para tratar de apaziguar a gente. Fui ver Alcide pessoalmente no cassino Shamrock”.

“E correu tudo bem?” perguntei, temporariamente me desviando do tema.

“Sim, só reagiram mal uns poucos bêbados. Mas receberam bem. Uma mulher inclusive se insinuou para Alcide em sua forma de lobo”.

“Ewww” disse e me levantei pegando minha bolsa. Tinha me distraído tempo suficiente.

Eric se levantou e contornou a mesa com um movimento que foi impressionante. Então estava na minha frente, e seus braços me rodearam e me segurou contra ele. Fiquei

totalmente rígida, para evitar me relaxar em seu abraço. É complicado explicar como me sinto com o vínculo. Não importava o furiosa que estivesse com o Eric, era mais feliz quando estava com ele. Não que desejara estar com ele quando estávamos separados; era só que o podia sentir. Todo o tempo. Me perguntava se com ele acontecia o mesmo.

“Amanhã pela noite?” me disse, me soltando.

“Se puder sair. Temos muito do que falar” dediquei a Victor um ligeiro assentimento de cabeça, e fui embora. Olhei para trás para ver a faca brilhando sobre o veludo preto sobre a mesa de Eric.

Sabia como Eric tinha conseguido a faca. Tinha ficado em vez de devolver a Quinn, que era quem se encarregava do ritual entre dos vampiros, uma cerimônia que tinha visto em Rodes. Eric, quem era algum tipo de cura vampiro, tinha oficiado a cerimônia, e depois, obviamente tinha ficado com a faca se fosse útil. Como tinha tirado da caixa forte do hotel, não sabia. Talvez tinha voltado pela noite, depois da explosão. Talvez tinha enviado Pam.

Mas o tinha, e agora tinha usado para reclamar-me.

E graças a meu próprio afeto... ou calor... ou paixão pelo vampiro, tinha feito exatamente o que tinha me pedido sem perguntar ao meu sentido comum. Não sabia com que estava mais furiosa – se comigo ou com Eric.

CAPÍTULO 4

Passei uma terrível noite. Pensei em Eric e senti uma onda quente de alegria, e depois em como queria lhe dar uma porrada. Pensei em Bill, o primeiro homem com quem sai, o primeiro homem com quem perdi minha virgindade, quando lembrei de sua voz fria e seu corpo, sua calma contida e o comparei com Eric, não podia acreditar que tivesse estado com dois homens tão diferentes, especialmente depois de meu breve episódio com Quinn.

Quinn tinha sido quente em todos os sentidos, e impulsivo, e amável comigo, mas tão aterrado de seu passado, não quis compartilhá-lo comigo – coisa que, desde meu ponto de vista, tinha arruinado nossa relação. Tinha saído com Alcide Herveaux, líder da matilha, também, mas não chegou muito longe.

Sookie Stackhouse, monopolizadora de homens.

Não odeiam noites assim? Quando só pensas em todos os erros que cometeu, na dor que te provocaram, de cada coisa ruim que teve que se ocupar. Não há nada bom nisso, não tem sentido, é necessário dormir. Mas essa noite, os homens sobrenaturais rondavam minha mente, e não de uma forma boa. Quando esgotei o tema dos homens, comecei a me preocupar das responsabilidades do bar. Finalmente conseguiu dormir três horas depois de admitir que não tivesse forma em que eu pudesse destruir o negócio de Sam em uma poucos dias.

Sam ligou na manhã seguinte, quando ainda estava em casa, para me dizer que sua mãe estava melhor e que ia se recuperar. Seu irmão e sua irmã super estavam se encarregando de dizer a família de uma forma muito mais tranqüila. Don, com certeza, ainda estava na prisão.

“Se continuar melhorando, talvez possa voltar em uma par de dias”. Disse. “Ou inclusive antes. Com certeza, os médicos continuam dizendo que não acreditam no rápido que se recupera”. Suspirou. “Pelo menos não temos que esconder isso agora”.

“Como sua mãe está na parte emocional?” perguntei.

“Ainda disse que deveriam lhe soltar. E desde que falou com nós três, admite que talvez ela e Don se divorciem” disse. “Não gosta muito da idéia, mas não sei se pode se reconciliar completamente com alguém que atirou em você”.

Ainda que tivesse atendido o telefone na cama e estivesse cômoda, foi impossível voltar a dormir depois de desligar. Odiava escutar a dor de Sam em sua voz. Sam tinha suficiente do que se ocupar para lhe contar meus problemas, assim que nem sequer considerei contar sobre a faca. Teria me aliviado lhe contar meus problemas.

Estava acordada e vestida as oito da manhã, muito cedo para mim. Ainda que estivesse me movendo e pensando, me sentia tão arrugada e esmagada como mês lençóis. Desejei que alguém pudesse me esticar e me arrumar, igual fiz eu com elas. Amélia estava em casa (olhei se seu carro estava estacionado quando preparei o café) e vi que Octavia estava fechada no banheiro de baixo, se preparando para um novo dia. Todas as manhãs eram iguais em casa.

O costume foi quebrado pela campainha da porta principal. Normalmente noto pelos rangidos da terra no caminho, mas com meu cansaço mental não tinha notado.

Olhei pelo olho mágico e tinha um homem e uma mulher, ambos vestidos com trajes de negócios. Não pareciam testemunhas de Jeová nem invasores de casas. Procurei mentalmente e não encontrei nem hostilidade nem raiva, só curiosidade.

Abri a porta. Sorri alegremente. “Em que posso ajudá-los?” o ar frio roçou meus pés descalços.

A mulher que rondava os quarenta, me devolveu o sorriso. Seu cabelo marrom tinha algum rastro de cinza e levava até o queixo. O tinha penteado cuidadosamente. Levava uma camisa

preta em baixo da jaqueta, e seus sapatos também eram pretos. Levava uma bolsa preta, não parecia exatamente uma bolsa, se não uma pasta portátil.

Levantou sua mão par me cumprimentar, e quando a toquei, soube mais. Foi complicado afastar a surpresa de minha cara. “Sou do FBI de Nova Orlenas” disse, coisa que é como uma bomba para começar uma conversa. “Sou a agente Sara Weiss. Este é o agente especial Tom Lattesta do departamento de Rodes”.

“E vieram para...” mantive minha cara em branco.

“Podemos entrar? Tom veio desde Rodes para falr com você, e estamos deixando escapar o ar quente”.

“Claro” disse, mesmo que não estivesse muito segura. Tratei de saber mais sobre suas intenções, mas não foi fácil. Só podia ver que não estavam aqui para me arrastar nem nada assim.

“É um bom momento?” perguntou a agente Weiss. Implicava que não lhe importava voltar mais tarde, mesmo que soubesse que não era verdade.

“Tão bom como qualquer” disse. Minha avó teria me dedicado um severo olhar por meu comentário, mas bom, também é verdade que nunca tinha visto o FBI. Não era exatamente uma visita social.

“Tenho que ir trabalhar cedo” acrescentei, para criar uma via de escape.

“São más notícias, sobre a mãe de seu chefe” disse Lattesta. “O anuncio foi bem no bar?” por seu acento, pude notar que tinha nascido no norte da linha que separa Mason de Dixon e por seu conhecimento do paradeiro de Sam, tinha feito seu trabalho, investigar o lugar onde trabalhava.

O sentimento de nojo que tinha no estomago se acentuou. Tive tanta vontade de que Eric estivesse aqui que enjoei um pouco, e então olhei pela janela para ver o sol e só senti raiva de minha própria pena. Isto é o que acontece, disse a mim mesma.

“Ter um super ao redor faz o mundo mais interessante. Não acham?” disse. Um sorriso apareceu em minha cara, o sorriso que dizia que estava tensa. “Pegarei seus casacos. Por favor sentem-se” aponteí o sofá e sentaram. “Posso lhes trazer café ou chá?” disse, agradecendo minha vó por ter me educado assim.

“Oh” disse Weiss. “Acho que chá gelado seria muito bom. Mesmo que faça frio lá fora o bebo gelado, sempre; sou uma mulher do sul”.

Talvez demasiado, pensei. Não pensava que Weiss e eu fossemos ser muito amigas e não pensava trocar receitas de cozinha com ela. “Você?” olhei para Lattesta.

“Sim, claro” disse.

“Doce ou amargo?” Lattesta pensou que seria divertido tomar doce, e Weiss aceitou o doce para mostrar união. “Vou avisar a minha companheiras no andar de cima que temos visitas” Disse.

Falei nas escadas “Amélia! O FBI está aqui!”

“Descerei em um minuto” respondeu, não soava surpresa. Sabia que tinha estado escutando cada palavra no borde das escadas.

Então saiu Octavia com suas calças verdes favoritas e sua camiseta de manga longa, parecendo o mais digna e doce que uma velha mulher com o cabelo branco pode se ver. Octavia não tinha que sentir inveja de Rudy Dee.

“Oi” disse, se inclinando. Mesmo que parecesse a avó favorita de todo o mundo, Octavia era uma poderosa bruxa que podia fazer feitiços quase com precisão de cirurgiã. Tinha praticado toda sua vida e tinha grande habilidade. “Sookie, não nos contou que esperavas companhia, se não teríamos limpado a casa”. Octavia se inclinou um pouco mais. Levantou uma mão para apontar a imaculada sala. Nunca levaria no sul, mas estava limpo e dava para patinar.

“A mim me parece bem” disse Weiss respeitosamente. “Como eu queria que minha casa fosse assim tão limpa”. Estava dizendo a verdade. Weiss vivia com dois adolescentes, um marido e três cachorros. Senti muita pena – e talvez algo de inveja – de sua parte.

“Sookie, trarei o chá para os convidados enquanto conversam” disse Octavia com sua doce voz. “Apenas sentem e esperem”.

Os agentes se sentaram no sofá e olhavam a sala com interesse quando se virou para pegar os guardanapos e duas xícaras de chá, o gelo rangia agradavelmente. Me levantei a cadeira que estava na frente do sofá para por os descansos de copo ante eles e Octavia colocou duas xícaras em cima. Lattesta deu um longo gole. Os cantos da boca de Octavia se levantaram ligeiramente quando colocou cara de surpresa e fez o melhor que pôde para conter sua emoção.

“O que vocês queriam me perguntar?”. Momento de ir no ponto. Lhes sorri alegremente, com minhas mãos sobre meu colo, meus pés paralelos e meus joelhos juntos. Lattesta levava uma maleta e o colocou sobre a mesa de café e o abriu. Tirou uma foto e me entregou. Tinha tirado de tarde em Rodes uns meses atrás. A foto era muito clara, ainda que o ar estivesse cheio de uma nuvem de pó criada pelo tombo da Pirâmide de Gizeh. Mantive o olhar fixo na imagem, segui sorrindo, mas não pude evitar que caísse meu coração nos pés.

Na foto, Barry o recepcionista e eu estávamos de pé entre os escombros da Pirâmide, o hotel vampiro que um grupo da Irmandade do Sol tinha feito explodir em Outubro. Eu era mais visível que meu companheiro, porque Barry estava de perfil. Eu estava olhando a câmera, sem saber que estava ali, com meus olhos postos em Barry. Ambos estávamos cobertos de pó, sangue e cinzas.

“Essa é você. Srta. Stackhouse” disse Lateesta.

“Sim, sou eu” era inútil negar que a mulher da foto era eu, mas teria querido poder fazer-lo. Olhar a foto me fez sentir mal e me obrigava a lembrar demasiado claramente aquele dia.

“Então estava hospedada na Pirâmide na noite da explosão?”

“Sim”.

“Estava ali empregada por Sophie Anne Leclerq, uma mulher de negócios vampira. A chamada rainha da Louisiana”

Comecei a lhe dizer que não tinha nada de ‘chamada’ nisso, mas a descrição cubriu as palavras. “Fui com ela” disse em seu lugar.

“E Sophie Anne Leclerq sofreu várias feridas graves na explosão?”

“Suponho que sim”

“Não a viu depois da explosão?”

“Não”

“Quem é este homem que está com você na foto?”

Lattesta não tinha identificado Barry, tive que manter meus ombros rígidos para que não notassem meu alívio. Me encolhi de ombros “Chegou perto de mim depois da explosão”. Disse. “Estávamos melhor que os demais, assim que me ajudou a procurar sobreviventes”. A verdade, mas não toda a verdade. Conheci Barry meses antes de ter-lo visto na Pirâmide. Tinha estado ali com o rei do Texas. Me perguntei quanto o FBI sabia sobre a hierarquia dos vampiros.

“Como procuraram pelos sobreviventes?” perguntou Lattesta.

Era uma pergunta complicada. Naquele momento, Barry era o único telepata que conhecia. Tínhamos notado que ao juntar as mãos nosso poder para sentir aumentava e tínhamos procurado pensamentos. Respirei profundamente.

“Sou boa encontrando coisas” disse. “Parecia importante ajudar. Tinha tanta gente ferida”.

“O homem encarregado disse que vocês pareciam ter certa habilidade psíquica” disse Lattesta. Weiss olhou para seu chá para cobrir sua expressão.

“Não sou psíquica” disse, e Weiss imediatamente se sentiu decepcionada. Sentia que podia estar ante a presença de uma fraude, mas esperava que eu dissesse que era de verdade.

“O chefe Tocheck disse que lhe explicaram onde encontrar os sobreviventes. Disse que levaram as unidades de resgate até os vivos”.

Amélia desceu pelas escadas nesse momento, se via muito respeitável com seu suéter vermelho e suas calças. Nossos olhares se encontraram, esperando que visse que estava silenciosamente pedindo ajuda. Não tinha sido capaz de me negar em uma situação na que podia salvar vidas. Quando me dei conta de que podia encontrar a gente – estar com Barry resultava em boa ajuda – não pude evitar fazer. Ainda que tivesse medo de ficar exposta ante o mundo.

É complicado explicar o que vejo. Suponho que é como olhar com infravermelho ou algo assim. Vejo o calor do cérebro, posso contar a gente viva de um edifício, se tenho tempo. Os cérebros de vampiros som um buraco, uma mancha negativa; normalmente também posso contar-los. A gente morta não emite sinais. Esse dia quando Barry e eu juntamos nossas mãos, nossas habilidades se amplificaram. Podemos encontrar aos vivos e escutar os últimos pensamentos dos que morriam. Não desejo isso a ninguém. E não queria sentir de novo, nunca.

“Só tivemos sorte” disse. Isso não lhes convenceria muito.

Amélia entrou com as mãos estendidas. “Sou Amélia Broadway” disse como se esperasse que soubessem quem era ela.

Sabiam.

“Você é a filha de Copley, certo?” Weiss perguntou. “Lhe conheci umas semanas atrás em um programa da comunidade”.

“Está muito envolvido em temas da cidade” disse Amélia com um sorriso adorável. “Está metido em muitos assuntos, suponho. Papai está muito orgulhoso de nossa Sook”. Não muito sutil esperava que efetivo. Deixar minha companheira em paz. Meu pai é poderoso.

Weiss assentiu carecida. “Como terminou aqui em Bon Temps, Srta. Broadway?” ela perguntou. “Deve ser muito tranquilo, depois de Nova Orleans”.

O que uma vadia como você faz num lugar como esse? Por certo, seu pai não está aqui para te salvar.

“Minha casa foi atingida durante o Katrina” disse Amélia. Deixou aí. Não queria lhes dizer que chegou em Bon Temps antes do Katrina.

“E você, Sra. Fant?” perguntou Lattesta. “Também é uma refugiada?” não tinha deixado de pensar no tema de minhas habilidades, mas estava disposto a ser sociável.

“Sim” disse Octavia. “Estava vivendo com minha neta em más circunstâncias, e Sookie ofereceu amavelmente em me deixar um quarto”

“Como se conheceram?” perguntou Weiss, como se esperasse escutar uma apaixonante história.

“Por Amélia” disse, sorrindo felizmente.

“Amélia e você se conheceram...?”

“Em Nova Orleans” disse Amélia, cortando firmemente a pergunta.

“Quer mais chá gelado?” Octavia perguntou a Lattesta.

“Não, obrigado” disse, quase se encolhendo de ombros. Era a vez de Octavia fazer o chá, e o fazia com muito açúcar. “Srta. Stackhouse. Não sabe como entrar em contato com esse homem?” aponte para a foto.

Me encolhi de ombros. “Ambos procuramos corpos” disse. “Foi um dia terrível. Não lembro nem qual era seu nome”.

“Isso parece estranho” disse Lattesta, e pensei, oh, merda. “Já que alguém que responde a sua descrição e um homem que responde a dele compartilharam um quarto em um motel na mesma noite da explosão”.

“Bom, não tem que saber o nome de alguém para compartilhar um quarto com ele” disse Amélia racionavelmente.

Me encolhi de ombros e tratei de parecer envergonhada, coisa que não foi muito complicado. Era melhor que pensassem que era uma garota fácil em vez de ser digna de sua atenção. “Compartilhamos um momento horrível. Depois, nos sentimos muito chegados. Assim é como reagimos”. Na verdade, Barry tinha desmaiado e adormecido quase no instante. Isso era o último que tinha passado nas nossas mentes. Os dois agentes me olharam duvidosos. Weiss estava pensando que estava mentindo, e Lattesta suspeitava. Mas conhecia Barry muito bem.

O telefone tocou, e Amélia foi a cozinha rapidamente para atender. Voltou se vendo verde.

“Sookie, era Antoine em seu celular. Precisam de você lá no bar” disse. E então se dirigiu para os agentes do FBI. “Provavelmente deveriam ir com ela”.

“Porquê?” perguntou Weiss. “O que aconteceu”, já estava de pé. Lattesta estava enfiando a foto na maleta.

“Um corpo” disse Amélia. “Uma mulher foi crucificado no bar”.

CAPÍTULO 5

Os agentes me seguiram ao Merlotte's. Havia cinco ou seis carros estacionados onde terminava o estacionamento, bloqueando o acesso também para a parte de trás. Mas sai do carro e passei entre eles, e os agentes do FBI iam a meus calcanhares. Quase não acreditei, mas era verdade. Tinha uma cruz erguida no estacionamento de empregados, para as árvores, onde a terra se fazia de tumba. Um corpo estava cravado nela. Meus olhos o olharam, o corpo destorcido, o sangue seco, me fez reagir.

“Oh, não” disse, meus joelhos se dobraram.

Antoine, o cozinheiro, D'Eriq, o ajudante, estavam já ao meu lado, me levantando. A cara de D'Eriq estava marcada pelas lágrimas. Tinha estado no Iraque e em Nova Orleans durante o Katrina. Tinha visto coisas muito piores.

“Sinto muito, Sookie” disse.

Andy Bellefleur estava aí, e o xerife Dearborn. Vieram até mim, pareciam maiores em baixo de seus casacos. Suas caras mostravam sua surpresa.

“Sinto muito sobre sua cunhada” disse Bud Dearborn, mas quase não prestei atenção a suas palavras.

“Estava grávida” disse. “Estava grávida”. Isso era tudo o que podia pensar. Não me surpreendia que alguém quisesse matar Crystal, mas realmente me aterrorizava por causa do bebê.

Respirei profundamente e consegui olhar de novo. As mãos do corpo de Crystal eram garras de pantera. A parte baixa de suas pernas também tinha mudado. O efeito era ainda mais chocante e grotesco que a crucificação de uma humana normal, se era possível, era mais penosa. Os pensamentos percorreram minha mente sem sentido lógico. Pensei em quem tinha que saber que Crystal estava morta. Calvin, não era só o chefe de sua manada, mas também era seu tio. Porque deixaram Crystal aqui? Quem poderia ter feito isso?

“Ligou para Jason?” disse entre meus lábios adormecidos. Tentei botar a culpa no frio, mas sabia que era o choque. “Já deve estar no trabalho nestas horas”.

Bud Dearborn disse “Já ligamos para ele”.

“Por favor, não o façam olhar” disse. Tinha muito sangue que caia pela cruz no chão. Me deram ânsias, consegui controlar-las.

“Sei que o traiu, e que seu rompimento foi muito comentado” Bud estava tentando mostrar empatia, mas lhe custava muito esforço. Se via a raiva em seus olhos.

“Pode perguntar a Dove Beck” disse na defensiva.

Alcee Beck era o detetive do departamento de polícia de Bon Temps, e Crystal tinha decidido trair meu irmão com o sobrinho de Alcee.

“Sim, Crystal e Jason estavam separados, mas ele nunca faria algo assim para seu bebê”.

Sabia que Jason não faria nada tão terrível a Crystal sem importar quanto lhe provocara, mas também sabia que ninguém ia acreditar.

Lattesta foi andando para nós, a agente Weiss o seguia de perto. Parecia branco, mas sua voz era calma. “Pelo corpo acho que esta mulher era... uma mulher-pantera”

Assenti “Sim, senhora. Era”. Ainda tentava ganhar controle sobre meu estomago.

“Então é um crime de ódio” disse Lattesta. Sua cara estava tensa, e seus pensamentos organizados. Estava fazendo uma lista mental de ligações que tinha que fazer, e tentava pensar em quem poderia se encarregar do caso. Se o assassinato era por ódio, tinha motivos para se envolver na investigação.

“E quem são vocês?” perguntou Bud Dearborn. Tinha a mão sobre seu cinto e estava olhando Weiss e Lattesta como se fossem homens de negócios pré-enterrados.

Enquanto os que faziam cumprir a lei se apresentavam e diziam coisas profundas sobre a cena do crime, Antoine disse “Sinto muito, Sookie. Tivemos que ligar para eles. Mas ligamos depois para sua casa”.

“Claro que você tinha que chamá-los” disse. “Só desejo que Sam estivesse aqui”. Oh Deus. Tirei meu celular do bolso e disquei seu número. “Sam” disse quando atendeu. “Você pode falar?”

“Sim” disse, soava cauteloso. Notava que acontecia algo ruim.

“Onde você está?”

“Em meu carro”

“Tenho más notícias”.

“O que aconteceu? O bar pegou fogo?”

“Não, mas Crystal foi assassinada no estacionamento. Ao lado de teu trailer”.

“Oh, merda. Onde Jason está?”

“Está a caminho, pelo que eu sei”.

“Sinto muito, Sookie” soava cansado. “Isso vai ser ruim”

“O FBI está aqui. Acham que pode ser crime de ódio” pulei a explicação do por que o FBI estava em Bon Temps.

“Bom, tinha muita gente que não gostava de Crystal” disse Sam cuidadosamente, com surpresa em sua voz.

“Foi crucificada”

“Maldição!”. Uma longa pausa. “Sook, se minha mãe continuar estável e não acontece nada legal com meu pai, irei esta tarde ou amanhã pela manhã”.

“Bem”. Não pude por alívio suficiente com uma só palavra. E não tinha sentido pretender que tudo estava no controle.

“Sinto muito, querida” disse de novo. “Sinto que você tenha que se encarregar disso, sinto que Jason seja suspeito. Sinto por tudo. Também sinto por Crystal”

“Ficarei feliz em te ver” disse, e minha voz tremia pelas lágrimas incipientes.

“Aí, estarei” e desligou.

Lattesta disse “Srta. Stackhouse, estes outros são empregados do bar?”.

Lhe apresentei Antoine e D’Eriq. A expressão de Antoine não mudou, mas a de D’Eriq se via completamente impressionada por ter conhecido um agente do FBI.

“Ambos conheciam a Crystal Norris, certo?” disse Lattesta secamente.

Antoine disse “Só de vista. Vinha algumas vezes ao bar”. D’Eriq assentiu.

“Crystal Norris Stackhouse” disse. “É minha cunhada. O xerife já ligou para meu irmão. Mas terão que chamar seu tio, Calvin Norris. Trabalha em Norcross”.

“É seu familiar mais perto? Além de seu marido?”

“Tem uma irmã. Mas Calvin é o líder da...” parei, sem saber se Calvin tinha assimilado a revelação. “A criou” disse. Quase certo.

Lattesta e Weiss falaram com Bud Dearborn. Estavam conversando provavelmente sobre Calvin e a pequena comunidade que havia no final da BR. Hotshot era um conjunto de pequenas casas que tinham muitos segredos. Crystal queria escapar de Hotshots, mas também se sentia mais segura ali. Meus olhos pousaram na torturada figura. Crystal estava vestida, mas suas roupas estavam rasgadas onde seus braços se transformavam em membros de pantera, e tinha sangue por todas as partes. Suas mãos e pés, com pregos, estavam ensangüentados. As cordas a prendiam na cruz, evitavam que caísse.

Tinha visto coisas horríveis, mas esta talvez fosse à pior. “Pobre Crystal” disse, e notei que caíam lágrimas pelas minhas bochechas.

“Você não gostava dela” disse Andy Bellefleur. Me perguntei quanto tempo estava ali. Olhando o que uma vez tinha estado vivo, respirando, uma mulher saudável. As bochechas de Andy estavam vermelhar, e seu nariz também. Andy estava resfriado. Assoou o nariz e utilizou um lenço de papel. D’Eria e Antoine conversavam com Alcee Beck. Alcee era outro policial detetive de Bon Temps e isso não prometia muito. Não sentia muito a morte de Crystal. Andy me olhou de novo depois de por o lenço em seu bolso. Olhei sua cara desgastada.

Sabia que faria o melhor possível para encontrar o culpado. Confiava em Andy. O bom de Andy, quando era jovem, nunca o tinha visto alegre. Era sério e sempre tinha suspeitas. Não sabia se tinha escolhido seu trabalho ou se o tinha pego porque combinava com ele, ou se seu caráter tinha sido alterado por sua ocupação.

“Escutei que terminou com Jason” disse.

“Sim, ela o traiu”. Isto era conhecimento de todos. Não ia fingir outra coisa.

“Estando grávida e tudo?” Andy sacudiu a cabeça.

“Sim” estiquei minhas mãos. Assim é como ela era.

“Que doente” disse Andy.

“Sim, era. Traí-lo levando dentro um filho de seu marido... é especialmente desagradável”. Era um pensamento que nunca tinha dito antes em voz alta.

“Então, quem era o outro homem?” Andy perguntou casualmente. “Ou homens?”

“Você é a única pessoa de Bon Temps que não sabe que estava enrolada com Dove Beck” disse.

Desta vez ficou sabendo. Andy olhou para Alcee Beck e depois para mim outra vez. “Agora sei” disse. “Quem podia a odiar tanto, Sookie?”

“Se você está pensando em Jason, pensa outra vez. Nunca faria algo assim a seu filho”.

“Se ela era tão liberal, talvez não era seu bebê” disse Andy. “Talvez descobriu”.

“Era seu” disse o mais segura que pude. “Mas ainda que não fosse, se um teste de sangue diz que não era, não mataria o bebê de ninguém. De todo jeito, não viviam juntos. Ela se mudou com sua irmã. Porque se incomodar?”

“Porque o FBI estava em sua casa?”

Certo, assim que as perguntas iam ir por essa direção. “Tinham perguntas sobre a explosão de Rodes” disse. “Fiquei sabendo de Crystal quando estavam em minha casa. Vieram pela curiosidade profissional, suponho. Lattesta, o homem, acha que possa ser um crime de ódio, mas seja ou não, acho que deveriam investigar, não sei ainda”. Foi falar com Weiss. Lattesta estava olhando o corpo, sacudindo a cabeça, como se tivesse visto de tudo em sua vida.

Não sabia o que fazer. Estava encarregada do bar e a cena do crime estava dentro da propriedade, assim que tinha que ficar.

Alcee Beck disse “Que todo o mundo que não seja da policia vai embora da zona. Todos os policiais que não sejam essenciais, que vão ao estacionamento dianteiro”. Seu olhar posou sobre mim e apontou com seu dedo para frente. Assim que fui para meu carro. Ainda que estivesse frio, tivemos sorte de que houvesse sol e que o vento não estivesse soprando. Me inclinei sobre o carro e esperei.

O tempo passou. Olhei como vários policiais iam e vinham. Quando Holly apareceu para seu turno, lhe expliquei o que tinha acontecido e a mandei de volta para casa, lhe dizendo que a chamaria quando me permitissem abrir. Não podia pensar em nada do que fazer. Antoine e D’Eriq tinham ido embora fazia um tempo, depois de ter anotado seus números em meu celular. A camionete de Jason estacionou junto a meu carro, e saiu para ficar na minha frente. Não tínhamos conversado durante semanas, mas não era o momento de falar de nossas diferenças.

“É verdade?” perguntou meu irmão.

“Sinto muito. É verdade”.

“O bebê também?”

“Sim”.

“Alcee foi ao meu trabalho” disse ausente. “Foi perguntando à quanto tempo a tinha visto. Não falo com a mais de cinco semanas, exceto para lhe enviar dinheiro para as consultas no médico e para suas vitaminas. A vi um dia no Diary Queen”.

“Com quem estava?”

“Com sua irmã”. Respirou longo e profundamente. “Acha... que foi mau?”

Não tinha sentido ocultar-lo. “Sim” disse.

“Então sinto muito que tenha acontecido isto” disse. Não estava acostumado a expressar suas emoções, e se sentia estranho, uma combinação de pena, sofrimento e angustia. Parecia cinco anos mais velho.

“Me machucou tanto e estava tão chateado com ela, mas não queria que sofresse nem que tivesse medo. Deus sabe que não teria sido um bom pai, mas queria tentar”.

Estava de acordo com cada coisa que tinha dito.

“Você teve companhia na outra noite?” disse finalmente.

“Sim, levei Michele Schubert a casa desde Bayou” disse. O Bayou era um bar de Clarice, estava a poucos quilômetros de ali.

“Ficaram juntos toda a noite?”

“Lhe preparei ovos mexidos esta manhã”.

“Bem”. Por uma vez a promiscuidade de meu irmão era útil – Michele era uma divorciada sem filhos e também muito discreta. Se alguém poderia dizer a policia todos os detalhes do que tinha feito e onde tinha estado, Michele era a adequada.

“A policia já falou com ela” me disse Jason.

“Que rápido”

“Bud esteve no Bayou na outra noite”

Então o xerife os tinha visto ir embora e tinha anotado com quem tinha ido. Bud não tinha mantido tanto tempo seu trabalho de xerife por nada.

“Bom, isso está bem” disse, não podia pensar em nada mais que dizer.

“Você acha que a mataram por ser uma mulher-pantera?” Jason perguntou confuso.

“Talvez. Estava mudando parcialmente quando a mataram”.

“Pobre Crystal” disse. “Não teria gostado que a vissem assim”. E para minha surpresa, lágrimas correram por sua cara.

Não tinha idéia a mais mínima idéia de como reagir. Tudo o que pude fazer foi tirar um lenço de papel do carro e lhe dar. Não tinha visto Jason chorar faz muito tempo. Ele chorou quando a avó morreu? Talvez realmente tivesse amado Crystal. Talvez não tivesse sido só orgulho o que tinha feito deixá-la. Tinha preparado tudo para que seu tio Calvin e eu a pegássemos com as mãos na massa. Tinha me sentido tão chateada e furiosa de ter sido obrigada a ver – e com as conseqüências – que havia evitado Jason durante semanas. A morte de Crystal tinha deixado a um lado a raiva, pelo menos por um momento.

“Agora está longe disso” disse.

A camionete de Calvin estacionou ao outro lado de meu carro. Mais rápido do que podia ver, apareceu ao meu lado, enquanto Tanya Grissom, saia do outro lado. Havia algo estranho nos olhos de Calvin. Normalmente tinham uma cor amarelada, esses olhos agora eram quase dourados, e as íris eram tão grandes que quase não se via o branco. Suas pupilas estavam

largas. Nem sequer levava uma jaqueta. Me fazia sentir frio o olhar em mais de uma maneira.

Levantei as mãos “Sinto muito, Calvin” disse. “Você precisa saber que Jason não fez isto”. Olhei para cima, não muito longe, para olhá-lo nos olhos. Calvin estava mais cinza que quando o tinha conhecido pela primeira vez faz anos, e algo mais robusto. Ainda se via forte e pesado.

“Necessito cheirar-la” disse ignorando minhas palavras. “Eles tem que me deixar cheirar-la, saberei”.

“Venha; iremos dizer isso a eles”. Disse porque não só era uma boa idéia, se não que queria mantê-lo longe de Jason. Pelo menos Jason era suficiente inteligente para se afastar. Peguei do braço de Calvin e começamos a rodear o edifício, para parar ante as fitas dos policiais.

Bud Dearborn veio em nossa direção ao outro lado da fita quando nos viu. “Calvin, sei que estarás desfeito, mas sinto muito sobre sua sobrinha”. Começou a dizer, com um gesto rápido de unhas Calvin rasgou a fita e começou a andar até a cruz.

Antes que desse três passos os agentes do FBI se interpuseram em seu caminho. E sem ver nada estavam no chão. Houve muitos gritos, e então Calvin foi segurado por Bud, Andy e Alcee, com Lattesta e Weiss tratando de indignar-se desde suas posições.

“Calvin” disse Bud. Bud não era um homem jovem, e estava claro que segurar Calvin lhe consumia todas suas forças. “Você tem que se afastar, Calvin. Qualquer prova que peguemos se verá comprometida se não se afastar do corpo”.

Me impressionou a compostura de Bud. Esperava que batessem em Calvin com um cassetete ou uma lanterna. Em vez disso, parecia tentar se conter e ser o mais amável possível. Pela primeira vez, entendi que eu não era a única que conhecia o segredo da comunidade de Hotshot. A mão de Bud bateu amistosamente o ombro como gesto de consolação. Bud evitou tocar suas garras. O agente especial Lattesta as viu, e deixou escapar um grunhido, fazendo um incoerente som de aviso.

“Bud” disse Calvin, sua voz pareceu mais um grunhido. “Se não puder chegar perto agora, terei que cheirá-la quando a descerem. Estou tentando captar o cheiro da pessoa que fez isto”.

“Verei o que se pode fazer” disse Bud tranquilamente. “Por agora, amigo, teremos que te tirar daqui para pegar todas as provas possíveis. Você tem que se afastar dela, certo?”

Bud nunca tinha se preocupado comigo, nem eu com ele, mas nesse momento pensei bem sobre ele. Depois de um longo momento. Calvin assentiu. Parte da tensão se foi. Todo o mundo estava contendo o fôlego e afrouxaram o aperto.

Bud fixou “Ficarár na frente dela, te chamaremos. Tem a minha palavra”.

“Está bem” disse Calvin. Os agentes da lei o soltaram. Calvin me deixou rodeá-lo com meu braço. Juntos, nos viramos de novo para o estacionamento. Tanya estava esperando, cada linha de seu corpo estava tenso. Tinha as mesmas expectativas que eu: que batessem em Calvin.

“Jason não fez isto” disse de novo.

“Não me importa o seu irmão” disse virando esses estranhos olhos para mim. “Não me importa. Não acho que a matasse”.

Estava claro que pensava que minha ansiedade por Jason estava me bloqueando o verdadeiro problema, a morte de sua sobrinha. Estava claro que não apreciava isso. Tinha que respeitá-los seus sentimentos, então fiquei calada.

Tanya pegou sua mãos, com garras e tudo. “Deixaram que chegue perto?” perguntou. Seus olhos não se afastaram o olhar da cara de Calvin. Como se eu não estivesse ali.

“Quando desçam o corpo” disse.

Estaria bem se Calvin pudesse identificar o culpado. Graças a Deus que os metas tinham saído a luz. Mas... talvez por isso tinham matado Crystal.

“Você acha que conseguiria captar algum cheiro?” disse Tanya. Sua voz estava serena, tranqüila. Estava mais séria do que a tinha visto algum dia. Colocou seus braços ao redor de Calvin, e ainda que não fosse um homem alto, só chegava até o esterno. Olhou para cima.

“Poderei cheirar todas as pessoas que a tenham tocado. Posso tratar de eliminar todos. Como queria ter chegado antes”. Segurou Tanya como se necessitasse se apoiar sobre alguém.

Jason estava a uns metros, esperando que Calvin o visse. Suas costas estavam tensas, sua cara congelada. Houve um horrível silêncio quando Calvin olhou por cima do ombro de Tanya e notou a presença de Jason. Não sei como reagiu Tanya, mas cada músculo do meu corpo ficou tenso. Lentamente Calvin estendeu uma mão para Jason. Ainda que fosse de novo uma mão humana, estava obviamente maltratada. A palma estava cicatrizando e um dos dedos estava ligeiramente curvado.

Eu tinha feito isso. Eu tinha estado com Jason no casamento, e Calvin tinha feito o mesmo por Crystal. Depois de que Jason não fizera ver a infidelidade de Crystal, tivemos que estar com eles quando se pronunciou a pena: a mutilação de uma mão ou garra. Tive que esmagar a mão de meu amigo com um tijolo. Nunca tinha voltado a sentir o mesmo por Jason desde então.

Jason se inclinou e lambeu o dorso de sua mão enfatizando sua obediência. O fez de forma estranha, porque o ritual ainda era novo. Contive meu fôlego. Os olhos de Jason pousaram na cara de Calvin. Quando Calvin assentiu, todos nos relaxamos. Calvin aceitou a submissão de Jason.

“Você estará na matança do assassino” disse Calvin, como se Jason tivesse perguntado algo.

“Obrigado” disse Jason. E então retrocedeu. Se deteve quando tinha se afastado um par de metros. “Gostaria de enterrar-la” disse.

“Todos a enterraremos” disse Calvin. “Quando a devolvam” não havia uma concessão particular em sua voz.

Jason duvidou por um momento e logo assentiu.

Calvin e Tanya voltaram à camionete de Calvin. Sentaram dentro. Claramente planejavam esperar aí até que descessem o corpo da cruz.

Jason disse “Vou para casa. Não posso ficar aqui” quase parecia enjoado.

“Certo” disse.

“Você está pensando... está pensando em ficar?”

“Sim, estou encarregada do bar enquanto Sam não está”

“Ele confia muito em você” disse Jason.

Assenti. Deveria me sentir honrada. Me sentia assim.

“É verdade que seu padrasto atirou em sua mãe? É o que escutei em Bayou na outra noite”

“Sim” disse. “Ele não sabia que a mãe de Sam era, já sabes, uma metamorfa”.

Jason sacudiu a cabeça; “Isto de sair a luz” disse. “Não sei se foi uma boa idéia depois de tudo. Atiraram na mãe de Sam. Crystal está morta. Alguém que sabia isso a colocou aqui, Sookie. Talvez venham depois por mim. Ou por Calvin. Ou Tray Dawson. Ou Alcide. Talvez tentem matar a todos”.

Comecei a dizer que isso não podia ser, que a gente que conhecia não ficariam contra seus vizinhos ou amigos por terem nascido assim. Mas finalmente, não disse, porque me perguntei se seria verdade.

“Talvez façam” disse, sentindo um cubinho de gelo em minhas costas. Respirei profundamente. “Mas como não foram pelos vampiros – majoritariamente – acho que serão capazes de aceitar todo o tipo de metas. Pelo menos, isso é o que espero”.

Mel, que levava a mesma roupa diária da oficina. Saiu do seu carro e chegou perto. Notei que tentava não olhar para Calvin, ainda que Jason estava de pé ao lado da camionete da pantera.

“Então é verdade” disse Mel.

Jason disse “Está morta, Mel”

Mel bateu no ombro de Jason da estranha forma em que se consolam os homens uns aos outros.

“Venha Jason. Você não precisa ficar aqui. Vamos para sua casa. Beberemos algo, amigo”

Jason assentiu confuso “Certo, vamos”. Depois de que Jason fosse para casa com Mel atrás, entrei em meu próprio carro e olhei o jornal de dias atrás que tinha no banco traseiro. Normalmente os pego na rua quando saio do trabalho, os coloco atrás e tento ler pelo menos a primeira página em um lapso de tempo razoável. Com Sam me deixando encarregada e meu trabalho, não tive tempo de olhar as notícias desde que se fez publica a existência dos metas e lobatos. Ordenei os jornais por datas e comecei a ler.

A reação do público era variada, desde o medo até a calma. Muita gente dizia que suspeitava que no mundo tivessem mais coisas que humanos e vampiros. Os vampiros se ocultavam quase todos. Em minha experiência, os dois grupos maiores de seres sobrenaturais tinham uma má relação. Os metas e os lobatos gozavam dos vampiros, e os vampiros devolviam. Mas parecia que os seres sobrenaturais tinham concordado formar uma frente unida, pelo menos por um tempo.

As reações do governo também eram variadas. Acho que a policia dos Estados Unidos tinham treinado alguns porque eram vantajosos. Havia uma grande tendência aceitar os metas e lobatos como se fossem totalmente humanos, manter seus direitos de Americanos como antes de saber que eram de dupla-natureza. Os vampiros não podiam alegar isso, já que não tinham obtido ainda seus plenos direitos e privilégios baixo a lei. Os casamentos e heranças ainda estavam proibidos em alguns estados, e em outros ainda não tinham permitido ser donos de negócios. Em alguns cassinos negavam sua entrada, coisa que ainda não entedia, já que podiam ser policiais e bombeiros, mas também não eram aceitos os médicos vampiros que tratavam das feridas. Os vampiros também não podiam participar em competições esportivas. Isso entendia; eram muito fortes. Mas havia esportistas que tinham ancestrais meio-sobrenaturais, porque os esportes são naturais para eles. No exercito, estava cheio de homens e mulheres cujos avôs tinham uivado na lua cheia. Havia inclusive sobres de puro sangue que serviam, ainda que fosse uma ocupação muito complicada para gente que tinha que se ocultar três dias ao mês.

As páginas de esporte mostrava imagens de alguns sobrenaturais que eram famosos. Um corredor dos Pátrios de Nova Inglaterra, um jogador dos Cardinals, uma maratonista... todos tinham confessado ser de dupla-natureza de um tipo ou de outro. Um nadador olímpico que tinha descoberto que seu pai era um meta-foca, e a tenista número um do Reino Unido que havia confessado que sua mãe era uma meta-leopardo. Os esportes nunca haviam se visto afetados desde o último escândalo de drogas. A herança desses atletas lhes dava vantagem que os demais? Deveriam tirar seus troféus que tinham ganhado? Lhes deveriam deixar participar? Outro dia, talvez gostaria de debater com alguém, mas agora mesmo não me importava.

Comecei a fazer uma idéia geral. O descobrimento dos de dupla-natureza era uma revelação muito diferente que a dos vampiros. Os vampiros estavam completamente fora do mundo dos humanos, exceto em lendas e fantasias. Tinham vivido separados. Desde que podiam viver a base de sangue sintético japonês, sua presença não era ameaçadora. Mas os metas e lobisomens viviam entre nós todo o tempo, integrados em nossa sociedade e mantendo em segredo suas vidas e alianças. Algumas vezes inclusive seus filhos (os que não eram primogênitos e por tanto não sobre) não sabiam que seus pais eram, especialmente se não eram lobos.

“Me sinto traída” dizia uma mulher. “Meu avô se converte em lince todos os meses. Corre e mata coisas. Minha maquiadora, que conheço desde meus quinze anos, é um coiote. E não sabia! Sinto que fui traída”.

Muita gente pesava que era fascinante “Nosso diretor é um meta-lobo”. Dizia um garoto de Springfield, Missouri. “Não acha alucinante?”

O fato da mera existência dos sobrenaturais assustava muita gente “Tenho medo de atirar em meu vizinho por acidente se o vejo trotando pela rua” dizia um granjeiro em Kansas. “E se vem pelas minhas galinhas?”

Muitas igrejas predicavam sobre os sobre “Não sabemos o que pensar” dizia um padre do Vaticano. “Estão vivos, estão entre nós. Devem ter alma. Inclusive alguns padres são metas e outros lobisomens”. Os mais fundamentalistas estavam iguais. “Nos preocupamos com Adam e Steve” dizia um batista. “Deveríamos ter nos preocupado mais por Rover e Fluffy?”

Enquanto eu tinha vivido não inófia , o inferno tinha se desamarrado. Era mais compreensível entender porque minha cunhada pantera tinha terminado em uma cruz na frente de um bar regido por um sobrenatural.

CAPÍTULO 6

Quando tiraram os pregos de suas mãos e pés, o corpo de Crystal voltou a ser completamente humano. Olhei atrás da fita que rodeava a cena do crime. Este processo chamou a atenção de todo o mundo. Inclusive Alcee Beck estremeceu. Já estava horas esperando, tinha lido todos os jornais duas vezes, tinha encontrado uma novela no porta-luvas e já tinha lido um terço dela, havia tido uma breve conversa com Tanya sobre a mãe de Sam. Depois de termos ficado em dia, falamos sobre Calvin. Descobri que agora viviam juntos. Ela tinha conseguido um trabalho em tempo parcial no escritório de Norcross, fazendo algo com papeladas. Ela gostava de trabalhar de dia.

“E não tenho que estar todo o dia de pé” disse.

“Soa bem” disse educadamente, ainda que odiasse esse tipo de trabalhos. Trabalhar todos os dias com a mesma gente? Chegaria a conhecê-los muito bem. Não seria capaz de permanecer afastada de seus pensamentos, e chegaria um ponto no qual me afastaria porque saberia muitas coisas. No bar, sempre vinha gente diferente para me distrair.

“Como foi a grande revelação?” perguntei.

“Contei em Norcross no dia seguinte” disse. “Quando souberam que era uma meta-raposa, acharam gracioso” parecia infeliz. “Porque os grandes animais ficam com todo o crédito? Respeitam Calvin. E eu, eles tiram sarro e fazem piadinhas sobre rabos peludos”.

“Não é justo” disse, tentando não sorrir

“Calvin está completamente louco por causa de Crystal” disse Tanya. “Era sua sobrinha favorita. Se sentiu muito triste quando notou que era uma má metamorfa. E sobre os bebês”. Crystal o produto de vários cruzamentos de mesmo sangue, tinha problemas sérios para se transformar em pantera e para voltar a ser humana outra vez. Também tinha tido muitos abortos. O único motivo pelo que a tinham deixado casar com Jason era porque era obvio que nunca seria capaz de ter um filho puro sangue.

“Talvez perdeu o bebê antes do assassinato, ou abortou no ocorrido” disse. “Talvez quem fez isto, não sabia”.

“Gostava de fazer alardes, mas não tanto”. Disse Tanya assentindo com a cabeça. “Era muito estranha com sua comida, porque queria manter sua forma” sacudiu a cabeça amargamente. “Mas sério, Sookie, realmente importa se o assassino sabia ou não? O final vem a ser o mesmo. O bebê está morto, e Crystal também, morreu aterrorizada e sozinha”.

Tanya tinha razão.

“Você acha que Calvin poderá rastrear o cheiro de quem fez?” perguntei.

Tanya pareceu incomoda. “Há muitos cheiros” disse. “Não sei como poderá distingui-los. E olha, todos estão tocando nela. Alguns estão de luvas, mas também cheiram, você sabe. Está vendo, Mitch Norris está ajudando a descê-la, e é um dos nossos”.

“Como Calvin distinguirá?”. “Além disso, talvez seja um deles” disse, assentindo para o grupo que tinha se reunido ao redor da mulher morta. Tanya me olhou detalhadamente.

“Você está querendo dizer que talvez a lei está envolvida?” disse. “Você sabe de algo?”

“Não” disse, arrependida de ter aberto a boca. “É só que... não sabemos nada. Suponho que estava pensando em Dove Beck”.

“É com quem estava na cama esse dia?”

Assenti. “Esse cara grande aí... O do traje preto. Esse é o primo de Alcee”.

“Você acha que pode ter algo haver?”

“Não acho” disse. “Só estava... especulando”.

“Tenho certeza que Calvin também terá pensado nisso”. Disse ela. “Calvin é muito aguçado”.

Assenti. Não tinha nada chamativo sobre Calvin, e não tinha ido a universidade (eu também não), mas não tinha nada ruim em sua cabeça. Bud fez um sinal a Calvin e este saiu de sua camionete e foi até o corpo, que tinha sido colocado em uma bolsa para cadáveres. Calvin chegou perto do corpo, com as mãos sobre as costas para não tocar-la.

Todos olhamos, alguns com desgosto, outros com interesse ou indiferença, até que terminou. Se endireitou, girou e foi de novo para sua camionete. Tanya saiu de meu carro para encontrar com ele. Colocou seus braços ao seu redor e o olhou. Sacudiu sua cabeça. Desci a janela para poder escutá-los.

“Não conseguiu pegar muito bem” disse. “Tinham muitos cheiros, cheirava a pantera morta”.

“Vamos para casa Calvin” disse Tanya.

“Certo” ambos levantaram uma mão para me dizer que iam embora e então fiquei sozinha no estacionamento, esperando. Bud me pediu que abrisse a porta de empregados. Lhe dei as chaves. Voltou depois de uns minutos para me dizer que a porta estava trancada e não tinha sinais de que alguém tivesse tentado entrar no bar desde que tranquei ontem. Me devolveu as chaves.

“Então podemos abrir?” perguntei. Uns poucos carros de policia tinham ido embora, o corpo também, e parecia que todo o processo estava terminado. Estava desejando esperar se podia entrar no edifício pronto.

Mas depois de que bus me disse que passariam ali duas ou três horas, decidi ir para casa. Falei com todos os empregados que consegui localizar, e qualquer cliente veria que tinha uma fita policial rodeando o bar e que estava fechado. Estava perdendo o tempo. Meus agentes do FBI, que tinha passado horas colados aos celulares, pareciam agora mais preocupados pelo crime que por mim, coisa que era genial. Talvez esqueceriam de mim.

Como ninguém parecia querer me vigiar ou o que eu fazia, liguei o carro e fui embora. Não tive vontade de dar voltas. Fui diretamente para casa. Amélia tinha ido trabalhar na agência de seguros, mas Octavia estava em casa. Tinha colocado a tábua de passar roupa em seu quarto. Estava passando uns jeans que tinha cortado e tinha uma montanha de camisas prontas para passar. Suponho que não tinha nenhum feitiço para tirar os amassados. Me ofereci levá-la ao centro, mas disse que a viagem do dia anterior com Amélia tinha lhe servido para arrumar alguns assuntos. Me convidou para sentar em sua cadeira de madeira perto de sua cama enquanto trabalhava.

“O tempo passa mais rápido se tem alguém com quem falar” disse e soava tão sozinha que me senti culpada.

Lhe contei como tinha sido minha manhã, sobre as circunstâncias da morte de Crystal. Octavia tinha visto coisas ruins em sua época, então não se assustou. Respondeu adequadamente e mostrou sua surpresa, mas realmente não tinha chegado a conhecer Crystal. Podia notar que tinha algo em mente. Octavia deixou o ferro e se moveu para ficar na minha frente.

“Sookie” disse. “Tenho que conseguir um trabalho. Sei que sou uma carga para Amélia e para você. Antes pegava o carro de minha neta durante o dia quando ela trabalhava pelas noites, mas desde que me mudei para cá, tive que pedir a vocês que me levem. Sei que é incomodo. Limpei a casa de minha neta e ajudei cozinhando, cuidando de seus filhos, mas você e Amélia são tão limpas que quase não posso ajudar”.

“Fico feliz que esteja aqui, Octavia” disse, não era totalmente sincera. “Me ajudou de muitas formas. Lembra quando tirou Tanya de cima de mim? E agora parece estar apaixonada por Calvin. Assim que não me incomodará mais. Sei que você se sentirá melhor se pudesse trabalhar, mas aparecerá algo. Enquanto isso, aqui você está bem. Já pensaremos em algo”.

“Liguei para meu irmão de Nova Orleans” disse ante meu assombro. Não sabia que tinha um irmão vivo. “Disse que minha companhia de seguros decidiu me pagar. Não é muito, mas servirá para comprar um carro de segunda mão. Mas não tenho nada para o quê voltar. Não vou reconstruir tudo, e não há muitos lugares que me possa permitir”.

“Sinto muito” disse “Queria fazer algo, Octavia. Melhorara as coisas”.

“Já me ajudou muito” disse. “Estou muito agradecida”.

“Oh, por favor” disse, me sentindo miserável. “Não me agradeça. Agradeça a Amélia”

“Tudo o que sei é fazer magia” disse Octavia. “Fico muito feliz de te ajudar com Tanya. Ela lembra de algo?”

“Não” disse. “Não acho que lembre nada sobre Calvin a trazendo aqui ou sobre o feitiço. Nunca serei sua melhor amiga, mas pelo menos não tenta estragar minha vida”. Tanya tinha sido enviada por uma mulher chamada Sandra Pelt para me sabotar. Já que Calvin parecia ter se atraído por Tanya, Amélia e Octavia tinham feito algo de magia para eliminar a influência de Sandra. Tanya ainda parecia áspera, mas assim é como ela era, supus.

“Você acha que deveríamos fazer uma reconstrução para ver se podemos descobrir quem foi o assassino de Crystal?” disse Octavia.

Pensei profundamente. Tentei de imaginar uma reconstrução ectoplasmática no estacionamento do Merlotte’s. Tínhamos que encontrar pelo menos mais uma bruxa, pensei, porque era uma grande zona, e não estava segura de que Octavia e Amélia poderiam fazer sozinhas. Ainda que provavelmente pensariam que poderiam.

“Temo que nos veriam” disse finalmente. “E isso seria ruim para você e Amélia. Além disso, não sabemos onde foi o verdadeiro lugar do crime. E faz falta fazer isso, certo? O lugar da morte?”

Octavia disse “Sim. Se não morreu no estacionamento, não adiantará muito”. Não pensava que poderia agüentar outra reconstrução ectoplasmática, de todo jeito. Tinha visto duas. Ver como os mortos – esbranquiçados, mas com forma reconhecível – refaziam os últimos minutos de suas vidas era terrivelmente espantoso e uma experiência deprimente.

Octavia continuou passando roupa, e fui para a cozinha esquentar uma sopa. Tinha que comer algo, e abrir uma lata era o máximo esforço que podia fazer. As horas que passaram foram horríveis. Não escutei nada de Sam. A polícia não me disse se poderia abrir o bar. Os agentes do FBI não voltaram para me fazer mais perguntas. Finalmente decidi dirigir até Shreveport. Amelia tinha voltado do trabalho, e ela e Octavia estavam fazendo o jantar quando sai de casa. Era uma cena caseira; estava muito cansada para me juntar a elas.

Pela segunda vez em muitos dias, fui ao Fangtasia. Não pensei. Escutei musica gospel no caminho e as orações me ajudaram a me sentir melhor sobre os eventos do dia de hoje. Quando cheguei, era noite fechada, ainda que fosse muito cedo para que o bar estivesse cheio. Eric estava sentado em uma das mesas da sala principal, me dando as costas. Estava bebendo True Blood e conversando com Clancy, que estava em baixo de Pam, achava. Clancy me olhava, e fez um gesto ao me ver andar para a mesa. Clancy não era muito meu fã. Como era um vampiro, não podia saber porquê, simplesmente pensei que não gostava de mim.

Eric virou para me ver, e levantou uma sobrancelha. Disse algo a Clancy, quem se levantou e foi para o escritório. Eric esperou que me sentasse na sua mesa.

“Olá, Sookie” disse. “Você veio para me dizer como está braba por nosso acordo? Ou está pronta para ter uma longa conversa que tanto propomos?”

“Não” disse. Nos sentamos um bom tempo em silêncio. Me sentia cansada, mas estranhamente tranquila. Deveria fazer Eric se sentir mal pelo acordo, pela petição de Quinn e pela faca. Deveria estar lhe fazendo mil perguntas... mas não podia juntar o valor necessário. Só queria estar sentada a seu lado.

Havia música tocando: alguém tinha ligado o som e colocado na rádio vampira, KDED. The Animals cantavam ‘The Night’. Quando terminou sua bebida só ficou um resíduo vermelho nos lados da garrafa. Eric colocou sua fria mão sobre a minha.

“O que aconteceu com você hoje?” perguntou, com a voz tranquila.

Comecei a lhe contar, começando com a visita do FBI. Não me interrompeu para fazer perguntas. Inclusive quando terminei minha história com a retirada do corpo de Crystal, não falou durante um tempo.

“Inclusive para se você, é um dia complicado, Sookie”. Disse finalmente. “E quanto a Crystal, não acho que a tenha conhecido, mas parece não ter valor nenhum”. Eric não era conhecido por ser amável. Ainda que gostasse disso, também me alegrava de que não fosse contagioso.

“Não sei se era de valor” disse. “Ainda que tivesse que admitir, se tivesse que escolher a uma pessoa para ir a uma ilha deserta, ela não teria estado na minha lista”.

A boca de Eric esboçou um sorriso.

“Mas” acrescentei. “Estava grávida, essa é a coisa, e o bebê era de meu irmão”.

“As mulheres grávidas valiam o dobro quando as matavam em mina época”. Disse Eric.

Nunca tinha dito muita informação sobre sua vida antes de ter sido transformado. “O que quer dizer com valia?”

“Na guerra. Ou com os estrangeiros, podíamos matar quem quiséssemos” disse. “Mas nas brigas entre nós, tínhamos que pagar com prata quando matávamos a um dos nossos” parecia estar tentando de lembrar algo. “Se a pessoa morta fosse uma mulher com filhos, o preço era o dobro”.

“Que idade você tinha quando casou? Você teve filhos?”. Sabia que Eric foi casado, mas não sabia nada mais de sua vida.

“Os garotos eram homens aos doze anos” disse. “Me casei aos dezesseis. O nome de minha mulher era Aude. Aude tinha... Tivemos... seis filhos”.

Segurei o folego. Podia notar que estava pensando no longo lapso de tempo que tinha pasado entre seu presente – um bar em Shreveport, Louisiana – e seu passado – uma mulher morta faz mais de cem anos.

“Sobreviveram?” perguntei silenciosamente.

“Três sim” disse, e sorriu. “Dois garotos e uma garota. Dois morreram ao nascer. E com a sexta criança, Aude morreu também”.

“Do quê?”

Encolheu de ombros. “Ela e o bebê tiveram febre. Suponho que foi algum tipo de infecção. Então, a gente adoecia, quase todos morriam. Aude e o bebê morreram em escasas horas um do outro. Os enterrei em uma linda tumba”. Disse orgulhoso. “Minha esposa tinha um broche no vestido, e coloquei o bebê sobre seu peito”.

Nunca tinha soado menos moderno que agora. “Que idade você tinha então?”

Pensou. “Estava com vinte e poucos” disse. “Talvez vinte e três. Aude era mais velha. Tinha sido a mulher de meu irmão mais velho e quando morreu na guerra, tive que me casar com ela para que nossas famílias continuassem unidas. Mas sempre gostei dela, e estava disposta. Não era uma mulher idiota; tinha perdido dois filhos de meu irmão, e ficou feliz de ter mais vivos”.

“O que aconteceu com seus filhos?”

“Quando me converti em vampiro?”

Assenti. “Não podiam ser muito velhos”.

“Não, eram pequenos. Aconteceu pouco depois da morte de Aude” disse. “Sentia sua falta, sabe, e precisava de alguém para cuidar das crianças. Mas então não haviam babás”. Riu. “Tive que assaltar uma casa. Tinha que me assegurar de que os escravos faziam o que deviam no campo. Então precisava de outra esposa. Uma noite fui visitar a família de uma jovem esperando que se cassasse comigo. Vivia um par de quilômetros de mim. Tinha muitas posses e meu pai era importante, e era um lindo homem e um bom caçador, assim que era um bom partido. Seus irmãos e seu pai se alegraram de me conhecer e ela parecia... agradável. Tentei conhecê-la um pouco. Passamos uma boa tarde. Tinha esperanças. Mas bebi muito, e no caminho para casa...”. Eric parou e vi como seu peito se movia. Lembrando seus últimos momentos como humano, tinha respirado profundamente. “Era lua cheia. Vi um homem ferido deitado na rua. Normalmente teria procurado o agressor, mas estava bêbado. Me inclinei para ajuda-lo; você pode imaginar o que aconteceu depois”.

“Não estava ferido de verdade”.

“Não. Mas eu sim, pouco depois. Ele tinha muita fome. Seu nome era Appius Livius Ocella”. Eric sorriu, mas sem muito humor. “Me ensinou muitas coisas, e o primeiro foi não chama-lo de Appius. Disse que não o conhecia o suficiente”.

“O segundo?”

“Como poderia conhece-lo”

“Oh”. Entendi ao que se referia.

Eric encolheu seus ombros. “Não foi tão ruim... uma vez deixamos a zona que eu conhecia. Com o tempo, passei a ver meus filhos e minha casa. Nunca tinha estado longe de minha gente. Meu pai e minha mãe ainda estavam vivos. Sabia que meus irmãos e irmãs cuidariam de meus filhos e tinha deixado o suficiente para que não fossem uma carga. Me preocupava, com certeza, mas havia solução. Tinha que ficar longe. Naqueles dias, nas pequenas cidades, qualquer estrangeiro chamava atenção, e se chegava perto de onde eu vivia antes, me reconheceriam e me caçariam. Sabiam o que eu era, ou pelo menos que era... diferente”.

“Aonde vocês foram?”

“Fomos as cidades maiores que encontramos, antes havia poucas. Viajamos todo o tempo, perto das Brs para poder caçar viajantes”.

Estremeci. Era doloroso imaginar Eric, tão exuberante e elegante, se movendo pelo bosque em busca de sangue fácil. Era horrível pensar nas pobres pessoas que emboscavam.

“Não foi tanta gente” disse. “A gente notava que seus vizinhos desapareciam. Tínhamos que seguir nos movendo. Os jovens vampiros ficam esfomeados; no começo, inclusive matei sem querer”.

Respirei profundamente. Isso era o que os vampiros faziam; quando eram jovens, matavam. Não havia substitutos para o sangue humano então. Era matar ou morrer.

“Era bom com você? Appius Livius Ocella?” como poderia ser, estar sempre com o cara que te matou?

“Me ensinou tudo o que sei. Havia estado na região, e era um lutador, como eu, e tínhamos isso em comum. Mas quando se é um vampiro novo, qualquer coisa sexual parecia excitante, eu até cheguei a desfrutar... com o tempo”.

“Você teve que ceder” disse.

“Oh, ele era muito mais forte... ainda que eu fosse maior que ele – mais alto, braços mais longos. Ele era vampiro fazia séculos, tinha perdido a conta. E com certeza, era meu criador. Tinha que obedecê-lo”. Eric encolheu seus ombros.

“É algo místico ou é uma regra criada?” perguntei, a curiosidade tirava o melhor de mim. “Ambas as coisas” disse Eric. “É um impulso. É impossível resistir, inclusive quando você quer... inclusive quando você quer fugir”. Sua cara branca estava perto.

Não podia imaginar Eric fazendo algo que não quisesse, ser servil ou submisso. Com certeza, agora tinha um chefe; não era autônomo. Mas não tinha que se inclinar e suplicar, e tomava quase todas suas decisões.

“Não consigo imaginar” disse.

“Não gostaria que fizesses”. Sua boca fez uma careta, uma amarga expressão. Quando começava a captar a ironia disso, já que tinha se casado comigo ao estilo vampiro sem me perguntar, Eric mudou de tema, fechando a porta de seu passado. “O mundo mudou muito desde que fui humano. Os últimos cem anos foram muito excitantes. E agora que os lobisomens saíram a luz, e os metas. Quem sabe? Talvez as bruxas e fadas façam também” sorriu pra mim, ainda que fosse um sorriso rígido.

Sua idéia me fez imaginar vendo meu bisavô Niall algum dia. Fazia poucos meses que sabia de sua existência, e não tínhamos passado muito tempo juntos, mas saber que tinha um ancestral com vida era importante para mim. Éramos muito poucos. “Isso seria genial” disse desejosa.

“Meu amor, isso nunca acontecerá” disse Eric. “As fadas são as criaturas mais secretas de todos os sobrenaturais. Não restam muitos no país. De fato, não há muitos em todo o mundo. O número de fêmeas, e a fertilidade dos machos, baixam a cada ano. Seu bisavô é um dos poucos sobreviventes de sangue real. Nunca se rebaixaria a tratar com humanos”.

“Fala comigo”. Disse, porque não estava segura do que queria dizer com tratar.

“Compartilhas de seu sangue” Eric fez um gesto com a mão. “Se não fosse assim, nunca terias o visto”.

Bem, não, Niall não ia passar no Merlotte’s para tomar algo e dar a mão a todo mundo. Olhei para Eric descontente. “Como queria que ajudasse ao Jason” disse. “Nunca pensei que diria isso. Niall não parece gostar muito de Jason, mas Jason vai ter muitos problemas com a morte de Crystal”.

“Sookie, se está me pedindo minha opinião, te direi que não sei porque mataram Crystal”. E realmente não lhe importava. Pelo menos com Eric, sabias onde estavas.

De fundo o DJ disse “Agora, Thom Yorke com ‘And it rained all night’”. Enquanto Eric e eu estávamos conversando, os sons do bar haviam silenciado. Agora voltaram de uma vez.

“A policia e os seres-pantera, encontraram quem fez isso” disse ele. “Me preocupam mais os agentes do FBI. O que queriam? Queriam te levar com eles? Podem fazer isso neste país?”

“Queriam identificar Barry. Depois descobririam o que Barry e eu podemos fazer, e como fazemos. Talvez queriam que trabalhássemos para eles, e a morte de Crystal interrompeu nossa conversa antes que pudessem dizer algo”.

“E você não quer trabalhar para eles”. Os brilhantes olhos azuis de Eric estavam fixos sobre mim. “Não quer sair daqui”.

Tirei minha mão de debaixo da sua. Olhei como minhas mãos se juntavam. “Não quero que a gente morra porque não pude ajudar” disse. Senti como meus olhos se enchiam de lágrimas. “Mas sou suficientemente egoísta para não ir aonde queiram me mandar, tentando buscar gente morrendo. Não suportaria ver esse horror todos os dias. Não quero sair de casa. Tentei imaginar como seria, o que me fariam fazer. E me dá medo”.

“Quer ser dona de sua própria vida”. Disse Eric.

“O mais que possa”

“Bem quando pensava que você é muito simples, diz algo complexo” disse Eric,

“Você está se queixando?” tratei de sorris, falhei.

“Não”

Uma grande garota de mandíbula fina veio pedir um autógrafo para Eric em um livro. “Por favor, poderia autografar meu livro?” disse ela. Eric dedicou um sorriso e escreveu algo em uma página em branco. “Obrigada”. Disse quase sem fôlego, e foi para sua mesa. Suas amigas, suficientemente mais velhas para estar em um bar, animavam sua valentia e se inclinou para frente, lhes dizendo como tinha sido seu encontro com o vampiro. Quando terminou, uma das garçonetes humana chegou a sua mesa e pegou seu pedido de bebidas, estavam bem treinadas.

“O que ela está pensando?” Eric me perguntou.

“Oh, estava muito nervosa e pensou que você é adorável, mas...” tentei colocar em palavras. “Não lindo da forma em que fosse real para ela, porque nunca pensaria poder estar com você. É muito... não tem uma boa auto-estima”.

Tive um desses pensamentos. Eric andaria para ela, se inclinaria, a beijaria na bochecha, ignorando suas amigas mais lindas. Esse gesto faria que todos os homens do bar prestariam atenção nela e se perguntariam o que ela tinha que não podiam ver. De fato a garota normal seria abrumada pela atenção de todos os homens. Suas amigas a respeitariam porque Eric tinha feito. Sua vida mudaria.

Mas nada disso aconteceu, claro. Eric se esqueceu da garota tão cedo como deixei de falar. Não pensava que funcionasse como em minha fantasia, ainda que chegasse perto dela. Senti uma onda de decepção como quando os contos de fada não acontecem de verdade. Me perguntei se as fadas contavam a seus filhos contos de humanos. Apostava que não.

Senti um momento de desconexão, como se estivesse de pé olhando minha própria vida de longe. Os vampiros me deviam dinheiro e favores por meus serviços. Os lobisomens tinham me declarado amiga da matilha para me ajudar durante a recém concluída guerra. Estava

unida a Eric, o que parecia querer dizer que estávamos comprometidos ou inclusive casados. Meu irmão era um homem-pantera. Meu bisavô era uma fada. Me levou um momento tirar de mim mesma de novo para voltar a minha própria pele. Minha vida era muito estranha. Tinha a sensação de estar de novo fora de controle, como se estivesse girando muito rápido para poder parar.

“Não fale com o FBI sozinha” disse Eric. “Me chame se for de noite. Chame Bobby Burnham se forem de dia”.

“Mas ele me odeia!” disse voltando de novo a realidade “Porque iria chamá-lo?”

“O quê?”

“Bobby me odeia” lhe disse. “Adoraria que os federais me trancafiassem em algum buraco em Nevada para o resto de minha vida”.

Eric me olhou com o rosto congelado. “Ele disse isso?”

“Não teve que fazer-lo. Posso notar quando alguém pensa que sou idiota”.

“Vou ter que falar com Bobby”.

“Eric, não vai contra a lei que alguém odeie outro alguém” lhe disse, lembrando o perigoso que poderia ser se queixar para um vampiro.

Riu. “Talvez faça com que vá contra a lei” disse brincando, seu acento mais forte do que de costume. “Se você não pode contar com Bobby – e estou absolutamente seguro de que te ajudará, debes chamar ao Sr. Cataliades, ainda que ele esteja em Nova Orleans”.

“Como ele está?”. Não o tinha visto ou escutado nada sobre o advogado meio demônio desde o colapso do hotel vampiro em Rhodes.

Eric assentiu “Não poderia estar melhor. Agora representa os interesses de Felipe de Castro em Louisiana. Te ajudaria se pedisse. Ele gosta muito de você”

Armazenei a informação para refletir mais tarde. “Sua sobrinha sobreviveu?” perguntei “Diantha?”

“Sim” disse Eric. “Ficou enterrada durante doze horas, e a equipe de resgate sabia que ela estava ali. Mas havia vigas sobre o lugar onde estava presa, e levou muito tempo para tirá-las. No final cavaram para tirá-la”.

Me alegrei de escutar que Diantha estava viva. “E o advogado, Johan Glassport?” perguntei. “Tinha alguns hematomas me contou o Sr. Cataliades”.

“Se recuperou completamente. Pegou seus honorários e logo desapareceu nas profundidades de Méjico”.

“A ganância de Méjico é a perda de México” lhe disse. Encolheu os ombros “Acho que se necessita um advogado para obter seu dinheiro quando o arrendatário está morto. Eu nunca consegui o meu. Talvez Sophie Anne pensou que Glassport tinha feito algo mais por ela, ou teve vontade de perguntar apesar de ter perdido suas pernas”.

“Não sabia que não tinha recebido”. Eric parecia chateado de novo. “Vou falar com Victor. Se Glassport cobrou por seus serviços a Sophie, você também deverias. Sophie deixou uma importante herança, e não tinha filhos. O rei Victor te deve dinheiro. Ele te escutará”.

“Isso seria ótimo” disse, talvez soei demasiado aliviada.

Eric me olhou bruscamente “Sabes” disse “que se precisar de dinheiro, você só tem que me pedir. Não vou deixar que te falte nada de que precisas, e te conheço o suficiente para me assegurar de que não me pedirás dinheiro para algo frívolo”.

Quase não sou como se fosse algo admirável “Agradeço a oferta” disse e pude escutar minha voz ficar tensa. “Só quero o que me devem”.

Houve um longo silêncio entre nós, ainda que o bar estivesse em seu habitual nível de ruído ao redor da mesa de Eric.

“Me diga a verdade” disse Eric. “É possível que você tenha vindo aqui simplesmente para passar tempo comigo? Ainda não me disse o chateada que estás comigo por ter te enganado com a faca. Pelo que parece, você não vai fazer, pelo menos não esta noite. Ainda não te contei minhas lembranças do tempo que passamos juntos quando me escondia em sua casa. Sabes porque terminei tão perto de tua casa, correndo pela rua no frio?”

Sua pergunta foi tão inesperada que fiquei em silêncio. Não estava segura se queria saber a resposta. Mas finalmente disse “Não, não sei”.

“A maldição que estava dentro da bruxa, a que se ativou quando Clancy a matou... era que eu poderia estar perto do que mais desejasse sem perceber isso. Uma terrível maldição e que Hellow deve ter feito com grande sutileza. O encontramos em seu livro de feitiços”.

Não tinha nada que dizer. Mas, com certeza, pensaria nisso.

Era a primeira vez que tinha ido ao Fangtasia simplesmente para conversar, sem ter sido chamada por algum motivo de vampiros. Era o vínculo de sangue ou algo muito mais natural? “Acho... que só queria companhia” disse. “Não tive nenhuma revelação”.

Ele sorriu “Isso é bom”.

Não sabia se era ou não.

“Você sabe que não estamos realmente casados, certo?” lhe disse. Tinha que dizer algo, por muito que quisesse esquecer o ocorrido. “Sei que os vampiros e os seres humanos podem se casar agora, mas isso não é uma cerimônia que eu aceite, nem o estado de Louisiana”.

“Sei que se não tivesse feito, agora você estaria sentada em um pequeno quarto de Nevada, escutando Felipe de Castro, enquanto fazia negócios com seres humanos”

Odeio quando minhas suspeitas são corretas. “Mas salvamos ele” disse, tratando de não choramingar. “Eu salvei sua vida, e ele me prometeu sua amizade. O que significa que me dava sua proteção, isso pensava”.

“Ele quer te proteger enquanto estiver ao seu lado, agora que sabe o que você pode fazer. Ele quer ter influencia sobre mim, e assim seria se te tivesse”.

“Algo de gratidão. Deveria ter deixado que Sigebert o matara”. Fechei meus olhos. “Mais que merda, não consigo seguir para frente”.

“Ele não pode te ter agora” disse Eric. “Estamos casados”.

“Mas, Eric...” me ocorreram tantas coisas neste acordo que nem se quer pude começar a dizer-las. Tinha me prometido que não discutiria sobre isto nesta noite, mas o tema parecia um gorila de seiscentos quilos. Simplesmente não poderia ser ignorado. “O que acontece se encontro outra pessoa? O que aconteceria se...? Ei, quais são as regras de estar oficialmente casados? Só me diga”.

“Você tá muito chateada e cansada esta noite para ter uma conversa racional” disse Eric.

Ele afastou de novo seu cabelo sobre seus ombros, e uma mulher de uma mesa perto disse”Oooooooh!”

“Entenda, ele não pode te tocar agora, ninguém pode a não ser que me peçam primeiro. Baixo pena de morte. E aqui é onde minha crueldade servirá a nós dois”.

Respirei profundamente “Muito bem. Você tem razão. Mas este não é o final da conversa. Quero saber tudo sobre nossa nova situação, e quero saber se posso cancelá-lo se não suportar”.

Seus olhos azuis pareceram um céu claro de outono e inocentes. “Saberás tudo quando você queira” disse.

“Eric, o novo rei sabe algo sobre meu bisavô?”

A cara de Eric se converteu para pedra. “Não posso predizer a reação de Felipe se soubesse, meu amor. Bill e eu somos os únicos que sabemos. Tem que seguir assim”.

Se acercou para pegar de novo a minha mão. Podia sentir cada músculo, cada osso através de sua fria pele. Era como a mão de uma estátua, uma linda estátua. Uma vez mais, me senti estranhamente tranqüila durante uns minutos.

“Tenho que ir, Eric” disse. Sentia, mas não sentia ir. Ele se inclinou sobre mim e me beijou suavemente nos lábios. Quando empurrei minha cadeira para trás, se levantou e me

acompanhou até a porta. Senti como a fãs dos vampiros me olharam invejosas até que sai do Fangtasia. Pam estava em seu posto, e nos olhou com um frio sorriso.

Para que não parecêssemos um casal, terminei dizendo “Eric, quando volte a ser eu mesma, vou pregar um prego na sua bunda por ter me obrigado a me vincular com você”.

“Querida, você pode pregar um prego em minha bunda quando queira” disse encantadoramente e virou para voltar a sua mesa.

Pam colocou seus olhos em branco “Vocês dois” disse.

“Ei, isto não é coisa minha” lhe disse, coisa que não era de tudo certa. ,as foi uma boa saída, e aproveitei para ir embora do bar.

CAPÍTULO 7

Na manhã seguinte Andy Bellefleur me ligou para me dar luz verde para reabrir o bar. Quando tiraram a fita da cena do crime, Sam tinha voltado a Bon Temps. Me alegrei tanto de ver meu chefe que meus olhos se encheram de lágrimas. Se encarregar do Merlotte’s era muito mais complicado do que pensava. Tinha que tomar decisões todos os dias e um monte de gente que tinha que alegrar: os clientes, os trabalhadores, os distribuidores. O cara que fazia as contas tinha ligado fazendo uma pergunta que não pude responder. A data limite para pagar as faturas era em três dias e não podia fazer cheques. Tinha muito dinheiro que tinha que depositado no banco. Era quase o momento de pagar os empregados.

Ainda que pensasse jogar em cima todos os problemas a Sam enquanto entrava pela porta traseira do bar, respirei profundamente e perguntei sobre sua mãe. Depois de me dar um meio abraço, Sam se jogou sobre a cadeira atrás de sua mesa. Virou para me olhar. Colocou seus pés sobre a borda da mesa aliviado.

“Está falando e se recuperando” disse. “Pela primeira vez, não temos que inventar uma história do porque está se curando tão rápido. A levamos a casa esta manhã, e já está fazendo coisas em casa. Meu irmão e minha irmã fizeram um milhão de perguntas agora que se acostumaram. Parecem ter inveja de que eu seja o único a ter herdado”.

Estive tentada de perguntar como estava a situação legal de seu pai, mas Sam parecia ter muita vontade de voltar a sua rotina diária. Esperei um momento para ver se saia o tema.

Não fez. Em vez disso, perguntou pelas contas, e suspirou ao ver que tinha feito uma lista de coisas que tinha que revisar. A tinha deixado sobre a mesa com minha melhor letra. Primeiro era o fato de que tinha contratado Tanya e Amélia para vir fazer turnos para cobrir Arlene.

Sam parecia triste “Arlene estava trabalhando para mim desde que comprei o bar” disse. “Vai ser estranho, que ela não esteja aqui. Ela foi um saco nos últimos meses, mas suponha que se recuperaria cedo. Acha que reconsiderará?”

“Talvez, agora que você voltou” disse, ainda que tinha tivesse dúvidas. “Mas virou muito intolerante. Não acho que possa trabalhar para um metamorfo. Sinto muito, Sam”.

Sacudi a cabeça. Seu humor negro não era uma grande surpresa, considerando a situação de sua mãe e a não-muito-alegre reação do povoado da América ante o lado estranho do mundo. Me surpreendia que, faz muito tempo, eu também não conhecia. Não havia notado que algumas pessoas que conhecia eram lobisomens ou metas simplesmente porque não acreditava que algo assim existisse. Você pode interpretar mal qualquer mente se não entendes o que é. Sempre tinha me perguntado porque algumas pessoas eram tão difíceis de ler, porque seus cérebros eram de pessoas que literalmente se convertiam em animais.

“Acredita que a falta de trabalho é porque sou um meta ou pelo assassinato?” perguntou Sam. Então sacudi a cabeça e disse “Sinto muito, Sook. Não pensava que Crystal era sua cunhada”.

“Nem sequer gostava dela, como sabes”. Disse, o mais claramente que pude. “Mas acho que o que fizeram é horrível, não importa que ela fosse má”.

Sam assentiu. Nunca tinha visto sua cara tão cinza e séria. Sam era uma criatura luminosa.

“Oh” disse. Me levantando e então parei, mudei meu peso de pé. Respirei profundamente. “Então, Eric e eu estamos casados” se esperava poder sair rapidamente, estava muito mas muito errada. Sam se incorporou e me pegou nos ombros.

“Mas o que você fez?” perguntou. Sua voz era mortalmente séria.

“Não fiz nada”. Disse assombrada por sua reação. “Foi coisa do Eric” lhe contei sobre a faca.

“Você não sabia que essa faca tinha esse significado?”

“Não sabia que era uma faca” disse, começando e me sentir incomodada, mas ainda mantendo um tom de voz razoável. “Bobby não me disse. Suponho que ele também não sabia, assim que não pude ver em seu cérebro”.

“Onde estava seu sentido comum? Sookie, foi algo muito estúpido”.

Essa não era exatamente a reação que esperava de um homem que me preocupava, um homem por cujo bem tinha estado trabalhando tanto. Juntei todo meu orgulho ao meu redor

como se fosse um abrigo “Então deixa que esta estúpida vá embora para casa, para que você não tenha que agüentar mais estupidezes” disse, minha voz estava nivelada. “Suponho que irei para casa agora que está de volta e assim terei que passar aqui cada minuto de meu dia para me assegurar de que tudo vai bem”.

“Sinto muito” disse, mas era muito tarde. Estava subida em meu cavalo furioso e estava galopando fora do Merlotte’s. estava saindo pela porta antes de que nosso bebedor mais adicto contara até cinco, e então entrei no carro para ir para casa. Estava zangada, e triste, e suspeitava que Sam tinha razão. A explicação de Eric não tinha apagado todas minhas dúvidas.

Tinha pensado trabalhar esta tarde, assim que tinha até então para me recompor. Não era questão de não aparecer. Estivéssemos brigados ou não, tinha que trabalhar. Não estava pronta para ir a casa, onde teria que pensar em meus confusos sentimentos.

Em vez de ir para casa, fui ver Tara, não a via faz tempo desde que tinha se casado com JB. Mas minha bússola interna me levava até ela. Para meu alívio, Tara estava sozinha na loja. McKenna, sua ajudante, não era uma empregada em tempo completo. Tara saiu da parte traseira quando soou a campainha da porta. Pareceu surpresa de me ver no começo, mas logo sorriu. Nossa amizade tinha tido seus altos e baixos, mas parecia que agora estávamos bem. Genial.

“O que acontece?” perguntou Tara. Parecia que estava atrativa com sua camiseta. Tara era mais alta que eu, e muito lindo, uma grande mulher de negócios.

“Fiz algo estúpido, e não sei como me sentir” disse.

“Me conte” me disse, e fomos sentar na mesa onde guardava os catálogos. Me entregou um pacote de lenços. Tara sabe quando vou chorar. Então lhe contei a historia longa, começando com o incidente em Rodes, onde havia trocado sangue com Eric muitas vezes. Lhe contei o estranho vinculo que tínhamos então.

“Deixa que diga claramente” disse ela. “Se ofereceu tomar seu sangue para que outro vampiro não te mordesse?”

Assenti, entrefechando os olhos.

“Nossa, que grande sacrificio” Tara tinha tido experiências ruins com vampiros. Não me surpreendeu sua reação sarcástica.

Me dei conta de que agora seria livre se Andre tivesse tomado meu sangue essa noite. Andre tinha morrido na explosão. Considerei isso um momento e logo segui o meu. Isso não tinha acontecido e eu não era livre, mas as correntes que levava eram muito lindas.

“Então o que você sente por Eric?” perguntou Tara.

“Não sei” disse. “Há coisas que gosto dele, e coisas que me aterrorizam. E realmente... já sabes... o desejo. Mas faz coisas pelo que ele diz que é meu bem. E acho que ele se importa comigo. Mas principalmente ele se importa com ele mesmo”. Respirei profundamente. “Sinto muito, estou dizendo bobagens”.

“Por isso me casei com JB” disse. “Para não ter que me preocupar por coisas como esta” assenti, confirmando sua boa decisão.

“Bom, é seu, eu não posso fazer isso” disse. Tratei de sorrir. Se casar com alguém tão simples como JB soava relaxante. Mas um casamento devia ser como ver a vida passar? Pelo menos estar com Eric nunca é entediante, pensei. Doce como era, JB tinha uma grande capacidade de manter conversas.

Além disso, Tara ia ter que se ocupar dele. Tara não era boba, e nunca tinha sido cegada pelo amor. Por outras coisas talvez, mas não pelo amor. Sabia que Tara compreendia claramente as normas de seu casamento com JB, e não parecia lhe importar. Para ela, ser a que mandava era confortável. Gostava de estar encarregada de minha própria vida – não queria que ninguém fosse meu dono – mas meu conceito de casamento era mais democrático.

“Então, deixa que resuma” Tara disse imitando um professor de escola. “Você e Eric fizeram coisas sujas no passado”.

Assenti. Cara, como tínhamos feito.

“Agora a organização vampira inteira te deve um favor pelo que fez. Não quero saber o que foi, e não quero saber como fez”.

Assenti de novo.

“Também, Eric mais ou menos é teu dono devido a esse vínculo de sangue. Coisa que seguramente não planejo de ante mão, suponhamos”.

“Sim”

“E agora conseguiu que você seja sua prometida? Sua mulher? Mas você não sabia o que fazia”.

“Exato”

“E Sam te chamou de estúpida porque obedeceu a Eric”

Encolhi meus ombros “Sim, fez isso”

Tara teve que ajudar uma cliente, mas só uns minutos. (Riki Cunningham queria pagar um vestido para um baile de promoção de sua filha) Quando Tara voltou a seu lugar, estava pronta para me dar sua opinião.

“Sookie, pelo menos Eric se importa com você, e nunca te machucou. Você poderia ter sido mais ligeira. Não sei se fizeste pelo vínculo ou porque gosta tanto dele que já não faz perguntas. Só você sabe. Mas poderia ter sido pior. Nenhum humano necessita saber tudo isso da faca. E Eric não pode estar ao seu redor durante o dia, assim que estarás livre para pensar. E os novos vampiros tem que deixá-la tranqüila para que Eric seja feliz. Não é tão ruim, certo?” sorriu pra mim, depois de um segundo, lhe devolvi o sorriso.

Comecei a me animar. “Obrigada, Tara” disse. “Você acha que passará a irritação de Sam?”

“Não esperaria que se desculpe por ter te chamado de estúpida” me avisou Tara. “A: é verdade, B: é um homem. Tem esse cromossomo. Mas vocês se dão bem, e te deve uma por ter cuidado do bar. Assim que passará”.

Joguei o lenço usado na lixeira que tinha junto a mesa. Sorri, ainda que provavelmente não me esforcei muito.

“Enquanto isso” disse Tara. “Tenho noticias para você” respirou profundamente.

“O que é?” perguntei, assombrada de que voltássemos a ser melhores amigas.

“Vou ter um filho” disse Tara, e fez uma careta.

Ah, oh. Tema perigoso. “Você não parece muito feliz” disse cuidadosamente.

“Não tinha pensado em ter filhos” disse. “Coisa que lhe parece bem a JB”,

“Então...?”

“Bom, o controle de natalidade nem sempre funciona” disse Tara, olhando suas mãos, que estavam sobre uma revista de noivas. “E não posso fazer que se encarreguem disso. É nosso. Por isso”.

“Talvez... talvez fique feliz mais tarde?”

Tratou de sorrir “JB está muito feliz. É complicado para ele guardar um segredo. Mas queria esperar três meses para dizer. Você é a primeira a quem contei”.

“Juro” disse colocando minha mão sobre seu ombro. “Você será uma boa mãe”

“Você acha mesmo?” parecia e se sentia, péssima. Os pais de Tara eram do tipo que você atiraria sem pensar. O ódio pela violência tinha evitado isso, mas não acho que ninguém teria se surpreendido se os velhos Thorntons desaparecessem em uma noite. Alguém, inclusive teria aplaudido.

“Sim, de verdade acredito” diziam em sério. Podia escutar sua cabeça diretamente, a determinação de Tara de não ser como seu pai e de ser a melhor mãe possível para seu filho.

No caso de Tara, isso queria dizer estar sóbria, ser amável, falar claramente e fazer promessas.

“Irei a todos os eventos escolares e as entrevistas com os professores” ela disse, com uma voz que quase assustava por sua intensidade “Prepararei pasteis. Meu filho terá roupa nova. Seus sapatos valerão. Lhe darei abraços e carinhos. Começaremos uma conta para a universidade o ano que vem. Lhe direi que a amo cada maldito dia”.

Se esse não era um bom plano para ser mãe, não podia imaginar ser melhor. Nos abraçamos mutuamente quando me levantei para ir embora. Assim é como deveria ser, pensei. Fui para casa, fiz comida e coloquei minha roupa de trabalhar. Quando o telefone tocou, esperava que fosse Sam para se desculpar, mas a voz do outro lado era de um homem velho e desconhecido.

“Alô? Octavia está por aí, por favor?”

“Não senhor, ela saiu. Quer deixar um recado?”

“Por favor”

“Claro” tinha atendido o telefone na cozinha, assim que tinha uma lápis na mão.

“Por favor, diga que Louis Chambers ligou. Este é meu número” soletrou com cuidado e o repeti para me assegurar que estivesse certo. “Diga que me ligue, por favor. Me alegrarei de receber sua ligação”

“Me assegurarei de que seja entregue a mensagem”.

“Muito obrigado”

Hmmmm. Não podia ler os pensamentos pelo telefone, coisa que normalmente era um alívio. Mas teria gostado saber algo mais do Sr. Chambers. Quando Amélia veio para casa pouco depois das cinco, Octavia estava no carro. Supus que Octavia tinha dado uma volta por Bon Temps respondendo ofertas de trabalho enquanto Amélia estava na agência de seguros. Era a vez de Amélia cozinhar, e ainda que tinha que ir ao Merlotte’s em uns minutos, gostava de vê-la em ação, criando molho para o macarrão. Dei a Octavia o recado enquanto Amélia cortava cebola.

Octavia emitiu uma espécie de tosse e ficou tão rígida que Amélia deixou de cortar e se acercou comigo na direção da velha mulher para olhar o papel e para que nos contasse o que estava acontecendo. Isso não aconteceu.

Depois de um momento, percebi que Octavia estava chorando, e me apressei a meu quarto para pegar um lenço. Dei a Octavia com tato, como se não tivesse notado nada e como se tivesse um lenço em minha mão por casualidade.

Amélia cuidadosamente olhou para a mesa e voltou a cortar cebola enquanto eu olhava o relógio e começava a buscar as chaves de meu carro. Demorando um tempinho.

“Soava bem?” perguntou Octavia, com voz afogada.

“Sim” disse. Era pouco o que podia tirar de uma voz pelo telefone. “Parecia ansioso de falar contigo”.

“Oh, terei que ligar para ele” disse, e sua voz pareceu selvagem.

“Claro” disse. “Só disca o número. Não se preocupe pela conta nem nada; já colocará na fatura” olhei para Amélia, levantando uma sobrancelha. Sacudiu a cabeça. Também não sabia o que estava acontecendo.

Octavia discou o número com seus dedos tremendo. Colocou o telefone sobre a orelha depois do primeiro toque. Pude notar quando Louis Chambers atendeu. Seus olhos se fecharam e sua mão segurou o telefone tão forte que ficou branca.

“Oh, Louis” disse sua voz cheia de alívio e assombro “Oh, graças a Deus. Você está bem?”

Amélia e eu saímos da cozinha nesse momento. Amélia me acompanhou ao carro.

“Você tinha ouvido falar desse Louis?” perguntei.

“Nunca falou de sua vida privada quando trabalhava comigo. Mas as outras bruxas me disseram que Octavia tinha um noivo formal. Não mencionou desde que está aqui. Parece que não soube nada dele desde o Katrina”.

“Talvez pensou que não havia sobrevivido” disse, e nos olhamos amplamente.

“Isso é muito” disse Amélia. “Bom, talvez percamos Octavia” tentou ocultar seu alívio, mas com certeza, pude notar. Por muito orgulhosa que Amélia estivesse de sua mentora, viver com Octavia era como viver com um professor de escola pública.

“Tenho que ir” disse. “Me mantenha informada. Me mande uma mensagem se acontecer algo”. Enviar mensagens era uma das habilidades de Amélia.

Apesar do ar frio, Amélia se sentou em uma das cadeiras que tinha no alpendre que tínhamos tirado do porão para desfrutar da primavera. “Quando saiba algo” disse “Esperarei aqui alguns minutos e depois irei vê-la”.

Entrei no carro esperando que o tempo melhorasse um pouco. Baixo a crescente escuridão, dirigi até o Merlotte's. Vi um coioote no caminho. Normalmente eram muito inteligentes para serem vistos, mas este estava trotando pela rua como se tivesse um encontro na cidade. Talvez fosse um coioote de verdade, ou talvez era uma pessoa com outra forma. Quando pensei na quantidade de esquilos que haviam esmagadas na rua me perguntei quantos metas tinham morrido em sua forma de animal de uma maneira tão descuidada. Talvez algum dos

corpos que a policia recolhia eram pessoas mortas acidentalmente em sua outra forma. Lembro como desapareceram os pedaços de animal do corpo de Crystal quando a desceram da cruz, depois de que tiraram os pregos. Estava disposta a jurar que os pregos era de prata. Tinha tantas coisas que não sabia.

Quando cheguei não porta traseira do Merlotte's, planejando me reconciliar com Sam, vi que meu chefe estava discutindo com Bobby Burhham. Já era quase de noite, e Bobby tinha que estar descansando. Em vez disso, estava na frente do escritório de Sam. Estava vermelho e sua cara tensa.

“O que está acontecendo?” disse. “Bobby, você tem que falar comigo?”

“Sim, este cara não quer me dizer quando você ia vir” disse Bobby.

“Esse cara é meu chefe, e não é obrigado a te dizer nada” disse. “Aqui estou. O que quer me dizer?”

“Eric te envia esta carta, e me ordenou que estivesse a sua disposição por se me necessitar. Poderia lavar seu carro se isso você quiser que eu faça”. A cara de Bobby avermelhou segundo me dizia isso.

Se Eric pensava que Bobby seria mais amável depois de humilhar-lo publicamente, estava louco. Agora Bobby me odiaria por cem anos, se vivesse tanto tempo. Peguei a carta que Bobby estendeu e disse “Obrigada Bobby. Volte a Shreveport”.

Antes que a última sílaba saísse pela minha boca, Bobby estava saindo pela porta. Examinei o envelope branco e logo o enfiei em minha bolsa. Levantei o olhar para ver Sam.

“Como se você necessitasse outro inimigo” ele disse e entrou em seu escritório.

Como se necessitasse um amigo se comportando como um imbecil, pensei. Ainda faltava tempo para que pudéssemos rir disto. Segui Sam para deixar minha bolsa na gaveta vazia que tinha para empregados. Não nos dissemos uma palavra. Fui ao armazém colocar o avental. Antoine estava trocando o seu por um limpo.

“D'Eric levava um pote e nos chocamos, e caiu em mim” disse. “Não posso suportar o cheiro”.

“Wow” disse espirrando. “Não te culpo”

“A mãe de Sam está bem?”

“Sim, saiu do hospital” disse.

“Boa notícias”

Enquanto o amarrava em minha cintura, pensei que Antoine estava a ponto de dizer algo, mas deve ter mudado de idéia. Cruzou o corredor para a porta da cozinha, e D'Eriq abriu para deixá-lo entrar. A gente tinha entrado errado muitas vezes na cozinha, e a porta agora se mantinha sempre fechada. Havia outra porta na cozinha que dava para a parte traseira, e ao contêiner que havia fora.

Passei pelo escritório de Sam sem olhar dentro. Não queria falar comigo, bem, eu também não queria falar com ele. Me dei conta de que estava sendo infantil. Os agentes do FBI ainda estavam em Bon Temps, coisa que não deveria ter me surpreendido. Esta noite, vieram ao bar. Weiss e Lattesta estavam sentados cada um em um extremo da mesa, com uma cerveja e um cesto de amendoins entre eles, e falavam intensamente. Em uma mesa perto deles, vendo-se lindo e inalcançável, estava meu bisavô Niall Brigant.

Este dia ia ganhar o prêmio ao mais estranho. Lancei um juramento ao ar e fui até a mesa de meu bisavô. Se levantou quando cheguei perto. Seu cabelo claro estava amarrado na altura da nuca. Lavava um traje preto e uma camisa branca, como sempre. Mas esta noite, em vez de gravata preta que geralmente usava, estava com a que lhe dei de natal. Era vermelha, dourada e com listras pretas, e se via espetacular. Tudo nele brilhava e resplandecia. A camisa não era simplesmente branca – era cor de neve; e sua jaqueta não era preta – era como a tinta. Seus sapatos não tinham nenhuma mancha de pó, e as mechas de sua cara faziam que seus olhos verdes ficassem ainda mais brilhantes e perfeitos. Sua idade fazia que se visse ainda melhor. Quase doía olhá-lo. Niall me abraçou e beijou minha bochecha.

“Sangue de meu sangue” disse e sorri. Era tão teatral. E tinha se incomodado muito para parecer humano. O tinha visto em sua forma real, e tinha sido quase cegador. Já que ninguém mais pareceu notar sua presença no bar, supus que o viam da mesma forma que eu.

“Niall” disse. “Fico muito feliz de te ver” sempre me alegrava e me sentia alagada quando vinha me ver. Ser a neta de Niall era como ser uma estrela de rock; vivia uma vida que eu não podia nem imaginar, ia a lugares extraordinários e tinha um poder com o que nem posso sonhar. Mas de vez em quando passava um tempinho comigo, e esse tempinho sempre parecia ser Natal.

Disse suavemente “Essa gente que está ao meu lado não param de falar de ti”.

“Você sabe o que é o FBI?” os conhecimentos de Niall eram incríveis, como era tão velho e tinha deixado de contar sua idade, as vezes falhava as datas por mais de cem anos, mas não sabia se conhecia informação concreta sobre a atualidade.

“Sim” disse. “FBI. Uma agência governamental que recopila dados sobre os que quebram as leis e sobre os terroristas dentro dos Estados Unidos”.

Assenti.

“Mas você é uma boa pessoa. Você não é nenhuma assassina ou terrorista” disse Niall, ainda que não soasse como se acreditasse que minha inocência pudesse me proteger.

“Obrigada” disse. “Mas não acho que vão me prender. Suspeito que queiram saber como funciona minha mente, e se decidirem que não estou louca, talvez queiram que trabalhe para eles. Por isso vieram a Bon Temps... mas se distraíram” e isso me levou a um tema doloroso. “Você sabe o que aconteceu com Crystal?”

Mas outro cliente me chamou e demorou um tempo para voltar na mesa de Niall, quem esperou pacientemente. De alguma forma fazia que sua cadeira parecesse um trono. Retomamos a conversa onde tínhamos deixado.

“Sim, sei o que aconteceu” sua cara não pareceu mudar, mas senti um ar frio provindo dele. Se houvesse tido algo que ver com a morte de Crystal, estaria morta de medo agora mesmo.

“Te importa?” perguntei. Nunca tinha prestado a mínima atenção a Jason; de fato, Niall parecia odiar meu irmão.

Niall disse “Sempre me interessa saber porque alguém conectado a mim morreu”. Niall soava totalmente impessoal quando falava da morte de Crystal, mas se estava interessado, talvez pudesse ajudar. Poderia se pensar que queria ajudar Jason, já que Jason era seu neto, igual que eu, mas Niall nunca tinha mostrado interesse por querer conhecê-lo, e muito menos estar com ele.

Antoine tocou a campainha da cozinha para que saiba que um dos meus pedidos já estava pronto, assim que tive que ir servir Sid Matt Lancaster e Bud Dearborn seu chili com queijo e batatas. Supus que suas artérias não poderiam piorar muito mais, e Bud nunca tinha sido dos de comer cômoda saudável.

Quando voltei para Niall disse “Sabe que fez? Os homens pantera também estão buscando” coloquei um guardanapo a mais na mesa para parecer ocupada. Niall não desapreciava as panteras. De fato, ainda que as fadas se considerassem a si mesmo seres superiores, Niall (pelo menos) respeitava os metas, ao contrário dos vampiros, quem os viam cidadãos de segunda.

“Buscarei um pouco. Estava preocupado, por isso não vim te ver. Há problemas”. Vi que a expressão de Niall era mais séria que de costume.

Oh, maldição. Mais problemas.

“Mas não você não deve se preocupar” acrescentou. “Me ocuparei disso”.

Havia mencionado que Niall era muito orgulhoso? Mas não podia evitar de me preocupar. Em um minuto teria que ir servir outra bebida, e queria assegurar-me de compreendê-lo. Niall não vinha muito me ver, e quando fazia, não perdia tempo. Talvez não tivesse oportunidade de falar com ele.

“O que está acontecendo Niall?” perguntei diretamente.

“Quero que tenha cuidado. Se vir outras fadas que não seja eu, Claude ou Claudine, me ligue”.

“Porque iria me preocupar com outras fadas?”. Me dei conta “Porque outras fadas gostariam de me machucar?”

“Porque você é minha neta”. Se levantou, sabia que não iria me explicar mais nada. Niall me abraçou de novo, me beijou de novo (as fadas são muito expressivas) e foi embora do bar, com a bengala na mão. Nunca o tinha visto usá-la para andar, mas sempre levava com ele. Enquanto o olhava ir, me perguntei se tinha uma espada ou faca oculta dentro. Ou talvez fosse uma varinha mágica extragrande. Ou talvez ambas as coisas. Como gostaria de passar mais tempo com ele, ou pelo menos saber algo mais concreto do perigo.

“Srta. Stackhouse” disse uma voz educada de homem. “Poderia nos trazer outra cerveja e mais amendoins?”

Me virei para o agente especial Lattesta “Claro” disse, sorrindo automaticamente.

“Era um homem muito bonito” disse Sara Weiss. Sara estava começando a mostrar os efeitos das duas cervejas que tinha tomado. “Parecia diferente. É Europeu?”

“Sim parece estrangeiro” disse e levei o cesto vazio e lhes trouxe um novo, sorrindo todo o tempo. Então Catfish, o chefe de meu irmão, jogou um rum com coca-cola sobre a mesa, e tive que pedir a D’Eriq que trouxesse um pano para limpar a mesa e o chão. Depois disso, dois idiotas que estudaram comigo começaram a brigar por quem tinha o melhor cachorro de caça. Sam teve que separá-los. Entraram mais cedo na razão ao saber o que era Sam, coisa que era um extra.

Muitas das conversas do bar estavam relacionadas com a morte de Crystal. O fato de que era uma pantera tinha se introduzido na consciência da cidade. A metade dos chefes dos bares pensavam que tinha sido assassinada por alguém que odiava a nova revelação. A outra metade não estava segura de que a matarão por ser uma pantera. Essa metade pensava que sua promiscuidade era motivo suficiente. Muitos desses assumirão que Jason era o culpado. Alguns conheciam Crystal por sua reputação, e sentiam que as ações de Jason eram justificáveis. Quase toda a gente pensava em Crystal mais que nada pela inocência ou culpabilidade de Jason. Me parecia muito triste que a gente só fosse lembrar pela forma que tinha morrido.

Deveria falar com Jason ou ligar para ele, mas não podia encontrar o valor. As ações de Jason dos últimos meses tinham matado algo dentro de mim. Ainda que Jason fosse meu irmão, e o amasse, no fim mostrava sinais de crescer um pouco, já não sentia que tivesse que ajudá-lo nem apoiá-lo nos julgamentos que tinha tido e teria que passar. Ainda que não fosse uma pensadora muito profunda, algumas vezes me perguntava por que as crises de minha vida sempre se resumiam no mesmo: ser uma má cristã ou morrer.

Sempre escolhi viver.

Eu estava olhando desde um bom ângulo? Havia outro ponto de vista diferente ao meu? Não sabia a quem perguntar. Tentei imaginar um padre na frente e lhe perguntar ‘Seria melhor apunhalar a alguém para seguir com vida ou deixar que me mate? Seria melhor quebrar uma promessa que fiz a Deus ou me negar destruir a mão de um amigo com um tijolo?’ essas eram as decisões que tinha tido que tomar. Talvez devesse a Deus uma boa. Não sabia, e não conseguia pensar na Resposta Definitiva. As pessoas que servia ririam se soubessem o que estava pensando? A ansiedade de minha alma seria gracioso? Muitos deles provavelmente diriam que todas as situações recorrem a Bíblia, e que lera mais o livro, encontraria aí as respostas.

De momento isso não tinha funcionado, mas não ia abandonar. Deixei de pensar em círculos intermináveis e escutei a gente que havia ao meu redor para descansar um pouco o cérebro.

Sara Weiss pensava que eu parecia uma mulher sincera, e decidiu que tinha sorte de ter um dom, como ela acreditava. Acreditava em tudo o que Lattesta tinha dito sobre o que tinha acontecido na Pirâmide, porque em baixo de sua carapaça acreditava em coisas místicas. Lattesta, também, pensava que quase era possível que eu fosse psíquica; havia escutado testemunhos de primeira mão em Rodes com grande interesse, e agora que tinha me conhecido, começava a pensar que talvez fosse certo. Queria saber o que podia fazer por meu país e por sua carreira. Se perguntava se subiria se conseguisse que eu confiara neles e ajudasse o FBI. Se pudesse conseguir meu cúmplice também sua subida estaria garantida. O levariam ao quartel de Washington do FBI.

Considerarei pedir a Amélia que lançasse um feitiço sobre os agentes do FBI, mas isso parecia fazer armadilhas. Não eram seres sobrenaturais. Só estavam fazendo o que tinham sido mandados a fazer. Isso não me dava um mal pressentimento; de fato, Lattesta pensava que me estava fazendo um favor, porque assim poderia trabalhar para o FBI.

Como se me importasse isso.

Enquanto seguia com meu trabalho, sorrindo e falando com os clientes habituais, tentei me imaginar indo embora de Bon Temps com Lattesta. Criariam algum tipo de aparelho para medir minha precisão. Finalmente acreditariam que não era uma psíquica e sim uma telepata. Quando soubessem quais eram os limites de meu talento, me levariam a lugares onde aconteceriam coisas terríveis para procurar sobreviventes. Me colocariam em quartos cheios de agentes de inteligência de outros países ou com Americanos que suspeitavam terem feito algo ruim. Teria que dizer ao FBI se essas pessoas eram culpadas ou não de qualquer tipo de crime. Teria que estar perto de assassinos em série, talvez. Imaginava como seria ver a mente de uma pessoa assim, e me senti doente.

Mas não seria de grande ajuda os conhecimentos acumulados? Talvez aprenderia como prever mortes.

Sacudi a cabeça negativamente. Minha mente estava dando muitas voltas. E tudo isso talvez poderia acontecer. Uma assassino em série poderia estar pensando onde estavam enterradas suas vítimas enquanto eu escutava sua mente. Mas com minha ampla experiência, a gente quase nunca pensava ‘sim, enterrei o corpo no 1218 da rua Clover em baixo da roseira’ ou

‘O dinheiro que roubei está a salvo em minha conta do banco número 12345 do Banco Suíço’ e muito menos, ‘Estou a ponto de fazer voar o edifício XYZ em 4 de Maio, e meus seis comparsas são...’

Sim, poderia fazer algo bom. Mas nunca poderia alcançar as expectativas do governo. E nunca seria livre de novo. Não pensava que fossem me deixar em uma cela nem nada – não sou tão paranóica. Mas não acreditava que me deixariam viver a vida como queria. Então de novo, decidi que talvez estivesse sendo uma má cristã, ou pelo menos uma má Americana. Mas sabia que a não ser que me obrigassem, não ia embora de Bon Temps com a agente especial Weiss ou com Lattesta.

Estar casada com um vampiro era muito melhor.

CAPÍTULO 8

Estava zangada com quase todo o mundo quando voltei de carro para casa esta noite. De vez em quando, tinha noites assim; talvez todo mundo tenha. É algo hormonal ou cíclico. Ou talvez é só a mudança na alienação das estrelas.

Estava zangada com Jason porque levava assim vários meses. Estava zangada com Sam porque me doíam seus comentários. Estava zangada com os agentes do FBI porque estavam aqui para me pressionar – dizendo a verdade, não tinham feito nada. Estava passada por Eric e seu assunto da faca, o desterro de Quinn, ainda que tivesse que admitir que Eric tinha dito a verdade quando disse que daria uma porrada em Quinn de bom dia. Isso não queria dizer que não queria voltar a vê-lo (ou não queria?). O que queria dizer era que Eric podia dizer a quem podia ver e a quem não.

E talvez estivesse chateada comigo mesma, porque quando tive a oportunidade de falar com Eric de tudo isso, tinha escutado suas lembranças. Como os flashbacks de Lost, as lembranças de Eric o viking tinham quebrado o curso da história.

Para me zangar mais ainda, tinha um carro que não reconhecia estacionado na frente de minha casa, onde estacionavam só as visitas. Fui a porta traseira e subi as escadas do alpendre, franzindo a cara e me sentindo contrariada. Não queria companhia. Tudo o que queria era colocar pijama, lavar a cara e deitar na cama com um livro. Octavia estava sentada na mesa da cozinha com um homem que não conhecia. Era o homem mais negro que já tinha visto, sua cara tinha tatuagens em volta dos olhos. Apesar de sua atrevida decoração, parecia tranqüilo e agradável. Ficou de pé quando entrei.

“Sookie” disse Octavia com a voz temerosa. “Este é meu amigo Louis”

“Encantada” disse, e estendi a mão para cumprimentá-lo. Me deu um aperto suave e me sentei para que ele pudesse se sentar também. Então notei as malas no corredor. “Octavia?” disse apontando para elas.

“Bom Sookie, inclusive as mulheres velhas temos romances em nossas vidas” disse Octavia sorrindo. “Louis e eu éramos amigos íntimos antes do Katrina. Viva a uns dez minutos de carro de minha casa em Nova Orleans. Depois do que aconteceu, o procurei. Finalmente deixei pra lá”

“Passei muito tempo procurando Octavia” disse Louis, com os olhos sobre ela. “Finalmente encontrei sua sobrinha a uns dias, e ela tinha este telefone. Não conseguia acreditar que no fim a encontrei”.

“Sua casa sobreviveu ao...?” incidente, catástrofe, desastre, apocalipse; escolhe a que quiser, todas servem.

“Sim, graças a Deus. E tenho eletricidade. Resta muito por fazer, mas tenho luz e calefação. Posso cozinha de novo. O frigorífico funciona e a rua está quase limpa. Agora até tenho telhado. E Octavia pode vir comigo a um lugar onde se encaixa”.

“Sookie” disse ela amavelmente. “Você tem sido muito amável, me deixando ficar aqui contigo. Mas quero estar com Louis e tenho que voltar a Nova Orleans. Poderei fazer algo para reconstruir a cidade. É meu lar”. Octavia obviamente pensava que estava dando uma má notícia.

Tentei parecer triste “Você tem que fazer o que seja melhor pra você, Octavia. Me alegro muito de te ter tido em minha casa”. Estava tão feliz de que ela não fosse telepática. “Amélia está aqui?”

“Sim, escada acima pregando-me algo. De alguma forma, me conseguiu um presente de despedida”

“Awww” disse. Olhei para Louis, mas Octavia me fez uma careta. Nunca a tinha visto fazer isso antes, e gostava como se via.

“Só me alegro de ter te ajudado” ela disse, assentindo sabiamente.

Era algo complicado manter meu sorriso valente mas triste ao mesmo tempo, mas consegui. Graças a Deus que Amélia desceu as escadas nesse momento com um pacote nas mãos, era pequeno mas comprido e estava amarrado com um grande laço.

Sem me olhar Amélia disse “Aqui você tem uma lembrancinha minha e de Sookie. Esperamos que você goste”.

“Oh, que doce. Sinto muito ter duvidado de suas habilidade, Amélia. Você é uma ótima bruxa”.

“Octavia, isso significa muito para mim” Amélia estava genuinamente emocionada e chorosa.

Graças a Deus que Louis e Octavia se levantaram. Ainda que gostasse e respeitasse a velha bruxa, tinha conseguido mudar alguns de nossos costumes que Amélia e eu tínhamos criado. Respirei aliviada quando a porta principal se fechou atrás dela e seu companheiro. Lhes dissemos adeus uma e outra vez, e Octavia nos agradeceu por muitas coisas, repetidamente, e também conseguiu nos fazer lembrar coisas que tinha feito por nós das que não lembrávamos.

“Graças aos céus” disse Amélia, sentando na escada. Amélia não era uma garota religiosa, ou pelo menos não uma religiosa normal, então vindo dela isso queria dizer muito.

Me sentei no braço do sofá “Espero que sejam felizes” disse.

“Você não acha que deveríamos vigiá-los de alguma maneira?”

“Você acha que uma bruxa como Octavia não pode cuidar dela mesma?”

“Isso é verdade. Mas você viu as tatuagens?”

“Eram muito chamativas, verdade? Suponho que será algum tipo de bruxo”

Amélia assentiu “Sim, certeza que pratica magia africana” disse, “Não acho que tenhamos que nos preocupar que o índice criminalístico afete Louis e Octavia em Nova Orleans. Não acho que ninguém se atreva a se meter com eles”.

“O que lhe deu de presente?”

“Liguei para meu pai e me mandou um cheque de suas lojas”.

“Ei, boa idéia. Quanto te devo?”

“Nada. Ele insistiu em pagar”

Pelo menos este feliz incidente afastou o resto da minha irritação. Me senti melhor com Amélia, agora que já não tinha essa onda de ressentimento por ela por ter trazido Octavia

para casa. Sentamos na cozinha e conversamos durante uma hora mais ou menos antes de ir dormir, ainda que estivesse muito cansada para lhe contar tudo que me aconteceu ultimamente. Fomos para a cama melhores amigas do que tínhamos sido em semanas.

Enquanto me preparava para dormir, estava pensando em nosso presente para Octavia, e isso me lembrou o envelope que Bobby tinha me dado. Tirei da bolsa e abri o envelope. Tirei o conteúdo. Emoldurada tinha uma foto que nunca tinha visto, claramente tirada na seção de fotos para o calendário do Fangtasia. No calendário, Eric (Miss Janeiro) estava sobre uma grande cama com lençóis brancos. O fundo era cinza, com flocos de neve por todas as partes. Eric tinha um pé no chão, o outro joelho dobrado descansando sobre a cama. Segurava um roupão branco de forma estratégica. Na foto que tinha me dado hoje, estava mais ou menos com a mesma pose, mas estava levantando uma mão para a câmera, como se estivesse convidando ao que olhava a unir-se com ele na cama. E o roupão não tapava tudo. ‘Espero ansiosamente a noite em que venhas a mim’. Tinha escrito no dorso com uma fantástica escrita.

Ligeiramente brega? Sim. Tentador? Oh, podes jurar. Quase podia notar como meu sangue aumentava a temperatura. Me arrependi de tê-lo aberto antes de deitar na cama. Demorei muito tempo para pegar no sono.

Foi estranho levantar sem escutar os sons de Octavia pela casa. Tinha desaparecido de minha vida tão rápido como aparecido. Esperava que em algum momento que passaram juntas, Octavia e Amélia tivessem conversado do que restava de seu sabá (assembléia de bruxos) em Nova Orleans. Era complicado acreditar que Amélia pudesse transformar um homem em um gato (durante o ato sexual), pensei, enquanto olhava como minha companheira corria para a porta para ir para o escritório. Amélia, com calças e jaqueta azul marinho, parecia estar pronta para sair com as Gilrs Scout. Quando a porta se fechou, respirei profundamente. Estava sozinha em casa pela primeira vez em séculos. A solidão não durou muito. Estava dando o segundo gole em minha xícara de café e comendo uma torrada quando Andy Bellefleur e o agente especial Lattesta bateram na porta. Coloquei um jeans e uma camiseta para abrir a porta.

“Andy, agente especial Lattesta” disse. “Entrem” os levei para a cozinha. Não ia deixar que afastassem minha xícara de café. “Querem algo?” lhes perguntei, mas ambos negaram com a cabeça.

“Sookie” disse Andy com a cara séria. “Estamos aqui por Crystal”.

“Claro” mordi um pedaço de bolacha, mastiguei e engoli. Me perguntava se Lattesta seguia uma dieta ou algo. Seguia cada movimento meu. me senti em seu cérebro. Não estava muito feliz de não estivesse de sutiã, porque meu peito o distraia. Estava pensando que tinha muitas curvas para seu gosto. Estava pensando que seria melhor que deixasse de pensar em mim assim. Sentia saudades de sua esposa. “Supus que seria prioritário” disse, tratando de fazer minha atenção em Andy.

Não podia saber quando Andy sabia – quanto Lattesta lhe tinha contado – sobre o que tinha acontecido em Rodes, mas Andy assentiu “Acreditamos” disse depois de olhar Lattesta e a mim “Que Crystal morreu faz três noites, entre a uma e as três da manhã”.

“Claro” disse de novo.

“Você sabia disso?” Lattesta começou assinalar, quase como um cachorro de caça.

“É lógico. Sempre fica gente no bar até a uma ou as duas, e depois normalmente Terry vai limpar o chão entre as seis e as oito da manhã. Terry não foi tão cedo nesse dia porque estava ocupado em outro bar e tinha que dormir mais, mas muita gente pensaria isso, verdade?”

“Certo” disse Andy depois de uma longa pausa.

“Então” disse, uma vez chegamos ao ponto, e coloquei mais café.

“Você conhece bem Tray Dawson?” perguntou Andy.

Essa era uma pergunta complicada. A resposta adequada era “Não tanto como voce pensa”. Uma vez tinha sido vista em um beco com Tray Dawson e ele estava pelado, mas não era o que a gente pensou. (Sabia que tinham pensado muito nisso). “Esteve saindo com Amélia” disse, coisa que era algo prudente. “É minha a garota que mora comigo” lembrei a Lattesta, quem parecia perdido. “A conheceu a dois dias. Agora está trabalhando. E com certeza, Tray é um lobisomem”.

Lattesta pestanejou. Levaria um tempo que a gente assimilaria isso sem por uma cara estranha. A expressão de Andy mudou.

“Certo” disse Andy. “Amélia estava com Tray na noite que Crystal morreu?”

“Não lembro. Pergunte a ela”.

“Faremos. Tray tinha dito algo alguma vez sobre sua cunhada?”

“Não lembro de nada. Com certeza, se conheciam, já que ambas eram sobrenaturais”.

“Faz quanto tempo que você conhece a existência de lobisomens? E de outros seres...?” Andy perguntou, como se não pudesse evitar.

“Oh, já faz um tempo”. Disse “Primeiro sam, depois os demais”.

“Enão contou para ninguém?” perguntou Andy incrédulo.

“Claro que não” disse. “A pessoas já pensam que sou bastante estranha. Além disso, não é assunto meu contá-lo”. Era minha vez de olhá-lo estranho. “Andy, você também sabia”. Depois da noite no beco na que tinha sido atacado por um sobre, Andy tinha visto Tray em

sua forma de animal e logo como humano pelado. Qualquer pessoa seria capaz de unir ambas coisas.

Andy olhou ao caderno que tinha tirado do bolso. Não escreveu nada. Respirou profundamente. “A vez que vi Tray no beco, acabava de mudar? Fico feliz. Nunca pensei que fosses do tipo de garota que faz sexo em lugares públicos com alguém que quase não conheces”. (Isso me surpreendeu, sempre tinha pensado que Andy acreditava em tudo de mau que diziam sobre mim). “O que aconteceu com o cão que estava com você?”

“Esse era Sam” disse, levantando minha xícara de café.

“Mas no bar se transformou em collie”

“Os collies são lindos” disse. “Supos que as pessoas gostariam mais. É sua forma habitual”.

Parecia que os olhos de Lattesta iam pular. Parecia incomodado. “Vamos voltar ao tema inicial” disse.

“O álibi de seu irmão parece bom” disse Andy. “Falamos com Jason duas ou três vezes, e com Michele duas, e disse que estive com ele o tempo todo. Nos contou detalhadamente tudo o que aconteceu naquela noite” Andy meio que sorriu. “Muito detalhadamente”.

Essa era Michele. Era muito direta, demasiado. Sua mãe era exatamente igual.

Tinha ido de férias a uma escola de verão e a Sr. Schubert era nossa monitora. “Digam a verdade e afastem o demônio” nos dizia. Michele tinha lavado isso a sério, talvez não da forma que sua mãe queria.

“Ficou muito feliz que acreditem nela” disse.

“Também falamos com Calvin” Andy dobrou os cotovelos. “Nos contou sobre Dove e Crystal. Segundo ele, Jason conhecia sua aventura”.

“Assim foi” fechei minha boca. Não ia falar daquele incidente se podia evitar.

“E falamos com Dove”.

“Obviamente”.

“Dove Beck” disse Lattesta, olhando suas próprias anotações. “Vinte e seis, casado, dois filhos”.

“Seu primo Alcee insistiu em estar presente quando falamos com ele” disse Lattesta.

“Dove disse que estive toda a noite em casa, e sua mulher confirma”.

“Não acho que foi Dove” disse, e ambos pareceram surpresos.

“Mas você nos deu uma pista de que ela e Dove tinham uma aventura” disse Andy.

Comecei a amortecer. “Sinto muito ter feito isso. Odiava que todo o mundo olhasse Jason como se ele tivesse feito, quando eu sabia que não. Não acho que Dove matou Crystal. Não acho que lhe importasse tanto para fazê-lo”.

“Mas talvez ela arruinou seu casamento”.

“Ainda assim, não faria isso. Dove se zangaria com ele mesmo, não com ela. E estava grávida. Dove não mataria uma mulher grávida”.

“Como você pode estar tão certa?”

Porque li sua mente e vi que era inocente, pensei. Mas os vampiros e os sobre eram quem tinham saído a luz, não eu. Eu quase não era uma criatura sobrenatural. Só era uma variante de humano. “Não acho que foi Dove” disse. “Não consigo imaginar isso”.

“E temos que aceitar isso como prove?” disse Lattesta.

“Não me importa o que façam com essa informação” disse, parando em seco sem dizer o que poderia fazer com ela. “Vocês perguntaram, e eu respondi”

“Então, você acha que foi um crime de ódio?”

Agora era minha vez olhara para a mesa. Não tinha um caderno para escrever, mas queria pensar porque ia dizer que sim. “Sim” disse finalmente. “Acho que foi um crime de ódio. Mas não sei se era pessoal, porque Crystal era uma puta... ou se era racial, porque era uma mulher pantera” me encolhi. “Se escutar algo, contarei a vocês. Quero que isto se resolva”.

“Escutar algo? No bar?” a expressão de Lattesta estava avia. Finalmente, um humano me olhava como se fosse de valor. Por sorte, para mim, ele estava felizmente casado e pensava que era um fenômeno.

“Sim” disse. “Talvez escute algo no bar”.

Foram embora depois disso, e me alegrei de vê-los indo embora. Era meu dia de folga. Pensava que devia fazer algo especial, já que tinha saído bem de muitas coisas complicadas, mas não me ocorria nada. Olhei o canal do tempo e vi que hoje a máxima rondaria os vinte. Decidi que o inverno tinha terminado finalmente, ainda que ainda estivéssemos em Janeiro. Faria frio outra vez, mas ia desfrutar do dia. Peguei a espreguiçadeira do depósito e a coloquei no quintal traseiro. Amarrei meu cabelo num rabo para não ficar indo na minha cara, coloquei meu biquíni menor, que era laranja e turquesa. Passei bronzeador. Peguei o rádio, um livro e uma toalha, e sai ao pátio. Sim, fazia frio. Sim, me deu calafrios ao sair. Mas este sempre era um dia feliz de meu calendário, o primeiro dia que me dava banho de sol. Ia desfrutar. Necessitava muito.

Cada ano pensava nos motivos pelas quais não deveria deitar no sol. Cada ano contava minha virtudes: não bebia, não fumava, e quase não fazia sexo, ainda que estivesse disposta a mudar isso. Mas amava o sol, e hoje brilhava alto no céu. Antes ou depois pagaria por isso, mas seguia sendo minha debilidade. Me perguntava se o sangue da fada me ajudaria a não ter câncer de pele. Não: minha tia Linda tinha morrido de câncer, e tinha mais sangue de fada que eu. Bem... Maldição. Me deitei de barriga pra cima, com os olhos fechados, com óculos de sol tapando a luminosidade do sol. Suspirei, ignorando o fato de que fazia um pouco de frio.

Cuidadosamente pensei em muitas coisas: Crystal, a vingança misteriosa das fadas, o FBI. Depois de quinze minutos, virei de barriga para baixo, escutando o rádio de Western de Shreveport, cantando todo o tempo já que não havia ninguém ao meu redor para me escutar. Tenho uma voz horrível.

“O que você está fazendo?” perguntou uma voz na minha orelha.

Nunca levitei antes, mas acho que fiz, pulando como seis centímetros sobre a espreguiçadeira. Também gritei.

“Meu Deus de minha vida” disse quando me dei conta de que a voz pertencia a Diantha, a sobrinha meio-demônio do meio-demônio Cataliades. “Diantha, você me deu um susto de morte”.

Diantha ria em silêncio, seu peito se movia de cima a baixo. Estava sentada com as pernas cruzadas sobre o chão, estava de calças de lycra vermelhas e uma camiseta com desenhos verdes. Sapatilhas vermelhas com meias amarelas. Tinha uma nova cicatriz, uma que descia por sua panturrilha.

“A explosão” disse quando vi o que estava olhando. Diantha também tinha mudado a cor do cabelo; agora estava platinado. Mas a cicatriz era suficientemente ruim como para chamar minha atenção.

“Você está bem?” perguntei. Era fácil ficar tensa quando conversas com Diantha, cuja conversa era como ler um telegrama.

“Melhor” disse, olhando sua cicatriz. Então seus estranhos olhos verdes pousaram nos meus. “Meu tio me enviou” esse era o começo da mensagem que vinha me entregar, entendi, porque disse lenta e pausadamente.

“O que seu tio quer me dizer?” ainda estava de barriga para baixo, apoiada sobre os cotovelos. Minha respiração tinha voltado ao normal.

“Disse que as fadas estão se movendo. Disse que tenhas cuidado. Disse que te levaram se podem, e que te machucaram” Diantha pestanejou.

“Porque?” perguntei, todo meu prazer de estar ao sol se evaporou como se nunca tivesse estado aí. Me sentia fria. Olhei nervosamente o jardim.

“Teu bisavô tem muitos inimigos” disse lenta e cuidadosamente.

“Diantha, você sabe porque tem tantos inimigos?” essa era uma pergunta que não podia fazer diretamente a meu bisavô, ou pelo menos não tinha tido o valor de fazer.

Diantha me olhou interrogativa. “Estão em um lado, e ele está do outro” disse como se fosse atrasada “Pegaramseuavô”

“Essas... As outras fadas mataram meu avô Fintan?”

Assentiu vigorosamente “Elenãotedisse?”

“Niall? Só disse que seu filho tinha morrido”

Diantha começou a rir “Poderia se dizer isso” disse e se dobrou, ainda rindo. “Cortado e pedacinhos!” bateu em meu ombro para liberar sua emoção. Fiz uma careta.

“Me desculpe” disse. “Medesculpemedesculpemedesculpe”.

“Certo” disse “Me dê um minuto”. Esfreguei meu braço fortemente para recuperar a sensibilidade. Como se proteger se sabes que as fadas vêm por você?

“De quem tenho que ter medo exatamente?” perguntei.

“Breandan” disse “Quer dizer algo; esqueci”

“Oh, o que Niall quer dizer?” mudança de tema radical, essa era eu.

“Nube” disse Diantha. “Toda a gente de Niall tem nome estelares”

“Certo. Então Breandan vem por mim. Quem é?”

Diantha pestanejou. Esta era uma conversa muito longa para ela. “O inimigo do seu bisavô” disse cuidadosamente, como se eu fosse retardada. “O príncipe fada”.

“Porque o Sr. Cataliades te mandou?”

“Porque você o ajudou” disse sem respirar. Seus olhos estavam fixos em mim, e assentiu e acariciou minha mão.

Fiz o melhor possível para tirar todos da Pirâmide vivos. Mas não tinha funcionado. Era bom saber que o advogado apreciava meus esforços. Tinha passado uma semana zangada comigo mesma por não ter descoberto todo o complô da bomba antes. Se tivesse prestado mais atenção, se não tivesse me distraído com outras coisas que aconteciam...

“Seu cheque também chegará”

“Oh, bem!” podia me sentir iluminada de novo, apesar da preocupação pela mensagem de Diantha “Você me trouxe uma carta ou algo assim?” perguntei, esperando mais sorte.

Diantha sacudiu negativamente a cabeça, e mechas de seu cabelo platinado caíram sobre seus ombros, fazendo-a parecer um porco-espinho agitado. “Meu tio tem que permanecer neutro” disse claramente. “Nada de cartas, nem ligações, nem e-mails. Por isso me mandou”.

Cataliades tinha se arriscado por mim. Não, havia arriscado Diantha. “O que acontece se te pegam?” perguntei.

Encolhei meus ossudos ombros. “Lutarei” disse. Sua cara se entristeceu. Ainda que não possa ler a mente dos demônios igual que possa fazer com os humanos, qualquer podia ver que Diantha estava pensando em sua irmã, Gladiola, que tinha morto por uma espada de vampiro. “Os queimarei” disse. Me sentei e levantei as sobrelanceias para mostrar que não entendia.

Diantha colocou sua mão com a palma para cima. Uma pequena chama apareceu dentro.

“Não sabia que você podia fazer isso” disse. Não estava muito impressionada. Mas lembrei que tinha que me manter sempre do lado de Diantha.

“Um pouco” disse, encolhendo seus ombros. Deduzi que Diantha só podia fazer uma chama pequena, não uma grande. Gladiola devia ter sido pega de surpresa pelo vampiro que a havia matado, porque os vampiros eram inflamáveis, muito mais que os humanos.

“As fadas queimam como os vampiros?”

Sacudiu a cabeça “Mas tudo se queima” ela disse com uma voz séria “Antes ou depois”.

Evitei estremecer “Você quer beber ou comer algo?” perguntei.

“Não” se levantou do chão, tirou o pó de sua roupa “Tenho que ir”. Acariciou minha cabeça, virou, e desapareceu, correndo mais rápido que um cervo.

Deitei de novo para pensar em tudo isso. Agora Niall tinha me avisado, o Sr. Cataliades também, começava a ter realmente medo. Mas os avisos, ainda que bons, não me davam informação de como me proteger contra essa ameaça. Poderiam aparecer em qualquer momento ou lugar, pelo que sabia. Podia assumir que não apareceriam no Merlotte’s já que as fadas queriam permanecer ocultas; mas aparte disso, não tinha nem idéia de onde poderiam me atacar nem de como me defender. Fechaduras nas portas as deteriam? Tinham que ser convidadas como os vampiros? Não, não lembrava de ter convidado Niall para entrar, e tinha estado em minha casa.

Sabia que algumas fadas só apareciam de noite, igual que os vampiros. Sabia que eram muito fortes, tanto como os vampiros. Sabia que as fadas (ao contrario dos goblins e dos elfos) eram lindas e desapietadas; inclusive os vampiros respeitavam sua ferocidade. As fadas mais velhas não viviam neste mundo, como Claudine e Claude; havia um lugar onde podiam ir,

um lugar secreto e muito melhor que este: um sem ferro. Se podiam limitar sua exposição ao ferro, as fadas viviam tanto que perdiam a noção do tempo. Niall, por exemplo, havia deixado de contar faz cem anos.

Talvez pudesse dizer que um evento de faz quinhentos anos, mas que na realidade tivesse duzentos. Não podia seguir a passagem do tempo, talvez em parte porque tinha passado a maior parte de sua vida em nosso mundo.

Espremi meu cérebro para buscar mais informação. Sabia uma coisa, não acreditava que tivesse esquecido. Se o ferro é ruim para as fadas o suco de limão é muito pior. A irmã de Claude e de Claudine tinha sido assassinada com suco de limão. Agora que pensava nisso, talvez pudesse ser de utilidade falar com Claude e Claudine. Não só eram meus primos, mas Claudine era minha fada madrinha, e tinha que me ajudar. Estaria trabalhando na loja onde se ocupava das queixas e embrulhava pacotes. Claude estaria no clube de strip-tease do qual era dono. Ele seria mais fácil de localizar. Entrei em casa para pegar o número. Claude atendeu o telefone ele mesmo.

“Sim” disse, tratando de mostrar indiferença, entediado e incomodado em uma palavra.

“Oi querido!” disse alegre. “Tenho que falar com você cara a cara. Posso ir aí, ou você está ocupado?”

“Não, não venha!” Claude soava quase alarmado ante a ideia. “Não veremos no centro comercial”.

Os gêmeos viviam em Monroe, que tinha um bom centro comercial.

“Certo” disse. “Onde e quando?”

Houve um momento de silêncio “Claudine pode sair para almoçar. Nos reuniremos em uma hora e meia no pátio de comidas, ao lado do Chick-fil-A”

“Nos vemos ali” disse e Claude desligou. Sr. Encantador. Coloquei meu jeans favorito e uma camiseta verde e branca. Escovei o cabelo energicamente. Tinha tido sempre um monte de problemas para escová-lo, mas não conseguia ir ao cabeleireiro cortá-lo.

Desde que tinha trocado sangue com Eric várias vezes, não só não tinha pego nenhum resfriado, mas nem sequer tinha pontas duplas. Além disso, meu cabelo é brilhante e, de fato, parecia mais grosso.

Não me surpreendeu que a gente comprasse sangue de vampiro no mercado negro.

Me surpreendia que a gente fosse tão idiota como para confiar o suficiente nos vendedores quando diziam que o vermelho era na realidade verdadeiro sangue de vampiro. Com frequência no vilarejos tinha True Blood, ou sangue de porco, ou inclusive o sangue do próprio vendedor. Se o comprador não obtinha sangue de vampiro autêntico, poderia ficar totalmente louco. Eu nunca compraria sangue de vampiro. Mas agora que tinha tomado

várias vezes (e bem fresca) nem sequer precisas usar base na cara. Minha pele estava perfeita. Obrigada Eric!

Não sei por que me preocupava em estar orgulhosa de mim mesmo, porque ninguém ia me olhar duas vezes quando estivesse com Claude. Mede quase um metro e oitenta de altura, com um lindo cabelo preto e olhos castanhos, tem o físico de um stripper, e a mandíbula e as maçãs do rosto de uma estátua renascentista. Desafortunadamente, ele também tem a personalidade de uma estátua.

Hoje Claude estava vestindo uma camiseta verde em baixo de uma camisa de seda aberta. Estava brincando com um óculos de sol. Ainda que a cara de Claude quando estava ‘Fora de Serviço’ variava de branco a rude, hoje parecia estar realmente nervoso. Olhava a zona de comidas, como se suspeitasse que alguém poderia ter me seguido, e não relaxou quando me sentei em sua mesa. Tinha uma xícara na frente dele, mas não tinha pedido nada para comer, assim que também não pedi nada.

“Prima” disse. “Você está bem?” nem sequer tratava de soar sincero, mas pelo menos disse as palavras adequadas. Claude começou a ser um pouco mais cortês, quando descobriu que meu bisavô era seu avô, mas ele nunca esqueceria que eu era humana (majoritariamente). Claude sentia tanta desprezo pelos seres humanos como a maioria das fadas, mas gostava da roupa de cama dos humanos – enquanto tivesse cheio.

“Sim, obrigada, Claude. Passou muito tempo”.

“Desde que nos vimos a última vez?” e isso foi suficiente para ele. “Como posso te ajudar? Ah, aqui vem Claudine” parecia aliviado.

Claudine estava vestindo um traje marrom com grandes botões de ouro e uma camisa café, creme e com listras. Vestia de forma muito conservadora para o trabalho, e ainda que o conjunto fosse bom, tinha algo no corte que a fazia parecer menos magra, notei. A gêmea de Claude, tinha mais uma irmã, a trigêmea Claudette, mas Claudette tinha sido assassinado. Suponho que se há dois em vez de três, pode chamá-los de ‘gêmeos’? Claudine era tão alta como Claude, e se inclinou para lhe dar um beijo na bochecha, seus cabelos (de exatamente o mesmo tom) se misturaram em uma cascata de ondas escuras. Ela me beijou também. Me perguntava se todos os seres sobrenaturais gostavam tanto o contato físico com as fadas. Minha prima tinha uma fraqueza pelos alimentos: batatas fritas, nuggets de frango, todo tipo de sobremesa, grandes bebidas doces.

“Em que tipo de problema Niall está metido?” lhe perguntei, indo diretamente ao ponto. “Que tipo de inimigos tem? São todas as fadas? Ou são outro tipo de seres?”

Houve um momento de silêncio enquanto Claudine e Claude observavam meu estado de animo. Não lhes surpreenderam minhas perguntas, o que me pareceu importante.

“Nossos inimigos são fadas” disse Claudine. “Os outros seres não se misturam em nossa política, normalmente, ainda que somos variantes do mesmo – como os pigmeus, os caucasianos, e os asiáticos são variações dos seres humanos” ela parecia triste. “Somos

menos numerosos do que éramos” ela abriu um sachê de ketchup e colocou tudo sobre suas batatas fritas. Colocou três batatas fritas na boca de uma vez. Wow, estava mesmo com fome.

“Levaria horas para te explicar toda nossa linhagem” disse Claude, mas não me estava deixando de lado. Era simplesmente um fato. “Descendemos das fadas que tem parentesco com o céu. Nosso avô, seu bisavô, é um dos poucos sobreviventes de nossa família real”.

“É um príncipe” disse, era uma das poucas coisas que sabia. Príncipe Encantador. Príncipe Valente. Príncipe da cidade. O título implicava muitas responsabilidades.

“Sim. Há outro príncipe, Breandan” Claude pronunciou ‘Bren-Dawn’. Diantha tinha mencionado Breandan. “Ele é o filho do irmão mais velho de Niall, Rogan. Rogan alegou ter parentesco com o mar, e por isso sua influência se estendeu a todas as massas de água. Rogan recentemente passou a Summerlands”.

“Morto”. Claudine traduziu antes de morder um pedaço de frango.

Claude encolheu seus ombros. “Sim, Rogan está morto. Era o único que poderia deter Breandan. E você deve saber que Breandan é o que...” mas Claude se deteve na metade da frase porque sua irmã tinha colocado a mão sobre seu braço. Uma mulher que estava dando batatas fritas a um menino nos olhava curiosamente, sua atenção atraída pelo gesto brusco de Claudine. Claudine olhou para Claude de uma forma que quase poderia pintar uma parede. Ele assentiu, liberou seu braço e começaram a falar de novo.

“Breandan está descordando das leis ao contrário de Niall. Ele...”

Os gêmeos se olharam mutuamente. Por último Claudine assentiu.

“Breandan acha que todos os seres humanos com sangue de fada devem ser exterminados. Em sua opinião, cada vez que um dos nossos companheiros está com um humano, perdemos algo de nossa magia”.

Clareei a garganta, tratando de desfazer o medo que tinha aparecido. “Então Breandan é um inimigo. Há mais gente da realeza ao lado de Niall?” perguntei com uma voz afogada.

“Um meio-príncipe. Seu título não pode ser traduzido” disse Claude. “Nosso pai, Dillon filho de Niall, e sua primeira mulher Branna. Nossa mãe Binne. Se Niall for a Summerlands, Dillon será coroado príncipe. Mas com certeza, deve esperar”.

Os nomes não me soavam. O primeiro se parecia com Dylan, o segundo soava como Bee-nah. “Soleta os nomes por favor” disse.

Claudine disse “B-I-N-N-E. D-I-L-L-O-N. Niall não vivei feliz com Branna, e levou muito tempo amar nosso pai, Dillon. Niall prefere seus filhos meio-humanos”. Sorriu pra mim para demonstrar que gostava dos humanos, suponho.

Niall me havia dito uma vez que era sua única parente via. Mas isso não era verdade. Niall estava cego pelas emoções, não os fatos. Necessitava lembrar disso. Claude e Claudine não pareciam culpar Niall de sua imparcialidade comigo, para meu grande alívio.

“E quem está do lado de Breandan?” perguntei.

“Dermot” disse Claudine. Me olhou expectante.

Conhecia esse nome. Tentei lembrar onde o havia escutado antes.

“é o irmão de meu avô Fintan” disse lentamente. “O outro filho de Niall com Einin. Mas é meio-humano” Einin tinha sido uma mulher humana seduzida por Niall faz cem anos. (Pensou que ele fosse um anjo, coisa que dá uma idéia de como os humanos vêm as fadas quando não estão em sua forma de humanos). Meu tio meio-humano estava tentando matar seu pai?

“Niall te contou que Fintan e Dermot são gêmeos?” perguntou Claude.

“Não” disse assombrada.

“Dermot é o mais jovem com uma diferença de minutos. Os gêmeos não são idênticos” disse. Estava desfrutando de minha ignorância. “Eram...” se deteve, parecia estar pensando. “Não sei qual é a palavra adequada” disse.

“Muito fraternal e interessante. E quê?”

“Para dizer a verdade” disse Claudine, olhando intensamente o frango, “Seu irmão Jason, é igualzinho a Dermot”

“Você está dizendo que...? O que você está dizendo?” estava preparada para ficar indignada, uma vez sabia porquê.

“Estou só dizendo que por isso Niall sempre se negou ver seu irmão” disse Claude “Niall amava Fintan, mas Dermot sempre o desafiou. Se revelou abertamente contra nosso avô e jurou lealdade a Breandan, ainda que Breandan o odiasse. Além disso Dermot não só se parece com Jason, coisa que é puramente genética, se não que Dermot é um imbecil igual a Jason. Você pode ver porque Niall não gosta muito dele”.

Senti um pouco de pena por Jason até que meu sentido comum acordou.

“Então Niall tem mais inimigos aparte de Breanda e Dermot?”

“Tem seus próprios seguidores e associados, incluindo uns poucos assassinos”.

“Mas seu pai e sua mãe estão do lado de Niall?”

“Sim. Outros também, claro. Toda a gente do céu”.

“Então tenho que vigiar que fadas não cheguem perto de mim, porque poderiam me atacar a qualquer momento porque tenho o sangue de Niall”.

“Sim. O mundo das fadas é perigoso. Especialmente agora. É um dos motivos pelo que vivemos no mundo dos humanos” Claude olhou para Claudine, quem estava comendo os nuggets de frango como se estivesse morta de fome.

Claudine engoliu, se limpou a boca com um guardanapo e disse “Isso é o mais importante”. Pegou outro pedaço de frango e olhou para Claude, lhe dizendo que continuasse.

“Se você ver alguém que pareça com seu irmão, mas não é ele...” disse Claude.

Claudine engoliu “Corra o mais rápido que puder” terminou.

CAPÍTULO 9

Dirigi para casa mais confusa que nunca. Ainda que amasse meu bisavô o máximo possível dado o pouco que tínhamos nos visto... E estava totalmente disposta a amá-lo mais, e estava disposta a segui-lo até o limite porque éramos família... Mas ainda não sabia como lutar nesta guerra, ou como evitá-lo. As fadas não queriam ser conhecidas no mundo dos humanos, e nunca fariam. Não eram como os metas, lobisomens e vampiros, que queriam compartilhar com os demais. As fadas tinham muito mais complicado cumprir as normas humanas. Poderiam fazer qualquer coisa e desaparecer em seu lugar secreto.

Pela milionésima vez, desejei ter um bisavô normal em vez desta improvável, gloriosa e incomoda versão principesca. Então me senti culpada. Deveria estar feliz de mina sorte. Esperava que Deus não notasse esse lapso de falta de gratidão. Já tinha tido um dia complicado, e era só as duas da tarde. Este não ia ser um dia normal. Normalmente limpava a casa, fazia compras, lia, pagava contas... mas hoje fazia um tempo tão bom que dava vontade de ficar lá fora o dia todo. Queria fazer algo que me permitisse isso. Tenho certeza que havia muitas.

Olhei as flores que tinha ao redor de casa, decidi plantar mais. Era minha tarefa menos preferida, talvez porque era a que sempre fazia quando era criança. Minha avó pensava que

devíamos crescer trabalhando. Era em sua memória que mantinha as flores sempre lindas, e agora suspirei e me preparei para trabalhar. Comecei com as flores que tinha no caminho, ao sul da casa.

Fui buscar a caixa de ferramentas na cabana, que tinha servido a família Stackhouse por gerações. Abri a porta com uma mistura de horror e prazer, porque algum dia ia ter que trabalhar duro para limpar o interior. Ainda tinha a velha pá de minha vó; não sabia quem a tinha usado antes que ela. Era velha, mas estava bem cuidada. Entrei na cabana e encontrei minhas luvas de jardinagem e a pá. Sabia, por um documentário, que tinha gente que recolhia ferramentas velhas.

Esta cabana seria como a cova de Aladim para eles. Minha família não era das que jogavam fora coisas se ainda podiam ser utilizáveis. Ainda que estivesse cheia, a cabana estava organizada, ao estilo de meu avô. Quanto tínhamos vindo a viver com minha vó, tinha posto uma zona com ferramentas habituais. Ale era onde tinha que por as ferramentas cada vez que as usávamos, e ainda seguiam ali. Pude pegar a pá sem problemas, já que era uma das ferramentas mais velhas e usadas. Era pesada, afiada e mais estreita que as modernas, mas sua forma era cômoda.

Se houvesse sido primavera, teria colocado meu biquíni para combinar o prazer com o trabalho. Mas como ainda o sol brilhava, já não estava tão despreocupada. Coloquei as luvas de jardinagem, porque não queria arruinar minhas unhas. Alguns capins do mato pareciam se revelar contra mim. Uma crescia forte, densa, tinha florescido e as folhas eram pontiagudas. Era feia e gordurenta, e teria que arrancá-la da raiz.

Havia algumas mais entre as flores. Minha avó teria tido um ataque.

Coloquei mãos a obra e me agachei. Com a mão direita, cravava a pá em baixo da terra, arejei as raízes e arranquei o capim com a mão esquerda. Removi com a pá para tirar todas as raízes dos capins e as colocava do lado. Antes de começar tinha ligado o rádio no alpendre. Em pouco tempo, estava cantando de novo com LeAnn Rimes. Comecei a me sentir menos preocupada. Em uns poucos minutos, tinha um respeitável monte de capim e estava mais alegre.

Se não tivesse falado, as coisas teriam terminado de outra forma. Mas como era muito orgulhoso, teve que abrir a boca. Seu orgulho me salvou a vida.

Também, escolheu mal as palavras. Dizendo “Desfrutarei te matando para meu senhor”.

Não é uma boa forma de se apresentar.

Tenho bons reflexos, e me levantei rapidamente colocando a pá na mão e a levando para seu estômago. Cravou dentro, como se estivesse desenhada para ferir as fadas. E exatamente assim é como foi, porque a pá estava feita de ferro e ele era uma fada.

Retrocedi e meio que deitei, ainda segurando a pá ensangüentada, e esperei para ver o que fazia. Estava olhando para o sangue que gotejava entre seus dedos com incrível surpresa,

como se não pudesse acreditar. Tinha quebrado seu conjunto. Então me olhou, seus grandes e pálidos olhos azuis, e tinha uma grande pergunta em sua cara, como se quisesse perguntar se realmente eu tinha feito isso, se não era algum tipo de erro. Comecei a retroceder para as escadas do alpendre, sem afastar o olhar dele, mas já não era tão ameaçador. Quando fui abrir a porta, meu assassino me derrubou no chão, ainda parecia surpreso.

Entreí na casa e fechei a porta. Então com as pernas tremendo me acerquei na janela que tinha sobre a pia para olhar, me afastando o máximo possível. Desde esse ângulo podia ver um pedaço de seu curvado corpo “Certo” disse em voz alta.

“Certo” estava morto, isso parecia. Tinha sido tão rápido.

Comecei a pegar o telefone, logo notei que minha mão tremia e vi meu celular onde o tinha deixado carregando. Como isso era uma crise tinha que ligar para uma cabeça pensante, liguei ao número de emergência de meu bisavô.

Uma voz de homem, não a de Niall, atendeu “Alô?” a voz disse cautelosamente.

“Ah, Niall está?”

“Posso entrar em contato com ele. Posso ajudá-la?”

Tranqüila, disse a mim mesma. Tranqüila. “Poderia dizer a ele que matei uma fada e que está em meu jardim e não sei o que fazer com o corpo?”

Houve um momento de silêncio.

“Sim, lhe direi isso”

“Acha que será logo? Porque estou sozinha e assustada”

“Sim”

“E virá alguém?” Deus, soava como uma chorona. Me obriguei a me comportar. “Quero dizer, posso colocá-lo no porta-malas, suponho, ou chamar o xerife”. Queria impressionar este desconhecido fazendo parecer que eu era auto-suficiente e capaz. “Mas estão em segredo, e não parecia ter uma arma, e obviamente não posso demonstrar que disse que ia desfrutar me matando”

“Matou... matou uma fada”

“Isso disse. Antes” senhor lento. Olhei de novo pela janela. “Sim, continua sem se mover. Morto e bem morto”.

Desta vez o silêncio durou tanto que pensei que tinha desmaiado ou algo. Disse “Sinto muito?”

“Sente mesmo? Chegaremos logo” e desligou.

Não podia não olhar, não podia suportar olhar. Tinha visto mortos antes, humanos e não-humanos. E desde que tinha conhecido Bill Compton no Merlotte’s, tinha visto mais corpos que poderia. Não é que fosse culpa do Bill, claro.

Tive calafrios por todas as partes.

Em cinco minutos, Niall e outra fada saíram do bosque. Tinha que ter um portal por aqui. Talvez Scotty os tivesse subido. Ou descido. Ou talvez eu não estava pensando muito claramente.

As duas fadas pararam quando viram o corpo e logo trocaram algumas palavras. Pareciam assombrados. Mas não assustados, e não agiam como se esperassem que o cara se levantasse e lutasse, então fui a parte traseira do alpendre e abri a porta de tela metálica.

Eles sabiam que eu estava ali, mas continuaram olhando o corpo.

Meu bisavô levantou seu braço e me coloquei em baixo dele. Me abraçou e o olhei para ver que estava sorrindo.

Bom, isso era inesperado.

“Você é uma benção para nossa família. Você matou meu inimigo” disse. “Tinha tanta razão sobre os seres humanos” parecia tão orgulhoso.

“Isso é algo bom?”

A outra fada riu e me olhou pela primeira vez. Tinha o cabelo da cor da manteiga, e seus olhos combinavam com o cabelo, para mim era tão estranho que me deixou fora de combate, ainda que passava o mesmo com todas as fadas que tinha conhecido, era lindo. Tive que reprimir um suspiro. Entre os vampiros e as fadas, eu estava condenada a ser uma simples Jane.

“Sou Dillon” disse.

“Oh, o pai de Claudine. Encantada de conhecê-lo. Suponho que seu nome significa algo também, verdade?” lhe disse.

“Raio” disse, e me dedicou um sorriso atrativo.

“Quem é este?” disse, apontando o corpo com minha cabeça.

“Era Murry” disse Niall. “Era um grande amigo de meu sobrinho Breandan”

Murry parecia muito jovem; para o olho humano talvez teria dezoito. “Disse que não podia esperar para me matar” lhes disse.

“Mas em troca, você o fez. Como?” perguntou Dillon, como se estivesse perguntando como tinha separado o doce do folhado.

“Com a pá da minha avó” disse. “Na realidade, pertenceu a minha família durante muito tempo. Não é que tenhamos um fetiche de ferramentas de jardinagem ou algo assim, se não como funciona e está aí, não há necessidade de comprar outra”.

Ambos me olharam. Não podia saber se pensavam que estava louca ou o quê?

“Você poderia nos mostrar essa ferramenta de jardinagem?” disse Niall.

“Claro, vocês querem um chá ou algo? Acho que temos Pepsy e Limonada”. Não, não. Limonada não! Poderiam morrer! “Me desculpem, cancelem a limonada. Chá?”

“Não” disse Niall muito suavemente. “Acho que agora não”

Tinha tirado a sangrenta pá entra as flores. Quando a recolhi e a acerquei, Dillon estremeceu “Ferro” disse.

“Nos levamos as luvas postas” lhe disse Niall a seu filho e pegou a pá de minhas mãos. Suas mãos estavam cobertas por uma tela flexíveis feita pelas empresas químicas que eram propriedade das fadas. Com essa substância, as fadas eram capazes de adentrar no mundo dos humanos sem ter que ter medo de serem envenenadas no processo.

Dillon parecia arrependido “Não, sinto muito, pai”.

Nial sacudiu sua cabeça como se Dillon lhe decepcionasse, mas sua atenção estava fixa na pá. Estava preparado para segurar algo venenoso, mas notei que ainda a pegava com muito cuidado.

“Foi cravada nele facilmente” disse e tive que reprimir uma náusea repentina. “Não sei porque. É afiada, mas nem tanto”.

“O ferro pode cortar nossa carne como uma faca na manteiga” disse Niall.

“Ugh” bom, pelo menos sabia que não tinha conseguido uma super força.

“Te surpreendeu?” perguntou Dillon. Ainda que não tivesse as mesmas rugas finas que faziam meu bisavô fosse mais lindo, Dillon parecia só ligeiramente mais jovem que Niall, o que fazia sua relação mais desconcertante. Mas quando olhei de novo ao corpo, voltei ao presente.

“Me surpreendeu. Estava trabalhando com as flores, e o seguinte que soube, é que o tinha na frente dizendo o muito que ia desfrutar me matando. Nunca fiz nada a ele. E me aterrorizou, tanto que movi a pá e a cravei em seu estômago” de novo, meu estômago se revirou.

“Disse algo mais?” meu bisavô tentava falar casualmente, mas parecia muito interessado na resposta.

“Não senhor” disse. “Pareceu meio surpreso, e então... morreu” desci pelas escadas e me sentei pesadamente.

“Não é que me sinta culpada” disse rapidamente. “É só que ele tentava me matar, e se alegrava por isso e eu nunca havia feito nada. E não sabia nada dele, e agora está morto”.

Dillon se ajoelhou na minha frente. Me olhou na cara. Não parecia exatamente amável, mas menos agressivo. “Ele era seu inimigo, e agora está morto” disse. “Isso é motivo de alegria”.

“Não exatamente” lhe disse. Não sabia como explicar.

“Você é cristã” disse, como se tivesse descoberto que era uma hermafrodita ou vegetariana.

“Sou uma realmente má” lhe disse rapidamente. Seus lábios comprimidos, e pude ver que estava tentando não rir. Não me sentia com vontade e menos com o corpo do homem que tinha matado a poucos metros de distância. Me pergunto quantos anos Murry tinha caminhado sobre esta terra, e agora estava enrugado formando um monte sem vida, seu sangue manchando minha grama. Espera um minuto! Ele não estava. Estava se convertendo em... pó. Não era como a desintegração gradual de um vampiro, era mais como se alguém estivesse apagando Murry.

“Está com frio?” Niall perguntou. Não parecia pensar da desapareição dos pedaços do corpo fosse algo inusual.

“Não, senhor. Só estou triste. Quero dizer, estava tomando sol, depois fui ver Claude e Claudine, e agora estou aqui”. Não podia afastar os olhos do corpo que se desintegrava.

“Você esteve deitada no sol e fazendo tarefas de jardinagem. Nós gostamos do céu e do sol” disse, como se isso fosse uma prova positiva de que éramos da mesma família. Sorriu para mim. Era tão lindo. Me sentia como uma adolescente ao seu redor, uma adolescente com acne e gorda. Agora me sentia como uma assassina adolescente.

“Vão pegar suas... cinzas?” perguntei. Me levantei, tentando fazer algo. Me mover me faria sentir menos miserável.

Dois pares de olhos surpresos me olharam inexpressivamente.

“Por quê?” Dillon perguntou.

“Para enterrá-lo”.

Pareceram horrorizados.

“Não, não na terra” disse Niall, tentando soar menos agitado do que estava.

“Assim é como fazemos”.

“Então como fazem?” havia muito pó brilhante que começava a se acumular sobre meu caminho e minhas flores, e ainda restava o torso. “Não quero ser chata, mas Amélia pode vir em qualquer momento. E não recebemos muitas visitas, mas as vezes o da agência de transportes vem e o que mede o consumo”.

Dillon olhou a meu bisavô como se estivessem falando Japonês. Niall disse “Sookie compartilha sua casa com outra mulher, e esta mulher pode voltar a qualquer momento”.

“Virá alguém mais por mim?” perguntei, mudando de tema.

“Provavelmente” disse Niall. “Fintan fez um trabalho melhor que eu te protegendo, Sookie. Inclusive protegeu a mim, e eu só quero amar-te. Mas não queria me dizer onde você estava”. Niall parecia triste, fustigado e cansado pela primeira vez desde que o tinha visto. “Estive tentando te manter longe de tudo isso. Penso que só queria te conhecer antes de que conseguissem me matar, e me arrumei com os vampiros para que meus movimentos não se notassem tanto, mas isso te criou problemas. Você pode confiar em meu filho Dillon”. Colocou sua mão sobre o ombro do jovem fada. Dillon sorriu encantadoramente, mostrando seus brancos e afiados dentes. Certo, dava medo, inclusive ainda que fosse o pai de Claude e Claudine.

“Logo conversaremos” disse Niall, se inclinado para me dar um beijo. Seu fino e brilhante cabelo roçou a bochecha, cheirava muito bem; como todas as fadas. “Sinto muito, Sookie” disse. “Pensei que poderia obrigá-los a aceitar... Bom, não pude” seus verdes olhos me olharam com intensidade e pesar “Você tem uma mangueira? Poderíamos amontoar a maioria das cinzas, mas acho que será melhor se as distribuir”.

Colocou seus braços ao meu redor e me abraçou, e Dillan se despediu de mim com um gesto brincalhão. Os dois deram uns passos para as árvores e desaparecerão na terra, como quando encontra um cervo no bosque.

Isso era tudo. Me deixaram sozinha em meu ensolarado pátio, com uma montanha de cinzas com forma de corpo no caminho.

O acrescentei em minha lista de coisas estranhas do dia. Tinha estado com a policia, tomado sol, ido a um centro comercial com duas fadas, arrancado capim, e matado alguém. Agora era a vez de desfazer do corpo. E o dia ainda não tinha terminado. Liguei a torneira, desenrolei a mangueira para que a água chegasse até essa zona, a apertei o extremo para pulverizar a água sobre as cinzas de fada.

Tive um sentimento estranho “Qualquer pensaria que deveria estar acostumada a essa altura” disse em voz alta, me surpreendendo ainda mais. Não queria somar a gente que havia matado. Antes dos últimos anos (talvez menos se contasse por meses) nunca tinha colocado um dedo em cima de ninguém por ira, deixando de lado o golpe que dei em Jason com um bastão de beisebol de plástico quando arrancou o cabelo de minha boneca.

Tentei me recompor. Já estava feito. Não tinha como voltar atrás.

Soltei o extremo da mangueira e desliguei a torneira.

Em baixo da luz decrescente do sol, era complicado notar, mas pensava que tinha dispersado bastante bem as cinzas.

“Mas não da minha memória”. Disse seriamente. Então tive que rir, e soei como uma louca. Estava de pé em meu pátio lavando sangue de fada com uma mangueira e dizendo a mim mesma frases melodramáticas. O seguinte seria interpretar o solilóquio de Hamlet que tive que memorizar na escola.

Essa tarde me desgastei muito, mas muito.

Mordi meu lábio inferior. Agora que tinha passado a intoxicação de ter familiares, tinha que admitir que o comportamento de Niall era agradável (quase sempre) mas imprescindível. Pelo que tinha dito, me havia colocado em risco de propósito. Talvez deveria ter perguntado antes como tinha sido meu avô Fintan. Niall havia me dito que tinha cuidado de mim sem que o notasse, uma imagem que era aterradora, mas comovente. Niall aterrador e comovedor também. O tio-avô Dillon só parecia aterrador.

A temperatura diminuía com a crescente escuridão, e estava tremendo quando entrei em casa. Talvez a mangueira se congelasse esta noite, mas não me importava. Havia roupa na secadora e tinha que comer já que não havia comido nada no centro comercial. Estava chegando a hora do jantar, tinha que me concentrar nas pequenas coisas.

Amélia ligou enquanto estava dobrando a capa. Me disse que estava a ponto de sair do trabalho e que ia se encontrar com Tray para ver um filme e jantar. Me perguntou se queria ir, mas disse que estava ocupada. Amélia e Tray não precisavam uma terceira em discórdia, e não queria me sentir como tal.

Seria ótimo ter companhia. Mas o que contaria para começar uma conversa? *Wow, essa pá cravou dentro como se fosse gelatina.*

Encolhi meus ombros e tratei de pensar no que fazer. Um companheiro que não pudesse me criticar, isso era o que precisava. Sentia muita saudade do gato que chamávamos de Bob (ainda que não nasceu gato, agora era). Talvez deveria comprar um gato de verdade. Não era a primeira vez que tinha considerado ir ao canil. Seria melhor esperar que a crise das fadas terminasse antes de ir. Não tinha sentido pegar um animal se iam me matar a qualquer momento. Não? Não seria justo para o animal. Comecei a rir, e sabia que não podia ser bom.

Tempo para deixar de ser boba, hora de fazer algo. Primeiro, limparei a pá e a jogarei fora. A levei a pia da cozinha e a lavei e esfreguei. O ferro parecia ter um novo brilho, como uma escova que acabava de ser limpa. A segurei em baixo da luz e olhei a ferramenta. Estremeci.

Certo, essa tinha sido uma comparação desagradável. Eliminei a idéia e continuei esfregando. Quando pensei que já estava imaculada, a tirei de novo. Depois sai rapidamente

pela porta traseira e na escuridão a deixei de novo em seu lugar. Me perguntava se seria melhor comprar uma nova pá no Wal-Mart. Não estava segura de poder usar-la a próxima vez que quisesse plantar algo. Seria como usar uma pistola para pregar pregos. Duvidei, a pá estava pendurada de seu gancho. Então mudei de idéia e voltei a levá-la para casa. Me detive nas escadas, olhando os últimos raios de sol no horizonte antes que meu estômago começasse a fazer barulho.

Que dia tão comprido tive. Estava pronta para me sentar na frente da TV com um prato de algo ruim para minha saúde, olhando uma série que não era boa para minha mente. Escutei um carro subindo pelo caminho que ia a casa enquanto abria a porta traseira. Esperei fora para ver quem era. Fosse quem fosse, me conhecia um pouco, porque o carro virou para a parte traseira.

Depois de um dia inteiro de problemas, aqui vinha outro: meu visitante era Quinn, quem se supunha não deveria por um pé na Área Cinco. Dirigia um Ford Taurus, um carro alugado.

“Oh, genial” disse. Antes queria companhia, mas isto não era companhia. Por muito que gostasse de Quinn e o admirasse, esta conversa prometia ser igual que o resto do dia.

Saiu do carro, andando graciosamente, como sempre. Quinn era um homem rapado ao zero muito alto e com olhos roxos. É um dos poucos homens-tigre que restam no mundo e provavelmente o único macho da América do Norte. A última vez que nos vimos tínhamos terminado. Não estava orgulhosa das coisas que tinha dito, mas pensava que tinha ficado claro que já não éramos um casal.

E ainda sim, aí estava, com suas grandes e quentes mãos sobre meus ombros. Qualquer prazer que tinha sentido ao vê-lo desapareceu levada por uma onda de ansiedade. Podia cheirar os problemas no ar.

“Você não deveria estar aqui” disse. “Eric não aceitou sua petição, ele me disse”.

“Te pergunto primeiro? Você sabia que queria te ver?” a escuridão agora era intensa e era difícil ver sem as luzes. A cara de Quinn mostrava duros traços em baixo da luz amarelada. Seu olhar estava fixo em mim.

“Não, mas esse não é o tema” disse. Senti ira em mim. Mas não era minha ira.

“Acho que sim”.

Era o anoitecer. Não havia tempo para falar mais “Não conversamos sobre isso a última vez?” não queria montar outra cena, sem importar o muito que gostasse dele.

“Você disse que tínhamos terminado, garota. Eu não estou de acordo”.

Oh genial. Bem o que precisava! Mas como sei que tudo não é sobre mim, contei até dez e disse “Sei que não te deixei muitas opções quando te disse que não deveríamos mais nos ver, Quinn. Mas disse em sério. O que mudou de sua situação pessoal? Sua mãe já pode se encarregar dela mesma? Ou Frannie já cresceu o suficiente para poder controlar sua mãe se

fugir?” a mãe de Quinn passou por muitas coisas ruins, e tinha ficado mais ou menos louca. Para dizer a verdade, era mais. Sua irmã Frannie ainda era uma adolescente.

Inclinou sua cabeça um momento, como se reunisse valor. Então me olhou diretamente nos olhos de novo “Porque você é mais dura comigo que com os outros?” perguntou.

“Não sou” disse no instante. Mas então pensei, sou?

“Você pediu ao Eric que abandonasse o Fangtasia? Pediu ao Bill que abandonasse seu programa de computador? Pediu a Sam que desse as costas a sua família?”

“O quê...” comecei a dizer, tentando buscar a conexão.

“Você está me pedindo que deixe a gente que amo – minha mãe e irmã – se quero ficar com você”

“Não estou pedindo que faça nada” disse, sentindo a tensão dentro de mim aumentar até níveis quase incontroláveis. “Te disse que queria ser a primeira para o cara com quem estivesse. E suponho – ainda faço – que sua família vem antes porque sua mãe e sua irmã não são exatamente muito auto-suficientes. Não pedi a Eric que deixe o Fangtasia. Porque faria? E porque meteu Sam no meio?” nem sequei encontrei motivos para mencionar Bill. Fazia muito que tinha superado.

“Bill gosta de seu status no mundo humano e vampiro, Eric adora sua pequena porção da Louisiana mais do que gostará de você” disse Quinn, e soava quase com pena de mim. Isso era ridículo.

“De onde vem todo esse ódio?” perguntei, cobrindo os braços na minha frente. “Não deixei de sair com você porque sentisse algo por outra pessoa. Terminamos porque pensava que você tinha sua dose coberta”.

“Você está se afastando de todo o mundo que gosta e se importa com você” disse Quinn me olhando intensamente. “E olha todos os súbditos que você tem”.

“Você está falando de Eric?” os súbditos de Eric eram vampiros que podem se ocupar deles mesmos.

“Nunca deixará sua pequena área por você, nunca deixará que seu grupo de vampiros sirva a outra pessoa. Nunca...”

Não podia suportar mais isso. Gritei frustrada. Pisei forte com o pé como uma criança de três anos “Não pedi a ele que faça nada!” gritei. “Do que você está falando? Você veio me dizer que ninguém mais me amará como você? Mas o que está acontecendo com você?”

“Sim, Quinn” disse uma voz familiar e fria. “O que está acontecendo com você?”

Juro que dei um pulo de pelo menos dez centímetros sobre o chão. Havia deixado que minha briga com Quinn centrasse toda minha atenção, e não tinha sentido a chegada de Bill.

“Você está assustando a Sookie” disse Bill que estava a vários metros atrás de mim, e minhas costas estremeceu pela sua ameaça. “Isso não vai acontecer, tigre”

Quinn grunhiu. Seus dentes começaram a crescer, a afilar-se, em baixo do meu olhar. Bill apareceu ao meu lado no segundo instante. Seus olhos brilhavam com um tom prateado marrom.

Não só tinha medo de que se matassem mutuamente, notei que estava começando a me cansar de que aparecessem pessoas em minha propriedade como se fosse uma estação de trem. As mãos de Quinn se converteram em garras. Um grunhido saiu de seu peito.

“Não!” disse desejando que me escutassem. Este era um dia infernal.

“Nem sequer você está na lista, vampiro” disse Quinn, e sua voz realmente já não era a sua “Você está no passado”

“Farei de você um tapete para meu chão” disse Bill, e sua voz era mais fria e suave que nunca, como o gelo sobre o cristal.

Esses dois idiotas iam lutar.

Fiquei entre eles para evitar a briga, mas a parte racional de meu cérebro me disse que seria suicida fazer. *Meu gramado vai manchar com um pouco mais de sangue esta noite. O que deveria ter pensado era, necessito me afastar.* De fato, deveria ter saído correndo e fechado a porta de casa.

Mas isso não aconteceu. Na realidade, o que fiz foi ficar no meio um momento, agitando as mãos inutilmente, tentando pensar em como separá-los... e então os dois começaram a lutar e a se moverem. Quinn empurrou Bill com todas as forças. Bill me bateu com força e me elevei vários centímetros do chão, e claro, tudo o que sobe tem que cair.

CAPÍTULO 10

A água fria caía sobre minha cara e pescoço. Comecei a tossir quando uma parte dela caiu dentro de minha boca.

“Muito?” perguntou uma voz, e abri meus olhos para ver Eric. Estávamos em meu quarto, e só estava acesa a luz do banheiro.

“Suficiente” disse. A cama se moveu quando Eric se levantou para levar o pano de prato ao banheiro. Em um segundo de volta com uma toalha de mão, secando minha cara e pescoço. O travesseiro estava molhado, mas decidi não me preocupar por isso. A casa estava esfriando agora que o sol tinha ido, e eu estava deitada só vestida com minha roupa íntima. “Frio” disse. “Onde está a minha roupa?”

“Manchada” disse Eric. Havia um lençol no extremo da cama, e o colocou em cima de mim. Me deu as costas por um momento, e escutei como seus sapatos tocaram o chão. Então entrou em baixo do lençol comigo e ficou sobre um cotovelo. Estava me olhando. De costas a luz que vinha do banheiro, assim não conseguia ver sua cara “Você ama ele?” disse.

“Estão vivos?” não tinha sentido decidir que gostava de Quinn se estivesse morto, verdade? Ou talvez Eric falasse de Bill. Não podia saber. Me dei conta de que me sentia estranha.

“Quinn foi embora com várias costelas e a mandíbula quebrada” me disse Eric, sua voz era neutra. “Bill se curará esta noite, se não o fez agora”.

Pensei nisso “Suponho que você tem algo haver com que Bill estivesse aqui”.

“Sei quando Quinn desobedeceu as normas. E Bill era o vampiro mais perto de sua casa. Seu trabalho era assegurar-se de que não te acusasse enquanto eu vinha. Pegou seu trabalho muito a sério. Sinto muito que você saísse machucada” Eric disse, com a voz tensa. Não estava acostumado a se desculpar, e sorri na escuridão. Era quase impossível não ficar ansiosa, notei distantemente. E com certeza deveria estar zangada e incomodada, não?

“Espero que deixaram de brigar quando cai no chão”.

“Sim, o golpe terminou a... Briga”.

“E Quinn foi embora por livre espontânea vontade?” passei minha língua por minha boca, estava com um gosto de metal.

“Sim. Lhe disse que me ocuparia de você. Sabia que havia passado muitos limites vindo aqui te ver, já que lhe disse que não podia entrar na minha área. Bill demorou para aceitar, mas o fiz voltar para sua casa”.

Típico comportamento de xerife “Você me deu sangue?” perguntei.

Eric assentiu casualmente “Você estava inconsciente” disse. “E sabia que era sério. Queria que se sentisse melhor. Foi tudo minha culpa”

Suspirei “Senhor déspota” murmurei.

“Me explique. Não entendo essa palavra”.

“Se refere a alguém que acredita que sabe o que é melhor para todos. Que toma decisões por eles sem perguntar” talvez lhe havia dado uma definição pessoal, e daí?

“Então sou” disse Eric sem pena alguma. “Também estou muito...” acercou sua cabeça e me beijou lenta e pausadamente.

“Quente” disse.

“Exatamente” disse, e me beijou de novo. “Estive trabalhando com meus novos professores. Os apoiei com minha autoridade. Agora posso ter minha própria vida. E quero reclamar o que é meu”.

Disse a mim mesma que eu podia decidir por mim mesma, sem importar o vínculo de sangue com Eric. Depois de tudo, ainda tinha minha própria vontade. Mas se o desejo tinha sido criado ou não pela doação de sangue, notei que meu corpo estava mais que disposto e devolver o beijo e descer minha mão por suas costas. Apesar da sua camiseta, podia sentir seus músculos, tendões e ossos de suas costas enquanto se movia. Minhas mãos pareciam lembrar da topografia de Eric igual que meus lábios se lembravam de seus beijos. Seguimos assim durante vários lentos minutos enquanto nos acostumávamos de novo.

“Você realmente lembra?” lhe perguntei. “Realmente lembra de quando estivemos juntos? Do que sentias?”

“Oh, sim” disse. “Lembro” abriu meu sutiã antes de que me desse conta de que tinha sua mão em minhas costas. “Como poderia me esquecer disto?” disse, com o cabelo caindo sobre a cara enquanto sua boca percorria meu peito. Senti as ligeiras espetadas de suas presas e o prazer que me dava sua boca. Passei minha mão sobre o zíper de seu jeans. Apertando minha mão contra o volume que havia dentro, e então a indecisão desapareceu.

Seus jeans, sua camiseta e minha calcinha também. Seu longo e frio corpo estava apertado sobre meu corpo quente. Me beijou uma e outra vez com frenesi. Emitiu um som de fome, e eu repeti. Seus dedos percorreram, acariciando de uma forma que me fez estremecer.

“Eric” disse tentando ficar em baixo dele “Agora”.

Disse “Oh, sim” deslizou dentro de mim como se nunca tivesse ido embora, como se tivéssemos estado fazendo amor cada noite do último ano “Isto está ótimo”.

Sussurrou, e sua voz tinha um acento que rara vez havia escutado, como se estivesse em um lugar afastado que eu não podia imaginar “Isto está ótimo” disse de novo. “Isto é maravilhoso” saiu um pouco e fez um som afogado.

“Não dói?” perguntou

“Quase nada” disse

“Talvez eu seja muito grande”.

“Faz de novo” disse.

E voltou a meter.

“OhmeuDeus” disse entre dentes. Meus dedos se aferravam forte nos músculos de seu braço. “Sim. Outra vez!” estava o mais dentro de mim possível, e brilhava sobre mim, sua branca pele reluzindo no quarto escuro. Disse algo em um idioma que não fui capaz de reconhecer; depois de um momento, repetiu. E então começou a se mover mais e mais rápido até que pensei que ia me fazer em pedaços, mas continuou. Eu continuei, até que suas presas brilharam quando se inclinou sobre mim. Quando mordeu meu ombro, abandonei meu corpo um minuto. Nunca tinha sentido nada tão bom. Não tinha fôlego suficiente para gritar nem para falar. Meus braços estavam nas costas de Eric, e notei como estremeceu inteiro quando chegou ao orgasmo.

Estava tão agitada que não falaria ainda que minha vida dependesse disso. Deitamos em silêncio, esgotados. Não me importava tê-lo em cima. Me sentia segura. Lambei a marca da mordida vagamente e sorri na escuridão. Acariciei suas costas como se estivesse acariciando um animal. Me sentia melhor do que havia me sentido em meses. Tinha passado muito desde a última vez que fiz sexo, e isto era como... sexo de gourmets. Inclusive agora seguia sentindo pequenas repetições de meu orgasmo.

“Isso fará que mude o vínculo de sangue?” perguntei. Tive cuidado de não soar como se estivesse o culpando de algo. Mas com certeza, o fazia.

“Felipe te desejava. Quanto mais forte seja nosso vínculo, menos oportunidades terá de fazer com você”.

Estremecei “Eu não posso fazer isso”.

“Não terá que fazer” disse Eric, sua voz me acariciava como uma pluma.

“Estamos unidos pela faca. Estamos vinculados. Não pode te arrebatá-lo”.

Só podia agradecer de não ter que ir a Las Vegas. Não queria sair de casa. Não podia imaginar o que seria estar rodeada de tanta cobiça; bom, sim, podia. Seria horrível. As frias e grandes mãos de Eric passaram por meu peito, e o acariciou com seus polegares.

“Me morde” disse Eric, e dizia literalmente.

“Por quê? Você disse que já tinha me dado antes”.

“Porque eu gosto” disse e ficou em cima de mim. “Só... por isso”.

“Você não pode estar...” mas estava pronto outra vez.

“Quer ficar em cima?” Eric perguntou.

“Poderíamos ficar assim um tempo” disse, tentando não soar como uma mulher fatal. De fato era complicado não grunhir. Antes de que pudesse me recompor, tínhamos invertido nossa posição. Seus olhos estavam fixos nos meus. Suas mãos sobre meu peito, acariciando-os e beliscando-os suavemente, e sua boca seguiu suas mãos. Tinha medo de perder o controle do músculo da perna, do relaxada que estava. Me movi lentamente, de forma irregular. Notava a tensão aumentar gradualmente. Comecei a me centrar, me movendo sem parar.

“Mais devagar” disse, e diminuí. Suas mãos ficaram sobre minhas cadeiras para me guiar.

“Oh” disse quando comecei a notar o afiado prazer me encher. Ele tinha encontrado meu centro de prazer com seu polegar. Comecei a acelerar e se tentou me parar depois disso, ignorei. Me levantava e caía cada vez mais rápido, então peguei seu pulso e o mordi com todas minhas forças, chupando a ferida. Gritou, um som incoerente de liberação e alívio. Lambi seu pulso, ainda que eu não tivesse esse poder coagulante que ele tinha.

“Perfeito” disse. “Perfeito”

Comecei a dizer que não podia ser assim, pela quantidade de mulheres com as que tinha estado no longo dos séculos, mas pensei *Por quê estragar o momento? Deixemos assim*. Em um estranho momento de sabedoria, escutei meu próprio conselho.

“Posso te contar o que me aconteceu hoje?” perguntei quando estávamos a vários minutos descansando.

“Claro, meu amor” seus olhos estavam meio abertos. Estava deitado de costas ao meu lado, e o quarto cheirava a sexo e a vampiro. “Sou todo ouvidos – de momento, pelo menos” riu.

Isso era o melhor, bom ou pelo menos uma das melhores coisas – ter a alguém com quem compartilhar os acontecimentos do dia. Eric gostava de escutar, pelo menos quando estava relaxado. Lhe contei a visita de Andy e Lattesta, a aparição de Diantha enquanto estava tomando sol.

“Saboreei o sol na sua pele” disse me acariciando. “Continua”.

Então continuei falando, lhe contando o encontro com Claude e Claudine e o que me haviam contado sobre Breandan e Dermot.

Eric estava mais esperto quando falava das fadas “A casa cheirava a fada” disse. “Mas a ira de ver seu pretendente tigre me fez que ignorasse. Quem veio?”

“Bom, seu nome de fada era Murry, mas não se preocupe, o matei” disse. Se alguma vez tinha duvidado que Eric prestasse atenção em mim, já não faria mais.

“Como você fez isso, meu amor?” perguntou amavelmente.

Expliquei a ele, e quando chegamos na parte na que apareceram meu bisavô e Dillon, Eric sentou, o lençol deslizou. Estava totalmente sério e acordado.

“O corpo desapareceu?” perguntou pela terceira vez, e disse “Sim, Eric, assim foi”.

“Seria uma boa idéia se você ficasse em Shreveport” disse Eric. “Inclusive poderias ficar na minha casa”.

Isso era uma novidade. Nunca havia sido convidada para a casa de Eric. Nem sequer sabia onde era. Estava surpresa e também um pouquinho emocionada.

“Adoraria” disse “Mas seria muito duro ir de Shreveport ao bar para trabalhar”.

“Você ficaria mais segura se deixasse de trabalhar até que se resolva este assunto das fadas” Eric inclinou a cabeça ao me olhar, sua cara inexpressiva.

“Não, obrigada” disse. “É muito amável de sua parte. Mas seria um incômodo para você, certeza, e sei que também para mim”.

“Pam é a única pessoa que convidei para ir a minha casa”.

Disse alegremente “Então, só as loiras ter permissão, né?”

“Te dou a honra de te convidar a minha casa”. Nada em sua cara. Se não tivesse estado tão acostumada a ler a mente da gente, talvez teria podido interpretar sua linguagem corporal. Mas estava demasiado acostumada a saber o que a gente pensava, sem importar que dissessem som palavras ou não.

“Eric estou perdida” disse. “As coisas claras, certo? Sei que você quer que eu reaja de uma maneira, mas não tenho nem idéia de como”.

Estava perplexo, assim como se via.

“O que você quer?” perguntou, sacudindo a cabeça. Seu lindo e dourado cabelo se agitou sobre sua cara. Estava enrolado de fazer amor. Se via melhor que nunca. Era terrivelmente injusto.

“O que eu quero?” deitou, e me virei para olhá-lo na cara. “Não acho que queira nada” disse cuidadosamente. “Queria um orgasmo e tive muitos” sorri, esperando que fosse a resposta correta.

“Você não quer deixar seu trabalho?”

“Porque iria querer isso? Como viveria então?” perguntei meio tonta. Então, finalmente entendi. “Você acha que como estamos juntos e disse que sou tua, eu deixaria o trabalho e cuidaria de sua casa? Comer balas pelo dia e deixar que você me coma pela noite?”

Sim, era isso. Sua cara confirmou. Não sabia como me sentir. Machucada? Incomodada? Não, havia tido suficiente já por hoje. Não podia exteriorizar outra emoção ainda que tivesse toda a noite pela frente. “Eric, eu gosto de trabalhar” disse “Tenho que sair de casa todos os dias e estar com pessoas. Se me afastar, haverá um estrondoso barulho quando voltar. É muito melhor para mim ter que me ocupar das vozes todos os dias, para manter o costume” não estava me explicando muito bem. “Além disso, gosto de ir para o bar. Gosto de ver as pessoas com as que trabalho. Suponho que dar as pessoas álcool não é um nobre trabalho ou um serviço público, talvez seja o contrário. Mas sou boa no que faço, e gosto disso. Você está dizendo...? o que você está dizendo?”

Eric parecia inseguro, uma expressão que parecia estranha para ele em sua normalmente segura cara. “Isso é o que outras mulheres queriam de mim” disse. “Tentava te oferecer antes que pedisse”.

“Não sou qualquer mulher” disse. Era difícil encolher meus ombros estando deitada, mas tentei.

“Você é minha” disse. Então notou como eu tinha franzido a cara e tentou arrumar “Você é minha única amante. Não a de Quinn, nem de Sam, nem a de Bill” houve uma longa pausa “Você é?” disse.

Uma conversa sobre a relação começada pelo cara. Isso era diferente, se tínhamos em conta as histórias que havia escutado das outras garçonetes. “Não sei se a – comodidade – que sinto com você é pela troca de sangue ou se é um sentimento que poderia ter naturalmente por você” disse, escolhendo cada palavra com cuidado. “Não acho que hoje teria estado preparada para fazer amor com você se não fosse pelo vínculo, porque hoje tive um dia nojento. Não posso dizer ‘Oh, Eric, te amo, me leve para longe’ porque não sei o que é real e o que não é. Até que não esteja certa, não tenho a intenção de mudar minha vida drasticamente”.

As sobrancelhas de Eric começaram a se juntar, um sinal de descontento.

“Se sou feliz quando estou com você?” coloquei minha mão sobre sua bochecha “Sim, sou. Se penso que fazer amor com você é o melhor que existe? Sim, penso. Se quero fazer de novo? Já posso jurar, mas não agora mesmo porque estou com um pouco de sono. Mas logo. E de forma frequente. Vou fazer com alguém mais? Não. E não farei a não ser que decida que o único que há entre nós é o vínculo”.

Parecia como se estivesse supondo várias respostas. Finalmente disse “Você se arrepende sobre o Quinn?”

“Sim” disse, porque tinha que ser sincera. “Porque começamos algo bom, e talvez cometi um grave erro ao deixá-lo ir. Mas nunca saí com dois homens ao mesmo tempo, e não vou começar agora. Agora mesmo, o único é você”.

“Você me ama” disse, e assentiu.

“Gosto de você” disse com cuidado “Te desejo. Gosto de sua companhia”.

“Há uma diferença” disse Eric.

“Sim, há. Mas você não vê pedindo que me digas o que sentes, verdade? Porque estou segura que eu não gostaria de resposta. Então será melhor que você se contenha um pouco”.

“Você não quer saber o que sinto por você?” Eric parecia incrédulo. “Não posso acreditar que você seja uma mulher humana. As mulheres sempre querem saber o que sente por elas”.

“E tenho certeza que logo se arrependem de que tenhas dito, verdade?”. “Isso deveria me dar confiança?”

“Sempre te digo a verdade” disse. E não restava rastro de sorriso em sua cara. “Talvez não te diga tudo agora, mas o que digo... é certo”.

“Porquê?”

“A troca de sangue foi mutuo” disse “Tomei sangue de muitas mulheres. Tive controle sobre elas. Mas nunca beberam o meu. passaram décadas, talvez séculos desde que dei meu sangue a uma mulher. Talvez nenhuma desde que transformei Pam”.

“Essa é a norma geral que existe entre os vampiros?” não estava segura de como perguntar o que queria saber.

Duvidou, depois assentiu. “Principalmente. Há alguns vampiros que gostam ter controle total sobre um humano... fazê-lo seu Rendfield” usou o término com desagrado.

“O mesmo do Drácula. Verdade?”

“Sim, do criado humano de Drácula. Uma criatura degradada... Porquê um homem tão poderoso como Drácula gostaria de um homem assim...?” Eric sacudiu a cabeça com nojo. “Mas as vezes acontece. Os demais olhamos com receio aos vampiros que criam serventes atrás de serventes. O humano enlouquece quando o vampiro o controla muito. Quando o humano está totalmente perdido, não vale a pena transformá-lo. Não vale a pena fazer nada com ele. Antes ou depois, tem que matá-lo”.

“Matá-lo! Porquê?”

“Se o vampiro que o controlou abandona seu Renfield, ou se o vampiro more... a vida do Renfield nao vale mais a pena”.

“Eles tem que ser sacrificados’ disse. Como se fosse um cachorro com raiva.

“Sim” Eric afastou o olhar.

“Mas isso não acontecerá comigo. E você não me transformará” dizia totalmente séria.

“Não. Eu nunca te obrigaria a ser minha servente. E não te transformarei, já que você não quer isso”.

“Inclusive ainda que fiquei a ponto de morrer, não me transformará. Odiaria isso mais que qualquer coisa”.

“Aceito. Sem importar o muito que queira estar com você”.

Depois de ter nos conhecido, Bill não tinha me transformado quando tinha estado a ponto de morrer. Nunca tinha me dado conta de que talvez estivesse tentando. Em vez disso havia salvado minha vida humana. O deixei de lado para pensar nisso mais tarde. Não tinha que pensar em um homem se estava com outro diferente na cama.

“Você me salvou de ficar vinculada a André” disse “Mas tive conseqüências”

“Se tivesse continuado com vida, também eu teria tido. Sem importar sua reação, Andre teria vindo por mim por ter intervindo”.

“Parecia tão calmo aquela noite” disse. Eric tinha persuadido Andre de me deixar. Tinha me alegrado muito naquele momento, já que Andre me dava calafrios e eu não lhe importava nada. Lembrei minha conversa com Tara. *Agora seria livre se Andre tivesse bebido meu sangue nessa noite, já que está morto.* Ainda não sabia como me sentir sobre isso – provavelmente de várias maneiras. Esta noite estava começando a ser uma de revelações. Não paravam de vir todo o tempo.

“Andre nunca deixou passar um desafio” Eric disse “Você lembra como morreu, Sookie?”

Sim.

“Com um pedaço de madeira no peito” disse, engolindo saliva. Como Eric, não sempre contava a verdade. O pedaço de madeira não tinha sido cravado por acidente. Quinn tinha cravado nele.

Eric me olhou durante o que pareceu um longo tempo. Podia sentir minha ansiedade, com certeza. Esperei para ver se continuava com o mesmo tema “Não sinto falta de Andre”.

Disse finalmente “Mas sinto de Sophie Anne. Era muito valente”

“Certo” disse aliviada “Por certo. Como vai com seus novos chefes?”

“De momento bem. São muito diretos. Gosto disso”.

Desde o final de Outubro, Eric havia tido que aprender a nova organização. O caráter dos vampiros que a formavam, e como se encarregar dos novos xerifes. Inclusive para ele, era bastante.

“Tenho certeza que os vampiros que estavam contigo naquela noite estão mais que felizes de serem leais, já que sobreviveram ao contrario de muito dos vampiros da Louisiana”.

Eric sorriu amplamente. Isso teria sido aterrador se não tivesse visto antes suas presas. “Sim” disse com grande satisfação. “Me devem suas vidas, e sabem disso”.

Deslizou seu braço ao meu redor e me puxou para seu frio corpo. Estava cheia e saciada, e meus dedos percorreram seu dourado cabelo. Pensei na imagem provocativa do calendário, Mister Janeiro de ‘Vampiros da Louisiana’. Gostava mais da que tinha me dado. Me perguntava se poderia ter uma cópia do tamanho de um pôster.

Riu quando perguntei “Deveríamos pensar em fazer outro calendário” disse. “Nos trouxe muitas ganâncias. Se conseguir uma foto tua com essa mesma pose, te darei um pôster da minha”.

Pensei nisso uns vinte minutos “Não acho que eu poderia posar nua” disse com pesar “Sempre voltam para te morder a bunda”

Eric riu de novo, baixo e rocamante “Você diz muito isso” disse. “Deveria provar morder sua bunda?” isso levou muitas outras coisas, maravilhosas e picaras. Depois de ter terminado essas coisas, Eric olhou o relógio que tinha junto a minha cama.

“Tenho que ir” sussurrou.

“Eu sei” disse. Meus olhos começavam a pesar.

Começou a se vestir para voltar a Shreveport, e coloquei os lençóis e mantas organizadamente sobre a cama. Era complicado manter os olhos abertos, ainda que vê-lo se mover pelo quarto era uma visão muito doce.

Se inclinou para me beijar, e coloquei minha mãos ao redor de seu pescoço. Por um segundo, soube que estava pensando em deitar outra vez na cama comigo; esperava que fosse sua linguagem corporal e o murmúrio de prazer o que me fez ver seus pensamentos. De vez em quando, podia ver uma imagem rápida na mente de um vampiro, e me assustava. Não pensava que fosse durar muito se os vampiros soubessem que também podia ler suas mentes, ainda que fosse algo muito ocasional.

“Te desejo de novo” disse, soava um pouco surpreso “Mas tenho que ir”

“Te verei logo, suponho”. Estava suficientemente acordada para estar insegura.

“Sim” disse. Seus olhos eram brilhantes e sua pele reluzia. A marca do pulso tinha desaparecido. Toquei o lugar onde havia estado. Se inclinou para beijar a marca de meu pescoço e estremei “Logo”.

E foi, e escutei a porta traseira fechar. Com as últimas forças que me restavam, me levantei e fui a cozinha para fechar o trinco. Vi o carro de Amélia estacionado junto ao meu; em algum

momento tinha voltado para casa. Fui a cozinha beber água. Conhecia a cozinha como a palma de minha mão, então não tive que acender a luz. Quando bebi notei o sedenta que estava. Enquanto me virei para ir a cama, vi algo se mover no limite do bosque. Congelei, com o coração batendo rapidamente.

Bill saiu das árvores. Sabia que era ele, ainda que não pudesse ver sua cara claramente. Ficou de pé olhando, sabia que tinha visto Eric ir embora. Bill tinha se recuperado da briga com Quinn. Pensei que ficaria furiosa em saber que Bill estava me olhando, mas a ira não apareceu. Não importava o que tinha acontecido com nós, não podia tirar de cima o sentimento de que Bill não só estava me espiando – se não me vigiando.

Também – mais razoavelmente – não tinha nada que eu pudesse fazer. Não podia abrir a porta e me desculpar por ter estado com um homem. Neste momento, não estava nada arrependida de ter me deitado com Eric. De fato, me sentia cheia igual que na Ação de Graças. Eric não se parecia em nada com um peru – mas depois tive a imagem mental dele deitado na mesa da cozinha com batatas e temperos, e só fui capaz de pensar na cama. Me deslizei em baixo dos lençóis com um sorriso na cara, e quase tão cedo como minha cabeça pousou no travesseiro, dormi.

CAPÍTULO 11

Deveria ter sabido que meu irmão veria me ver. Só teria que ter me surpreendido que não tivesse vindo antes. Quando me levantei no dia seguinte, estando relaxada igual a um gato numa caixa ao sol, Jason estava no pátio sobre a espreguiçadeira que havia usado ontem. Pensei que tinha feito bem em não entrar, considerando o estranho que era nossa relação agora mesmo. Hoje não fazia tanto calor como ontem. Fazia frio. Jason estava com uma jaqueta pesada e um gorro de lã. Estava olhando o céu ausentemente. Lembrei o aviso dos gêmeos , e o olhei profundamente; mas não, era Jason. Sua mente era familiar, mas talvez uma fada podia fingir até a personalidade de alguém. Então escutei por um momento. Não, este era definitivamente meu irmão.

Era raro vê-lo sentado e mais raro era vê-lo sozinho. Jason sempre estava falando, bebendo, rodeado por mulheres, trabalhando no trabalho ou em casa; e ainda que não estivesse com nenhuma mulher, quase sempre ia com sua sombra masculina – Hoyt (até que Holly se adiantou) ou com Mel. Vê-lo pensar ou estar sozinho não eram estados que associara com

meu irmão. Ao vê-lo olhando o céu enquanto eu me preparava uma xícara de café, pensei, Jason agora é viúvo.

Essa era uma nova e estranha identidade para Jason, uma grande carga que talvez não fosse capaz de manejar. Tinha se preocupado mais por Crystal que por ele mesmo. Isso tinha sido também uma nova experiência para ele. Crystal – linda, estúpida e infiel – tinha sido a versão feminina dele. Talvez sua infidelidade tivesse sido uma tentativa de buscar sua independência, de lutar contra a gravidez que a amarrava a Jason. Talvez só tivesse sido uma má mulher. Nunca a entendi, e nunca faria.

Sabia que ia ter que falar com meu irmão. Ainda que tivesse lhe dito que se afastasse de mim, não me escutava. Havia feito alguma vez? Talvez havia uma trégua devido a morte de Crystal para mostrar que algo tinha mudado. Suspirei e fui para a porta traseira. Como havia dormido até tarde, tinha tomado um banho antes de preparar o café. Peguei minha jaqueta rosa do guarda-roupa coloquei em cima do moletom e do jeans. Coloquei uma xícara de café perto de Jason, e se sentou na cadeira para me deixar um espaço entre ele. Não moveu a cabeça, ainda que soubesse que eu estava ali. Seus olhos estavam tampados com um óculos de sol.

“Você me perdoou?” perguntou depois de dar um gole no café. Sua voz soava rouca e brusca. Acho que andou chorando.

“Suponho que farei antes ou depois” disse. “Mas nunca voltarei a pensar o mesmo de você”.

“Deus, você é muito dura. Você é toda a família que me resta”. Os óculos escuros viraram para mim. *Você tem que me perdoar, porque você é a única que pode fazer.*

O olhei, me sentindo um pouco incomoda, e um pouco triste. Se eu estava ficando mais dura, era em resposta ao mundo que havia ao meu redor.

“Se precisasse tanto de mim, suponho que deveria ter pensado duas vezes antes de me meter em algo assim”. Esfreguei minha cara com minha mão livre. Tinha algo de família que ele desconhecia, e não ia dizer. Só trataria também de usar Niall. “Quando deixarão que você se encarregue do corpo de Crystal?” perguntei.

“Talvez dentro de uma semana” disse. “Então poderemos fazer um funeral. Você irá?”

“Sim. Onde será?”

“Tem uma capela perto de Hotshot’ disse “Não é grande coisa”.

“A Igreja Tabernáculo Sagrado?” era um edifício desproporcional.

Assentiu “Calvin disse que fazem ali todos os funerais de Hotshot. Um dos cara de Hotshot é padre”.

“Qual?”

“Marvin Morris”

Marvin era tio de Calvin, ainda que fosse quatro anos mais novo. “Acho que me lembro tê-lo visto no cemitério que há atrás da igreja”.

“Si. A comunidade faz o buraco, um deles coloca o caixão, e outro deles faz a missa. É muito caseiro e pessoal”.

“Você já foi num funeral, lá?”

“Sim, em Outubro. Um dos bebês morreu”.

Não havia saído nos jornais a morte de um bebê nascido em Bon Temps. Me perguntei se o bebê tinha nascido no hospital ou em uma das casas de Hostshot; se restava algum rastro de sua existência.

“Jason. A policia te procurou de novo?”

“Uma e outra vez. Mas não fui eu e eles não tem provas. Além disso, tenho um álibi”.

Não podia discutir isso.

“Como vai no trabalho?” me perguntava se iam despedi-lo. Não era a primeira vez que se metia em problemas. E ainda que Jason nunca era culpado dos crimes que o atribuíam, antes ou depois sua reputação de bom cara cairia.

“Catfish disse que pegue um tempo livre até o funeral. Vão mandar uma coroa a funerária quando tenhamos o corpo”.

“E Hoyt?”

“Faz tempo que não o vejo” disse Jason, soava dolorido.

Holly, sua namorada, não queria que andasse com Jason. Podia entender isso.

“E Mel?” perguntei.

“Sim” disse Jason, iluminado. “Mel vai vim me ver. Ontem trabalhamos em sua camionete, e neste fim de semana vamos pintar sua cozinha” Jason sorriu, mas desapareceu rapidamente. “Gosto de Mel” disse. “Mas sinto falta de Hoyt”.

Essa era uma das coisas mais sinceras que tinha escutado Jason dizer.

“Você não escutou nada sobre isso Sookie?” me perguntou Jason. “Você já sabe. Não escutou nada? Se você pudesse colocar a polícia na direção correta, poderiam descobrir quem matou mina mulher e meu filho, e poderia recuperar mina vida de novo”.

Não achava que Jason fosse recuperar sua vida. Certeza que ele não entendia, ainda que soletrasse a ele. Mas então vi com clareza o que havia em sua cabeça. Ainda que Jason não pudesse verbalizar essas idéias, entendia, e estava fingindo, muito, que tudo seria igual... se pudesse se livrar do peso da morte de Crystal.

“Ou se nos dizer” disse “Nos encarregaremos disso. Calvin e eu”.

“Farei o que possa” disse. Que outra coisa podia fazer? Havia saído da mente de Jason e tinha jurado a mim mesma que não voltaria a entrar.

Depois de um longo silêncio, se levantou. Talvez estivesse esperando para ver se diria algo mais. “Acho que vou voltar para casa” disse.

“Adeus”.

Escutei sua camionete arrancar momentos mais tarde. Voltei a entrar, pendurando a jaqueta no guarda-roupa.

Amélia tinha me deixado uma nota na embalagem do leite dentro da geladeira. ‘Ei, amiga!’ dizia o começo ‘me pareceu que você tinha companhia na outra noite. Cheirava a vampiro? Escutei alguém fechar a porta traseira por volta das três e meia. Escuta, olha a secretária. Você tem mensagens’.

Os quais Amélia tinha escutado, porque a luz já não piscava. Apertei o botão de play.

“Sookie, sou Arlene. Sinto muito tudo aquilo. Acho que teríamos que conversar. Me ligue”.

Olhei a maquina, sem saber como me sentir ante a mensagem. Passaram vários dias, e Arlene tinha tido tempo de reconsiderar a briga no bar. Isso queria dizer que tinha deixado de lado as crenças da Irmandade do Sol?

Havia outra mensagem, de parte de Sam “Sookie, você pode vir antes do seu horário hoje? Tenho que falar com você”.

Olhei o relógio. Era somente a uma da tarde, e não começava a trabalhar até as cinco. Liguei para o bar. Sam atendeu.

“Oi, sou eu” disse. “O que aconteceu? Acabei de ouvir sua mensagem”.

“Arlene quer voltar a trabalhar” disse. “Não sei o que lhe dizer. O que você acha?”

“Me deixou uma mensagem na secretária. Quer falar comigo” disse. “Eu também não sei o que pensar. Sempre sai com algo novo, verdade? Você acha que talvez tenha abandonado a Irmandade do Sol?”

“Se Whit a deixou” disse e ri.

Não estava segura de querer voltar a ser amiga dela, e quanto mais pensava nisso, mais dúvidas tinha. Arlene tinha me dito coisas horríveis. E se as disse de verdade, porque queria se reconciliar com alguém como eu? E se não pensasse de verdade, porque as havia dito? Mas senti um espasmo quando pensei em seus filhos, Coby e Lisa. Tinha passado com eles muitas tardes, e estava orgulhosa deles. Não os via a semanas. Não estava muito triste por perder a relação com sua mãe – Arlene havia matado nossa amizade fazia tempo. Mas as crianças, sentia muita saudades delas. Disse a Sam.

“Você é muito boa, querida” disse. “Não acho que a queira ter de novo aqui” havia tomado uma decisão. “Espero que possa encontrar outro trabalho, e lhe darei referências pelo bem de seus filhos. Mas já tinha me causado problemas antes da briga, e não há razões para ter que recuperar nossa relação”.

Depois de desligar, notei que a decisão de Sam tinha sido influenciada por mim. Já que Arlene e eu não íamos ter a oportunidade de fazer as pazes gradualmente no bar, trataria pelo menos concertar as coisas para que pudéssemos no cumprimentar se cruzássemos no supermercado algum dia.

Atendeu no primeiro toque “Arlene, sou Sookie” disse.

“Ei, anjinho. Fico feliz que você tenha me ligado” disse. Houve um silêncio.

“Pensei em ir aí te ver” disse de forma estranha “Gostaria de ver as crianças e falar com você. Se você quiser, claro”

“Claro, venha. Me dê uns minutos, para arrumar um pouco”.

“Não precisa fazer isso por mim” tinha limpado tantas vezes o trailer de Arlene em troca de alguns favores que me havia feito ou porque não tinha nada mais que fazer enquanto estava com seus filhos.

“Não quero perder os bons modos” disse alegremente, soava tão carinhosa que meu coração se elevou... só um segundo.

Mas não esperei vários minutos. Fui imediatamente.

Não podia explicar porquê estava fazendo o que me havia pedido. Talvez havia escutado algo na voz de Arlene, inclusive por telefone. Talvez lembrava dos tempos nos que Arlene tinha me deixado jogada, todas as ocasiões nas que tinha feito me sentir mal.

Não achava que fosse me deixar levar outra vez por esses incidentes, porque deixavam ver minha falta de piedade. Necessitava tanto de uma amiga que tinha grudado em Arlene, ainda que ela sempre tivesse se aproveitado de mim. Quando tinha começado uma relação, ela não tinha duvidado em me deixar de lado para poder desfrutar dela. De fato, quanto mais pensava, mais tinha a tentação de dar a volta e voltar para casa. Mas não devia a Coby e Lisa tentar concertar minha relação com sua mãe? Lembrei todos os jogos que havíamos jogado,

as vezes que os tinha deitado e passado a noite no trailer porque Arlene tinha ligado para dizer que passaria a noite fora.

Que demônios estava fazendo? Porquê confiava em Arlene agora? Não confiava, não totalmente. Por isso ia comprovar a situação. Arlene não vivia em seu estacionamento de trailers se não em um terreno que tinha herdado de seu pai. Só tinham limpado uma parte do terreno, o suficiente para deixar o trailer e um pequeno jardim. Havia uns pequenos balanços que um dos admiradores de Arlene tinha feito para as crianças, e também tinha duas bicicletas encostadas no trailer.

Estava olhando o trailer atrás, porque tinha saído da estrada para o pátio de uma casa que estava ao lado. A elétrica mau feita tinha causado um incêndio fazia um par de meses. Desde então o que havia em volta estava carbonizado, e os inquilinos tinham ido morar em outro lugar. Fui capaz de rodear a casa, porque o frio tinha evitado que crescesse capim. Peguei o caminho que tinha capim e árvores que separava a casa do trailer de Arlene. Evitando os buracos mais grandes, consegui chegar a zona de estacionamento que havia na frente. Só se via o carro de Arlene desde a estrada, já que estava na frente.

De onde eu estava podia ver que atrás do trailer tinha estacionado um jipe preto, uma Ranger, talvez com dez anos, e um Buick Skylark vermelho da mesma época. O jipe estava carregado de madeiras e troncos. Cada madeira media vários metros de comprimento.

Enquanto olhava, uma mulher que quase reconheci saiu do trailer para o pátio. Seu nome era Helen Ellis, e tinha trabalhado no Merlotte's quatro anos atrás. Ainda que Helen era competente e tão linda que atraía os homens como mel as abelhas, Sam teve que despedi-la por chegar sempre tarde. Helen tinha se chateado. Lisa e Coby seguiam Helen para o pátio. Arlene estava no marco da porta. Estava usando um top de leopardo e umas calças coladas marrom. As crianças pareciam muito mais velhas que da última vez que os havia visto. Pareciam demasiado infelizes, especialmente Coby.

Helen sorriu como um animal e virou para dizer a Arlene “Me avise quando terminar” houve uma pausa enquanto Helen parecia pensar em dizer algo de forma que as crianças não entendessem. “Só vai ter o que merece”. Podia ver Helen de perfil, mas seu alegre sorriso fez que meu estomago desse voltas. Engoli saliva.

“Certo, Helen. Te ligarei quando possa trazê-los de volta” disse Arlene. Tinha um homem atrás dela. Estava demasiado dentro para poder vê-lo claramente, mas pensei que era o homem que tinha batido com uma bandeja faz uns meses, o que tinha tratado tão mal Pam e Amélia. Era um dos novos amigos de Arlene.

Helen e as crianças foram no Skylark.

Arlene fechou a porta para evitar que entrasse frio. Fechei os olhos e a localizei dentro do trailer. Vi que tinha dois homens com ela. No quê estavam pensando? Estava longe, mas tratei de me concentrar. Estavam pensando em me fazer coisas horríveis.

Me encolhi entre o capim, me sentindo mais miserável que nunca. Sabia que não éramos as melhores amigas. Desde muito tempo sabia que Arlene não era realmente uma boa pessoa. Tinha escutado seus sermões e sobre como tinha que erradicar os seres sobrenaturais do mundo. Certo, sabia que começava a me ver com um deles. Mas tinha me obrigado a pensar que era a Irmandade que a tinha feito pensar assim. Peguei meu celular e liguei para Andy Bellefleur.

“Bellefleur” disse toscamente.

Não éramos amigos, mas me alegrei de escutar sua voz.

“Andy, sou eu, Sookie” disse tratando de manter a voz baixa. “Escuta, tem dois caras com Arlene em seu trailer, e grandes pedaços de madeira em um dos carros. Não sabem que sei que estão com ela. Planejam fazer comigo o mesmo que fizeram com Crystal”.

“Você tem provas?” perguntou cautelosamente. Andy sempre soube que eu podia ler mentes, ainda que isso não queria dizer que fosse meu maior fã.

“Não” disse. “Estão esperando que eu chegue” me encolhi mais, esperando que não olhassem pela janela. Também tinha uma caixa de pregos extra longos no carro. Tive que fechar os olhos um momento enquanto me enchi de horror.

“Weiss e Lattesta estão comigo” disse Andy. “Você estaria disposta a entrar se te cobrirem?”

“Claro” disse, sentindo nada mais que dúvidas. Mas sabia que teria que fazer. Assim deixariam de suspeitar de Jason. Assim teríamos aos que mataram Crystal e seu bebê. Poderíamos colocar na cadeia alguns da Irmandade do Sol e talvez que servisse de lição ao demais. “Onde você está?” perguntei, afastando meu medo.

“Já estamos no carro prontos perto do motel. Podemos chegar aí em sete minutos” disse Andy

“Estacionei atrás da casa Freer” disse “Tenho que ir. Alguém está saindo do trailer”.

Whit Spradlin e seu amigo, cujo nome não lembrava, desceram as escadas e tiraram a madeira do carro. Os pedaços já estavam cortados com as medidas adequadas. Whit virou para o trailer e gritou algo, e Arlene abriu a porta e desceu as escadas, com sua bolsa sobre o ombro. Foi andando até o porta-malas do carro. Maldição, iam embora, deixando o carro estacionado na frente como se estivesse ali. O pouco aprecio que pudesse ter por ela desapareceu nesse momento. Olhei o relógio.

Talvez mais três minutos até que Andy chegue.

Beijou Whit e disse adeus ao outro homem, e foi se esconder dentro do trailer para que não os visse. Segundo o plano, iria pela frente, bateria na porta, e um deles a abriria e me arrastaria para dentro.

Fim do jogo.

Arlene abriu a porta do trailer, com as chaves na mão. Tinha que ficar. Era o elo mais fraco. Sabia disso – de forma intelectual, emocional e com todos meus sentidos.

Isto vai ser horrível. Tentei me conter.

“Oi, Arlene” disse saindo do meu esconderijo.

Gritou e se sobressaltou “Meu Deus, Sookie. O que você está fazendo no meu pátio traseiro?” tentou se recompor. Sua cabeça estava cheia de raiva, medo e culpa. E também de arrependimento. Havia algo, eu juro

“Estava te esperando” disse. Não sabia o que fazer agora, as pelo menos a tinha freado um pouco, talvez pudesse com ela fisicamente. Os homens de dentro não tinham notado minha aparição, mas isso não duraria muito a não ser que tivesse muita sorte. E não tinha muito disso ultimamente.

Arlene estava parada, com as chaves na mão. Era fácil entrar em sua cabeça e ler a horrível historia que tinha dentro.

“Para o que está se preparando, Arlene?” perguntei em voz baixa “Você deveria estar dentro, esperando que chegue”.

Viu tudo e fechou os olhos. Culpada, culpada, culpada. Tentou criar uma bolha para fechar dentro o que os homens iam fazer, para que não lhe afetasse. Não funcionou – mas não tinha evitado sua traição de hoje. “Você se meteu demais” minha própria voz soava nivelada “Ninguém entenderá o porquê, nem te perdoará” seus olhos se arregalaram ao saber que o que eu dizia era verdade.

Mas eu também estava surpresa. Sabia, que ela não tinha matado Crystal nem esses homens, tinham planejado me crucificar imitando a morte de Crystal, porque parecia uma boa ideia, para mostrar suas ideias. Tinham me escolhido como a uma ovelha para sacrificar, apesar de que sabiam que eu não era uma metamorfa; de fato, pensavam que não lutaria tanto já que só era uma simpatizante dos metas, não um deles. Não seria tão forte, em sua opinião. Achei isso incrível.

“Você é uma patética imitação de mulher” disse a Arlene. Não podia parar, e não podia evitar que soasse como uma verdade como um templo. “Você nunca foi sincera consigo mesma em toda sua vida, verdade? Ainda você se vê como uma menina, e você acha que algum homem virá e reconhecerá isso em você. Alguém que se encarregará de você, que te faça deixar de trabalhar, que mande seus filhos a uma escola particular na que nunca falaram com ninguém diferente deles. Isso não vai acontecer, Arlene. Essa é sua vida”.

Abri a mão apontando o trailer e o pátio. Era o mais cruel que tinha feito, mas cada palavra era certa.

E gritou. Não podia parar de gritar. A olhei nos olhos. Parecia tentar evitar meu olhar, mas não conseguia “Bruxa!” soluçou. “Você é uma bruxa. Essas coisas existem, e você é uma delas!”

Se tivesse razão, poderia ter evitado o que aconteceu depois.

Nesse momento, Andy estacionou no pátio da casa Freer, como eu. Pelo que sabia, ainda havia tempo. Escutei seu carro se acercar. Mina inteira atenção estava concentrada em Arlene e na porta do trailer. Weiss, Lattesta e Andy apareceram atrás de mim justo quando Whit e seu companheiro saiam pela porta traseira, com rifles em sua mão.

Arlene e eu estávamos entre dois grupos armados. Sentia o sol em meus braços. Senti o ar frio agitar meu cabelo na cara. Por cima do ombro de Arlene, vi a cara do amigo de Whit e finalmente lembrei que seu nome era Donny Boling. Tinha cortado o cabelo fazia pouco tempo. Podia notar pela sua nuca que estava branca. Estava com uma camiseta do serviço de estradas de Orville. Seus olhos eram marrons como o barro. E estava apontando a agente Weiss.

“Ela tem filhos” gritei. “Não faça isso”.

Seus olhos se encheram de medo.

Donny apontou o rifle para mim. Pensou, *atira NELA*.

Me joguei no chão quando atirou com o rifle.

“Soltem as armas!” gritou Lattesta “FBI!”

Mas não fizeram. Nem sequer acho que escutaram. Então Lattesta atirou. Não podia dizer que não lhes avisei antes.

CAPÍTULO 12

Depois de que o agente especial Lattesta lhes dissera para abaixar as armas, as balas atravessaram o ar como pólen de pinheiro na primavera. Ainda que eu estivesse exposta, nenhuma delas me alcançou, coisa que me pareceu totalmente incrível. Arlene quem não se deitou tão rapidamente como eu, uma bala roçou no seu ombro. A agente Weiss também – a mesma que tinha roçado em Arlene – impactou na parte direita de seu peito. Andy atirou em Whit Spradlin. O agente especial Lattesta falhou a primeira vez que atirou em Donny Boling, mas o alcançou com o segundo. Demoraram semanas em estabelecer a sequência, mas assim foi.

E o tiroteio acabou. Lattesta estava ligando para o 911 enquanto eu ainda estava no chão, contando os dedos e pés para ver se continuava intacta. Andy foi especialmente rápido ligando para o departamento para dizer que tinha acontecido um tiroteio e que havia oficiais e civis caídos.

Arlene gritava como se sua pequena ferida fosse de um tiro de verdade.

A agente Weiss estava deitada sobre a grama sangrando, com os olhos cheios de medo, sua boca fechada. A bala entrou em baixo de seu braço. Estava pensando em seus filhos e em seu marido e de morrer os abandonando. Lattesta tirou a jaqueta e fez pressão sobre a ferida, e Andy foi vigiar os dois homens. Lentamente me incorporei. Não havia forma em que pudesse ficar de pé. Me sentei entre o sebo e as folhas de pinheiro olhando a Donny Boling, que estava morto.

Não havia o mais mínimo rastro de atividade em seu cérebro, Whit ainda continuava vivo ainda que não estivesse em sua melhor forma. Depois de que Andy examinara Arlene lhe disse que se calasse, deixou de gritar e se encolheu para chorar.

Tinha muitas coisas das que me culpar no longo de minha vida. Acrescentei este incidente na lista enquanto olhava como o sangue de Donny gotejava por um lado. Ninguém teria saído ferido se tivesse entrado no carro e ter ido embora. Mas não, tinha que tentar pegar os assassinos de Crystal. E agora sabia – ainda que tarde – que esses idiotas nem sequer eram os culpados. Disse a mim mesma que Andy tinha me pedido que o ajudasse, e que Jason precisava de minha ajuda... mas agora mesmo, não podia me sentir bem por isso.

Por um breve momento, pensei em deitar e desejar morrer.

“Você está bem?” me perguntou Andy depois de ter algemado Whit e revistado Donny.

“Sim” disse. “Andy, sinto muito” mas tinha saído correndo para a ambulância que tinha chegado. Cedo demais houve muita mais gente.

“Você está bem?” perguntou uma mulher que estava vestida de enfermeira. Suas mangas estavam dobradas mostrando os músculos que não sabia que uma mulher poderia ter. Você podia ver cada um deles em baixo de sua pele cor de café. “Você parece exausta”.

“Não estou acostumada que atirem a meu redor” disse. Coisa que era verdade.

“Acho que será melhor que você se sente naquela cadeira”. Disse, apontando uma cadeira que tinha no pátio que havia visto em melhores dias. “Depois de atender aos que estão sangrando, te examinaremos”.

“Audrey!” disse seu companheiro, um homem com uma grande barriga “Preciso de outro par de mãos aqui” Audrey foi para ajudar, e outra equipe de médicos veio para o trailer. Tive quase a mesma conversa com eles.

A agente Weiss foi a primeira em ser removida ao hospital de Clarice, e supus que a ideia era estabilizá-la e transferi-la ao hospital de Shreveport por avião. Whit foi colocado em uma segunda ambulância. Uma terceira chegou para levar Arlene. O cara morto tinha que esperar a funerária.

Lattesta olhou vaziamente ad folhas de pinheiro. Suas mãos manchadas de sangue de Weiss. Enquanto olhava, estremeceu. As emoções voltaram a sua cara, e seus pensamentos começaram a fluir de novo. Ele e Andy começaram a conversar. Naquele momento, o pátio estava cheio de agentes da lei, todos eles pareciam ter susto no corpo. Os oficiais que se veem em volta de um tiroteio não são muito comuns em Bon Temps. Quando o FBI se apresentou na cena, a excitação e tensão se multiplicaram por quatro.

Mais pessoas me perguntaram se estava bem, mas ninguém parecia ter vontade de me dizer o que fazer ou me sugerir que me movesse, então me sentei na raquítica cadeira com as mãos sobre meu colo. Olhei toda a atividade e tentei manter minha mente em branco. Isso não foi possível.

Estava preocupada pela agente Weiss e ainda sentia uma grande culpa dentro de mim. Deveria estar triste de que o cara da Irmandade estivesse morto, suponha. Mas não estava. Depois de um tempo, notei que ia chegar atrasada no trabalho se tudo isso não acelerasse um pouco. Sabia que era um pensamento trivial, quando você está olhando uma poça de sangue no chão, mas também sabia que não seria trivial para meu chefe.

Liguei para Sam. Não lembro o que disse, mas lembro que tive que dissuadi-lo para que não viesse me buscar. Disse a Sam que tinha muita gente comigo e que todos estavam armados. Depois disso, não tive mais nada que fazer a não ser olhar o bosque. Havia muitos ramos caídos, vários tons de marrons diferentes, pinheiros quebrados em várias alturas. O luminoso dia fazia que as sombras fossem fascinantes.

Enquanto olhava nas profundidades do bosque, me dei conta de que estavam me olhando. A várias centenas de metros dentro do bosque, um homem estava de pé; não, não um homem – um fada. Não posso ler a mente das fadas tão facilmente; não são tão opacas como os vampiros, mas quase.

Era fácil ler sua hostilidade, isso sim. Esta fada não estava do lado do meu bisavô. Teria ficado feliz de me ver caída e sangrando no chão. Me endireitei, notando que nem todos os policiais armados do mundo poderiam me proteger de uma fada. Meu coração acelerou alarmado de novo, respondendo a adrenalina. Queria dizer a alguém que eu estava em perigo, mas sabia que se mencionasse as fadas a qualquer dos presentes, não só desapareceria no bosque, se não que talvez colocaria em perigo os humanos. Já havia feito o suficiente por hoje. Enquanto me levantava da cadeira sem um plano na mente, o fada se virou e desapareceu.

Posso ter um momento de tranquilidade? Ante este pensamento, tive que cobrir minha cara com as mãos porque estava rindo. E não era uma boa risada.

Andy chegou perto de mim, me olhando na cara “Sookie” disse, e por uma vez seu tom de voz era amigável. “Ei, garota, calma. Você tem que falar com o xerife Dearborn”.

Não só falei com Bud Dearborn, também tive que falar com muita gente. Mais tarde, não pude lembrar nenhuma das conversas que tive. Só dizia a verdade aos que perguntavam. Não mencionei que tinha visto um fada no bosque simplesmente porque ninguém me perguntou. ‘Você viu alguém mais aqui nesta tarde?’. Durante um segundo deixei de me sentir miserável, me perguntei por quê tinha se mostrado, porquê tinha vindo. Estava me vigiando? Tinha algum tipo de sistema de seguimento sobrenatural em cima?

“Sookie” disse Bud Dearborn. Pisquei.

“Sim, senhor?” voltei a mim, e meus músculos tremerão.

“Você já pode ir, conversaremos mais tarde” disse.

“Obrigada” lhe disse, sem me dar conta do que dizia. entrei no carro me sentindo totalmente amortecida. Disse a mim mesma para dirigir até em casa e colocar meu uniforme de trabalho. Servir bebidas seria melhor que ficar sentada em casa lembrando dos eventos do dia de hoje, se pudesse ficar de pé tanto tempo. Amélia estava trabalhando, então tinha a casa para mim sozinha enquanto colocava as calças e a camiseta de manga comprida do Merlotte’s. Estava com frio até os ossos e desejei pela primeira vez que Sam tivesse pensado em acrescentar um suéter ao uniforme. Meu reflexo no banheiro era terrível: estava branca como um vampiro, tinha grandes olheiras, e supus que me via como alguém que tinha visto muito gente sangrando hoje.

A tarde era fria enquanto saía para o carro. A noite cairia logo. Desde que Eric e eu estávamos ligados, pensava nele todos os dias quando escurecia. Agora que tínhamos dormido juntos, meus pensamentos tinham se convertido em desejos. Tentei afastá-lo de minha mente e dirigir até o bar, mas continuava saindo.

Talvez porque o dia tinha sido um pesadelo, descobri que usaria todo o dinheiro que tinha para poder ver Eric agora. Atravessei a porta de empregados, segurando a pá que tinha no bolso. Pensei que estava pronta para um possível ataque, mas estava tão preocupada que não

utilizei meu sentido para ver se havia alguém mais, e não notei Antoine nas sombras da lixeira até que quase tropecei nele. Estava fumando.

“Meu Deus, Antoine, você me deu um susto”.

“Sinto muito Sookie. Você planeja plantar algo?” seus olhos se fixaram no que sobressaía da minha bolsa. “Não estamos muito ocupados esta noite. Então sai um minutinho para fumar”.

“Tudo tranquilo esta noite?” enfiei a pá em minha bolsa sem explicar. Talvez atribuísse a minhas extravagâncias.

“Sim, ninguém nos deu sermão; ninguém está sendo assassinado” sorriu. “D’Eriq não deixa de falar de um cara que veio antes. D’Eriq pensava que era um fada. D’Eriq é muito simples, mas acredita que pode ver coisas que os demais não podem. Mas... fadas?”. “Não fada no sentido de gay, se não fada de contos de fadas?”

Achava que não me restavam energias suficientes para me assustar. Olhei ao redor do estacionamento com considerável medo.

“Sookie? É verdade?” Antoine me olhava.

Encolhi meus ombros vagamente. Pilhada.

“Maldição” disse Antoine. “Bom. Este já não é o mundo que era antes, verdade?”

“Não Antoine. Não é. Se D’Eriq dizer algo mais, por favor, me conte. É importante”. Talvez tenha sido meu bisavô, ou seu filho Dillon. Ou poderia ter sido o Senhor Hostilidade do bosque. O que aconteceu com o mundo das fadas? Durante anos, não vi nenhuma. E agora não podia mover uma pá sem dar em uma.

Antoine me olhou confuso “Claro, Sookie. Você está dentro de algum problema que deva saber?”

Até o pescoço “Não, não. Só estou tentando evitar um problema” disse, porque não queria Antoine preocupado, e muito menos que compartilhasse sua preocupação com Sam, Sam já estava suficientemente preocupado.

Com certeza, Sam havia escutado várias versões do que tinha acontecido no trailer de Arlene, e tive que fazer um breve resumo enquanto me preparava para trabalhar. O incomodou muito as intenções de Donny e Whit, e quando lhe disse que Donny estava morto disse “Também deveriam ter matado With”.

Não estava segura se tinha escutado bem. Mas quando olhei a cara de Sam, acho que estava realmente furioso, quase vingativo. “Sam, acho que já morreu gente demais” disse. “Não os perdoei e talvez nunca conseguirei, mas não acho que foram eles que mataram Crystal”

Sam virou soltando um grunhido e tirou uma garrafa de rum com tanta força que pensei que tinha quebrado.

Apesar das medidas de segurança que tomamos... não aconteceu nada.

Ninguém anunciou que era uma gárgula e que queria fazer um buraco na América. Ninguém deixou escapar nem um assovio. Ninguém tentou me matar, nem me advertir de mentir; ninguém prestou atenção especial em mim. Voltei a ser parte do ambiente geral do Merlotte's, uma situação que antes me entediava. Lembrei das tardes antes de conhecer Bill Compton, quando sabia que os vampiros existiam mas ainda não tinha conhecido nenhum. Acreditava nas notícias, que diziam ser vítimas de um vírus no qual ficaram alérgicos a várias coisas (luz solar, alho, comida = e que só eram capazes de sobreviver bebendo sangue).

O último pelo menos era verdade.

Enquanto trabalhava, pensei nas fadas. Eram diferentes dos vampiros, dos lobisomens e dos metas. As fadas podiam escapar e voltar a seu próprio mundo, onde fosse. Era um mundo que não tinha vontade de ver nem visitar. As fadas nunca tinham sido humanas. Pelo menos os vampiros tinham lembranças de sua época humana, e os metas e lobisomens eram humanos quase o tempo todo, ser um dupla-natureza era como ter uma dupla nacionalidade, supus. Havia uma diferença notável entre as fadas e os outros seres sobrenaturais, e isso as fazia mais aterradoras. Enquanto passava a tarde e eu servia as mesas, me esforçando para pegar bem os pedidos e sorris, houve momentos quando me perguntei se teria sido melhor não ter conhecido meu bisavô. Era uma ideia muito tentadora.

Servi a Jane Bodehouse sua quarta bebida e disse a Sam que tinha que deixar de beber. Jane beberia fora servida ou não. Sua decisão de deixar a bebida Mao tinha durado nem uma semana, mas nunca pensamos que conseguiria. Tinha feito proposições assim antes, com o mesmo resultado.

Pelo menos se Jane bebia aqui, poderíamos nos assegurar de que voltasse para casa a salvo. *Matei um homem ontem*. Talvez seu filho pudesse vir buscá-la; era um homem simpático que nunca tinha bebido uma gota de álcool. *Vi como atiravam num homem hoje*. Tive que ficar quieta um momento porque o lugar parecia estar dando voltas. Depois de um segundo me senti melhor. Me perguntei se poderia terminar bem a tarde. Colocando um pé na frente do outro afastei as coisas ruins (por meu passado, era uma expert em fazê-lo), e consegui. Inclusive lembro de ter perguntado a Sam por sua mãe.

“Está melhor” disse fechando a caixa. “Meu padrasto preencheu os papéis do divórcio. Disse que ela não merece parte dos bens porque não revelou sua dupla-natureza quando se casarão”.

Ainda que sempre tinha estado do lado de Sam, fosse o que fosse, tinha que admitir (só para mim) que podia entender seu padrasto.

“Sinto muito” disse. “Sei que é um momento ruim para sua mãe, e para sua família inteira”.

“A noiva do meu irmão também não está muito feliz” disse Sam.

“Oh, não, Sam. A assusta o fato de sua mãe...?”

“Sim, e com certeza também sabe de mim. Meu irmão e minha irmã se acostumaram. Então não acontece nada – mas Deidra não sente o mesmo. E acho que seus pais também não”.

Passei uma mão pelo ombro de Sam, porque não sabia o que dizer. Sorri para mim ligeiramente e depois me abraçou. Disse “Você tem sido uma pedra, Sookie” e então ficou tenso. Farejou “Você cheira a... há traços de vampiro” o calor desapareceu de sua voz. Me soltou e me olhou duramente.

Tinha esfregado meu corpo duramente e tinha usado todos meus produtos para a pele depois, mais o aguçado sentido de olfato de Sam tinha notado rastros do cheiro que Eric tinha deixado.

“Bom” disse e me detive em seco. Tentei de pensar no que ia dizer, mas as últimas quarenta horas tinham sido demolidoras. “Sim” disse “Eric veio na outra noite”. Deixei aí. Meu coração encolheu. Pensei em tentar explicar a Sam sobre meu bisavô e os problemas que tínhamos, mas Sam já tinha bastantes. Além disso, todo o pessoal se sentia mal por Arlene e pelo resto.

Estavam acontecendo coisas demais.

Tive outro momento de tontura, mas passou rapidamente, igual como veio. Sam nem sequer notou. Estava perdido em seu próprio reflexo, pelo menos pelo que podia ver em sua mente.

“Me acompanhe ao carro” disse impulsivamente. Precisava ir para casa e dormir, e não sabia se Eric ia aparecer esta noite ou não. E não queria que ninguém mais me surpreendesse, como Murry tinha feito. Não queria me ver envolvida em mais tiroteios. Sem mais traições por alguém que me importava.

Tinha uma longa lista de requisitos, e sabia que não era bom.

Enquanto tirava minha bolsa da gaveta da cozinha de Sam, e dizia a Antoine boa noite, quem ainda estava limpando a cozinha, notei que minha maior ambição agora mesmo era ir para casa e dormir sem falar com ninguém mais, e dormir toda a noite de uma vez.

Me perguntei se isso era possível.

Sam não disse mais nada sobre Eric, e pareceu atribuir minha petição de ser acompanhada a um efeito secundário do tiroteio. Poderia ter ficado dentro do bar e buscar com minha mente, mas era melhor ser muito cuidadosa; minha telepatia e o nariz de Sam eram uma boa combinação. Ele tinha vontade de revistar o estacionamento inteiro. De fato, se decepcionou ao ver que não tinha ninguém mais que nós dois ali fora.

Enquanto me afastava com o carro, vi como Sam se inclinava sobre seu carro, que estava estacionado na frente de seu trailer. Tinha as mãos em seus bolsos, e estava olhando a grama do chão como se odiasse vê-la. Quando virei na curva, Sam bateu na parte da frente do carro ausentemente e voltou ao bar, com os ombros encolhidos.

CAPÍTULO 13

“Amélia, o que funciona contra as fadas?” perguntei. Tinha tido uma maravilhosa noite de sono, e por isso me sentia muito melhor. O chefe de Amélia estava fora da cidade, então tinha a tarde livre.

“Você está se referindo a algo que aja como repelente?” perguntou.

“Sim, ou inclusive que lhes cause a morte” disse. “É melhor isso do que seja eu a que morra. Preciso me defender”.

“Não sei muito de fadas, já que são raras e se escondem” disse. “Não estava segura de sua existência até que apareceu seu bisavô. Você precisa algo que seja sua fraqueza, sim?”

Tive uma ideia. “Já tenho algo, Amélia” disse me sentindo muito feliz. Olhei na geladeira. Obviamente, tinha uma garrafa de limonada. “Tudo o que tenho que fazer é comprar uma pistola de água no mercado” disse. “Não é verão, mas tenho certeza que tem alguma na seção de brinquedos”.

“Será que isso funciona?”

“Sim, um feito conhecido. O simples contato é fatal. Suponho que se beber o efeito seria pior. Se pudesse colocar na boca de uma fada, seria uma fada morta”.

“Soa como se você estivesse metida em um rolo, Sookie” Amélia estava lendo, mas agora tinha deixado o livro de lado.

“Sim, estou”.

“Quer falar sobre isso?”

“É complicado. Difícil de explicar”.

“Sinto muito. Bom, talvez não seja seguro te contar os detalhes. Você pode me ajudar? Seus feitiços funcionam contra fadas?”

“Pesquisarei minhas fontes” disse Amélia com seu tom de não tenho ideia. “Ligarei para Otavia se for necessário”.

“Te agradeceria. E se precisar de algum ingrediente, o dinheiro não é problema” tinha chego o cheque de Sophie Anne esta manhã. O senhor Cataliades tinha me dado o dinheiro que ela me devia. Ia depositá-lo esta tarde no banco, já que estaria aberto.

Amélia respirou profundamente, parada. Esperei. Como é uma claríssima emissora de pensamentos, sabia o que queria falar, mas para manter nossa boa relação, simplesmente esperaria até que dissesse em voz alta.

“Tray me contou, tem alguns amigos na policia – mesmo que não muitos – que Whit e Arlene nengam terem matado Crystal. Eles... Arlene disse que queria te usar de exemplo para que vissem o que acontece com pessoas que andam com os sobrenaturais, foi a morte de Crystal que lhes deu a ideia”.

Meu bom humor desapareceu. Senti um grande peso sobre meus ombros. Escutar em voz alta era ainda pior. Não sabia o que dizer “Tray sabe o que vai acontecer com eles?” disse finalmente.

“Depende de quem foi à bala que atingiu a agente Weiss. Se foi de Donny – bom, está morto. Whot pode dizer que apontaram para ele, e que atirou. Pode dizer que não sabia nada do plano de te machucar. Que estava visitando sua namorada e que tinha pedaços de madeira no carro”.

“E Helen Ellis?”

“Ela disse a Andy Bellefleur que foi pegar seus filhos porque tinham tirado boas notas, e que tinha lhes prometido levá-los para tomar sorvete. Além disso, não sabe mais nada” a cara de Amélia expressava algo de ceticismo.

“Então Arlene é a única que disse algo” tirei a bandeja do forno. Tinha preparado biscoitos nesta manhã. Terapia de cozinha, barata e satisfatória.

“Sim, e talvez se retrate em qualquer momento. Estava muito agitada quando falou, mas passará. Talvez demasiado tarde. Isso espero pelo menos”.

Tinha razão, Arlene era o ela mais fraco “Ela tem advogado?”

“Sim. Não podia se permitir pagar a Matt Lancaster, então contratou Melba Jennings”.

“Bom movimento” disse pensativa. Melba Jennings era mais velha que eu. Era a única mulher afroamericana de Bon Temps que tinha ido para a faculdade. Tinha uma fachada

muito dura e se dava bem nas confraternizações. Outros advogados tinham feito atalhos incríveis para evitar enfrentá-la “Se faz ver menos intolerante”.

“Não acho que vá ganhar de ninguém, mas Melba é como um Pit Bull” Melba tinha estado na agência de seguros de Amélia com alguns clientes. “Será melhor que suba para fazer a cama” disse Amélia se esticando. “Ei, Tray e eu vamos ao cinema em Clarice esta noite. Você quer ir?”

“Ultimamente está tentando me colocar entre seus encontros. Você não estará se cansando de Tray, certo?”

“Claro que não” disse Amélia surpresa “De fato, acho que é legal. O amigo de Tray, Drake, não deixa encher seu saco. Drake te viu no bar, e quer te conhecer”.

“É dupla-natureza?”

“Só um cara. Ele te acha linda”.

“Não saio com caras normais” disse sorrindo. “Geralmente não acaba bem” geralmente saia desastrosamente, de fato. Imagina como seria sair com alguém se você pode escutar seus pensamentos todo o tempo.

Além disso, estava Eric e nossa indefinida mas íntima relação.

“Pense. Ele é muito lindo, e por lindo, quero dizer que é quente”.

Depois que Amélia subiu as escadas, coloquei chá em uma xícara. Tentei ler algo, mas não conseguia me concentrar no livro. Finalmente, coloquei um marca páginas e olhei para o vazio, pensando em muitas coisas. Me perguntei onde estariam os filhos de Arlene. Com a tia de Arlene talvez, que vivia em Clarice. Ou ainda estavam com Helen Ellis? Helen gostava de Arlene o suficiente para ficar com Coby e Lisa? Não podia tirar da cabeça a responsabilidade da má situação das crianças, mas ia ser uma das coisas que simplesmente teria que sofrer em silêncio. A pessoa realmente responsável era Arlene. Não havia nada que pudesse fazer por eles. Como se pensar nas crianças tivesse movido algum nervo do universo, o telefone tocou. Me levantei e fui para a cozinha.

“Alô” disse sem entusiasmo.

“Srta. Stackhouse? Sookie?”

“Sim, sou eu” disse adequadamente.

“Sou Remy Savoy”

O ex marido de minha prima morta Hadley, pai de seu filho “Fico feliz que me chame. Como vai Hunter? Hunter tinha um dom, que Deus o abençoe. Tinha o mesmo dom que eu.

“Está bem. É sobre isso”.

“Claro” íamos falar de telepatia.

“Dentro de pouco começará a ir para a creche. Vão notá-lo. Quero dizer, levará um tempo, mas antes ou depois...”

“Sim, o notaram” abri a boca para sugerir que Remy me trouxesse Hunter no dia seguinte para poder levá-lo ao Red Ditch. Mas então me dei conta de que era o objetivo de um grupo de fadas homicidas. Não era um bom momento para ter visita. E quem dizia que não iam me seguir até Red Ditch? De momento ninguém conhecia sobre Hunter. Nem sequer tinha contado a meu bisavô sobre seu dom. se Niall não sabia, talvez nenhum dos maus teria descoberto. Resumindo, era melhor não arriscar.

“Gostaria muito de vê-lo e saber como está indo. Prometo. O ajudarei o mais que possa” disse. “Agora mesmo não posso. Mas como temos um tempinho até que comece a creche. Talvez em um mês?”

“Oh” disse Remy. “Esperava poder levá-lo em meu dia livre”

“Tenho um pequeno problema que tenho que resolver” se continuasse com vida depois de resolvê-lo... mas não ia pensar nisso. Tentei pensar em um desculpa aceitável, e com certeza, tinha uma. “Minha cunhada acaba de morrer” disse a Remy “Posso te ligar quando não tenha que me ocupar com os detalhes do...” não podia pensar em como terminar a frase. “Prometo que será logo. Se não tiver um dia livre, talvez Kristen poderia trazê-lo”. Kristin era a namorada de Remy.

“Bom, esse é parte do problema” disse Remy, e soava cansado mas também divertido. “Hunter disse a Kristin que sabia realmente que não gostava dele, e que deveria deixar de pensar em seu pai sem roupa”

Repirei profundamente, tentando não rir, não consegui. “Sinto muito” disse “O que Kristin achou?”

“Começou a chorar. Então me disse que me amava mas que meu filho era um monstro, e foi embora”.

“A pior cena possível” disse “Ah... você acha que ela contará a outras pessoas?”

“Não vejo porquê faria isso?”

Tudo isso soava deprimentemente familiar: sombras de minha horrível infância.

“Remy, sinto muito” disse. Remy tinha me parecido um bom cara em nosso breve encontro, e havia visto que amava seu filho “Se te faz sentir melhor, eu sobrevivi a tudo isso”.

“Mas, e seus pais?” havia um rastro de sorriso em sua voz, para seu mérito.

“Não” disse. “Mas, não teve nada que ver comigo. Uma corrente de lodo os levou quando iam para casa numa noite. Estava chovendo muito, a visibilidade estava ruim, a água era preta como a estrada, atravessaram uma ponte e a corrente os levou”. Algo se remexeu em meu cérebro, um tipo de sinal que dizia que isso era importante.

“Sinto muito, estava só brincando” Remy disse com uma voz afogada.

“Não se preocupe. Só é uma de tantas coisas” disse, de uma forma quando você não quer que outra pessoa se preocupe com seus sentimentos. No final disse que lhe chamaria quando tivesse um ‘tempinho livre’ (Isso queria dizer ‘quando não estejam tentando me matar’, mas não expliquei isso a Remy).

Desliguei o telefone e me sentei na mesa da cozinha. Estava pensando na morte de meus pais pela primeira vez em muito tempo. Tinha algumas lembranças tristes, mas essa era a mais triste de todas. Jason tinha dez anos, e eu sete, então minhas lembranças não eram muito precisas, mas falávamos disso com o passar do tempo, e minha avó havia nos contado a história muitas vezes, mais quando mais envelhecia. A chuva torrencial, a estrada que ia ao rio, a água negra... e que tinham sido arrastados pela corrente. O camionete tinha sido encontrada no dia seguinte; seus corpos, um dia ou dois depois.

Me vesti para trabalhar automaticamente. Amarrei meu cabelo em um rabo-de-cavalo, me assegurando que todo meu cabelo ficasse no lugar. Enquanto amarrava meus tênis, Amélia desceu as escadas para me dizer que tinha revisado seus livros.

“O melhor para matar as fadas é o ferro” sua cara estava iluminada pelo triunfo. Odiava ter que lhe parar os pés. Os limões eram muito melhores, mas era complicado salpicar limão numa fada sem que notasse.

“Sabia disso” disse, tentando não soar muito deprimida. “Quero dizer, aprecio seu esforço, mas necessito poder deixá-las fora de combate” para poder escapar. Não sabia se poderia suportar ter que regar outra vez o caminho.

Com certeza, matar o inimigo era melhor que a alternativa: deixar que me peguem e que façam o que quiserem comigo. Amélia estava pronta para seu encontro com Tray. Estava de salto e seu jeans de marca, um aspecto inusual em seu caso.

“Porquê os saltos?” perguntei, e Amélia sorriu, mostrando seus perfeitos e brancos dentes.

“Tray ama salto alto” disse. “Com ou sem jeans. Você deveria ver a lingerie que estou usando”.

“Não, obrigada” disse.

“Se você quer se unir a nós depois do trabalho, tenho certeza que Drake estará lá. Tem muita curiosidade em te conhecer. É muito lindo, mas acho que você não vai gostar”.

“Por quê? Como é Drake?” perguntei, sentindo curiosidade.

“Esta é a parte estranha. Se parece muito com seu irmão” Amélia me olhou duvidando. “Isso talvez te faça retroceder, certo?”

Senti como todo o sangue desaparecia de minha cara. Estava de pé para ir, mas me senti bruscamente.

“Sookie? O que foi? Sookie?” Amélia estava se movendo ao meu redor ansiosamente.

“Amélia” disse. “Você tem que evitar esse cara. Digo em sério. Você e Tray tem que se afastar dele. E por Deus, não respondam perguntas sobre mim!”.

Podia ver pela culpabilidade em seu olhar que já tinha respondido a umas quantas. Ainda que fosse uma bruxa inteligente, Amélia não podia notar quando as pessoas não eram pessoas de verdade. Evidentemente, Tray também não – ainda que o doce cheiro de fada teria que tê-lo alertado por ser um dupla-natureza. Talvez Dermot tinha a mesma habilidade que seu pai e que meu bisavô para encobrir o cheiro.

“Quem é ele?” perguntou Amélia. Tinha medo, coisa que era bom.

“É...” tentei procurara a melhor explicação. “Ele quer me matar”.

“Tem alguma coisa haver com a morte de Crystal?”

“Não acho” disse. Tentei pensar racionalmente, mas meu cérebro não podia pensar nisso.

“Não entendo” disse Amélia. “Levamos meses – bom, semanas – de vida normal, e logo, aqui estamos!” levantou as mãos ao ar.

“Você pode se mudar de novo para Nova Orleans se quiser” disse com a voz tremendo. Com certeza, Amélia sabia que podia ir embora quando quisesse, mas queria me assegurar de não colocá-la em problemas a não ser que ela escolhesse. Por dizer de alguma maneira.

“Não” disse firmemente. “Gosto de estar aqui, e minha casa em Nova Orleans não está pronta ainda” continuava dizendo isso. Não é que queria que fosse, mas não podia ver por quê havia tantos atrasos. Depois de tudo, seu pai era construtor.

“Não sente falta de lá?”

“Claro que sim” disse Amélia. “Mas também gosto daqui, e gosto de meu quarto lá em cima, gosto do Tray, e gosto dos trabalinhos que faço por aí. E também gosto – muito – estar fora da influência do meu pai”. Colocou uma mão sobre meu ombro. “Você deveria ir trabalhar e não se preocupar tanto. Se não me ocorrer nada até amanhã, ligarei para Octavia. Agora que sei sobre Drake, farei o vazio. E Tray também fará. E ninguém faz tão bem como Tray”.

“Tá, tá, certp” disse. “Mas você sabe, não sou uma pobre indefesa, e Dawson também pode lutar”.

Nos abraçamos mutuamente, e me deixei levar pela mente de Amélia. Era quente, ocupada, curiosa e... direta. Não sentia falta de seu passado como Amélia Broadway. Meu deu um tapinha nas costas para mostrar que ia me soltar e retrocedemos.

Passei pelo banco, pelo supermercado. Depois de procurar um pouco, encontrei a seção de pistolas de água. Comprei um par de plástico, uma azul e outra amarela. Quando pensei na ferocidade e raiva de uma fada, e o fato de que me levou muito tempo abrir o compartimento da água, meu método parecia um pouco ridículo. Ir armada com uma pistola de plástico e uma pá.

Tratei de afastar de minha mente todas as preocupações. Mas havia tanto no que pensar... no que temer. Talvez fosse o momento de fazer caso ao livro de Amélia e olhar para frente. O que tinha que fazer esta noite? Qual de minhas preocupações deveria resolver primeiro? Podia escutar pistas no bar sobre a morte de Crystal, como Jason tinha me pedido (teria feito de todo jeito, mas parecia mais importante seguir a seus assassinos que procurar em qualquer direção). Poderia me armar ante um possível ataque de fada. Poderia estar alerta por se aparecessem mais pessoas da Irmandade. E poderia aprender a me defender melhor.

Depois de tudo, estava em baixo da proteção da manada de Shreveport porque os havia ajudado. Também em baixo da proteção do novo império vampiro porque tinha salvado a bunda de seu líder. Felipe de Castro seria um monte de cinzas se não fosse por mim; e pelo que importa, também Eric. Não era o melhor momento do mundo para pedir ajuda?

Estacionei meu carro atrás do Merlotte's. olhei para o céu, mas estava nublado. Pensei que só restava uma semana para a lua cheia. E era definitivamente noite fechada. Tirei o celular de minha bolsa. Achei o número de Eric escrito a mão de um dos cartões de visita, amassado em baixo do meu celular. Atendeu na segunda chamada.

“Sim” disse, e fui capaz de dizer por essa palavra que estava com outras pessoas.

Um calafrio percorreu meu corpo ao escutar sua voz.

“Eric” disse e depois desejei ter passado mais tempo pensando no que ia dizer. “O rei me deve uma” continuei, percebendo que era muito direto e obviu “Estou em perigo de verdade. Me pergunto o que poderia fazer a respeito”

“O que ameaça a sua família mais velha?” sim, estava com mais gente.

“Sim. O, ah, inimigo esteve com Amélia e Tray para tentar nos apresentar. Não parece penar que vou reconhecê-lo, ou talvez é muito bom fingindo, está no lado anti-humanos, mas é meio humano. Não entendo seu comportamento”

“Já vejo” disse Eric depois de uma apreciável pausa. “Então é necessária a proteção”

“Sim”

“E o que você pede é...?”

Se estivesse com seus próprios súditos, teria lhes dito para deixá-lo sozinho. Já que não havia feito, estava provavelmente com algum vampiro de Nevada; Sandy Sechrest, Victor Madden ou Felipe de Castro em pessoa, ainda que isso fosse importante. O negócio mais lucrativo de Castro requeria sua presença contínua. Finalmente percebi que Eric estava tentando saber se lhe pedia este favor como sua amiga, sua ‘esposa’ ou como alguém ao que lhe devia algo.

“Te peço isto porque salvei a vida de Felipe de Castro”.

“Apresentarei sua petição a Victor, já que está no bar” disse Eric suavemente. “Te ligarei esta noite”.

“Certo” dado o bom ouvido dos vampiros acrescentei “Aprecio muito, Eric” como se fôssemos amigos por toda a vida.

Mentalmente afastando a pergunta de que éramos um para o outro, guardei o celular e fui trabalhar me apressando porque estava uns minutos atrasada. Agora que tinha falado com Eric, me sentia muito mais otimista sobre minhas possibilidades de sobreviver.

CAPÍTULO 14

Mantive minhas orelhas mentais abertas essa noite, então foi uma noite complicada. Depois de anos de prática e de um pouco de ajuda pela parte de Bill, tinha aprendido a bloquear a maioria dos pensamentos dos humanos que me rodeavam. Mas esta noite era como nos velhos tempos, quando sorria todo o tempo para cobrir a confusão que reinava em minha cabeça ante o constante bombardeio de pensamentos.

Quando passei na frente da mesa onde Bud Dearborn e seu antigo companheiro Sid Matt Lancaster estavam comendo frango frito e bebendo cerveja, escutei *Crystal não é uma perda tão grave, mas não é normal crucificar a alguém... temos que resolver este caso. E também Que venham verdadeiros lobisomens como clientes.* Como queria que Elva Deane estivesse viva para ver isso; teria amado. Mas Sid Matt estava pensando principalmente em suas hemorroidas e seu câncer.

Oh, Deus, não sabia. A seguinte vez que passei a seu lado, dei um tapinha carinhoso em seu ombro “Me chame se precisar de algo” disse e encontrei seu olhar de tartaruga. Podia pensar o que quisesse, sempre que soubesse que eu estava disposta a ajudar.

Quando você joga uma rede tão ampla, você tira muito lixo. Descobri ao longo da noite que Tanya talvez ia se instalar de forma permanente com Calvin, que Jane Bodehouse pensava que tinha clamídia e se perguntava quem era o responsável, que Kevin e Kenya, oficiais de polícia que sempre pediam para estar no mesmo turno, estavam morando juntos. Como Kenya era negra e Kevin não poderia ser mais branco, estava causando muitos problemas aos pais de Kevin, mas ele continuava firme. O irmão de Kenya também não estava muito feliz com a situação, mas não ia espancar o Kevin nem nada do tipo. Sorri para eles amplamente quando levei seu Bourbon com Coca-cola, e me devolveram o sorriso. Era tão estranho ver Kenya sorrir que quase ri. Parecia cinco anos mais nova ao fazê-lo.

Andy Bellefleur apareceu com sua nova mulher, Halleigh. Gostava da Halleigh, nos abraçamos mutuamente. Halleigh pensava que talvez estivesse grávida, e que seria bom para poder começar uma nova vida juntos, mas Andy era um pouco mais velho que ela. Esta talvez-gravidez não tinha sido planejada, então também estava preocupada de como Andy reagiria. Como estava sozinha esta noite, tentei algo novo. Lancei meu sentido sobre o estômago de Halleigh. Se realmente estava grávida, era muito cedo para detectar um pequeno cérebro.

Andy estava pensando que Halleigh havia estado muito quieta nos últimos dias, e estava preocupado por se estava acontecendo algo. Também estava preocupado pela investigação da morte de Crystal, e quando notou o olhar de Bud Dearborn sobre ele, desejou ter escolhido outro lugar de Bon Temps para passar a tarde. O tiroteio no trailer de Arlene o perseguia em sonhos.

O resto da gente do bar estava pensando em coisas normais.

Quais eram os pensamentos mais populares do momento? Bom, eram realmente muito entediantes.

A maioria da gente pensa em seus problemas financeiros, o que precisam da loja, que reparações são necessárias fazer na casa, com vão seus trabalhos. Se preocupam por seus filhos... muito. Pensam em assuntos sobre seus chefes, suas esposas, seus companheiros de trabalho e sobre membros de suas igrejas. Em conjunto, o 95% do que escuto é algo que nem sequer poderia ser escrito em um diário.

De vez em quando os caras (e menos frequentemente as mulheres) pensam em sexo com alguém que vem ao bar – mas honestamente, isso é tão comum que posso afastar, a não ser que estejam pensando em mim. Isso é muito nojento. As ideias de sexo se multiplicam segundo aumenta o consumo de álcool; não é muito surpreendente. A gente que pensava em Crystal e sua morte era os agentes da lei que deviam resolver e descobrir quem a tinha matado. Se um dos culpados estava no bar, não pensava no que tinha feito. E tinha que ter mais de uma pessoa envolvida. Montar uma cruz não era algo que um homem sozinho pudesse fazer; pelo menos não sem muita preparação e algum sistema de poejo. Você tinha que ser algum tipo de ser sobrenatural para poder fazer sozinho.

Isso era o que Andy Bellefleur pensava enquanto esperava que chegasse sua salada de frango.

Estava de acordo com ele. Tenho certeza que Calvin também considerou essa ideia. Calvin tinha cheirado o corpo, e não tinha dito que cheirasse a outro dupla-natureza de nenhum tipo. Mas então lembrei que um dos homens que tinham ajudado a descer o corpo era um sobrenatural.

Longe de aprender nada novo, estava criando um muro quando Mel entrou. Mel que vivia em um dos duplex alugados de Sam, parecia ter saído de ‘Robin Hood, O musical’ nesta noite. Seu comprido cabelo marrom, seu bigode e sua barba, e as calças ajustadas lhe davam um ar teatral.

Mel me surpreendeu me abraçando antes de sentar, como se fosse uma grande amiga sua. Se seu comportamento era devido a que ele e meu irmão era ambos panteras... mas isso não tinha muito sentido. Nenhuma das panteras fazia isso devido a Jason – nada mais longe disso. A comunidade de Hotshot tinha sido muito mais agradável comigo quando Calvin Norris pensava em me pedir que fosse sua companheira. Por acaso Mel queria em segredo sair comigo? Isso poderia ser... desagradável e não desejado.

Olhei um pouco na mente de Mel onde não vi nenhum pensamento luxurioso sobre mim. Se o tivesse atraído, estaria pensando em mim, já que estava na frente dele. Mel estava pensando nas coisas que Catfish Hennessy, o chefe de Jason, tinha dito sobre Jason no Auto Parks de Bon Temps. A paciência de Catfish tinha terminado, e tinha dito a Mel que pensava em demitir Jason.

Mel estava muito preocupado por meu irmão. Me perguntava como era possível que uma pessoa tão egoísta como meu irmão podia atrair amigos tão leais. Meu bisavô havia me dito que a gente com traços de sangue de fada eram mais atrativas ante os humanos, talvez isso explicasse.

Fui atrás do balcão para levar mais chá a Jane Bodehouse, que estava tentando permanecer sóbria hoje para tentar fazer uma lista dos possíveis homens que lhe haviam contagiado com a clamídia. Um bar é um lugar para começar um programa de sobriedade – mas Jane não tinha quase oportunidades de terminar bem. Coloquei uma rodela de limão no copo de chá e levei a Jane, olhei suas mãos tremendo enquanto pegava o copo e bebia.

“Você quer algo para comer?” perguntei, mantendo a voz baixa. Porque não havia visto nunca um bêbado melhorar em um bar, não queria dizer que não fosse possível. Jane sacudiu a cabeça negativamente em silêncio. Seu tingido cabelo marrom sobressaia do seu penteado, e sua camiseta preta estava coberta de pedaços disto e daquilo. Sua maquiagem tinha sido aplicada com uma mão trêmula. Podia ver como o batom estava mal passado nos cantos dos lábios. Muitos dos alcoólicos da zona passam pelo Merlotte’s de vez em quando, mas sempre vão ao Bayou. Jane era nossa única ‘residente’ desde que morreu o velho Willie Chenier. Quando Jane estava no bar, sempre se sentava na mesma banquetta. Hoyt tinha colocado uma etiqueta quando passou bebendo uma noite, mas Sam tinha o obrigado a tirá-la.

Olhei a cabeça de Jane por um horrível minuto ou dois, e olhei como seus pensamentos se moviam lentamente em baixo de seus olhos, notei as veias estouradas de suas bochechas. O pensamento de me transformar em Jane era suficiente para me afastar da bebida.

Virei para ver Mel estava a meu lado. Ia de caminho ao banheiro dos homens, porque isso era o que via em sua mente.

“Você sabe o que fazem em Hotshot com gente como essa?” perguntou suavemente, apontando com a cabeça para onde Jane estava como se pudesse vê-lo ou escutá-lo. (Para dizer a verdade, pensei que tinha razão. Jane estava tão aérea que não parecia notar que tinha mais gente ao seu redor).

“Não” disse, espantada.

“As deixam morrer” disse “Não lhes dão comida, nem água, nem abrigo; se a pessoa não pode procurar por ela mesma”.

Estou segura de que o horror estava estampada em minha cara.

“É melhor assim” disse. Deixou escapar um longo e profundo suspiro. “Hotshot sempre tem sua própria forma de livrar-se dos mais fracos”.

Segui meu caminho, com as costas rígidas.

Acaricieei o ombro de Jane, mas realmente não estava pensando nela. Me perguntava to que Mel teria feito para merecer o exílio a um duplex em Bon Temps. Se tivesse estado em seu lugar, teria ficado feliz de me livrar das múltiplas normas dessa micro-comunidade de casas rodeando a estrada, mas podia notar que não era assim como Mel se sentia. A ex mulher de Mel tomava de vez em quando uma Marguerita no Merlotte’s. pensei que estaria bem investigar um pouco sobre o novo amigo do meu irmão a próxima vez que Ginger viesse.

Sam me perguntou um par de vezes se estava bem, e me surpreendeu minha vontade de lhe contar tudo o que tinha me acontecido ultimamente. Me assombrava perceber o muito que contava a Sam, do muito que sabia ele sobre minha vida secreta. Mas sabia que Sam já tinha bastante. Esteve ao telefone falando com sua irmã e seu irmão várias vezes por toda a tarde, coisa que era estranho por ser ele. Parecia preocupado e incomodado, e seria muito egoísta acrescentar mais preocupações.

O celular no meu avental vibrou um par de vezes, e quando tive um momento livre, fui ao banheiro feminino e olhei minhas mensagens. Uma era de Eric “A proteção está a caminho” dizia. isso era ótimo. Havia outra mensagem, este era de Alcide Herveaux, o líder da manada de Shreveport. “Tray ligou. Você está com problemas?” dizia “Te devemos uma”.

Minhas oportunidades de sobreviver tinham aumentado consideravelmente, e me senti muito mais feliz para terminar meu turno. Era bom que me devessem favores os vampiros e os lobisomens. Talvez toda a merda pela que tinha passado tinha valido a pena.

Ainda assim, tinha que dizer que os projetos para minha tarde tinham sido decepcionantes. Claro, depois de pedir a Sam permissão, tinha enchido as pistolas de água com suco de limão da geladeira (era usada para o chá gelado). Pensei que talvez os limões de verdade teriam mais potência que o suco engarrafado de casa. Assim que me sentia um pouco mais segura,

mas meus conhecimentos da morte de Crystal não tinham aumentado. Ou os assassinos não tinham vindo ao bar, ou não pensavam nas coisas ruins que tinham feito, ou não pensavam nisso quando eu olhava suas mentes. Ou, pensei, uma mistura de tudo.

CAPÍTULO 15

Tinha proteção dos vampiros, de alguma maneira, me esperando lá fora. Bubba estava junto a meu carro quando saí do Merlotte's. Sorri ao me ver e me alegrei tanto que lhe dei um abraço. A maioria da gente não teriam ficado feliz de ver um vampiro meio louco com preferência por sangue de gato, mas gostava de Bubba.

“Quando voltou para a cidade?” perguntei. Bubba tinha sido capturado em Nova Orleans durante o Katrina, e tinha necessitado de uma longa recuperação. Os vampiros estavam dispostos a cuidar dele, porque tinha sido uma das pessoas mais famosas do mundo até que o levaram ao necrotério de Memphis.

“Faz uma semana. Que bom vê-la, Srta. Sookie” as presas de Bubba se deslizaram para me mostrar o feliz que estava. Tão rápido quanto apareceram, desapareceram. Bubba ainda tinha talento. “Estive viajando. Vivendo com amigos. Mas estava esta noite no Fangtasia visitando o Sr. Eric, e me perguntou se gostaria o trabalho de vigiá-la. Lhe disse ‘Srta. Sookie e eu, somos bons amigos, e cairia bem’. Você tem um gato novo?”.

“Não, Bubba. Não tenho” graças a Deus.

“Bom, tenho um pouco de sangue no freezer do meu carro” assentiu para um grande e velho Cadillac branco que tinha sido restaurado com muitos problemas e dinheiro.

“Oh, o carro é lindo” disse. Quase acrescentei ‘Era seu quando estava vivo?’ mas Bubba não gostava saber nada de seu atual estado ou existência prévia; o faziam entristecer e se confundir. (Se você fizesse com cuidado, de vez em quando cantava para você. Uma vez cantou ‘Natal Branco’. Inesquecível).

“Russell me deu” disse.

“Oh, Russell Edgington? O rei do Mississippi?”

“Sim, ele não é amável? Disse que como ele era rei do estado onde nasci, que queria me dar algo especial”.

“Como vai ele?” Russell e seu novo marido, Bart, tinha sobrevivido ao bombardeio de Rodes.

“Está muito bem agora. Ele e o Sr. Bart já estão curados”.

“Me alegro de saber que estão bem. Então, vai me seguir até em casa?”

“Sim, esse é o plano. Se você deixar a porta traseira sem tranca, quando chegar o amanhecer entrarei no esconderijo de teu quarto; isso me disse o Sr. Eric”.

Então foi bom Octavia ter ido embora. Não sabia como teria reagido se lhe dissesse que o Homem de Memphis precisava dormir em um armário todo o dia. Quando cheguei em casa, Bubba estacionou a meu lado com seu incrível carro. Vi que a camionete de Dawson estava ali. Não me surpreendeu. Dawson tinha trabalhado como guarda-costas, e estava na área. Já que Alcide tinha decidido ajudar, Tray Dawson era uma escolha óbvia, sem importar sua relação com Amélia. Tray estava sentado na mesa da cozinha quando Bubba e eu entramos. Pela primeira vez desde que o conhecia, o homem pareceu realmente assombrado. Mas foi suficientemente esperto para não dizer nada.

“Tray, este é meu amigo Bubba” disse. “Onde está Amélia?”

“Escada acima. Tenho que falar com você sobre algo”.

“Já imaginava, Bubba veio pelo mesmo. Bubba, este é Tray Dawson”.

“Ei! Tray!” Bubba aplaudiu, rindo porque tinha feito uma rima. Não havia feito bem a mudança. O fio de vida que lhe restava quando chegou ao necrotério era tão fraco que o assistente vampirófilo o havia retido, e as drogas que havia em seu sistema eram muito fortes, bubba havia tido sorte de sobreviver tão bem como o havia feito, que não era muito.

“Ei” disse Tray com cuidado. “Como vai Bubba?”

Me alegrei de que Tray tivesse fixado esse nome.

“Muito bem, obrigado. Tenho um pouco de sangue no mini bar ali fora, e a Srta. Sookie tenho um pouco de True Bloos na geladeria, ou pelo meno tinha”.

“Sim, tenho um pouco” disse. “Quer se sentar, Bubba?”

“Não senhora, acho que pegarei uma garrafa e irei para o bosque. Bill ainda vive no outro lado do cemitério?”

“Sim, ainda vive”

“Sempre é bom ter um amigo perto”.

Não tinha certeza se poderia dizer que Bill era um amigo; nossa história era muito complicada para isso. Mas estava completamente segura de que me ajudaria se estivesse em perigo “Sim” disse. “Sempre é bom”.

Bubba procurou na geladeira e tirou um par de garrafas. As levantou para Tray e para mim, e saiu sorrindo.

“Deus do céu” disse Tray “É quem eu acho que é?”

Assenti e me sentei no outro lado da mesa.

“Isso explica todas as vezes que o virão” disse. “Bom, escuta, você o tem lá fora e eu dentro. Parece bem pra você?”

“Sim. Suponho que tenha falado com Alcide?”

“Sim. Não estou tentando me meter em seus assuntos, mas teria sido melhor se você tivesse nos contado diretamente. Especialmente já que você falou para Amélia desse cara, Drake, e Amélia está triste porque esteve falando com o inimigo. Se soubéssemos que você tinha problemas, teria ficado de boca fechada. Teria o matado na primeira vez que se apresentou. Teríamos economizado muitos problemas. Já pensou nisso?”

Tinha que ser direta com Tray. “Acho que você está se metendo em meus assuntos, Tray. Como você está aqui como namorado de Amélia, te direi o que possa sem fazer colocar Amélia em perigo. Nunca me ocorreu pensar que os inimigos de Niall tentariam conseguir informação sobre mim através de minha colega de andar. E também não sabia que você não podia diferenciar um humano de uma fada” Tray piscou. “Talvez você não queira ser responsável por ocupar-se de mim, dada a implicação pessoal de que sua namorada viva em baixo do mesmo teto que a mulher que você deve proteger. Te cria algum conflito de interesses?”

Tray me olhou atentamente. “Não, quero o trabalho” disse, e apesar de que era um lobisomem pude notar que seu objetivo era manter Amélia a salvo. Já que vivia comigo, poderia matar dois pássaros com um tiro ao ser pago para me proteger. “Por uma coisa, te devo uma. Nunca soube que Drake era uma fada, e não sei como conseguiu isso. Tenho um bom olfato”

O orgulho de Tray tinha sido pisoteado. Podia entender isso. “O pai de Drake pode esconder bem seu cheiro, inclusive na frente dos vampiros. Talvez Drake também possa fazer. Além disso, não é completamente uma fada. É meio humano, e seu nome real é Dermot”

Tray assimilou isso, assentiu. Podia notar que se sentia melhor. Tentei pensar se eu também. Não via claro o assunto. Pensei em ligar para Alcide e dizer porque Tray poderia não ser um

bom guarda-costas, mas decidi não ligar. Tray Dawson era um bom lutador e eu faria o melhor possível... até que tivesse que escolher entre Amélia e eu.

“Então?” disse e notei que eu havia ficado em silêncio muito tempo. “O vampiro pode ficar durante a noite e você pelo dia” disse. “Quando eu esteja no bar não fará falta” empurrei minha cadeira para trás e sai da cozinha sem dizer mais nada. Tinha que admitir que em vez de me sentir aliviada, estava mais preocupada. Havia pensado que era inteligente pedir reforços, em vez disso, agora me preocupava sobre a segurança do homem que ia me proteger.

Me preparei para ir dormir lentamente, finalmente admitindo que desejava que Eric aparecesse. Adoraria receber sua terapia para relaxar e dormir. Esperava estar deitada acordada antecipando o seguinte ataque. Mas estava tão cansada pela noite anterior, que dormi rapidamente. Em vez de ter meus habituais entediantes sonhos (os clientes me chamavam constantemente enquanto eu tratava de servir a todos), essa noite sonhei com Eric. Em meu sonho, ele era humano e andávamos juntos sob o sol. Estranhamente, parecia muito real.

Quando olhei o relógio na manhã seguinte, era muito cedo, pelo menos para mim; não era nem oito horas ainda. Me levantei alarmada. Me perguntava se havia tido outro sonho. Um que não lembrava. Me perguntei se minha telepatia tinha captado algo enquanto dormia. Algo ruim, algo horrível. Levou um tempo escanear minha própria casa, não era minha forma favorita de começar o dia. Amélia tinha saído, mas Tray estava aqui e tinha problemas. Coloquei um roupão e chinelos e sai no corredor. Quando abri a porta, pude escutar como vomitava no banheiro. Existem alguns momentos que deveriam ser privados, e quando você está vomitando é um deles. Mas os lobisomens normalmente estão sãos, e este era o cara que tinha sido enviado para me proteger, e estava obviamente doente.

Esperei até que deixou de vomitar. Disse “Tray, posso fazer algo por você?”

“Me envenenaram”. Disse tossindo e se afogando.

“Devo ligar para o médico. Algum humano? Ou a Dra. Ludwig?”

“Não” soava muito definitivo sobre isso. “Estou tentando me livrar dele” gemeu, depois deu outra arfada. “Mas é muito tarde”.

“Você sabe quem te deu?”

“Sim, a nova namorada...” parou uns segundos “No bosque. A nova namorada de Bill”.

Tive uma reação instintiva “Ele não estava com ela, verdade?”

“Não, ela...” mais sons horríveis. “Veio de sua casa, disse que era sua...”

Sabia, sem dúvida nenhuma, que Bill não tinha nova namorada. Ainda que me envergonhava admitir, estava tão segura porque sabia que ele ainda me desejava. Sabia que não estragaria

isso mantendo alguém mais em sua cama nem deixaria essa mulher rondar pelo bosque se eu tinha alguma possibilidade de tropeçar com ela.

“Como ela era?” disse, colocando minha cabeça sobre a porta fria. Estava cansada de gritar.

“Era uma vampirófila” notei como o cérebro de Tray estremeceu ante a dor “Pelo menos, parecia humana”.

“Igual que Dermot parecia humano. E você bebeu algo que ela te deu” era algo impróprio de mim soar tão incrédula, mas por favor!

“Não pude evitar” disse lentamente. “Tinha muito sede, tive que beber”.

Tinha sido enfeitiçado de alguma maneira para sentir isso. “E o que era? O que você bebeu?”

“Tinha gosto de vinho” grunhiu. “Maldição, deve ter sido sangue de vampiro! Agora posso notar o sabor em minha boca!”

O sangue de vampiro era a droga mais potente do mercado negro, e as reações humana eram tão variadas que bebê-la era como jogar roleta russa, em mais de uma forma. Os vampiros odiavam os que tiravam seu sangue porque normalmente deixavam exposto ao vampiro no sol. Então os vampiros tinham criado também seu próprio mercado. Alguns que tomavam o sangue viravam viciados ante a sensação que lhe oferecia, e alguns tentavam beber o sangue da fonte de formas suicidas. Mas de vez em quando, algum humano ficava louco e matava outro. De qualquer maneira, era ruim para a reputação dos vampiros que tentavam mudar.

“Porque você fez tal coisa?” perguntei, incapaz de afastar a fúria da minha voz.

“Não pude evitar” disse, e a porta do banheiro se abriu finalmente. Retrocedi um par de passos. Tray se via mal e cheirava ainda pior. Estava só de calças de pijama e seu peito peludo estava na altura de meus olhos. Estava cheio de grãos.

“E isso?”

“Não pude... não beber” sacudiu a cabeça “e então voltei e deitei na cama com Amélia, e estive me mexendo toda a noite. Acordei quando o R... Bubba foi dormir em seu armário. Disse algo de uma mulher que tinha conversado com ele, mas eu já me sentia muito mal, não lembro o que disse. Bill a mandou aqui? Te odeia tanto assim?”

Olhei para cima em seus olhos “Bill Compton me ama” disse “Nunca me machucaria”

“Mesmo que você esteja com o loiro alto?”

Pelo jeito Amélia não conseguiu ficar de boca fechada.

“Ainda que esteja com o loiro alto” disse.

“Amélia me contou que você não pode ler a mente dos vampiros”.

“Não, não posso. Mas sei de algumas coisas”.

“Certo” ainda que Tray não tivesse energia suficiente para parecer céptico, aceitou. “Tenho que ir dormir, Sookie. Não poderei me encarregar de você hoje”.

Podia ver isso “Porquê você não vai a SUA casa e descansas na SUA própria cama?” disse “Hoje vou trabalhar, estarei sempre no meio de pessoas”.

“Não, você tem que estar protegida”.

“Ligarei para meu irmão” disse me surpreendendo inclusive de mim mesma. “Não vai trabalhar, e é uma pantera. Deve ser capaz de cuidar de minha retaguarda”.

“Certo” era uma mostra de fraqueza de Tray que não discutisse, ainda que não fosse precisamente um fã de Jason. “Amélia sabe que não estou bem. Se falar com ela antes que eu, diga que ligarei mais tarde”.

O lobisomem entrou na sua camionete. Esperava que estivesse em condições de dirigir até sua casa, o chamei depois para me assegurar, mas só fez um gesto com uma mão e se afastou pela calçada.

Me sentindo estranha, o olhei ir embora. Pelo menos uma vez fez algo prudente; havia ligado para os reforços. E não tinha me servido para nada bom. Alguém que não podia me atacar em minha própria casa – suponho que era devido a magia de Amélia – achou outra forma de fazer. Murry tinha ficado fora de combate, e agora uma fada tinha se encontrado com Tray, fazendo-o beber sangue de vampiro. Talvez poderia tê-lo feito enlouquecer; talvez poderia ter matado a todos. Suponho, que para as fadas, era uma boa situação. Ainda que tivesse ficado louco não tinha tentado matar nem Amélia e nem eu, só estava doente e fora do negócio de guarda-costas por um tempo.

Percorri o corredor para o meu quarto e me troquei. Hoje ia ser um dia complicado, e sempre me sentia melhor quando me trocava enquanto me ocupava da crise. Há algo que me faz sentir capaz quando coloco roupa íntima. Me surpreendi pela segunda vez quando estava a ponto de entrar em meu quarto. Havia movimentos na sala. Parei e respirei profundamente. Meu bisavô estava sentado na poltrona, mas levei um tempo para reconhecer Niall. Levantou, me olhando assombrado enquanto respirava de novo, com a mão sobre o coração.

“Você não está parecendo muito bem hoje” disse.

“Sim, bem, não esperava visitas” disse sem fôlego. Ele também não parecia muito bem, coisa que era uma novidade. Suas roupas estavam manchadas e rasgadas, e a não ser que estivesse enganada, estava suando. Meu bisavô príncipe fada parecia menos bonito pela primeira vez.

O olhei atentamente. Ainda que estivesse claro, tive meu segundo ataque de ansiedade em um dia “O que aconteceu?” disse. “Parece que você saiu de uma briga”

Durou um longo momento, como se estivesse tentando escolher algo entre várias notícias “Breandan se vingou da morte de Murry” disse Niall.

“O que ele fez?” passei minhas mãos secas pela cara.

“Pegou Enda na outra noite, e agora está morta” disse. Podia notar em sua voz que sua morte não tinha sido rápida. “Você não a conheceu, se envergonhava de estar com humanos” afastou uma longa mecha de cabelo tão loiro que quase parecia branco.

“Breandan matou uma fada? Não restam muitas fadas mulheres, verdade? Então fazer isso... não é muito mais horrível?”

“Isso era o que pretendia” disse Niall. Sua voz era seca.

Pela primeira vez, notei que as calças de meu bisavô estavam manchadas de sangue nos joelhos, provavelmente por isso não tinha me abraçado.

“Você tem que trocar de roupa” disse. “Por favor Niall, sobe e tome um banho, depois lavarei sua roupa”.

“Tenho que ir”. Disse, e pude notar que não tinha ouvido minhas palavras. “Vim para te avisar pessoalmente, você tem que começar a levar a situação a sério. Só vim porque tinha estado aqui antes. É certo que os vampiros e os dupla-natureza estão te protegendo? Você tem mais proteção, posso sentir”.

“Tenho um guarda-costas de dia e outro de noite” menti, porque não precisava preocupá-lo. Estava até o pescoço com problemas. “E você sabe que Amélia é uma bruxa forte. Não se preocupe”.

Me olhou, mas não achava que estivesse me vendo. “Tenho que ir” disse bruscamente. “Queria me certificar que você estava bem”.

“Certo... muito obrigada” tentava pensar em uma resposta melhor quando Niall desapareceu da sala.

Disse a Tray que ia ligar para Jason. Não estava certa se tinha sido muito sincera nesse momento, mas sabia que tinha que fazer. Segundo como o via, o favor que Alcida me devia tinha expirado; ele havia pedido a Tray que me ajudasse, e Tray agora estava fora de serviço. Não ia pedir a Alcide que me vigiasse pessoalmente, e não tinha uma boa relação com ninguém da matilha. Respirei profundamente e liguei para meu irmão.

“Jason” disse quando atendeu o telefone.

“Irmã, como está?” soava um pouco agitado, como se acabasse de realizar algo excitante.

“Tray teve que ir embora, e acho que precisar de proteção hoje” disse. Houve um longo silêncio. Não se apressou em me perguntar nada, coisa que era estranha. “Esperava que talvez você pudesse vir comigo? Aonde tenha que ir” comecei. Tentando pensar onde era. Era complicado ter uma crise quando a vida real pedia a gritos continuar vivendo. “Bom, tenho que ir a biblioteca. E pegar um par de calças na lavanderia” não tinha revisado a etiqueta antes da compra. “E tenho que ir trabalhar no Merlotte’s também. Então isso é tudo”

“Certo” Jason disse. “Mesmo que essas tarefas não pareçam muito urgentes” houve uma longa pausa. “Você está bem?”

“Sim” disse cautelosamente. “Não deveria estar?”

“Esta manhã me aconteceu algo muito estranho. Dormi na casa de Mel na outra noite, já que estava feito pó depois de nos encontrar em Bayou. E nesta manhã, bateram na porta. Eu fui abrir, e tinha um cara, e eu estava lá, não sei, louco ou algo. O mais estranho era, que essa cara parecia muito comigo”.

“Oh, não” me senti bruscamente.

“Não era certo, irmã” disse Jason “Não sei o que estava mal, mas não era certo. Começou a falar quando Mel apareceu na porta, como se soubesse quem era. Mel ficou entre ele e mim, bateu em Mel tão forte que atravessou a sala e gritou que era um assassino. Mel teria quebrado o pescoço se não tivesse batido no sofá”.

“Mel está bem, então”.

“Sim, está bem. Chateado, mas você já sabe...”

“Claro” os sentimentos de Mel não eram o mais importante agora “e o que aconteceu depois?”

“Disse algo de que agora estava cara a cara comigo e podia entender porque meu bisavô não queria saber nada de mim, e que todos os cruzamentos de raças deveriam morrer, mas que eu era claramente de seu sangue, e que havia decidido que eu tinha que saber o que está acontecendo. Me disse que era um ignorante. Não entendi tudo o que disse, e ainda não entendo. Não era um vampiro, e sei que não era um meta de nenhum tipo porque teria sentido o cheiro”.

“Você está bem... isso é o importante, certo?” agi errado afastando Jason do assunto das fadas?

“Sim” disse, sua voz estava cautelosa e preocupada “Você não vai me contar o que está acontecendo, verdade?”.

“Vem aqui e conversaremos. Por favor, por favor, não abra a porta a não ser que você saiba quem é. Esse cara é mau, Jason, e não lhe importa machucar. Acho que Mel e você tiveram muita sorte”.

“Há alguém com você agora?”

“Não desde que Tray se foi”.

“Sou seu irmão. Irei se você precisa de mim” disse Jason com inesperada dignidade.

“Aprecio muito” disse.

Havia conseguido dois por um. Mel veria com Jason. Isso era estranho, porque tinha coisas familiares que contar a Jason, e não poderia se Mel estivesse. Com muito tato, Mel disse a Jason que tinha que ir buscar uma bolsa de gelo para seu ombro, que estava latejando. Enquanto Mel foi, sentei Jason no outro lado da mesa da cozinha e disse “Tenho algo que te dizer”

“Sobre Crystal?”

“Não, ainda não descobri nada. Isto é sobre nós. Sobre nossa avó. Você vai ter problemas em acreditar” tinha lhe dado um aviso. Lembrei como tinha ficado triste quando meu bisavô me contou como meu avô meio-fada, Fintan, tinha conhecido minha avó, e tinha tido dois filhos com ela, nossa pai e nossa tia Linda. Agora Fintan estava morto – assassinado – e nossa avó morta, e nosso pai e sua irmã também, e isso nos fazia alvo ante os inimigos de nosso bisavô.

“E um desses inimigos” disse depois de lhe contar a história familiar “É nosso tio meio-humano, irmão de Fintan, Dermot. Disse a Tray e Amélia que seu nome era Drake, suponho que porquê soava mais moderno. Dermot se parece muito com você, e é o que foi a sua casa. Não sei o que pretende. Se uniu a Breandan, o grande inimigo de Niall, ainda que ele é meio-humano, que é o que Breandan mais odeia. Então quando você disse que estava louco, suponho que aí está a explicação. Parece querer fazer contato com você, mas também te odeia”.

Jason me olhou fixamente. Sua cara estava completamente em branco. Seus pensamentos tinham pego um atalho em seu cérebro. Finalmente disse “Você está me dizendo que tentou fazer com que Amélia e Tray te apresentassem a ele? E nenhuma sabia o que ele era?”

Assenti. Houve mais silêncio.

“Então por que queria te conhecer? Queria te matar? Por que teria que te conhecer primeiro?”

Boa pergunta “Não sei” disse. “Talvez só quisesse ver como era. Talvez não saiba o que quer”. Não podia disfarçar, e me perguntava se Niall viria me explicar. Provavelmente não. Tinha uma guerra entre as mãos, ainda que fosse uma guerra longe dos olhos humanos. “Não entendo” disse em voz alta “Murry veio para me atacar diretamente, e era uma fada. Porque Dermot, que está no mesmo lado, vem... de forma indireta?”

“Murry? Jason perguntou, e fechei os olhos. Maldição.

“Era uma fada” disse “Tentou me matar. Já não é um problema”

Jason assentiu “Muito bem, Sookie” disse. “Certo. Vamos ver se entendi. Nosso bisavô não queria me conhecer porque pareço muito com Dermot, que é meu tio. Certo?”

“Sim”

“Mas Dermot gosta mais de mim, porque foi na minha casa para tentar falar comigo”.

Incrível que Jason compreendesse tudo aquilo “Sim” disse.

Jason ficou de pé e deu uma volta pela cozinha “Isso é tudo culpa dos vampiros” disse. Me olhou.

“Porque você acha isso?” isso era inesperado.

“Se não houvessem saído a luz, nada disso estaria acontecendo. Olha o que aconteceu desde que apareceram na TV. Olha como o mundo mudou. Agora nós mostramos nossa existência. Depois, saíram as malditas fadas. E esses seres não são bons; Sookie; Calvin me avisou. Acham que são todos lidos, uns deuses e luz, mas não são. Me contou histórias que fariam seus pelos ficarem de pé. O pai de Calvin conhecia algumas fadas. Pelo que disse, seria bom se todas morressem”.

Não podia dizer se estava incomodada ou surpresa. “Porque você está sendo tão cruel, Jason? Não preciso que você me diga coisas ruins de Niall. Não o conhece. Não... Ei, você é meio-fada, lembra?” tinha medo de que parte do que ele havia dito fosse verdade, mas não era o momento de discutir isso.

Jason me olhou, com a cara tensa. “Não reconheço ser meio-fada” disse. “Não gostam de mim, eu também não gosto deles. E se eu ver esse louco meio-o-que-seja outra vez, o matarei”, não sei o que podia ter dito, mas nesse momento Mel apareceu sem avisar, e ambos viramos para olhá-lo.

“Me desculpem!” disse, obviamente surpreso pela raiva de Jason. Parecia, por um segundo, pensar que Jason havia estado falando com ele. Quando nenhum de nós dois demos amostras de culpa, relaxou “Sinto muito, Sookie. Esqueci a boa educação” estava segurando uma bolsa de gelo, e se movia lento e dolorosamente.

“Sinto muito pela visita de Jason te machucar” disse. Sempre você deve fazer com que sua visita se sinta bem. Não havia pensando muito em Mel, mas nesse momento percebi que teria gostado mais que Hoyt estivesse aqui em vez do homem pantera. Não é que não gostasse de Mel, mas era só que não o conhecia muito, e não confiava nele instintivamente. Mel era diferente. Inclusive para ser um homem-pantera, era complicado de decifrar, as isso não queria dizer que fosse impossível de fazer.

Depois de oferecer algo de beber para Mel, coisa que foi só por cortesia, perguntei a Jason se ia ficar o dia todo por aqui, para fazer minhas tarefas comigo. Tinha sérias dúvidas de que

dissesse sim. Jason se sentia desprezado (por um bisavô fada que nunca tinha conhecido nem queria conhecer), e esse era um estado do que não sabia levar muito bem.

“Irei com você” disse, sem sorrir e rígido. “Primeiro, deixa que vá em casa pegar o rifle. Preciso dele, e não sai de casa já faz um tempo. Mel? Você vem comigo?” Jason simplesmente queria estar longe de mim para se acalmar. Podia ler claramente como se estivesse escrito em um bloquinho. Mel se levantou para ir com Jason.

“Mel, o que você viu de diferente no visitante de Jason?”

“Deixando de lado que era tão forte que me fez atravessar um cômodo inteiro e que parecia com Jason que me fez virar para vê-lo sair de seu quarto? Não muito” disse Mel. Mel estava com suas calças de sempre e uma camiseta, mas os hematomas em seu braço arruinavam sua limpar aparência. Encolheu seus ombros com cuidado.

“Até depois, Sookie. Passe para me pegar” disse Jason. Com certeza, queria usar meu carro e gastar minha gasolina, já que eram minhas tarefas. “Enquanto isso, você já conhece meu número”.

“Claro. Te verei em uma hora mais ou menos”.

Já que estar sozinha não era comum ultimamente, teria gostado desfrutar da casa se não estivesse tão preocupada por um assassino sobrenatural me perseguir. Nada aconteceu. Comi uma tigela de sucrilhos. Finalmente, decidi me arriscar e tomar um banho, apesar das minhas lembranças de psicose. Me certifiquei de que as portas da casa estivessem trancadas com chave e tranquei a porta do banheiro também. Tomei um o banho mais rápido da história. Ninguém tinha tentando me matar ainda. Me sequei, me maquiei, e me vesti para ir trabalhar.

Quando chegou o momento de ir, desde o alpendre olhei para o pátio e medi a distância entre as escadas e meu carro, uma e outra vez. Supus que dariam dez passos para chegar. Abri o carro com o controle a distância. Respirei várias vezes e abri a porta. A abri e descendo pulando os degraus. Com um movimento indigno, abri a porta do carro, entrei dentro, a fechei e tranquei as portas. Olhei ao redor. Nada se mexia.

Ri um pouco de fôlego. Como sou boba!

Estar tão tensa era como reviver todos os filmes de terror que tinha visto. Pensava em Jurassic Park e em dinossauros – talvez pensei nisso porque os dinossauros e as fadas são seres sobrenaturais – e quase esperava que um pedaço de cabra caísse em cima de meu carro. Isso também não aconteceu. Certo...

Coloquei a chave na ignição e dei a partida, o motor começou a se mover, não explodiu. Não havia nenhum tiranossauro refletido em meu retrovisor. No momento tudo ia bem. Me senti melhor quando comecei a dirigir pela estrada, mas estava de olho em tudo. Senti um impulso de ligar para alguém para que soubesse onde estava e o que eu estava fazendo. Tirei o celular de minha bolsa e liguei para Amélia. Quando atendeu eu disse “Estou indo na casa de Jason.

Já que Tray está doente, Jason me acompanhará hoje. Escuta. Você sabe que Tray foi obrigado por um feitiço de fada a beber sangue de vampiro?”

“Estou trabalhando” disse Amélia com a voz cautelosa. “Sim, me ligou faz dez minutos, mas teve que ir vomitar. Coitado do Tray. Pelo menos a casa estava bem” ela dizia que pelo menos suas barreiras tinham aguentado. Bom, tinha razão de estar orgulhosa disso.

“Você é maravilhosa” disse.

“Obrigada. Escuta, estou muito preocupada com Tray. Liguei depois, mas não atende. Espero que esteja dormindo, mas vou lá depois do trabalho para vê-lo. Porque não nos encontramos lá? Assim poderemos pensar no que fazer depois para aumentar a segurança”.

“Certo” disse. “Irei quando termine de trabalhar, provavelmente isso será as cinco” com o celular na mão, saí para pegar minha correspondência no correio que estava junto da estrada de Hummingbird. Então voltei ao carro o mais rápido possível. Isso tinha sido uma estupidez. Poderia ter ido sem ver meu correio. Os costumes são difíceis de quebrar, ainda que não sejam importantes. “Tenho muita sorte de viver com você, Amélia”. Disse. Isso talvez era exagerar um pouco, mas era a verdade.

Mas Amélia havia mudado a linha de pensamentos.

“Você falou com Jason? Contou a ele? Sobre as COISAS?”

“Sim, tive que contar. Meu bisavô não pode fazer tudo o que quer. Aconteceram coisas”.

“Sempre acontece, a seu redor” disse Amélia. Não soava incomodada, e não estava me criticando.

“Nem sempre” disse depois de pensar por um momento. De fato, pensei, enquanto virava para a esquerda no final da estrada para ir na casa do meu irmão, *o que Jason disse sobre que tudo mudou quando os vampiros saíram á luz... talvez esteja de acordo com ele.* Percebi que estava ficando sem gasolina. Teria que passar em Grabbit Quik. Enquanto estava colocando gasolina, voltei a pensar no que Jason tinha dito. O que poderia ser tão urgente para que um meio-fada que odiava os humanos fosse em sua porta? Não deveria estar pensando nisso. Era estúpido, deveria estar vigiando em vez de tentar resolver os problemas de Jason. Mas passados alguns segundos a conversa voltou a minha mente, comecei a suspeitar de que entendia melhor.

Liguei para Calvin. No começo não entendeu o que eu dizia, mas depois aceitou de me ver na casa de Jason. Pude ver o pátio de Jason quando entrei na estrada que rodeava a casa que meu pai tinha construído quando ele e minha mãe se casaram. Estava na metade do campo, mais ao oeste do trailer de Arlene, e ainda que se visse desde a estrada, tive que atravessar vários lotes antes de chegar. Meu pai adorava caçar e pescar, e meu irmão também. Jason havia instalado fazia pouco tempo uma quadra de tiro, e podia ouvir o rifle.

Decidi rodear a casa, e gritar quando estivesse na porta traseira.

“Ei!” disse Jason. Estava com um 30-30 em suas mãos. Havia pertencido a nosso pai. Mel estava atrás dele, com uma caixa de munição “Decidimos praticar um pouco”.

“Boa ideia. Queria me certificar de que você não pensasse que era sua visita de antes, que tinha voltado para gritar um pouco mais”.

Jason riu “Ainda não entendo o que Dermot pensava, aparecendo na porta da frente”.

“Acho que eu sim” disse.

Jason levantou sua mão sem olhar, e Mel lhe deu algumas balas. Jason abriu o rifle e recarregou. Olhei o sistema que tinha montado, havia algumas garrafas vazias de leite no chão. As tinha enchido com água para que se ficassem paradas, a água caía no chão.

“Belo tiro” disse. Respirei profundamente “Ei, Mel. Você poderia me contar sobre os funerais de Hotshot? Nunca fui em algum, e o de Crystal será quando tenhamos o corpo, suponho”.

Mel pareceu meio surpreso “Você sabe que faz anos que não mais lá” protestou. “Não é para mim” exceto pelo rastro das feridas, não parecia ter sido jogado através de um cômodo, e muito menos que tivesse sido um fada louco.

“Me pergunto porque esse cara te empurrou em vez de Jason” disse, e senti os pensamentos de Mel se encherem de medo. “Te machucou?”

Moveu seu ombro direito um pouco “Acho que tenho algo quebrado. Mas suponho vai se curar. Me pergunto o quê era. Não era um dos nossos”.

Notei que não tinha respondido minha pergunta. Jason parecia orgulhoso de que não falou.

“Não é completamente humano” disse

Mel pareceu aliviado “Bom, é bom saber” disse. “Meu orgulho desapareceu quando ele me jogou. Quero dizer, sou uma pantera de puro sangue, e não pode fazer nada”.

Jason riu “Pensei que entraria para me matar depois, já que sou um desertor. Mas depois que ele deixou Mel fora de combate, ele começou a conversar comigo, me dizendo que tinha me feito um favor...”

“Foi estranho” disse Mel, mas parecia incomodado. “Você sabe que teria levantado se tivesse começado a te bater, mas bateu na porta da minha casa, então pensei que enquanto eu estivesse inconsciente não te atacaria”.

“Mel, espero que você esteja bem” fiz que minha voz zoasse preocupada, cheguei um pouco mais perto “Me deixa ver seu ombro” estendi minha mão e as sobrancelhas de Jason se levantaram.

“Porque você tem...?” uma suspeita rondava sua cara. Sem outra palavra, ficou atrás de Mel e segurou ambos os braços nos lados. Mel estremeceu de dor, mas não disse nada, nem uma palavra, nem sequer fingiu estar surpreso ou indignado, e isso foi suficiente.

Coloquei minhas mãos ao lado da cara de Mel, e fechei meus olhos, olhando em sua mente. E desta vez Mel estava pensando em Crystal, não em Jason.

“Foi ele que fez” disse. Abri os olhos e olhei a cara do meu irmão por cima dos ombros de Mel. Assenti.

Jason gritou, e não foi um som humano. A cara de Mel pareceu se derreter, como se seus ossos e músculos tivessem desaparecido. Quase não parecia humano.

“Me deixe te olhar” implorou Mel.

Jason pareceu confuso, já que Mel estava olhando para mim; não podia olhar para outro lado, pela forma em que Jason o segurava. Mel não forçava, mas podia ver como cada músculo seu estava tenso, e não pensava que fosse ficar quieto para sempre. Me inclinei para pegar o rifle, me alegrando de que Jason o tivesse recarregado.

“Ele quer olhar pra você e não pra mim” disse a meu irmão.

“Maldição” disse Jason. Sua respiração era agitada como se houvesse corrido e seus olhos estavam muito abertos. “Você tem que me dizer porquê”.

Retrocedi e levantei o rifle. A essa distância, não podia errar o tiro. “Vire ele, já que quer falar com você cara a cara”.

Calvin entrou na casa. A irmão de Crystal, Dawn. Estava com ele. Também estava um garoto de quinze anos com eles. Lembrei de tê-lo visto no casamento. Era Jacky, o primo de Crystal. Os adolescentes nadam na confusão e na confusão, Jacky não era uma exceção. Manter as frias maneiras o estava deixando louco.

Os três convidados pegaram seu lugar. Calvin sacudiu a cabeça, com a cara solene. “Este não é um bom dia” disse suavemente, e Mel virou ante o som da voz de seu líder. A tensão de Jason desapareceu quando viu as demais panteras.

“Sookie disse que foi ele” lhe disse a Calvin.

“Pra mim serve” disse Calvin. “Mas, Mal – você mesmo deveria nos contar, irmão”

“Não sou seu irmão” disse Mel amargamente. “Não estive vivendo com vocês fazem muitos anos”.

“Essa foi sua escolha” disse Calvin. Deu vários passos para poder ver a cara de Mel, e os outros o seguiram. Jacky estava farejando; qualquer gesto de tentar se conter tinha desaparecido. O animal estava aflorando.

“Não há ninguém mais em Hotshot como eu. Teria ficado sozinho”.

Jason parecia pálido “Há muitos parecidos com você em Hotshot”.

“Não, Jason” disse “Mel, é gay”

“Você não aceita isso?” meu irmão perguntou a Calvin. Jason não sabia tudo, aparentemente.

“Aceitamos que as pessoas façam o que quiserem na cama depois de cumprir seu dever com o clã” disse Calvin “Os homens jovens devem ser pais, seja como seja”.

“Não consegui fazer” disse Mel. “Simplesmente não consegui”

“Mas você se casou uma vez” disse, e desejei não ter falado. Isso era coisa do clã. Não havia chamado Bus Deardborn, tinha chamado o Calvin. Minha palavra era suficiente para ele, não na frente de um júri.

“Nosso casamento não cumpriu esses requisitos” Mel disse. Sua voz soava meio normal. “Coisa que ela não se importava. Tinha seus próprios assuntos. Nunca falamos de sexo”.

Me pareceu horrível, mas não podia nem imaginar como tinha sido para Mel. Mas quando lembrei como Crystal estava na cruz, toda minha empatia por ele desapareceu rapidamente.

“Porquê você fez isso com Crystal?” perguntei. Podia notar por sua raiva em seu cérebro que o momento de falar havia quase terminado.

Mel olhou atrás de mim, passando a meu irmão, longe de seu líder, da irmã da vítima e de seu primo. Parecia estar olhando as árvores que rodeavam a casa. “Amo Jason” disse “O amo. E ela abusou dele e de seu filho. Então me provocou. Veio aqui nesse dia... eu tinha saído para dizer a Jason que me ajudasse a comprar estantes na loja, mas não estava. Ela deixou um recado no jardim enquanto eu estava fora. Dizia... dizia coisas horríveis. Estava escrito que tinha que fazer sexo com ela, que se fizesse, contaria a todos de Hotshot e poderia voltar, e Jason poderia ir viver comigo. Dizia ‘Com seu filho dentro de mim, não te atraio?’ e coisas muito piores. A cama do trailer estava abaixada porque a madeira que tinha comprado sobressaia e a pude ver. Era... era... não deixava de me dizer que era uma mulher e que Jason nunca se preocuparia por mim... e bati nela o mais forte que pude”.

Dawn Norris virou e pensei que ia vomitar. Mas juntou os lábios fortemente e se endireitou. Jacky não era tão duro.

“Mas não estava morta” meu irmão disse cerrando os dentes “Sangrou na cruz. Perdeu o bebê depois de ter sido pendurada”.

“Sinto muito por isso” disse Mel. Seu olhar se afastou das árvores e posou em meu irmão. “Pensei que o golpe a tinha matado – sério. Nunca teria deixado a casa se pensasse que seguia com vida. Nunca teria deixado que ninguém a machucasse. O que fiz foi suficientemente ruim, porque queria que morresse. Mas não a crucifiquei. Por favor,

acreditem em mim. Não importa o que vocês pensem sobre mim por tê-la machucado, mas nunca faria isso. Pensei que se a levasse a outro lugar, ninguém pensaria que você tinha feito. Sabia que você estava fora nessa noite, então pensei em deixá-la em outro lugar, para que você tivesse um álibi. Supus que você passaria a noite com Michele” Mel sorriu para Jason, e foi um olhar tão doce que fez que meu coração doesse. “Então a deixei na parte detrás da camionete, e voltei para casa para beber algo. Quando voltei, tinha ido. Não podia acreditar. Pensei que tinha levantado e tinha ido embora. Mas não havia sangue, e a madeira também tinha desaparecido”.

“Porquê no Merlotte’s?” perguntou Calvin, e sua voz soou como um grunhido.

“Não sei, Calvin” disse Mel. Sua cara parecia aliviada em ter reconhecido sua culpa, ao confessar seu crime e seu amor por meu irmão “Calvin, sei que estou a ponto de morrer, mas juro que não sei o que aconteceu com Crystal depois de entrar na casa. Não lhe fiz essa coisa tão horrível”.

“Não sei o que fazer com isso” disse Calvin “Mas temos uma confissão e teremos que seguir o procedimento”.

“Aceito isso” disse Mel “Jason, te amo”.

Dawn virou sua cabeça uma fração de segundos para me olhar nos olhos “Será melhor você sair daqui” disse “Temos coisas para fazer”.

Fui de ali com o rifle, e não olhei para trás quando as outras panteras começaram a destroçar Mel. Mas conseguia escutá-los.

Depois de um segundo, parou de gritar.

Deixei o rifle de Jason em seu alpendre dianteiro, e dirigi para o trabalho. De alguma maneira, ter um guarda-costas já não parecia importante.

CAPÍTULO 16

Enquanto servia cervejas e daiquiris e vodka para as pessoas que paravam quando saiam do trabalho, me olhei incrédula. Havia trabalhado várias horas, servindo e sorrindo, e não havia desmoronado. Mas tive que pedir a quatro pessoas que repetissem seus pedidos. E havia passado por Sam duas vezes, e me disse algo que eu não respondi – sabia isso porque me disse depois. Mas havia servido os pratos e as bebidas certas nas mesas certas, e minha gorjetas eram boas, o que queria dizer que tinha sido agradável e não tinha esquecido de nada crucial.

Você está fazendo bem, disse a mim mesma. Estou orgulhos de você. Você só tem que continuar. Aí poderá ir pra casa daqui quinze minutos. Me perguntava quantas mulheres haviam dito o mesmo: a garota que levantava a cabeça ao dançar enquanto seu cara olhava para outra garota; a mulher que não tinha conseguido uma troca de posto; a mulher que tinha escutado um diagnóstico mortal e que ainda assim se continha. Sabia que os homens também tinham dias assim.

Bom, talvez muita gente não tivesse dias assim.

Obviamente, havia revisado mentalmente os pensamentos de Mel de que ele não era responsável pela crucificação de Crystal, mas ela estava morta. Seus pensamentos tinham algo de verdade. E realmente, não havia motivos para esconder isso se havia confessado o anterior, e havia encontrado a paz ao fazer. Crystal e a madeira, e fazer uma tarefa tão desagradável? Tinha que ter sido alguém que a odiasse muito, ou talvez alguém que odiasse Mel ou Jason. Era um ato inumano, então terminei acreditando que Mel não tinha feito isso.

Fiquei tão feliz de terminar de trabalhar que coloquei o piloto automático para dirigir. Quando cheguei no cruzamento, lembrei que tinha dito a Amélia horas antes que nos encontraríamos na casa de Tray. Esqueci completamente.

Podia perdoar a mim mesma, considerando o dia que havia tido – se Amélia estava bem. Mas então lembrei o estado de Tray e sua ingestão de sangue de vampiro, senti uma onda de pânico. Olhei o relógio e vi que estava atrasada quarenta e cinco minutos, virando no seguinte cruzamento, voltei a cidade como uma bala. Tentei fingir que não estava com medo. Não consegui.

Não haviam muitos carros na frente da pequena casa. As janelas estavam escuras. Podia ver a sombra do trailer de Tray atrás da casa. Virei e rodeei um caminho de terra. Confusa e preocupada, voltei ao estacionamento de Tray. Sua casa e a loja ao lado estavam fora de Bon Temps, mas não isoladas. Tray tinha terras de meio hectares; sua pequena casa e o edifício grande de metal de sua oficina estavam junto a uma edificação similar de Brock e Chessie Johnson. Obviamente, Brock e Chessie tinham ido para casa dormir.

As luzes da sala de jantar estavam acesas; enquanto olhava, Chessie fechou as cortinas, coisa que muita gente não se incomodava em fazer.

A noite era escura e tranquila; o cachorro do Johnson estava latindo, mas esse era o único som. Fazia muito frio para que houvesse insetos. Pensei em várias alternativas de que a casa estivesse no escuro.

Uma. O sangue de vampiro tinha se apoderado de Tray e tinha matado Amélia. Agora mesmo, ele estava em sua casa, na escuridão, pensando em formas de se matar. Ou talvez estava esperando que eu chegasse, para poder me matar também.

Dois. Tray tinha se recuperado de sua ingestão de sangue, e quando Amélia tinha chego, haviam decidido passar a tarde livre fora. Não ficariam muito felizes de serem interrompidos.

Três. Amélia tinha ido, não havia encontrado ninguém em casa, e agora estava em casa cozinhando o jantar para ela e para mim, porque esperava que eu chegasse a qualquer momento. Pelo menos essa explicação, justificava a ausência do carro de Amélia. Tentei pensar em outras alternativas melhores, mas não consegui. Tirei meu celular e liguei para casa. Escutei minha própria voz na secretária. Depois, liguei para Amélia. Caiu na caixa postal no terceiro toque. Pensando que ligar para o telefone seria melhor que entrar na casa, depois liguei para Tray. Podia escutar o telefone tocando dentro... mas ninguém atendeu.

Liguei para Bill. Não pensei mais de dez segundos. Simplesmente liguei para ele.

“Bill Compton” disse um tom frio familiar.

“Bill” disse, e não consegui terminar.

“Onde você está?”

“Sentada na frente da casa de Tray Dawson”

“Do lobisomem dono da oficina de motos”

“Esse mesmo”

“Já estou indo”

Chegou em menos de dez minutos. Estacionou seu carro atrás do meu. me assustei porque não tinha me atrevido a dirigir até a entrada da casa.

“Sou fraca” disse, quando entrou no carro. “Não deveria ter te ligado. Mas juro que não sei o que fazer”

“Você não chamou o Eric” era uma simples observação.

“Demoraria muito” disse. Lhe contei o que tinha feito. “Não posso acreditar que esqueci de Amélia” disse, incomodada por meu egoísmo.

“Acho que esquecer uma coisa depois de um dia assim é permitido, Sookie” disse Bill.

“Não, não pode” disse. “É só que... não posso entrar e ver que estão mortos. Não posso fazer. Minha valentia se esfumou”.

Se inclinou e me beijou na bochecha “O que me importa ver mais um morto?” disse.

E então saiu do carro e se acercou silenciosamente para a fraca luz que se via pelas janelas do lado. Chegou até a porta da frente, escutou. Não pôde ouvir nada, supus, porque abriu a porta e entrou. Quando desapareceu, meu celular tocou. Dei um pulo tão brusco que bati a cabeça no teto do carro. Havia soltado o celular e tive que pegá-lo.

“Alô” disse, cheia de medo.

“Ei, você me ligou? Estava tomando banho” Amélia disse, e entrei em colapso sobre o volante, pensando, graças a Deus, graças a Deus, obrigada, obrigada.

“Você está bem?” perguntou Amélia.

“Sim” disse. “Estou bem. Onde Tray está? Está com você?”

“Não. Fui a sua casa, mas não estava. Te esperei um bom tempo, mas você não apareceu, então acho que ele foi no médico, e decidi que você deveria estar trabalhando ou algo. Voltei para a agência de seguros, e cheguei em casa a uns trinta minutos. O que acontecer?”

“Chegarei logo” disse. “Tranca as portas e não deixe ninguém entrar”.

“As portas estão trancada, ninguém bateu aqui” disse.

“Não me deixe entrar” disse “A não ser que diga a senha”.

“Certo, Sookie” ela disse, e pude notar que pensava que eu estava louca. “Qual é a senha?”

“Farypants” disse, como me ocorreu isso não faço nem ideia. Simplesmente me pareceu improvável que ninguém mais no mundo dissesse.

“Certo” disse Amélia. “Farypants”.

Bill voltou ao carro.

“Tenho que ir” disse e desliguei. Quando abriu a porta, a escassa luz mostrou sua cara. Parecia amarga.

“Não está ao” disse imediatamente. “Mas houve luta”

“Sangue?”

“Sim”

“Muita?”

“Ainda segue com vida. Pelo que cheirei, não acho que todo sangue fosse seu”.

Meu ombros estremeeceram. ‘Não sei o que fazer’ confessei, me sentia bem dizendo em voz alto. “Não sei onde ir ou como ajudá-lo. Deveria ser meu guarda-costas. Mas foi ao bosque na outra noite e cruzou com uma mulher que dizia ser sua namorada. Lhe deu algo para beber. Era sangue de vampiro, e ficou doente” olhei para Bill. “Talvez o tirou de Bubba. Não o vi para lhe perguntar. Estou preocupada” sabia que Bill podia me ver melhor do que eu via ele. Estiquei minha mão interrogativamente. Conhecia essa mulher?

Bill me olhou. Sua boca formando um amargo sorriso “Não estou saindo com ninguém” disse.

Decidi ignorar completamente a arrancada emocional. Não tinha tempo nem energia nesta noite. Tinha razão quando descartei a identidade da misteriosa mulher. “Então era alguém que figia ser uma vampirófila, alguém que pudesse confundir os sentido de Tray, alguém que pudesse colocá-lo em baixo de seu feitiço para fazê-lo beber sangue”.

“Bubba não tem muito sentido comum” disse Bill. “Ainda que a magia de fada não funciona nos vampiros, não acho que fosse complicado”.

“Você o viu esta noite?”

“Veio colocar bebidas na geladeira, mas parecia fraco e desorientado. Depois de beber um par de garrafas de True Blood parecia melhor. A última vez que o vi, estava atravessando o cemitério para ir a sua casa”.

“Suponho que será melhor ir lá agora”

“Te seguirei” Bill entrou no seu carro, e dirigimos o curto caminho até minha casa. Mas Bill parou no semáforo do cruzamento com a estrada e eu me adiantei vários segundos. Estacionei na parte de trás da casa, que estava bem iluminada. Amélia nunca tinha se preocupado pela fatura de luz em sua vida; às vezes me dava vontade de chorar quando a seguia para apagar as luzes.

Sai do carro e fui rapidamente para as escadas, pronta para dizer ‘Fairypants’ quando Amélia viesse para a porta. Bill chegaria em menos de um minuto e então poderíamos pensar em como encontrar Tray. Quando Bill chegasse, se encarregaria de Bubba, eu não podia ir ao bosque. Estava orgulhosa de mim mesma por não ter corrido ao bosque para buscar um vampiros.

Tinha tanto no que pensar que não percebi o perigo mais obvio. Não houve desculpa para minha falta de atenção.

Uma mulher tem que sempre estar alerta, e uma mulher que passou por tantas coisas como eu tem um radar extra. A luz ainda estava acesa na casa e o pátio parecia normal, era certo.

Inclusive havia visto Amélia através da janela da cozinha. Fui para as escadas, com a bolsa sobre meu ombro, minha pá e as pistolas de água dentro dele, com as chaves na mão.

Mas qualquer coisa pode se esconder nas sombras, e só é preciso de um momento de distração para pegar uma mosca. Escutei umas palavras em um idioma que não reconheci, mas por um segundo pensei *Está murmurando*, e não podia imaginar que um homem atrás de mim estivesse murmurando, e estava a ponto de colocar meu pé no primeiro degrau do alpendre.

E então não soube o que acontece.

CAPÍTULO 17

Pensei que estava em uma caverna. Parecia uma caverna, úmida. E os sons eram estranhos.

Meus pensamentos não iam muito rápido. Ainda assim, pude sentir em minha mente que algo não ia bem. Não estava onde deveria estar, e não deveria estar onde estava. Nesse momento, apareciam duas coisas e pensamentos diferente.

Alguém tinha batido na minha cabeça.

Pensei nisso. Não doía minha cabeça exatamente; me sentia espessa, como se tivesse tido uma gripe e o estivesse incubando. Então conclui (com a lentidão de uma tartaruga) que tinha sido deixada inconsciente com a magia em vez de fisicamente. Me sentia muito mal e estava com medo de abrir os olhos. Ao mesmo tempo. Vi uma adorável cara indiferente, e depois fechei os olhos de novo. Pareciam estar funcionando por sua conta.

“Está voltando a si” disse alguém.

“Bem, assim poderemos nos divertir” disse outra voz.

Isso não soava muito prometedora. E não achava que o divertido fosse algo que eu pudesse desfrutar também. Pensei que me resgatariam em qualquer momento, e que não aconteceria nada.

Mas o calvário parecia não terminar. Suspirei e me obriguei a abrir os olhos. Desta vez ficaram abertos, e baixo a luz de uma tocha – uma tocha de madeira ardendo – examinei meu raptos. Um era fada. Era tão adorável como o irmão de Claudine, Claude e igual de encantador – coisa que, não é muito. Tinha o cabelo preto, igual que Claude, lindos traços e corpo perfeito, como Claude. Mas sua cara não me fazia sentir interesse algum por ele. Claude era o mais capaz de fingir quando era necessário.

Olhei meu raptor número dois. Não parecia muito mais prometedora. Era também uma fada, e adorável, mas não parecia muito melhor que seu companheiro. Além disso, estava de corpete, ou algo muito parecido, e ficava bem nela, coisa que era suficiente para que a odiasse.

“Temos a mulher certa” disse a fada dois “A amante do vampiro. Acho que a de cabelo mais curto era mais atraente”.

“Como se um humano pudesse ser” disse o um.

Não era suficiente ser capturada; tinha também que ser insultada. Ainda que suas palavras eram a última coisa que deveria me preocupar, um pouco de ira apareceu em meu peito. Você verá imbecil. Pensei. Espera até meu bisavô te ter. Esperava que não tivessem machucado nem Amélia e nem Bubba.

Esperava que Bill estivesse bem. Esperava que tivesse ligado para o Eric e para meu bisavô.

Ainda que isso fosse esperar muito. Enquanto estava pensando, esperava que Eric notasse que estava sob um grande estresse e medo. Poderia seguir o rastro de minhas emoções? Isso seria maravilhoso, porque estava cheia delas. Isso era a pior situação que já estive. Faz anos, quando Bill e eu trocávamos sangue, tinha me contado que assim seria capaz de me encontrar. Esperava que tivesse dito a verdade, e esperava que essa habilidade não tivesse desaparecido com o tempo. Esperava que alguém me salvasse. Pronto.

O sequestrador número um deslizou suas mãos em baixo do meu braço e me sentou. Pela primeira vez, notei que minhas mãos estavam adormecidas. Olhei para baixo e vi que meus pés estavam amarrados com um cinto de couro. Agora estava contra a parede, e podia ver que não era exatamente uma caverna. Era uma casa abandonada. Havia um buraco no teto, e podia ver as estrelas através dele. O cheiro de mofo era forte, quase me afogava, e em baixo dele o cheiro era de madeira podre e o papel. Não havia nada mais no cômodo a não ser minha bolsa que estava em um canto, e uma velha fotografia, que estava pendurada na parede atrás das fadas. A foto tinha sido tirada por volta de 1920 ou 1930, e era uma família negra vestida para a foto. Peci- am estar em um fazenda. Pelo menos ainda estava em meu mundo, pensei, ainda que não por muito tempo.

Enquanto podia, sorri para a Coisa um e a Coisa dois “Meu bisavô vai matá-los” disse. Inclusive consegui soar feliz por isso “Esperem e verão”.

Um riu, afastando seu cabelo preto da cara com um gesto típico de modelo.

“Nunca nos encontrará. Irá por um lado antes de ver como você vai morrer lentamente. Adoraaaaaa os humanos”

O dois disse “Deveria ter ido a Summerland faz tempo. Nos misturar com os humanos nos matará ainda mais rápido. Breandas o selará. Estaremos a salvo. Nial está fora de moda”

Como se tivesse passado a data de validade ou algo assim.

“Me digam que você tem um chefe” disse “Me digam que não são o cérebro deste plano” estava segura de que tinha sérios problemas para pensar, provavelmente devido ao feitiço que me havia feito desmaiar, mas saber que não era eu não me impedia de falar, coisa que era uma pena.

“Devemos lealdade a Breandon” disse o Um orgulhoso, como se isso esclarecesse tudo.

Em vez de conectar essas palavras com o arqui-inimigo de meu bisavô, imaginei Breandan com o que tinha ido para a escola, com quem tinha corrido no time de futebol. Tinha ido a Louisiana Tech e tinha entrado na força aérea “Deixou o serviço?” disse.

Me olharam sem entender nada. Não podia culpá-los por isso “Serviço de quem?” perguntou a fada dois.

Ainda os culpava por dizer que eu era uma vampirófila, e decidi que falava com ela “Então, qual é o problema?” perguntei ao Um.

“Esperamos notícias de Niall, quem responderá as petições de Breandan” disse. “Breandan selará a todos nós e nunca mais nos relacionaremos com vocês”

Nesse momento, me pareceu um plano excelente, e estive temporariamente do lado de Breandan. “Então Niall não quer que aconteça isso?” disse, tentando manter minha voz firme.

“Não, ele quer visitar os que ele ama. Enquanto que Fintan lhe ocultou a vocês sua existência, Niall se comportou bem, mas quando eliminamos Fintan...”

“Pouco a pouco!” disse o Dois e riu.

“Foi capaz de encontrá-los. E nós também. Encontramos a casa de seu irmão, e havia um presente na camionete que estava fora. Decidimos nos divertir um pouco. Seguimos seu cheiro até onde você trabalha, e deixamos a abominação da mulher de seu irmão fora para que todos a vissem. Agora nos divertiremos com você. Breandan disse que podemos fazer o que quisermos para te matar”.

Talvez minha lentidão ia melhorando um pouco. Entendi que eram os súditos do inimigo de meu bisavô, que tinham matado meu avô Fintan e tinha crucificado a coitada de Crystal.

“Não faria isso se fosse você” disse desesperada “Me machucar, digo. Porque depois de tudo. O que acontecerá se Breanda não tiver o que deseja? O que acontecerá se Niall vencer?”

“Em primeiro lugar, isso não acontecerá” disse o Dois. Sorriu “Pretendemos ganhar e nos divertir muito. Especialmente se Niall quer te ver; com certeza nos pedirá uma prova de que você continua viva antes de se render. Teremos que te deixar respirando... mas quanto mais você sofrer, antes terminará a guerra” tinha a boca cheia de dentes mais afiados e mais compridos que já tinha visto. Alguns tinham a ponta coberta de prata. Era um toque faceiro.

Ante a visão desses dentes, esses brilhantes e horríveis dentes, desapareceu a escassa magia que tinham me colocado, coisa que foi uma pena. Estive completamente lúcida e acordada na seguinte hora, que foi a mais longa de minha vida. Achei que era enlouquecedor – e muito chocante – que pudesse sentir tanta dor e não morrer disso.

Teria amado morrer.

Sabia muito sobre os humanos, já que lia suas mentes todos os dias, mas não sabia muito da cultura das fadas. Pensei que Coisa Um e Coisa Dois formavam sua própria liga. Não podia imaginar meu bisavô rindo quando comecei a sangrar. E esperei que não desfrutara cortando um humano com uma faca, como Um e Dois fizeram.

Havia lido livros onde a gente que era torturada ia a ‘outro lugar’ durante a tortura. Tentei procurar mentalmente outro lugar ao qual escapar, mas fiquei no cômodo. Me centrei nas caras da fotografia, e desejei que não tivessem tanto pó para poder ver claramente. Desejei que a fotografia tivesse razão. Sabia que essa boa família teria se horrorizado ao ver o que estavam me fazendo agora. Quando não estavam me machucando, era complicado acreditar que estava acordada e que estava acontecendo realmente. Continuei pensando que estava tendo um terrível pesadelo e que logo acordaria... antes, melhor antes que depois. Sabia desde nova que havia crueldade no mundo – acreditem, sabia – mas ainda me assustava que as Coisas estivessem se excitando com isso. Não sabia nem quem eram. Não lhes importavam os planos que tinha para minha vida, os prazeres dos que queria desfrutar. Talvez era um cachorro perdido ou uma rã que haviam pego pelo caminho. Eu mesma pensava que fazer isso a um cachorro ou a uma rã teria sido horrível.

“Essa não é a filha dos que matamos?” Um perguntou ao Dois enquanto eu gritava.

“Sim. Tentaram atravessar o rio durante a tempestade” disse Dois com um tom alegre. “Água! Quando tinha sangue do céu em suas veias! Pensaram que o carro de ferro os protegeriam!”

“Os espíritos da água se alegraram de afogá-los” disse Um.

Meus pais não haviam morrido em um acidente. Haviam sido assassinados. Inclusive através de minha dor, entendi isso, ainda que nesse momento não podia fazer nada com esse conhecimento.

Tentei falar com Eric na minha cabeça esperando que pudesse me encontrar através do nosso vínculo. Pensei no único adulto telepata que conhecia, Barry, e lhe enviei mensagens – ainda que saiba que estávamos muito longe para poder transmitir nossos pensamentos. Para minha vergonha, no fim da hora considerei travar contato com meu primo pequeno Hunter. Sabia que não era só muito pequeno para entender, mas também... não podia fazer isso a uma criança.

Abandonei toda a esperança e esperei a morte.

Enquanto estavam fazendo sexo, pensei em Sam e no feliz que me faria vê-lo agora mesmo. Queria dizer o nome de alguém que me amasse, mas minha garganta estava muito seca para gritar. Pensei em vingança. Queria que Um e Dois morressem com uma vontade que fazia meu estomago arder. Esperava que alguém, algum de meus amigos sobrenaturais – Claude e Claudine, Niall, Alcide, Quinn, Tray, Pam, Eric, Calvin, Jason – arrancassem membro por membro deles. Talvez outras fadas pudessem usar tanto tempo entre eles que o que haviam passado comigo.

Um e Dois haviam dito que Breandan queria que me deixassem com vida, mas não fazia falta ser telepata para ver que não eram capazes de se conterem. Se deixavam levar por sua diversão, como haviam feito com Fintan e Crystal, e não parariam comigo.

Tinha certeza que ia morrer.

Comecei a alucinar. Pensei que havia visto Bill, coisa que não tinha sentido. Estava em meu pátio traseiro provavelmente, se perguntando onde eu estava. Estava em um mundo que tinha sentido. Mas quase poderia jurar que o havia visto atrás das criaturas, que se divertiam com uma par de facas. Tinha seu dedo sobre sua boca como se quisesse me dizer para ficar em silêncio. Como não estava aí e minha garganta estava seca (nem sequer podia gritar) isso era fácil. Havia uma sombra preta atrás dele, uma sombra com uma chama.

Dois me cortou com uma faca afiada que acabava de tirar de sua bota, uma faca que brilhava como seus dentes. Ambos se inclinaram para mim para observar minha reação. Só pude fazer um som seco. Minha cara estava cheia de lágrima e sangue.

“Pequenos sons de rãzinha” disse Um. “Escute-a. coxa, rãzinha. Coxa para nós”.

Abri os olhos e os olhei, segurando seus olhares pela primeira vez durante vários longos minutos. Engoli saliva e juntei as forças que me restavam.

“Você vai morrer” disse com certeza absoluta. Mas havia dito antes, e não prestavam mais atenção em mim do que antes.

Fiz com que meus lábios formassem um sorriso.

O macho teve o tempo justo para parecer surpreso antes de que algo brilhante passasse entre seu pescoço e seus ombros. Então, para meu intenso prazer, estava em dois pedaços e eu estava coberto de sangue fresco vermelho. Mas minha visão era clara, assim que pude ver a

branca mão que segurou o Dois do pescoço, a levantando, e fazendo virar, sua surpresa foi tão gratificante quando uns dentes tão afiados como os seus se cravaram em seu pescoço.

CAPÍTULO 18

Não estava no hospital.

Mas estava em uma cama, não na mia. E estava mais limpa que antes, e bandagem, e com muita dor; de fato, com uma quantidade horrível de dor. A parte que estava limpa e com bandagens – oh, uma grande porção para mim. A outra parte, a dor – bom, era esperada, compreensível e terminaria. Pelo menos ninguém tentou me machucar mais do que tinha sofrido. Então decidi que era maravilhoso.

Tinha alguns buracos em minha memória. Não podia lembrar o que tinha acontecido entre estar na cabana e aqui; lembrava de alguns pedaços de ação, som de vozes, mas não havia forma coerente de uni-los. Lembrei como a cabeça de Um se desprendia do corpo, sabia que alguém havia mordido o Dois. Suponho que estava tão morta como o Um. Mas não tinha certeza. Havia visto Bill realmente? E a sombra que havia atrás dele?

Escutei um *clic,clic*. Virei minha cabeça ligeiramente, Claudine, minha fada madrinha, estava sentada junto a cama, tricotando. A visão de Claudine bordando era tão surreal como ver Bill na caverna. Decidi voltar a dormir – um ato covarde, mas estava exausta.

“Ficará bem” disse a Dra. Ludwig. Sua cabeça junto a minha cama, o que me assegurava que não estava na cama de um hospital moderno.

A Dra. Ludwig se encarrega da gente que não pode ir a um hospital para humanos porque o pessoal sairia correndo ao vê-los ou porque o laboratório não seria capaz de analisar seu sangue. Podia ver o cabelo marrom da Dra. Ludwig enquanto rodeava a cama. Tinha uma voz profunda. Suspeitava que fosse um Hobbit – seriamente não, mas parecia com um. Mesmo que estivesse de sapatos, verdade? Passei um tempo tentando lembrar se alguma vez havia visto seus pés.

“Sookie” ela disse, seus olhos apareceram ante mim “O remédio está funcionando?”

Não sabia se esta era sua segunda visita, ou se tinha desmaiado por um tempo “Não me dói tanto” disse, minha voz era muito rouca e baixa “Me sinto um pouco tonta. Isso está... bem”.

Assentiu “Sim” disse “Considerando que você é humana, tem muita sorte”.

Gracioso. Me sentia melhor que quando estava na cabana, mas não podia dizer que tivesse sorte. Tentei juntar algo de apreço por minha boa sorte. Não havia nada que juntar. Tudo tinha ido. Minha emoções estavam tão reviradas como meu corpo.

“Não” disse. Tentei sacudir a cabeça, mas ainda que os calmantes não pudessem ocultar que meu pescoço estava muito ferido para movê-lo.

“Não está morta” apontou a Dra. Ludwig.

Mas tinha chego muito perto; havia cruzado a linha. Haviam chegado bem a tempo de me resgatar. Se tivesse sido liberada antes, teria rido todo o caminho até o hospital super secreto, ou onde fosse que estivesse. Mas havia visto a morte muito de perto – tão perto que dava para ver seus poros – e havia sofrido muito. Não gostaria de repetir.

Meu estado físico e emocional havia sido cortado, destroçado, mordido, retorcido até a superfície. Não sabia se poderia voltar a meu estado de antes do sequestro. Disse isso, com palavras muito mais sinceras, para a Dra. Ludwig.

“Estão mortos, se isso te serve de consolo” ela disse.

Sim, servia um pouco. Esperava não ter que imaginar essa parte, tinha medo de que suas mortes houvessem sido uma maravilhosa fantasia.

“Teu bisavô decapitou Lochlan” ela disse. Esse era o Um. “E o vampiro Bill Compton rasgou a garganta da irmã de Lochlan, Neave” era o número Dois.

“Onde está Niall agora?” perguntei.

“Ganhando a guerra” disse sorrindo “Não haverá mais negociação, nem mais buscas de vantagens. Agora só resta a matança”.

“Bill?”

“Foi malferido” disse a pequena médica. “Ela o alcançou com sua espada antes de sangrar. E lhe mordeu também. Havia prata na faca e nos dentes. Está dentro de seu sistema”.

“Ficará bem” disse.

Encolheu seus ombros.

Pensei que meu coração ia sair do peito e atravessar a cama. Não podia olhar sua cara cheia de miséria.

Tentei pensar em outra coisa além de Bill “E Tray, está aqui?”

Me olhou silenciosamente um momento “Sim” disse finalmente,

“Tenho que vê-lo. E Bill”.

“Não. Você não pode se mexer. Bill está dormindo durante o dia agora. Eric virá esta noite, para dizer a verdade daqui umas horas, e virá pelo menos com mais um vampiro. Isso ajudará. O lobisomem está muito mal para que você o incomode”.

Não assimilei isso. Minha mente estava atrasada. Era um movimento lento, mas começava a pensar com mais clareza “Alguém contou a Sam?” quanto tempo havia passado desmaiada? Quanto havia faltado ao trabalho?

A Dra. Ludwig encolheu seus ombros “Não sei. Suponho que sim. Parece escutar tudo”.

“Bem” tentei me mexer, gemi “Vou ter que ir no banheiro” lhe avisei.

“Claudine” disse a Dra. Ludwig, e minha prima deixou de tricotar e levantou da cadeira. Pela primeira vez, notei que minha bela fada madrinha parecia como se houvesse passado por um picador. Seus braços estavam nus e cobertos por arranhões e cortes. Sua cara estava um caos. Sorriu, mas foi doloroso.

Quando me levantou nos braços, pude sentir seu esforço. Normalmente Claudine podia levantar mais peso sem nenhum problema.

“Sinto muito” disse. “Posso andar. Certeza”

“Nem pense nisso” disse Claudine “Está vendo, já chegamos”

Quando nossa missão se cumpriu, me levantou de novo e me levou para a cama.

“O que aconteceu com você?” lhe perguntei. A Dra. Ludwig tinha saído sem dizer uma palavra.

“Uma emboscada” disse com sua voz doce “Uns estúpidos doces e uma fada. Lee era seu nome”.

“Suponho que era um aliado de Breandan”

Assentiu, pegando de novo as coisas para tricotar. O que estava fazendo parecia um suéter pequeno. Me perguntei se seria para um elfo. “Eram” disse “Agora são pedaços de pele e osso” soava muito feliz por isso.

Claudine nunca se converteria em anjo desse jeito. Não tinha certeza de como funcionava, mas reduzir outros seres em migalhas não era um bom caminho para conseguir.

“Bem” disse. Quantos seguidores mais de Breandan estiveram fora de jogo, melhor. “Você viu o Bill?”

“Não” disse Claudine, claramente desinteressada.

“Onde está Claude?” disse “Está a salvo?”

“Está com o avô” disse, e pela primeira vez, pareceu preocupada. “Estão tentando encontrar Breandan. O avô acha que se chegar a fonte, os seguidores de Breandan não terão mais remédio que parar a guerra e oferecer sua lealdade”.

“Oh” disse. “E por quê você não foi...”

“Estou te vigiando” disse simplesmente. “E não ache que escolhi o caminho menos perigoso, estou segura de que Breandan está tentando encontrar este lugar. Deve estar muito furioso. Teve que entrar no mundo dos humanos, o que tanto odeia, agora que seus mascotes estão mortos. Gostava de Neave e Lochlan. Estavam a séculos com ele, e ambos eram seus amantes”.

“Arg” disse de coração, ou talvez com boca do estômago. “Oh, arg”. Não pude nem pensar de quê tipo de amor fariam. O que havia visto não era amor. “E nunca te acusaria de pegar o caminho menos perigoso” disse depois de ter me recuperado das náuseas. “O mundo inteiro é perigoso”.

Claudine me olhou atentamente.

“Que tipo de nome é Breandan?” perguntei depois de olhá-la um tempo enquanto tricotava com rapidez. Não estava segura de como sairia esse suéter verde, mas o efeito era bonito.

“Irlandês” ela disse. “Os mais velhos desta parte do mundo são irlandeses. Acho besteira. Porque não podemos escolher? Ninguém consegue soletrá-los e pronunciá-los bem. Meu nome real soa como um gato tossindo uma bola de pelo”.

Ficamos em silêncio por vários minutos.

“Para quem é o suéter? A cegonha está a caminho?” perguntei com minha voz fraca.

Tentava perturbá-la, mas em vez disso minha voz soava aterradora.

“Sim” disse, levantando a cabeça para me olhar. Seus olhos brilhavam “Vou ter um bebê. Uma fada pura”

Me surpreendi, mas tentei esconder com o sorriso mais grande que pude formar com minha cara. “Oh, isso é maravilhoso!” disse. Me perguntava se seria prudente perguntar o nome do pai. Acho que não.

“Sim” disse seriamente. “É maravilhoso. Nem sequer somos uma raça fértil, e a grande quantidade de ferro neste mundo reduz os nascimentos. Nosso número diminui a cada século. Tenho muita sorte. É um dos motivos pelo qual não me deito com humanos, ainda que de vez em quando gostaria; são tão deliciosos. Alguns deles. Mas odiaria perder inutilmente um ciclo fértil com um humano”.

Sempre assumi que seu desejo de ser um anjo havia impedido Claudine de fazer sexo com seus inúmeros admiradores. “Então, o pai fada” disse tentando buscar a identidade do pai “Estão saindo a muito tempo?”

Claudine riu “Ele sabia que era minha época fértil. Sabia que ele era um macho fértil; não somos parentes de primeiro grau. Nos atraímos”.

“Ele te ajudará a criar o bebê?”

“Oh, sim, estará lá para cuidar dele durante os primeiros anos”

“Poderei conhecê-lo?” perguntei. Me surpreendi muito da felicidade de Claudine, de uma forma estranha.

“Claro – se vencermos a guerra e se ainda puder passar pelos dois mundos. Ele quase sempre fica nas fadas” disse Claudine “Ele não gosta muita da companhia de humanos” disse da mesma forma como se tivesse alergia de gatos. “Se Breadan conseguir, o mundo das fadas será selado, e o que criamos neste mundo desaparecerá. As coisas maravilhosas que os humanos inventaram e que podemos utilizar, o dinheiro que usamos para essas invenções... tudo desaparecerá. É tão intoxicante estar com humanos. Desprendem tanta energia, tantas deliciosas emoções. São simplesmente... divertidos”

Esse novo tema de conversa me servia para me distrair, mas me doía a garganta, e quando pude responder, Claudine perdeu interesse em seguir falando. Mesmo que tenha voltado a tricotar, me alarmei ao notar que depois de vários minutos o ficou tensa e ficou em alerta. Escutei ruídos no corredor, como se as pessoas se movessem pelo edifício rapidamente. Claudine se levantou e chegou perto da porta para olhar. Depois da terceira vez, fechou a porta e a trancou. Lhe perguntei o que estava acontecendo.

“Problemas” ela disse. “E Eric”

Pensei na mesma coisa “Tem pacientes aqui? É como, um hospital?”

“Sim” ela disse “Dra. Ludwig e seus ajudantes estão evacuando os pacientes que podem andar”

Assumi que tinha tanto medo como podia suportar, mas minhas cansadas emoções começavam a reviver enquanto absorvia parte de sua tensão.

Uns trinta minutos depois, levantou a cabeça e pude notar que estava escutando. “Eric está vindo” disse. “Te deixarei com ele. Não posso cobrir meu cheiro como o avô” se levantou e abriu a porta.

Eric entrou silenciosamente; um momento olhava a porta, e ao seguinte já estava dentro. Claudine recolheu suas coisas e abandonou o quarto, ficando o mais afastada possível de Eric. Seu nariz se encheu do delicioso cheiro de fada. Então ela se foi, e Eric estava junto a cama, me olhando. Não estava feliz nem alegre, então supus que até o vínculo tinha desvanecido, pelo menos temporariamente. Minha cara doía tanto ao mudar de expressão que soube que estava coberta de feridas e cortes. A visão de meu olho esquerdo estava borrada. Nesse momento, não me importava.

Eric tentou não mostrar a ira em sua cara, mas não funcionou.

“Malditas fadas” disse, e seus lábios formaram uma careta de raiva. Nunca tinha ouvido Eric amaldiçoar.

“Agora mortas” sussurrei, tentando dizer as mínimas palavras possíveis.

“Sim. Uma noite rápida foi muita boa para elas”

Assenti (o mais que pude) de todo coração. De fato, quase valia a pena ressuscitá-las para matá-las de novo mais lentamente.

“Vou olhar suas feridas” disse Eric. Não queria me assustar.

“Certo” sussurrei, mas sabia que a visão seria bastante horripilante. O que havia visto ao me vestir no banheiro estava tão mal que havia perdido a vontade de me olhar melhor.

Com uma precisão clínica, Eric dobrou as cobertas e lençóis. Eu estava com a típica camisola de hospital – poderia se pensar que os hospitais de seres sobrenaturais teriam coisas mais originais – e com certeza, chegava até os joelhos. Havia marcas de mordidas por todas as minhas pernas – profundas marcas de mordidas. Em alguns lugares faltava um pouco de carne. Olhar minhas pernas me fez pensar na semana de tubarão da cadeia de documentários de vida selvagem.

Ludwig havia coberto as piores, e tinha certeza de que estavam piores e podia se ver o osso. Eric ficou totalmente quieto por um tempo.

“Levanta a camisola” disse, mas quando notou que meus braços estavam muito fracos para fazer, ele fez. Havia desfrutado mais com as partes macias, então era realmente desagradável e nojento. Depois de uma olhada rápida não pude olhar mais. Fechei os olhos, como uma criança em um filme de terror. Normal que me doesse tanto. Nunca voltaria a ser a mesma pessoa, nem fisicamente e nem mentalmente.

Depois de um longo momento. Eric me cobriu e disse “Voltarei em um minuto” e o escutei sair do quarto. Voltou rapidamente com um par de garrafas de True Blood. As colocou no chão perto da cama.

“Se mexe” disse, e o olhei confusa. “Se mexa” disse de novo com impaciência. Então percebeu de que não podia, e colocou um braço em baixo das minhas costas, outro embaixo de meus joelhos e me tirou da cama. Afortunadamente a cama era muito mais larga que a dos hospitais normais, e não tive que me virar para lhe dar lugar.

Eric disse “Vou te alimentar”.

“O quê?”

“Vou te dar sangue. Se não você demoraria semanas para se recuperar. Não temos tanto tempo”.

Soava tão seguro que senti meus ombros relaxarem. Não percebia o quanto estava machucada. Eric mordeu seu pulso e colocou sobre minha boca “Beba” como se não houvessem dúvidas de que fosse beber.

Deslizou seu outro braço em baixo de minha cabeça. Isso não ia ser divertido e nem erótico, como uma mordida durante o sexo. E por um momento me perguntei sobre minha própria falta de vontade. Mas havia dito que não tínhamos tempo. Por uma parte sabia o que queria dizer, mas por outra estava muito cansada para considerar o tempo como um fator irrelevante.

Abri a boca e engoli. Tinha tanta dor e estava tão exausta pelos machucados de meu corpo que não pensei muito no que estava fazendo. Sabia o rápido que seria o efeito do sangue de vampiro. A ferida de seu pulso se fechou. A reabriu.

“Você tem certeza disso?” perguntei enquanto se mordia pela segunda vez. Minha garganta doía e me arrependi de ter formulado a frase inteira.

“Sim” disse. “Sei quando é muito. E me alimentei bem antes de vir. Tem que ser capaz de se mexer” seu comportamento era tão prático que comecei a me sentir um pouco melhor. Não teria conseguido suportar a piedade.

“Me mexer?” a ideia me encheu de ansiedade.

“Sim. Em qualquer momento, os seguidores de Breanda poderiam – ou encontraram este lugar. Estão seguindo o rastro do seu cheiro. Você cheira às fadas que te machucaram, e sabem que Niall te ama o suficiente para matar os seus por você. Te caçar os faria muito, muito felizes”

Ante o pensamento de mais problemas, deixei de beber e comecei a chorar. A mão de Eric acariciou minha cara suavemente, mas disse “Deixa isso para depois. Você tem que ser forte. Estou muito orgulhoso de você, está me ouvindo?”

“Por quê?” coloquei minha boca sobre seu pulso e continuei bebendo.

“Você ainda está sã; ainda é uma pessoa. Lochlan e Neave transformaram vampiros e fadas em vegetais, literalmente. Mas você sobreviveu e sua personalidade e alma estão intactas”.

“Me resgataram” respirei profundamente e voltei sobre o pulso.

“Poderias ter sobrevivido muito mais” Eric se inclinou para pegar uma garrafa de True Blood e a bebeu rapidamente.

“Não teria querido” respirei outra vez, notando que continuava doendo a garganta mas já nem tanto. “Quase no quis viver depois de...”

Beijou-me na testa “Mas viveu. E eles morreram. E você é minha, e serás sempre. Não poderão te pegar”.

“Você acha mesmo que virão?”

“Sim. Os súditos que restam de Breandan encontrarão esta lugar antes ou depois, se não for ele em pessoa. Não tem nada a perder, e seu orgulho para manter. Tenho medo de que seja logo. Ludwig levou quase todos os pacientes já” se virou um pouco, como se tentasse escutar “Sim, quase todos se foram”.

“Quem resta?”

“Bill está no outro quarto. Este bebendo o sangue de Clacy”

“Você ia dar o seu?”

“Se não tivesse salvação... não, teria deixado ele morrer”.

“Por quê?” perguntei. “Foi me resgatar. Por quê voce ia ficar chateado com ele? Onde você estava?” La raiva saiu pela minha garganta.

Eric estremeceu, uma grande reação para um vampiro de sua idade. Afastou o olhar. Não podia acreditar que estivesse dizendo essas coisas.

“Não é que você fosse obrigado e ir m buscar” disse. “Mas desejei todo o tempo – esperava que fosses, rezei para que fosse, pensei que talvez você poderia me escutar...”

“Você está me matando” disse “Você está me matando” deitou ao meu lado, como se não pudesse suportar as minhas palavras “Te explicarei” disse com voz pausada. “Farei. E você entenderá. Mas agora, não temos tempo suficiente. Você já está se curando?”.

Pensei nisso. Não me sentia tão mal como antes de beber o sangue. Os buracos de minha pele me doíam muito, o que queria dizer que estavam curando “Começo a achar que ficarei bem” disse com cuidado “Oh, Tray Dawson continua aqui?”

Me olhou ansiosamente “Sim, não o podem mover”

“Por quê não? Por quê a Dra. Ludwig não o levou?”

“Não sobreviveria”

“Não” disse surpresa depois de tudo o que tinha acontecido.

“Bill me contou que bebeu sangue de vampiro. Esperavam que enlouquecesse o suficiente para te matar, mas te deixou sozinha. Lochlan e Neave foram retidos. Um par de guerreiros de Niall os encontraram e tiveram que lutar. Depois, decidiram passar por sua casa. Queriam se assegurar de que Dawson não te ajudasse. Bill me ligou para me dizer que vocês foram na casa de Dawson. Mas então, já tinham a Dawson. O encontraram antes de que... antes de te encontrar”.

“Está tão ferido assim? Pensei que os efeitos do sangue de vampiro já teriam passado” não podia imaginar esse homem grande, o lobisomem mais duro que conhecia, derrotado.

“O sangue de vampiro que usaram só foi um veículo para o veneno. Nunca tinham experimentado com um lobisomem, suponho, porque demorou muito para fazer efeito. E depois praticaram suas artes com ele. Você pode se levantar?”

“Tentei me esforçar “Talvez ainda não”

“Te levarei”

“A onde?”

“Bill quer falar com você. Você tem que ser forte”

“Minha bolsa” disse “Necessito algo nela”

Sem dizer nada, Eric pegou a bolsa, manchada e destruída, e a colocou ao meu lado. Com grande cuidado, fui capaz de abri-la e enfiar a mão dentro. Eric levantou as sobrancelhas ao ver o que tinha tirado, mas escutou algo lá fora que fez com que ficasse alerta. Eric se levantou e deslizou seus braços em baixo de mim, depois se levantou tão facilmente como se eu fosse um prato de macarrão. Não porta parou, e consegui abri-la. Utilizou seu pá para empurrá-la, e saímos ao corredor. Pude ver que era um edifício velho, um tipo de fábrica que tinha sido transformado. Havia portas por todo o corredor, e umas portas de vidro de altura média. Ainda que o vidro estivesse do outro lado, pude ver uma casinha. Havia várias luzes acesas, suficientes para saber que estava quase vazia.

Nos viramos para entrar em um quarto no final do corredor. De novo, tive que virar a maçaneta e desta vez não foi tão horrível fazer.

Havia duas camas dentro do quarto.

Bill estava na cama da direita, e Clancy estava sentado em uma cadeira de plástico ao lado. Estava alimentando a Bill da mesma maneira que Eric tinha feito comigo. A pele de Bill estava cinza. Suas bochechas estavam chupadas. Parecia morto.

Tray Dawson estava na outra cama. Se Bill parecia estar morrendo, Tray parecia já estar morto. Sua cara estava azul. Uma de suas orelhas tinha sido arrancada. Seus olhos estavam para dentro. Havia sangue coagulado por todas as partes. E só se via a cara. Seus braços estavam sobre os lençóis, ambos cobertos.

Eric me deitou junto a Bill. Bill abriu os olhos, e pelo menos seguiam sendo os mesmos: castanhos escuros. Deixou de beber de Clancy, mas não se moveu e nem pareceu melhorar.

“A prata está dentro dele” disse Clancy suavemente. “O veneno se estendeu por todo o seu corpo. Necessitará mais sangue para expulsá-lo”.

“Queria perguntar ‘Se recuperará?’, mas não pude com Bill deitado ali, Clancy levantou da cadeira e foi conversar com Eric aos sussurros – uma conversa desagradável, era o que parecia pela expressão de Eric.

Bill disse “Como está, Sookie? Você se curará?” sua voz estava alterada.

“Isso mesmo queria te perguntar” disse. Nenhum de nós dois tínhamos energia para conversar.

“Vai viver” disse satisfeito “Posso cheirar o sangue de Eric em você. Você teria se curado de todo jeito, mas isso ajudará com as cicatrizes. Sinto muito não ter chegado antes”.

“Você salvou minha vida”

“Os vi te levarem” disse.

“O quê?”

“Vi como te levaram”

“Você...” queria dizer ‘Não os deteve?’ mas isso parecia tremendamente cruel.

“Sabia que não podia vencer a ambos” disse simplesmente. “Se tivesse tentado, teriam me matado e agora estaria morto. Sei pouco sobre as fadas, mas havia ouvido falar de Neave e de seu irmão” essas poucas frases cansaram Bill. Tentou virar sua cabeça no travesseiro para me olhar diretamente, mas só pode se mover uns centímetros. Seus cabelo escuro parecia não ter brilho, e sua pele já não tinha esse brilho que me parecia tão lindo quando o vi pela primeira vez.

“Então você ligou para Niall?” perguntei.

“Sim” disse quase sem mover os lábios. “Ou pelo menos, liguei para Eric, para lhe contar o que havia visto, lhe disse para chamar Niall”.

“Onde a velha casa estava?” perguntei.

“Ao norte daqui, em Arkansas” disse. “Me levou um tempo seguir sua pista. Se tivesse ido de carro... mas se moveram através do mundo das fadas, e com meu sentido de olfato e os conhecimentos de magia de Niall, fomos capazes de te encontrar. Pelo menos te salvamos. Acho que chegamos tarde para o lobisomem”.

Não sabia que Tray estava na cabana. Não é que saber teria feito alguma diferença, mas talvez teria me sentido menos sozinha. Com certeza, era muito provável que as duas fadas não teria o deixado me ver. Estava disposta a apostar que havia pouco sobra a psicologia da tortura que Neave e Lochlan não souberam.

“Você tem certeza de que...?”

“Querida, olha para ele”.

“Ainda não morri” murmurou Tray.

Tentei me levantar, para olhá-lo. Isso ainda estava um pouco fora do meu alcance, mas me virei para olhá-lo. As camas estavam tão perto que podia escutá-lo facilmente. Acho que podia ver eu estava.

“Tray” disse. “Sinto muito”

Sacudiu a cabeça sem dizer nada “Minha culpa. Deveria ter desconfiado... a mulher do bosque... não estava bem”

“Você fez o melhor que pôde. Se você tivesse resistido a ela, teriam te matado”

“Agora estou morrendo” disse. Conseguiu abrir os olhos. Quase conseguiu me ver. “Minha maldita culpa” disse.

Não pude evitar chorar. Pareceu perder a consciência. Me virei lentamente para olhar Bill. Sua cor estava melhorando.

“Não teria deixado, por nada do mundo, que te machucassem” disse. “Sua adaga era de prata, e tinha prata em seus dentes... consegui rasgar sua garganta, mas não morreu suficientemente rápido... lutou até a morte”.

“Clancy te deu sangue” disse “Você ficará melhor”

“Talvez” disse, sua voz era fria e tranquila como sempre. “Me sinto um pouco melhor agora. Me dará força suficiente para lutar. Isso será suficiente”.

Me surpreendi. Os vampiros só podiam morrer decapitados, estacados ou pela SIDA, mas envenenamente por prata?

“Bill” disse rapidamente, pensando em todas as coisas que queria lhe dizer. Havia fechado os olhos, mas os abriu para me olhar.

“Estão vindo” disse Eric, e todas as palavras morreram em minha garganta.

“Sim” disse Clancy brevemente. “Encontraram seu cheiro” estava incomodado inclusive agora, como se tivesse deixado meu cheiro de propósito.

Eric tirou uma longa faca de sua perna “Ferro” disse sorrindo.

E Bill sorriu também, e não foi um sorriso agradável. “Mata todos os você consiga” disse com uma voz forte. “Clancy, me ajuda”

“Não” disse.

“Querida” disse Bill, muito formalmente. “Sempre te amei, e estarei orgulhosos de morrer por você. Quando me vá, reza por mim em uma igreja de verdade”.

Clancy se inclinou para ajudar Bill a sair da cama, me lançando um olhar muito pouco amigável. Bill ficou de pé. Estava tão fraco como um humano. Tirou a camisola e ficou só com as calças do pijama.

Eu também não queria morrer com uma camisola posta.

“Eric, você tem alguma faca sobrando para mim?” Bill perguntou, e sem virar para a porta, Eric passou a Bill uma versão mais curta de sua própria faca, que a mim me parecia quase uma espada. Clancy também estava armado.

Ninguém disse uma palavra de tentar levantar Tray. Quando o olhei, pensei que talvez tivesse morrido.

O celular de Eric tocou, o que me fez pular vários centímetros. Atendeu com um breve ‘Alô?’ escutou e depois desligou. Quase ri, a ideia dos seres sobrenaturais utilizando os celulares para se comunicarem parecia divertido. Mas quando olhei Bill, com a cara cinza, inclinado sobre a parede, não achava que nada no mundo fosse me parecer divertido nunca mais.

“Niall e suas fadas estão a caminho” disse Eric, sua voz tão tranquila e calma como se estivéssemos lendo os valores da bolsa. “Breandan bloqueou todos os portais do mundo das fadas. Só resta um aberto. Quando virão, não sei”.

“Se eu sobreviver a isto” disse Clancy “Te pedirei que me liberes de seu serviço, Eric, e procurarei outro mestre. Acho a ideia de morrer por uma mulher humana bastante repugnante, sem importar qual seja sua conexão com você”.

“Se você morrer” disse Eric “Você morrerá porque eu, seu xerife, te ordenei que lutasse. O motivo não é pertinente”.

Clancy assentiu “Sim, meu senhor”

“Mas te liberarei se você sobreviver”

“Obrigado, Eric”

Deus, esperava que estivesse felizes agora que haviam esclarecido tudo.

Bill estava de pé, mas nem Eric e nem Clancy o olharam com outra coisa que não fosse aprovação. Não podia escutar o que eles ouviam, mas a tensão do quarto subiu até níveis insuportáveis enquanto os inimigos chegavam perto.

Enquanto olhava Bill, esperando com aparente calma que a morte viesse por ele, tive um flash da primeira vez que o vi, o primeiro vampiro que havia visto, o primeiro homem que estive na cama, o primeiro que havia amado. Tudo o que seguiu havia marcado essas lembranças, mas por um momento, o vi claramente, e o amei de novo.

A porta se abriu pouco a pouco, e vi o brilho de um machado, e escutei barulhos e gritos de animo das fadas que estavam junto ao que estava com o machado. Decidi me levantar, porque prefiro morrer de pé que em uma cama.

Ainda me restava suficiente valor para isso. Talvez, como havia tomado o sangue de Eric, eu sentia o calor de sua fúria na batalha. Nada fazia Eric reagir tanto como a perspectiva de uma boa luta. Fiquei de pé. Me pareceu que podia caminhar, pelo menos um pouco. Havia umas muletas de madeira apoiadas contra a parede. Não lembrava ter visto muletas de madeira em um hospital normal, mas nenhum dos equipamentos neste hospital era como em um hospital normal para humanos.

Peguei uma muleta pela parte inferior, a levantei para ver se podia com ela. A resposta foi ‘Provavelmente não’. Havia muitas oportunidades que caísse quando as usasse, mas era melhor do que não fazer nada. Enquanto isso, as armas que tinha em minha mão as tinha tirado de minha bolsa e, pelo menos, a muleta me manteria em pé.

Tudo aconteceu mais rápido que pude dizer. Então a porta virou pedaços e as fadas estavam afastando os pedaços de madeira que estavam penduradas. Finalmente, o buraco era suficiente grande para que um pudesse entrar, um homem alto e magro com cabelo claro, seus olhos verdes brilhando ante a alegria da luta. Ele golpeou Eric com uma espada, e Eric se moveu e conseguiu lhe dar no abdômen. O fada se dobrou e gritou, o golpe de Clancy lhe alcançou na parte posterior do pescoço e sua cabeça se separou do corpo. Coloquei minhas costas contra a parede e deixei a muleta escondida em baixo de um braço. Segurei minha armas, uma com cada mão. Bill e eu estávamos um junto ao outro, e logo lento e deliberadamente ficou na minha frente. Atirou sua faca na fada mais perto através do buraco da porta, e cravou na garganta de uma fada. Bill retrocedeu e pegou a pá de minha avó.

A porta estava quase demolida agora, e as fadas pareciam retroceder. Outro macho passou através da porta e passou por cima do corpo da primeira fada, sabia que esse deveria ser Breandan. Seu cabelo avermelhado estava preso em uma trança e sua espada manchada de sangue enquanto a agitava para Eric.

Eric era mais alto, mas Breandan tinha uma espada mais comprida. Breandan já estava ferido, já que sua camiseta estava encharcada de sangue de um lado. Vi algo brilhante, uma agulha de tricotar, que sobressaía do ombro de Breandan, e estava segura de que o sangue de sua espada era de Claudine. Uma onda de raiva me atravessou, e isso me ajudou a me manter erguida.

Breandan pulou para um lado, apesar das tentativas de Eric de contê-lo, e uma mulher muito alta pulou para o lugar que havia ocupado Breandan e agitou um martelo – um martelo, por Deus – para Eric. Eric se agachou, e o martelo continuou seu caminho e bateu em Clancy em um lado da cabeça. Instantaneamente seu cabelo ficou mais vermelho, e caiu como um saco de areia. Breandan passou por cima de Clancy para ficar frente a frente de Bill, sua espada cortou o pescoço de Clancy enquanto o pisava. O sorriso de Breandan se ampliou “Você é ele” disse “O que matou Neave”.

“Arranquei sua garganta” disse Bill, e sua voz parecia mais forte do que nunca tinha sido “Serei o único que te faça perceber isso”

“Suponho que ela também te matou” disse Breandan e sorriu, baixando a guarda um pouco. “Será ele que te fará notar isso”.

Atrás dele, esquecido no canto da cama, Tray Dawson fez um esforço sobre-humano e pegou a fada da camiseta. Breandan se virou, sua expressão era de espanto. Olhou a pá como se não pudesse imaginar porquê sobressaía de seu braço, e o sangue começou a sair de sua boca.

Bill começou a cair.

Tudo ficou quieto por um momento, mas só em minha mente. O espaço que havia ante mim estava vazio, e a mulher havia deixado de lutar com Eric e havia se inclinado sobre o corpo de seu rei. Gritou, forte e alto, e já que Bill estava caindo apontou com sua espada para mim.

A borrifei com suco de limão com minha pistola de água.

Gritou de novo, mas desta vez era de dor. O suco borrifado saiu como aerossol, sobre seu peito e seus braços, e onde o limão a havia tocado havia fumaça saindo da pele. Uma gota havia caído em seu olho, e notei, porque esfregou com uma de suas mãos. E enquanto fazia isso, Eric cravou sua longa faca e cortou seus braços e depois a enterrou.

Então Niall apareceu na porta, e me doeram os olhos ao vê-lo. Não estava com seu traje preto como quando vinha ao mundo humano para me ver, mas uma longa túnica e calças largas estavam enfiadas dentro das botas. Tudo era branco, e brilhava... exceto onde estava manchado de sangue.

Então houve um longo silêncio. Não restava ninguém mais para matar.

Escorreguei e cai no chão, minhas pernas estavam fracas como gelatina. Me encontrei afundada contra a parede junto com Bill. Não podia saber se estava vivo ou morto. Eu estava muito comovida para chorar e gritar horrorizada. Alguns de meus cortes voltaram a se abrir, e o cheiro de sangue e o fedor de fada atraíram Eric, cheio ante a emoção da batalha. Antes de que Niall pudesse chegar perto de mim, Eric estava de joelhos ao meu lado, lambendo o sangue de um corte de minha bochecha. Não me importou, ele havia dado o seu. Estava reciclando.

“Afastese dela, vampiro” disse meu bisavô com uma voz muito suave.

Eric levantou sua cabeça, fechou os olhos com prazer, e estremeceu inteiro. Mas logo colapsou ao meu lado. Ele olhava o corpo de Clancy. Toda a explicação desaparecida de sua cara e uma lágrima vermelha caiu por sua bochecha.

“Bill está vivo?” perguntei.

“Não sei” disse. Olhou seu braço. Havia se ferido, um corte ruim em seu antebraço. Não o havia visto passar. Através da rasgada manga, podia ver como começava a curar sua ferida.

Meu bisavô se ajoelhou na minha frente.

“Niall” disse, meus lábios e boca fizeram um grande esforço. “Niall, não achei que você chegaria a tempo”.

Para dizer a verdade, estava tão espantada que não sabia o que estava dizendo. Pela primeira vez, continuar com vida parecia tão complicado que não estava segura de que valesse a pena.

Meu bisavô me pegou em seus braços “Agora você está a salvo” disse. “Sou o único príncipe com vida. Ninguém poderá te afastar de mim. Quase todos os meus inimigos estão mortos agora”.

“Olha ao seu redor” disse, ainda que minha cabeça estivesse apoiada em seu ombro. “Niall, olha o que custou” o sangue de Tray Dawson gotejava desde os lençóis vermelhos para o chão. Bill estava encolhido ao meu lado. Enquanto meu bisavô me abraçava a acariciava meu cabelo, olhei Bill. Havia vivido tantos anos, sobrevivido a tantas coisas. Havia estado disposto a morrer por mim. Não havia mulher – humana, fada, vampira, dupla-natureza – a que não pudesse lhe afetar isso. Pensei nas noites que tínhamos passado juntos, as vezes que tínhamos falado deitados na cama – e chorei, pensava que estava muito cansada para produzir lágrimas.

Meu bisavô se sentou e me olhou “Você tem que ir para casa” disse.

“Claudine?”

“Está em Summerland”.

Não podia suportar mais más notícias.

“Fadas, deixarei que limpem este lugar” disse Eric. “Sua bisneta é minha mulher, minha e só minha. Eu a levarei para casa”.

Niall olhou Eric “Nem todos os corpos são de fadas” Niall disse apontando Clancy com o olhar “E o que faremos com esse?” apontou para Tray com a cabeça.

“Esse tem que voltar para sua casa” disse. “Tem que ter um enterro adequado. Não pode desaparecer sem mais nem menos”. Não sabia o que Tray gostaria, mas não podia deixar que as fadas enterrassem seu corpo em algum lugar remoto. Merecia muito mais que isso. E também tinha que contar a Amélia. Oh, Deus. Tentei me levantar, mas mina feridas doíam e o cheiro percorreu o corpo inteiro. “Ahh” disse, e apertei os dentes.

Olhei ao chão enquanto recuperava o fôlego. E enquanto olhava, um dos dedos de Bill se mexeu.

“Está vivo, Eric” disse, e ainda que me doeu um inferno, consegui sorrir. “Bill está vivo”.

“Isso é bom” disse Eric, ainda que soasse muito tranquilo. Abriu seu celular e discou um número. “Pam” disse “Pam, Sookie está viva. Sim, e Bill também. Clancy não. Traga a trailer”

Ainda que perdi coisas do que aconteceram nesse meio tempo, Pam chegou com um grande trailer. Tinha carpete na parte traseira, e Bill e eu fomos levados por Pam e Maxwell Lee, um homem negro de negócios que era vampiro. Pelo menos, essa era a impressão que dava Maxwell. Inclusive nesta noite de violência, Maxwell se via limpo e sem nenhum amassado. Ainda que fosse mais alto que Pam, nos colocaram na parte traseira com graça e cuidado, e apreciei muito. Pam evitou fazer brincadeira, o que também era uma boa mudança.

Enquanto nos dirigíamos a bom Temps, pude escutar os vampiros falando suavemente sobre o final da guerra das fadas.

“Seria horrível se abandonassem este mundo” disse Pam. “Gostava tanto. São tão difíceis de caçar”.

Maxwell Lee disse “Nunca tive uma fada”.

“Nham, nham” disse Pam. E foi o som mais eloquente que havia escutado na vida.

“Silêncio” disse Eric e ambos se calaram.

Os dedos de Bill rodearam os meus.

“Bill vive graças a Clancy” Eric disse aos outros.

Receberam a notícia em um silêncio que me pareceu respeitoso.

“Como Sookie vive graças a você” disse Pam suavemente.

Meu bisavô veio me ver dois dias depois. Depois de deixá-lo entrar, Amélia subiu as escadas para chorar um pouco mais. Sabia a verdade, com certeza, ainda que o resto de nossa comunidade se espantasse de que alguém tivesse entrado na casa de Tray e o tivessem torturado. A opinião geral dizia que os assaltantes eram traficantes, acreditavam que Tray era traficante de drogas, ainda que não houvesse rastro de drogas em sua casa quando procuraram. E ex mulher de Tray e seu filho se encarregaram do funeral, e Tray seria enterrado na igreja católica da Imaculada Conceição. Eu ia ir para apoiar Amélia. Tinha outro dia para ficar melhor, mas hoje estava feliz de estar deitada em minha cama, vestida com um pijama. Eric não podia me dar mais sangue para que me curasse. Nos dias anteriores havia me dado sangue duas vezes, sem falar das mordidas durante o sexo, e disse que estávamos muito perto de algum limite indefinido. Por outra coisa também, Eric necessitava seu sangue para se curar, e teve que beber um pouco do de Pam. Então me doía e me curava e vi que o sangue de vampiro havia enchido também os buracos de carne de minhas pernas.

Isso explica minhas feridas (um acidente de carro; um carro de fuga havia batido no meu) se as pessoas não olhassem muito de perto. Com certeza, Sam soube imediatamente que isso não era verdade. Terminei lhe contando tudo o que tinha acontecido na primeira vez que veio me ver. O chefe do Merlotte's foi muito compreensivo, quando veio me ver na segunda vez. Me trouxe margaridas e um pote de frango do Dairy Queen. Quando ele achava que eu não estava olhando, Sam me olhava com tristeza em seus olhos.

Depois que Niall acercara uma cadeira a minha cama, pegou minha mão. Talvez os eventos dos últimos dias tinham feito aumentar um pouco suas rugas. Talvez parecia um pouco triste. Mas meu bisavô ainda era lindo, continuava sendo estranho e majestoso, e agora que sabia o que podiam fazer os de sua raça... parecia aterrador.

“Você sabia que Lochlan e Neave mataram meus pais?” perguntei.

Niall assentiu depois de uma breve pausa “Suspeitava” disse. “Quando você me disse que seus pais tinham morrido afogados, tive que considerar a possibilidade. Tinham todas afinidades com a água, a gente de Breandan”.

“Fico feliz que estejam mortos” disse.

“Sim, eu também” disse simplesmente. “E quase todos os seguidores de Breandan também. Exceto duas fêmeas, já que as necessitamos tanto, e ainda que uma delas seja mãe do filho de Breandan, a deixei viver”.

Pareceu querer que o elogiasse por isso “O que aconteceu com a criança?” perguntei.

Niall sacudiu a cabeça, e seu pálido cabelo se mexeu com o gesto.

Me amava, mas era de um mundo muito mais selvagem que o meu.

Era como se pudesse escutar meus pensamentos, Niall disse “Vou terminar de bloquear a passagem entre os dois mundos”.

“Mas por isso foi a guerra” disse desconcertada. “Isso era o que Breandan queria”

“Cheguei a pensar que tinha razão, mas por um motivo incorreto. Não são as fadas as que precisam de proteção dos humanos. São os humanos os que tem que ser protegidos de nós”.

“O que quer dizer com isso? Quais serão as consequências?”

“Os que viveram entre os humanos, terão que escolher”.

“Como Claude”.

“Sim. Terá que cortar todo vinculo com o mundo das fadas se quer viver aqui”.

“E os outros? Os que vivem lá?”

“Não poderão voltar nunca mais” sua cara estava cheia de pena.

“Não poderei te ver de novo?”

“Não, querida. Será melhor que não’

Tentei protestar, lhe dizer que não seria melhor, que era horrível, já que tinha pouca família, e que nunca mais poderia falar com ele. Mas não pude encontrar as palavras “E Dermot?” disse em vez disso.

“Não o encontramos” disse Niall. “Se estiver morto, se transformou em cinzas em algum lugar que não descobrimos. Se estiver aqui, é muito inteligente e calado. Seguiremos procurando até fechar as portas”.

Esperava ansiosamente que Dermot estivesse no lado fada das portas.

Nesse momento Jason entrou.

Meu bisavô – nosso bisavô – ficou de pé. Mas depois de um tempo, relaxou.

“Você deve ser Jason” disse.

Meu irmão o olhou inexpressivamente. Jason não tinha voltado a ser o mesmo depois da morte de Mel. A mesma edição do jornal que havia contado a história do descobrimento do corpo de Tray havia contado a história do desaparecimento de Mel Hart. Haviam especulações de que ambos eventos estivessem relacionados.

Não sabia como as panteras haviam encoberto a cena da casa de Jason, e não queria saber. Não sabia também onde estava o corpo de Mel. Talvez o tivessem comido. Talvez estivesse no fundo do poço de Jason. Talvez nos bosques.

O último era o que suspeitava. Jason e Calvin haviam dito a polícia que Mel havia contado que ia caçar, e que sua camionete estava na frente de uma reserva de caça que utilizava. Havia alguma manchas de sangue no banco traseiro que fizeram que a polícia suspeitasse que Mel tinha algo com a morte horrível de Crystal Stackhouse, e agora Andy Bellefleur havia dito que não lhe surpreenderia se Mel tivesse se suicidado no bosque.

“Sim, sou Jason” disse meu irmão pesadamente. “Você deve ser... meu bisavô?”.

Niall inclinou a cabeça. “Sou. Vim me despedir de sua irmã”

“Mas não de mim, né? Não sou suficiente bom”.

“Você se parece muito com Dermot”

“Bom, maldição” Jason sentou no pé da cama. “Dermot não me pareceu tão má pessoa, bisavô. Pelo menos, veio me avisar sobre Mel, me dizer que Mel havia matado minha mulher”.

“Sim” disse Niall. “Dermot talvez foi parcial com você devido que são parecidos. Suponho que você saiba que ele ajudou a matar seus pais?”

Ambos olhamos para Niall.

“Sim, as fadas que seguiam Breandan levaram a camionete até o rio, pelo que sei, mas só Dermot era capaz de abrir a porta de tirá-los para fora. Estão as ninfas da água os mantiveram em baixo da água”.

Estremeci

“Se perguntar a mim, fico feliz que você vai embora” disse Jason. “Fico feliz de todos vocês se vão. Espero que nunca voltem, nenhum de vocês”.

A dor percorreu a cara de Niall “Não posso te contradizer” disse “Só queria conhecer minha bisneta. Mas não trouxe nada mais que sofrimento a Sookie”.

Abri a boca para protestar, e então percebi de que era verdade. Só que nem tudo era verdade.

“Você me disse também que tinha uma família que me amava” disse e Jason tossiu. “Você enviou Claudine para salvar minha vida, e fez, várias vezes. Sentirei muito a sua falta Niall”.

“Esse vampiro não é um homem ruim, e te ama” disse Niall. Se levantou. “Adeus” se inclinou e beijou minha bochecha. Havia poder em seu roce e logo me senti melhor.

Antes que Jason pudesse se queixar, Niall beijou sua testa, e os tensos músculos de Jason relaxaram.

Então meu bisavô desapareceu antes que pudesse lhe perguntar de qual vampiro estava falando.

***Traduzido e revisado por Aninha Lizaso – www.aninhalizaso.blogspot.com**